

AURA CELESTE

**ASPECTOS DA ALMA
FLORES DO CÉU
LUZ DO ALTO
PALAVRAS ESPÍRITAS**

- 2016 -

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

(AURA CELESTE)

A S P E C T O S D A A L M A
CONTOS ESPÍRITAS

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Rio de Janeiro
1933 - 2016

INTRODUÇÃO

Aos espíritas:

Quero eu própria dizer-vos, confrades meus, porque lanço hoje à publicidade "Aspectos da Alma".

Convicta de que Espiritismo revela e demonstra aos homens a intervenção Divina em tudo quanto sucede na existência terrena, sejam os dissabores ou as desgraças que os ferem, sejam as alegrias fugidias da juventude ou a experiência consoladora do ocaso dos anos, sejam os males físicos irremediáveis ou os aleijões morais dos indivíduos malfeitores, tenho consagrado o epílogo da minha existência atual a transmitir — tanto quanto me seja possível — às criaturas humanas, minhas irmãs, aquilo que espiritualmente lhes possa ser útil, no decurso da peregrinação terrena.

Lamento aqueles que não sabem descobrir o amor de Deus, que preside ao destino dos seres por Ele criados!

A grande luz do Espiritismo tem força suficiente para esclarecer o "porquê" dos destinos, o alvo infinito da vida!

Procurei, nas singelas páginas que ides ler, associar à fantasia do conto a realidade do fenômeno espírita. Com esse fim apresento neste modesto livro, diversas formas de manifestações mediúnicas, várias modalidades e aspectos da alma encarnada, ação dos espíritos em cooperação com os homens de boa vontade, orientados pela Fé.

À mocidade brasileira dedico o meu desinteressado trabalho, convidando-a a procurar no estudo das obras dos mestres da Ciência Espírita a confirmação da verdade, contida nos temas que apresento em "Aspectos da Alma".

AURA CELESTE

Rio de Janeiro, 1933.

NANCY

Luciana era uma gentil morena, filha de pais abastados, que caprichavam com todo zelo em lhe dar primorosa educação. Nascida nas lindas praias do Norte do nosso País, acariciada nos arroubos do coração materno e na doçura amparadora do seu amoroso genitor, era Luciana uma criatura adorável, pela suavidade do seu trato, pela generosidade dos seus sentimentos. Em sua alma de donzela não havia lugar para pensamento inferior. Alegre como um passarinho solto, adorava a natureza, vendo em todas as suas manifestações a obra de Deus. A educação que recebera, um tanto alheia a qualquer forma religiosa, não lhe permitia aceitar o culto convencional que a maioria dos homens abraça sem análise. Acreditava que o poder de Deus e sua ação alcançam qualquer recanto, qualquer abismo, e assim o reconhecia como o Criador Incrindo de tudo quanto existe. E louvava com amor profundo esse Deus Infinito, praticando todo o bem que podia: socorrendo o pobre em sua aflição e miséria, ajudando com boas palavras os desconsolados, protegendo a velhice, estendendo a sua bondade até os seres irracionais. Mas onde culminava a caridosa bondade de Luciana era no seu amor pela infância. Uma criança para ela era um anjo do céu. Em toda a vizinhança era de ver-se como as crianças a procuravam, trazendo-lhe frutas e flores mimosas. Que atrativo encontrava ela nos risos, na alegria incontida das crianças! Quantas harmonias nos seus ruidosos brinquedos, nas suas inocentes gargalhadas! E vestia-lhes as bonequinhas e comprava-lhes cavalinhos de madeira, carrinhos de fantasia, arlequins, polichinelos, gatos e cachorrinhos de borracha, um mundo de brinquedos, que as crianças aceitavam e recebiam entre manifestações de alegria, que enchiam de júbilo o seu bondoso coração. E cismando, em seus sonhos de moça aos 19 anos, suspirava pelo dia em que a Deus aprovesse dar-lhe um marido, que com ela constituísse um lar venturoso, onde florescesse um verdadeiro jardim infantil! Os seus filhinhos, como havia de amá-los! E haviam certamente de ser muitos. E os imaginava lindos! Mas, o destino é um mistério... Ele esconde em suas dobras o *porquê* de muitas vidas. Que sabia Luciana da Vida Infinita em suas múltiplas evoluções? Que conhecia ela dessa realidade além da morte, onde se prendem os fios das existências terrenas? Nunca lhe ocorreu à mente investigar o *porquê* da existência humana. Limitava-se a crer na ilimitada perfeição de Deus.

Contava Luciana 20 primaveras, quando a sua família travou conhecimento com outra família, chegada do Sul do País. Era um casal, um filho e um neto, criança de quatro anos de idade. Os velhos, alcançados em anos, tinham ao seu cuidado o netinho, que era órfão de mãe.

Em breve a criança, lindo menino, cujos olhos espelhavam o azul do céu, se afeiçoou a Luciana, que por sua vez sentiu fortíssima inclinação para ele. Os avós, a princípio receando incomodar os seus amáveis vizinhos, procuravam reter perto de si o menino. Em breve, porém, pela afirmação em contrário, se convenceram de que o pequeno Stenio não somente não incomodava, como tornara-se sinceramente amado por Luciana.

Por sua vez, Mauro, o pai da criança, apreciava aquela dedicação e amizade recíproca de Luciana e Stenio, acabando ele próprio por se afeiçoar à moça, de quem em breve se fez noivo, com geral aprovação dos pais de ambos.

Realizado o consórcio ficaram os noivos residindo na mesma cidade, perto de seus velhos progenitores. A felicidade e a harmonia mais completa reinavam entre essas três almas, que o destino reunira em um só lar: Luciana, Stenio, Mauro. Luciana era uma verdadeira mãe para o pequeno Stenio e tornara-se uma esposa amorosa e dedicada para o seu marido. Mauro, que com a perda da sua primeira esposa se sentira desequilibrado na vida, tendo de confiar a seus velhos pais o cuidado da criança, em tão tenra idade privada do carinho materno, agradecia a Deus lhe haver mostrado em Luciana uma segunda mãe para o seu querido Stenio. Este, por seu turno, crescia e se robustecia, feliz, na inocência da primeira infância.

Quando Stenio completou 6 anos, uma radiosa esperança encheu de imensa alegria o coração de Luciana. E foi debulhada em lágrimas de inefável contentamento que ela anunciou ao esposo a promessa de um novo herdeiro... Seria talvez uma menina e lhe poriam um lindo nome. Se fosse um rapaz seria um companheiro de travessuras para Stenio.

Começou o caprichoso enxoval, que fazia honra a um príncipe: rendas, linho, sedas, tudo de deslumbrante alvura, como símbolo da pureza do anjinho que viria do céu. O pequeno Stenio, sabendo que "Papai do Céu" ía lhe mandar um pequeno bebê, vibrava de alegria batendo as mãozinhas.

E o tempo corria vagorosamente para os que esperavam o auspicioso acontecimento.

Mas, como nesta vida um dia sucede a outro, chegou a tão desejava hora, mercê de Deus com feliz êxito.

Stenio, para não estorvar com a sua habitual travessura, fora levado à casa dos avós. Desta forma Luciana poderia estar perfeitamente tranqüila.

Nasceu uma robusta menina, a quem Mauro pôs imediatamente o nome de Luciana. Depois de enfaixada e convenientemente cuidada, Mauro tomando a recém-nascida em suas mãos, levou-a para que a feliz mãe lhe imprimisse os lábios em um primeiro beijo materno.

Qual não foi, porém o seu espanto, a sua estupefação, quando ao sentir em seu rosto o hálito da criancinha, Luciana num gesto de pavor incompreensível, afastou-a bruscamente de si clamando: Não, Mauro, pelo amor de Deus, tira este monstro daqui!

Não houve entendimento possível. Luciana acometida de um tremor convulso, gritava em altos brados e não permitia sequer o berço da menina ao pé de seu leito. Opinou o médico pela idéia da separação de quarto; mas, a alimentação da menina? Luciana em absoluto recusou amamentá-la. Debalde o esposo lhe pediu uma explicação sobre essa horripilante conduta. Ela lhe dizia: — Não posso Mauro, é superior às minhas forças; os olhos dessa criança são ferozes, são olhos de tigre. Leva-a para bem longe de mim. Não quero, não admito que tenha o meu nome. Chama-lhe como quiseres, mas não lhe ponhas o meu nome.

— Chamar-lhe-ei então Maria, o nome sagrado da Mãe de Jesus, respondeu Mauro.

E os dias se sucederam. Maria continuou sem mãe, atendida apenas pela caridade assalariada de uma ama. Stenio voltara para casa uma semana depois do nascimento da menina e não mais quis dela se afastar. Era o seu bebê. A felicidade do lar se obumbrara... Mauro sofria em silêncio, o que causticava o coração de Luciana, que o amava deveras. Esta sentia o afastamento de Stenio,

todo dedicado à pequena irmãzinha. A pobre inocente, alimentada suficientemente pela camponesa, que lhe servia de mãe, tornava-se dia-a-dia mais robusta, mais linda, mais interessante.

.....

Alta noite. Todos dormem. Mauro vela, preocupado com o mistério que penetrara em seu lar desde o nascimento de Maria. De cogitação em cogitação, penetra o seu pensamento no Infinito, buscando averiguar o *porquê* desse abominável sentimento de horror materno, que veio manchar o puríssimo coração de Luciana. E a sua alma forte para as lutas humanas, como que soçobrava nesse insondável abismo que a inocente viera cavar entre ele e sua esposa. E as lágrimas rolavam-lhe pelas faces, enquanto Luciana dormia com Stenio a seu lado. Súbito Luciana geme, estremece e abre os olhos espantados.

— Mauro, diz, ela vem aí.

— Ela quem, meu amor?

— Tua esposa primeira, Nancy, olha...

Mauro volveu os olhos lentamente para a porta do quarto.

Uma forma branca se destacava na penumbra. Essa forma se aproximou do leito e falou:

“— Luciana, tu és boa esposa e excelente mãe do meu filho. Tens guardado em teu precioso coração as duas relíquias do meu amor: Mauro e Stenio. Muito te devo. Venho dizer-te, porém, que estás contraindo uma grande dívida com o Eterno. Tu negas o perdão ao ser que se vem reabilitar em teu lar, sedento de amor e luz. Nossos filhos são espíritos que Deus nos confia e não está em nossas atribuições repeli-los. Esse espírito veio compartilhar da felicidade que existe em teu lar. A maneira pela qual o recebes marcará a felicidade ou a desdita da tua vida futura. Entre o teu espírito e o de Maria existe uma antipatia secular, que a tua abnegação pode vencer. Recusas aceitar o sacrifício de encaminhar para o bem esse ser transviado da luz? Recusas, Luciana? Maior sacrifício pode o Senhor exigir de ti: a separação de Stenio! Vai.. Aprende a doutrina do sacrifício. Para que Deus abençoe o teu amor por Mauro e Stenio, espíritos em progresso, é necessário que eduques nos sentimentos de caridade amor cristão essa alma que veio bater à porta do teu lar. Eu te sigo de perto. Uma gratidão imensa me prende a ti, mas porque te amo desejo o teu progresso. Não desmorones com um sopro a felicidade do teu espírito. Maria tem sido até o presente um espírito rebelde, cheio de ódio, que o teu espírito no passado tem retribuído com igual rancor. Aceitou na presente vida ser tua filha, para te amar como tal e receber de ti carinhos maternos.

Tu que tens sido tão amorosa para todas as crianças, recebe esta com dobrado devotamento, porquanto nasceu de ti, é tua filha. A revolta do teu espírito é ainda uma recordação inconsciente do passado. Perdoa Luciana, concede esta ventura à mãe de Stenio.”

Mauro e Luciana caíram de joelhos. Voltando os olhos em derredor, encontraram vazio o leito de Stenio. Em aflição, Luciana o chama.

Ei-lo que vem do interior da casa, trazendo nos bracinhos a pequena Maria a tiritar de frio.

— Trouxe-a para a minha caminha, mamãe, porque lá onde ela dorme está muito escuro e frio...

— Traze-a, meu filho, é tua irmãzinha, disse Luciana; nada lhe faltará de ora em diante.

— É minha irmãzinha, mamãe, sim, mas é *tua filha*, retorquiu Stenio.

Ao alto uma forma branca lançava uma benção sobre os quatro componentes deste quadro tocante.

Era Nancy...

SOLANGE

Tranqüila deslizava a existência daquelas duas criaturas: Mãe e filho. Ela, viúva de um abastado comerciante que, ao falecer, deixara-lhe recursos suficientes para uma vida confortável, guardava do esposo as mais gratas recordações e revia-lhe as feições no semblante do único filho, fielmente impressas. Ele, o filho, Roberto, perdera o pai aos quinze anos e se conservara sempre o mesmo dedicado e amoroso filho, obediente aos conselhos de sua mãe, tendo conseguido, por influência de amigos de seu pai, colocar-se igualmente no comércio. Ganhava regularmente o seu salário, que no fim de cada mês era reunido à importância mensal dos rendimentos de sua mãe, fazendo o que ela chamava o *bolo*; e, em seguida, separada a parte das despesas domésticas, repartido irmãmente entre os dois. Nesta divisão amigável, a boa senhora sabia se haver de tal forma, que tocava a Roberto o maior quinhão, atendendo a que ele era moço, necessitava de mais algum dinheiro para os seus naturais divertimentos, enquanto que ela de nada tinha precisão. Já não tinha ambições na vida. Desde que não lhe faltasse o indispensável para viver com decência, em memória do seu saudoso marido, estaria sempre satisfeita. A sua felicidade, todo o seu amor, estavam ali em Roberto. Desde que a ele tudo corresse bem, considerar-se-ia feliz. Que orgulho tinha ela do seu único filho! Na soledade da sua alma, pela partida do esposo querido, era Roberto o objeto da sua contemplação e o adorava com toda a exuberância do seu grande coração. Quando ele ia aos bailes, chás dançantes ou teatros, ficava à espera que voltasse até alta noite, para ter o prazer de vê-lo recolher-se aos seus aposentos, satisfeito. E ainda conversavam sobre os episódios interessantes da festa, rindo e gracejando, como se ambos fossem dois jovens companheiros. Então, dando-lhe um beijo na fronte, a feliz mãe ia repousar em seu leito não esquecendo a prece, em que envolvia o filho estremecido, para o recomendar à Caridade Divina. Pela manhã cedo, levantava-se para lhe preparar o chocolate ela própria e lhe fazer tomar ainda na cama. Convinha que ele não enfraquecesse, pois trabalhava tanto...

Corria bem a vida dos dois, sem que a mais leve preocupação viesse perturbar aquela paz das duas almas. Os próprios amigos de Roberto apreciavam e louvavam aquela harmonia tocante que reinava entre mãe e filho.

Um dia, jantavam os dois, Roberto e sua mãe, quando entrou-lhes portas a dentro, o jovial Fabricio, amigo de infância de Roberto. Trazia convite para uma *soirée* dançante em casa de um negociante da terra, que completava as suas bodas de ouro e, reunindo toda a família, desejava festejar a grande data, 7 de Setembro, para ele duplamente festiva. Jantaram juntos e natural-

mente o convite foi aceito. Roberto foi à festa. O comerciante havia reunido nessa noite a flor da mocidade em seu palacete. Duas bandas de música abrilhantavam a majestosa *soirée*. Flores por toda parte concorriam para maior realce e a mocidade enchia os vastos salões, fazendo a exibição das suas ricas toilettes e custosas jóias.

Roberto estava encantado. Nunca se sentira tão empolgado em festa alguma. E tomava parte em todos os números dançantes, demonstrando ser um perfeito conhecedor da arte e elegância dos salões de festa. Apresentado aos donos da casa, o nome de seu falecido pai o integrou por completo no seio daquela gente. E foi sucessivamente apresentado a todos os convidados presentes. Fabricio, o seu jovem amigo, tomando-o pelo braço, falou-lhe:

— Anda cá, Roberto, quero apresentar-te à senhorita Solange Fuentes, sem medo de errar, rainha da Dança, da Graça, e da Beleza...

— Tantos predicados reunidos em uma só pessoa... interrompeu Roberto.

— Sim verás que não exagero. Vem.

Roberto seguiu pelo braço de Fabricio até o salão de palestra, onde, entre outras senhoritas, encontrava-se àquela que procuravam.

— Senhorita Solange, tenho o prazer de apresentar-vos o meu particular amigo Roberto Salgueiro, com quem espero fareis boa camaradagem em qualquer contradança, sem vos sentirdes diminuída em vossos méritos de princesa da arte.

— Prazer em conhecer-vos, cavalheiro.

— O prazer é todo meu, redargüiu Roberto. O meu amigo Fabricio é um tanto lisonjeiro, eu danço unicamente porque gosto de dançar, não sou um mestre.

— Modéstia, modéstia, afirmou Fabricio.

— Sentai-vos senhor e aguardemos que a música nos convide.

Solange era um tipo de mulher morena lembrando as belezas espanholas, de cabelos cor de ébano. Deslumbrantemente bela, tinha, no entanto, no olhar penetrante, uma expressão dominadora que denunciava o temperamento rígido do seu caráter. A modéstia natural dos espíritos elevados ela não possuía. O seu passo firme e forte no andar, a cabeça sempre erguida, eram reveladores da sua altivez e orgulho.

Solange foi o par constante de Roberto em todo o resto da noite dançante e, ao voltar para sua casa após a festa, ele já não era livre. Seu coração ficara escravizado à bela Solange...

Domingo, à mesa do almoço. Roberto silencioso, almoça, ao lado de sua mãe. De quando em vez um suspiro escapa do coração oprimido da velha senhora. Seu filho andava mudado, apreensivo, já não enchia a casa com a sua proverbial alegria.

— Que tens tu, Roberto? Já não és o mesmo... Sucedeu-te alguma coisa, meu filho? Há quantos dias venho notando algo de anormal em ti. Já não te mereço confiança? Fala Roberto! O teu silêncio me aterra...

— Minha mãe, não se engana. Estou de fato muito preocupado e noto igualmente o seu estado de apreensão. Passemos ao meu gabinete e prometo ser-lhe absolutamente franco e verdadeiro.

Mãe e filho passaram ao gabinete de Roberto, que abriu o seu coração à sua amorosa progenitora.

— Minha mãe, eu amo uma moça e desejo com ela me casar; mas os meus recursos pessoais não me permitem viver por mim só, a senhora o sabe. Ela propôs-me viver com sua família e isso não me agrada, porque de forma alguma resigno-me a deixar minha mãe, que não tem mais ninguém no mundo, separada do seu único filho, vivendo sozinha...

— Mas meu filho, é esta a causa da tua tristeza? Uma cousa tão simples! Traze para nossa casa tua mulher. Acaso o que é meu, não é teu? Não é nosso? Será uma filha que Deus me dá. Nossa casa é espaçosa, tem bastante acomodação para ela. O que tu ganhas não chega, é certo, mas com os rendimentos que teu pai deixou, poderemos viver muito bem os três...

Diante do modo sincero e simples de sua mãe, não teve Roberto coragem para dizer-lhe toda a verdade e era que Solange não queria morar com a futura sogra... Abraçando a pobre senhora, que julgava solucionado o problema da felicidade do seu filho, Roberto despediu-se e saiu.

.....

Solange fazia anos: vinte primaveras, a idade das esperanças, das ilusões. Era o dia do pedido oficial. Na véspera, uma explicação houvera tido lugar entre ela e Roberto: Solange aquiescera a morar com a mãe do noivo e Roberto estava contentíssimo.

Foi assim, na melhor disposição de espírito, que a digna senhora acompanhando seu filho, foi pessoalmente pedir a mão de Solange Fuentes para Roberto Salgueiro.

Feitas as apresentações do estilo, a velha senhora, com a voz embargada pela comoção, desempenhou-se do compromisso que assumira para com seu filho, abraçando em seguida a sua futura nora. Sem poder explicar a razão porém, uma amargura extrema lhe afogou o coração ao estreitar contra o peito a noiva do seu filho. Teve a impressão de quem abraçasse uma estátua... A beleza da moça era notável, mas a expressão da fisionomia era dura... Roberto era tão meigo...

Não se enganou o seu coração em pressentimentos.

Realizado o consórcio, em breve a pobre mãe convenceu-se de que era demais na vida do seu filho. Solange era autoritária, absoluta, intransigente... Não a deixava tocar em objeto algum pertencente a Roberto. Aqueles cuidados antigos, que ela amorosamente lhe consagrava, tudo, tudo teve que abandonar. Roberto notava a tristeza, que em vão sua mãe procurava dissimular e, às escondidas da esposa, prodigalizava-lhe carinhos, meiguices, mitigando de alguma sorte a sua amargura. Só, encerrada em seus pensamentos, a mãe de Roberto sofria atrozmente a saudade do filho amado, cujas migalhas de amor eram-lhe dadas como esmolas e presenciava com o coração lanceado pela dor o naufrágio da sua felicidade.

Certa vez, Roberto comunicou-lhe que Solange necessitava de uma temporada à beira-mar e teriam de ir os dois para Copacabana, em benefício dela. Mas, como a vida estava muito cara, seria melhor talvez que a "mamãe" ficasse em casa, mesmo porque não era uma mudança, mas sim uma ou duas quinzenas somente... Roberto falava em tom inseguro, como quem ocultava um pensamento, que à sua mãe não passou despercebido.

Ele fora aumentado em seus vencimentos e estava em condições de manter-se sem o auxílio dela, era a verdade; e Solange realizava então o seu plano.

Instalaram-se em confortável apartamento e entregaram-se à vida que ela aspirava: passeios, cinemas, banhos de mar, visitas, etc. não reservando sequer uma tarde para a inditosa mãe, que, desde então, nunca mais pôs os olhos cansados de chorar, em Roberto. O corpo martirizado pelo sofrimento moral não resistiu muito tempo de pé e a infeliz adoeceu...

É noite. Solange e Roberto voltam de uma festa no Municipal. Acendem as luzes e começam a desfazer as suas *toilettes*... Solange em frente ao grande espelho do seu guarda-vestidos, Roberto no quarto imediato ao de vestir. Súbito, com a voz alterada, ela gritou:

— Roberto, está aqui um homem!

— Roberto precipitou-se em seu auxílio.

— Que dizes, Solange? Que é do homem?

— Ali, apontava ela para o espelho...

— Não é possível, filhinha, o guarda roupa está fechado; como poderias ter visto alguém lá dentro?

— No entanto, eu vi!

Roberto revistou o aposento, inutilmente; ninguém lá estava. Solange silenciou. O seu orgulho não lhe permitia parecer medrosa aos olhos do esposo. Recolheram-se. Solange não conseguiu dormir. Pela madrugada levantou-se sutilmente, para não despertar Roberto, desejosa de respirar um pouco da brisa do mar. Dirigiu-se ao guarda-roupa para apanhar um agasalho e... Lá estava o homem na porta do espelho! Desta vez impunha-lhe silêncio com o indicador sobre os lábios. Seu olhar era severo, tinha a expressão de amarga censura. Solange deu um grito e desmaiou.

Por ordem do médico, chamado imediatamente para socorrê-la, mudaram de apartamento. Inútil. Em qualquer espelho aparecia o "homem" e até no refeitório Solange divisava a sua figura, nos espelhos.

Uma secreta intuição despertou em Roberto sobre a personalidade, apenas visível por sua mulher, nos espelhos. E chamando-a discretamente, assim lhe falou:

— Solange, os médicos não compreendem o que se passa contigo. Em breve declaram-te alucinada e opinam pela tua internação em Casa de Saúde, com o que eu absolutamente não posso concordar, porque tu não padeces de moléstia mental. Não te parece acertado consultarmos alguém espírita? Nós não entendemos nada disto, mas estas coisas estão afetas a eles... Que dizes à minha idéia?

— Eu concordo, Roberto, tanto mais que este homem do espelho balbucia frases que eu não ouço, mas percebo que ele tem que me dizer...

Procurando X, espírita assaz conhecido em todo o Brasil, foi combinada uma sessão, para atender ao desejo de Solange e seu marido.

.....

Oito horas da noite. Presentes o senhor X, Solange, Roberto e o médium, em prece dirigida reverentemente a Deus, para que em tudo fosse realizada a sua santíssima vontade, caiu em transe o médium e assim falou:

— “Sem perda de tempo ide atender aos últimos momentos da peregrinação terrena daquela, a quem a tua ingratidão, meu filho, condenou ao mais cruciante martírio. E tu, Solange, aprende a ser generosa e compadecida para com o teu próximo. Eu sou o pai do teu marido. O meu espírito escutou no espaço os soluços dolorosos daquela a quem o teu egoísmo condenou ao abandono, com a cumplicidade pusilânime do meu filho! Ide... Correi... Antes que seja tarde, para depordes naquela fronte aureolada pelo martírio, o beijo da despedida eterna”.

O médium despertou. Roberto e Solange, sem uma palavra pronunciarem, precipitaram-se para um automóvel que em vertiginosa carreira, os levou à residência da pobre mãe.

Encontraram-na sob os cuidados caridosos de estranhos... moribunda!

Roberto ajoelhou-se ao seu lado:

— Perdão mãe! Implorou ele em soluços.

— Quem fala em perdão? Tu, meu filho? Nada tenho a te perdoar. Eu morro é de saudade de ti, mas não de queixas. Olha, teu pai tem estado aqui sempre a me consolar e eu vou ter com ele. Como foste bom em vir, Roberto!

Solange aproximou-se e pregou os lábios na mão gélida da moribunda, que fez o gesto de a abençoar. E, colando os lábios frios na fronte do amado filho, expirou...

Erguendo os olhos, Solange teve a visão clara e perfeita de dois espíritos abraçados, partindo para o “Além”.

MANOEL

Habitava uma modesta residência o Sr. João Figueira e sua família, composta da esposa, Dona Catarina, e um filho de 8 anos, Manoel.

Sapateiro, era o melhor daquela redondeza. Os ricos da Praia de Botafogo e adjacências eram seus fregueses e sentiam-se bem servidos com as suas obras. Manoel era um traquinas de força maior e dava bastante que fazer à mãe, especialmente, que não o perdia de vista.

— É tempo, João, de pôr este pequeno a trabalhar um tanto, a ver se dá-me um pouco de descanso, dizia Catarina uma manhã. Olha que não sei como cuido das minhas obrigações, a gritar com este rapaz o dia inteiro... É demais! E mexe em tudo, caem-lhe das mãos os objetos, vai à cozinha, destapa-me as panelas, joga as tampas ao chão e quebra-me os copos, ah!” Eu fico louca com este menino..

— Não te parece mais acertado mandá-lo à escola? Olha que já fez 8 anos, deve aprender alguma coisa...

— Não é mal lembrado, devemos pô-lo no estudo...

Enquanto os pais discutiam a seu respeito, Manoel os escutava atento; e ficou radiante de alegria, quando ouviu que ia entrar na escola.

Manoel era um menino de compleição robusta, vivo e inteligente. Escutara as acusações que a mãe lhe fizera poucos minutos antes, às quais já se

habituará. Defender-se era irritar sua mãe; mas o fato era que ele tinha consciência de não ser tão buliçoso quanto ela afirmara a seu pai...

No dia seguinte Dona Catarina foi matricular o pequeno na escola. Recomendou-lhe muita obediência à professora, aplicação ao estudo, etc.

— Até logo, meu filho. Pode mandá-lo embora, só, minha senhora, ele é bastante esperto para andar nas ruas.

Manoel ficou e deu-se bem. Em poucas semanas havia feito considerável progresso e a professora estava contente com ele. Tudo ia indo muito bem. A mestra era boa, dedicada às crianças e não gostava de castigar ninguém.

Quando o rebuliço nas aulas era maior, costumava dizer, impondo silêncio:

— Estamos em aula! Atenção! E imediatamente todos os meninos se aquietavam.

Uma vez, o silêncio era geral. Era a classe de desenho linear e todos caprichavam em fazer melhor. De repente um aluno, ao lado de Manoel, começou a chorar, em gritos:

— Olhe aqui o Manoel a bater na gente com a régua... E mostrava um "galo" na cabeça.

— Manoel! chamou a professora. O que é isto?

— Eu, professora, não fiz nada.

— Foi ele, sim, a régua dele não podia pular em cima de mim.

A mestra ralhou, ordenou silêncio e que queria amizade fraterna entre todos os colegas.

Súbito, outro menino, sentado do outro lado de Manoel, queixou-se à mestra:

— Manoel me atirou o lápis na cara.

— Eu não, professora, redargüiu ele trêmulo, eu não...

Foi ele, sim, olhe aqui o lápis dele, até quebrou a ponta.

— Manoel, disse a professora, retire-se da aula. Vá para a casa e veja como volta aqui amanhã.

Manoel choramingando obedeceu.

No dia seguinte novos acidentes na aula de escrita. Um tinteiro foi precipitado sobre um aluno, defronte de Manoel. Um livro foi atirado à face de um outro.

A professora começou de não entender a coisa... Chamando o menino a parte, falou-lhe docemente:

— Por que fazes estas coisas, meu filho? Tu, tão bom aluno, o primeiro da tua turma, de conduta irrepreensível, porque queres obrigar-me a ser severa contigo?

— Professora, eu não faço estas coisas.

— Então negas os fatos?

— Não professora, eu não nego nada; mas eu é que não atiro nada em ninguém.

— Mas meu filho, nunca aconteceu tais travessuras, sem que tu estivesses ao lado do aluno ofendido.

— Isso também é verdade, professora, mas não sou eu...

Subitamente, rápido como um relâmpago, o livro que Manoel tinha nas mãos foi chocar-se no rosto da professora, contundindo-a. O pobre pequeno de-

satou a chorar, agarrando-se à moça a pedir-lhe perdão da falta que não cometera e, desta vez, a professora, pasma do que acontecera, testemunhava ela própria, a inocência do seu aflito aluno! Embora com o máximo pesar, passou ela pelo dissabor de ver ser despedido da escola o "*perigoso*" aluno, a quem a Diretora da escola não mais permitiu a freqüência às aulas.

E foi assim que Manoel, tristíssimo, e escutando sem culpa as recriminações de sua mãe, deixou de estudar, para começar o ofício de sapateiro na oficina de seu pai.

Mas aí a sorte adversa continuou a perseguir-lo: As formas, os couros, os alicates, calçadeiras, sovelas, torqueses e demais utensílios da oficina, nada parava em seu lugar. Era um "*Deus nos acuda*". O pai, impaciente, não compreendendo a razão de tudo aquilo, começou a castigar o filho, até que um dia, tomando de um tira de couro, principiou a bater-lhe barbaramente... Qual não foi, porém, o seu espanto, quando a tira de couro de que se servia para bater no menino, escapou-lhe das mãos, sem saber como, e começou a surrá-lo violentamente, agitada no ar por mão invisível. O homem aterrado deu "*as de Villa Diogo*" e a tira de couro continuou no ar a sua perseguição, açoitando-o fortemente. Todo machucado, entrou em casa espavorido, seguido do pequeno Manoel e uma multidão de pessoas, atemorizadas do fenômeno que presenciavam...

Catarina acudiu pressurosa a ver o que sucedia a seu marido e, sabedora que foi, clamou em altos brados:

— Que desgraça, meu Deus! Ter um único filho e este mesmo com o diabo no corpo! Que desgraça!

E lastimava-se em pranto copioso.

Manoel, coitado, causa involuntária de todo aquele rebuliço, meteu-se num canto escuro dos fundos da casa, chorando, com a cabeça entre os joelhos. Uma vizinha, *entendida nestas coisas*, sugeriu a idéia de levar o pequeno ao senhor vigário; talvez fosse caso de exorcismo... E ofereceu-se ela própria para o levar.

Aceito o *caridoso* oferecimento Manoel foi levado à presença do sacerdote que, com carinho recebeu o menino, falando-lhe de Deus e da religião. Até aí, muito bem. Quando, porém, o senhor vigário, empunhando o hissopo, principiou em latim a exorcismar o pequeno, esconjurando Satanás, eis que o instrumento lhe é arrebatado das mãos e rodopia vertiginosamente no ar, em toda a capela, causando pânico, à *caridosa* mulher, ao menino e ao próprio sacerdote, que ordenou:

— Leve daqui este pequeno! Ele é o "demo" em figura de gente!

Desde esse dia o pobre Manoel se viu desprezado por todos os que tiveram conhecimento do fato. Debalde ele protestava a sua inculpabilidade, no que sucedia. Nada! As mulheres persignavam-se quando o avistavam e pouco a pouco, para não se aproximar da casa onde residia o "demo", a freguesia de seu pai o foi abandonando. Era um desastre. O sapateiro resolveu desfazer-se do filho de qualquer forma...

Um dia, um estrangeiro, se fez anunciar a João e sua mulher. Sabedor do que se passava com eles, assim lhes falou:

— Eu aqui vim por causa do vosso filho. Desejo fazer-lhe bem, não desconfieis de mim. Vosso filho não é culpado dos fenômenos que provoca, nem

tampouco tem ele Satanás no corpo, conforme acreditais. Deus não permite o sacrifício inútil dessa criança. Confiai-me e eu prometo livrar-vos desse tormento em que viveis, pela ignorância da causa única que realiza tais fenômenos. Vosso filho é um médium de efeitos físicos, que precisa ser educado convenientemente, para que a sua faculdade, orientada, não permita ser ele o brinquedo de espíritos frívolos.

Os pais de Manoel consentiram em entregar o filho ao estrangeiro, homem espírita, estudioso, propenso ao bem e à caridade, o qual, em sessões adequadas, doutrinou o espírito que se divertia a brincar com aquela gente, ignorante das leis que regem o mundo invisível.

Manoel afeiçoou-se ao seu protetor, a única criatura que compreendeu a sua inocência nos fenômenos que provocava. Estudou com ele, aprendeu línguas, tornou-se um homem útil e apenas para instrução espírita se prestava ao exercício da sua faculdade mediúnica.

Foi assim que a seu próprio pai prestou ele um grande serviço: João e Catarina haviam reunido um pequeno pecúlio que tencionavam colocar no Banco, para fazer face a qualquer eventualidade futura e um dia a carteira em que guardavam o seu tesouro, não obstante estar oculta em lugar que só eles sabiam, desapareceu. As pobres criaturas ficaram acabrunhadas, lamentando a perda das parcas economias, fruto do seu trabalho honesto de tantos anos. Manoel, tendo conhecimento da angústia dos pais, pediu a Deus a graça de poder servi-los, restituindo-lhes o dinheiro perdido. Com o seu querido protetor combinou uma sessão em casa dos pais, que prontificaram-se a assistir. Silenciosos se mantiveram em prece. Em poucos minutos um pequeno rumor se fez ouvir. Partia de uma velha estante, onde estavam guardados alguns livros antigos, que haviam pertencido ao pai de Catarina. Um a um esses volumes foram atirados ao chão e da mais alta prateleira caiu um velho dicionário, sob o qual lá estava a preciosa carteira, ansiosamente procurada em vão.

João e Catarina abraçaram o filho e desde então desapareceu-lhes a idéia de que ele tivesse parte com o "demo".

JUVENCIA

O venerando Dr. Lincoln estava à sua mesa de refeições em companhia de sua esposa, a senhora Arabella, e começara a tomar a sopa de legumes, insubstituível prato do seu jantar, quando a campainha da porta soou.

A empregada, que atendeu ao chamado, voltou, para avisar o Dr. de que a velha Juvencia estava passando mal e o sobrinho, Samuel, viera às pressas procurá-lo para a acudir. O Dr. Lincoln deixou cair a primeira colher de sopa que ia tomar e, levantando-se apressadamente, dirigiu-se à porta para acompanhar o rapaz.

— Detém-te, homem de Deus, disse-lhe a esposa, toma a sopa primeira e irás então.

— Não minha mulher; a pobre Juvencia quando tem desses acessos, necessita ser acudida imediatamente. Não posso tardar.

E a passos largos partiu em direção à casa da enferma, com a pressa que lhe permitia o peso dos seus 68 anos.

A velha Juvencia era uma pobre criatura, que enfermara de reumatismo aos 18 anos de idade. Nunca se casara. Perdendo os pais em tenra idade, morara sempre com uma irmã casada, que morrera de varíola longe dela, em um hospital de variolosos. Restava-lhe esse sobrinho, o Samuel, rapaz de 20 anos, que vivia em sua companhia e lhe consagrava estima, mas era operário e passava os dias no trabalho, deixando a pobre tia o dia inteiro entregue à caridade de algum vizinho. A velha Juvencia tinha acessos de dor nos ossos, horríveis, que só calmavam com a aplicação de passes dados pelo Dr. Lincoln. O médico lhe fazia visitas diárias e não raras vezes era chamado extraordinariamente, como sucedera nesse dia.

O Dr. Lincoln, acompanhado de Samuel andou, estugando o passo o mais que podia, um bom quarto de hora. Já se ouviam os gemidos dolorosos da enferma. Finalmente chegou. A porta aberta deixava ver uma pequena sala, em cujo centro se encontrava uma cama de ferro, gasta pelo tempo, em cima da qual um resto de corpo humano, pequenino como o de uma criança, jazia encolhido, entrevado, os joelhos presos ao tórax, os braços colados ao peito, a cabeça imóvel entre os ombros. Esse corpo era descarnado e frio. Apenas os olhos tinham brilho e revelavam uma resignação evangélica.

O Dr. Lincoln, entrando no exíguo aposento, dirigiu-se à pobre doente e, no tom mais afetuoso deste mundo, exclamou:

— Então, Juvencia, outra vez? Aqui estou eu para te trazer o alívio. O olhar da enferma se iluminou de uma fé sublime.

— Ah! Dr. que dores atroz! pelo amor de Deus, um alívio!

O Dr. Lincoln, elevando o pensamento ao Infinito, orou, tendo as mãos abertas sobre o minúsculo corpo da enferma. Um suave ruído, como das espumas quando as ondas mansas se quebram na praia, se fez ouvir no mísero aposento. O médico parecia transfigurado. Sua bondosa fisionomia, simbolizava bem a encarnação da fé.

Os passes continuaram e a doente obteve alívio, caindo em um sono tranqüilo, reparador. O médico, devagarinho retirou-se, dispensando a companhia do rapaz, que o queria levar à casa.

Entrando em sua residência, acudiu pressurosa a esposa:

— Vem tomar o alimento, Lincoln. Deves estar faminto.

— Não te aflijas minha querida, jantarei bem, tenho agora muito melhor apetite.

E juntando a ação à palavra, o médico assentou-se à mesa e jantou satisfeito.

Recolhendo-se ao seu gabinete, o Sr. Lincoln explicou à sua esposa, que o interrogava:

— Os espíritos do bem estão sempre prontos a dar alívio à criatura. Quando estendo as mãos sobre a doente, não é em vão que balbucio minha prece. Minha alma entra em comunhão com os protetores do Além e eles trazem os fluídos aliviadores do sofrimento e Juvencia repousa.

— Mas, de que serve? Logo piora outra vez...

— Arabella, quando o sofredor necessita da prova, ele sorve a última gota de fel no cálice da dor... Uma secreta intuição me diz que está a chegar o fim da peregrinação do espírito de Juvencia na terra. Enquanto essa hora não chega, temos o dever de auxiliá-la suavizando o seu sofrimento.

A amanhecer, o médico encaminhou-se para a casa da enferma. Levava consigo um pouco de água em um pequeno vidro. Entrando, animou a pobre mulher com estas bondosas palavras:

— Bom dia Juvencia, vás melhorzinha hoje, não é verdade? Dormiste alguma coisa?

— Sim Dr. , dormi e até agora a dor forte não voltou. Se ela não voltasse mais que esmola do céu! Mas, faça-se a vontade de Deus!

— É isso mesmo, Juvencia, até mesmo nas dores que padecemos devemos sentir o amor que emana de Deus. A mão da Providência, com sábia justiça, dirige as nossas vidas. Trouxe-te hoje um remédio que vás ajudar-me a preparar.

— Eu, Dr.? Se não movo um dedo? Como poderei ajudá-lo?

— Podes, sim e vás ajudar-me: ora, enquanto eu oro também. Peçamos ao céu o fluído de que necessitas para beneficiar tua alma e teu pobre corpo. Concentra em Jesus o teu pensamento, Juvencia.

O médico silenciosamente orou, enquanto a pobre Juvencia fechando os olhos pensava em Jesus.

Enquanto oravam silenciosos, o Dr., apresentando ao alto o pequeno vidro, que trouxera cheio d'água, suplicou fluído do espaço para a sua doente. Então, gotas de luzes violetas, uma a uma, foram caindo naquela água, veículo da Caridade do Além.

E Juvencia bebeu com avidez o precioso líquido.

— Graças meu Deus, graças Dr., há três dias que nada posso ingerir, nem mesmo água, porque isto aqui não deixa (e apontava a garganta). Dá-me um espasmo e não desce nada.

Durante quinze dias a enferma alimentou-se exclusivamente da água saturada dos fluídos astrais, obtidos em prece, conforme acabamos de descrever. As grandes dores não voltaram mais. Juvencia se preparava para a outra vida. Seu corpo era um resto humano, que dia-a-dia se tornava menor. Quem a visse, a não ser a chama de vida que em seus olhos brilhava com um fulgor intenso, supô-la-ia uma boneca abandonada ali, por imprestável.

Uma manhã o Dr. Lincoln apressou-se em fazer a sua visita habitual.

— Meu Deus, disse a esposa, como pode essa criatura viver tantos dias sem alimento algum, Lincoln!

— Que sabemos nós dos fluídos celestes, minha querida? O reservatório do Infinito contém maravilhas, que o nosso acanhado intelecto não pode compreender. Nesses fluídos vem envolta a Caridade de Jesus, sob múltiplas formas. São eles portadores das grandes bênçãos de Deus, das graças que fortalecem o espírito e tonificam a matéria, aliviando os seus sofrimentos. Juvencia está prestes a partir para o Além. São desnecessárias para ela agora, as dores materiais. Seu espírito é que necessita vigor, lucidez, amparo, para abandonar o cárcere, inútil, já agora. Deixa-me ir, pressinto algo de extraordinário para hoje.

— Vou contigo, Lincoln, deixas-me ir?

— Vem, Arabella, vem.

E partiram.

Ao chegarem perto da casinha da enferma, notaram que havia luz lá dentro. Os dois esposos olharam-se.

— Luz de dia? interrogou Arabella.

Empurrando levemente a porta sentiram os dois uma onda de perfume em todo o ambiente e seus olhos, pasmos, observaram uma quantidade enorme de gotas miúdas de fluídos violetas, que partiam de um grande foco luminoso, situado no teto do humilde casebre, sobre o leito da enferma, que tinha no rosto estampada a felicidade de uma linda visão...

Juvencia desencarnara.

Marido e mulher, e samuel, que entrava no momento, prostraram-se diante do leito, orando reverentemente. Finda a prece o Dr. Lincoln disse para a sua esposa:

— Convém entregar à terra o que é seu. Vou tratar do enterro. O espírito, finda a sua prova, avança liberto e redimido às mansões de paz e amor. Felizes daqueles que, como Juvencia, padecem conformados! Eles compreenderão no Além o porquê das suas dores e renderão graças a Deus por lhes haver permitido resgatar no sofrimento suas grandes dívidas.

YVONE

— Hábito deplorável este teu, minha cara Ivonne, de emitir opiniões, sem estar de posse do assunto sobre o qual te pronunciais. Ninguém deve condenar, nem aplaudir, sem o estudar consciencioso da matéria sobre a qual se propõe a dar parecer. Com franqueza, fizeste-me entristecer e colocaste-me na contingência de não poder auxiliar-te e defender-te contra as asserções seguras do Sr. Cleobulo, ao mesmo tempo que colocaste os nossos caros vizinhos em situação igualmente embaraçosa, qual a de não desgostarem a ti, intransigente romanista e o Sr. Cleobulo, espírita convicto, ambos visitas da sua casa. Melhor fora que houvesse calado as tuas convicções, uma vez que não possuías argumentos sensatos para as sustentar.

— Eu, não possuía argumentos convincentes? Acaso a Igreja não é suficiente para impôr a fé, que devemos abraçar? Sou católica, sou religiosa, hei de defender as minhas crenças. Os espíritas são uns hereges.

— Enganas-te Ivone, eles não são hereges.

— Que dizes Raul, será que estás com o cérebro transtornado a tal ponto, que passes agora a defender essa seita amaldiçoada de feiticeiros?

— Não estou transtornado Ivone, mas o que afirmas não é verdade.

— Bonito, chamas-me agora de mentirosa! Cala-te, pelo amor de Deus, Raul; até te desconheço. Tenho comunhão amanhã e não quero prejudicar-me enchendo-me de rancor contra ti, que, afinal de contas, terás de responder pelos teus atos a Deus e não a mim.

E, persignando-se, Ivone deixou o marido na sala de jantar, onde ambos se encontravam naquele momento e entrou precipitadamente em seu dormitório, para rezar genuflexa em frente ao seu santuário, repleto de imagens de vários santos da Igreja, alumados por uma lamparina, que se conservava acesa noite e dia.

Ivone era bonita e prendada. Seria perfeita, se não houvesse se entregado completamente ao fanatismo religioso. Toda ela respirava igreja... Eram bentinhos, santinhos, promessas, confissões, novenas daqui, terços dali, missas quotidianas, procissões, etc. O tempo lhe era assim todo tomado. E não admitia em matéria de fé duas opiniões. O catolicismo era a religião da verdade. Mas, o que mais antipatizava e anatematizava em matéria de crenças, era Espiritismo, que classificava como pacto dos homens com o demo. Não tocava sequer em um livro espírita; e quando por acaso se lhe deparava jornal ou folheto espírita, só em olhá-lo considerava-se contaminada.

Na véspera do dia em que começa esta narrativa, estando ela de noite à casa da família Junqueira, seus amigos e vizinhos, tivera oportunidade de ouvir de um crente espírita, amigo da casa, conceitos sobre Espiritismo, que para logo classificou de heréticos. E travou com ele uma discussão improfícua, que pôs em situação embaraçosa os donos da casa e seu marido. Ao retirar-se fê-lo sem cumprimentar o antagonista, que respeitosa curvou-se à sua passagem. Em casa, declarou peremptoriamente ao marido que não tornaria a pôr os pés em uma casa onde era acolhido um feiticeiro. A decepção de Raul foi ainda maior quando, três dias após saindo em ligeiro passeio com ela, ao passar pela residência da família Junqueira, contígua à sua, pôs-se Ivone a olhar para o lado oposto da rua, para evitar o natural cumprimento às vizinhas. Raul delicadamente fez seu habitual cumprimento e a dez passos de distância perguntou:

— Ivone, não viste Madame Junqueira à janela com as mocinhas?

— Vi sim, mas como percebi que as suas relações não me servem, corto-as de vez.

Em casa, à mesa do chá, habilmente dirigindo a conversa para a sua falta de cortesia para com a vizinha, Raul falou:

Escuta Ivone; eu estou muito mal impressionado com o teu gesto desta tarde, faltando ao dever social de cortejar madame Junqueira. Que não queiras mais ir à sua casa, vá lá; mas a boa educação te obriga a cumprimentá-la; estas coisas não se fazem assim... Essa família tem sido amabilíssima conosco.

— Já te disse, Raul, que não posso entreter relações com feiticeiros.

— Mas Ivone, espírita não é feiticeiro; e demais essa família não é espírita.

— Mas, aceitando em sua casa feiticeiros, tanto faz: *dize-me com quem ondas...* Cumprimenta-os tu, visita-os, se queres, mas eu! Tenho por dever eliminar tudo quanto pode empanar, ainda que de leve, o brilho da minha fé.

— Ivone, só o pecado pode manchar a nossa alma. Um dos preceitos do Cristianismo é a caridade para com o próximo. Tu faltas à caridade, maltratando os que te fazem bem.

— Raul, para os hereges, fogueira, ordenava a Santa Inquisição. Eu tal não lhes desejo, nem a época atual é tão severa. Mas deixo-os entregues ao seu pecado e fujo deles, para não contaminar a minha alma.

— Alguma coisa fala dentro de mim que cedo mudarás de pensar, Ivone.

— Raul, bem percebo que olhas com muita simpatia esta seita de heréticos e previno-te que estás a cavar um abismo entre as nossas vidas...

— Calemo-nos por hoje, minha querida mulher, antes que de um de nós magoe o outro.

Dias se passaram, semanas, e nem um dos cônjuges voltou à discussão sobre tal assunto.

Certa manhã chovia torrencialmente. Ivone ordenou ao empregado que fechasse hermeticamente a casa toda, para que a violência da água, jogada pelo vento fortíssimo que soprava, não inundasse a habitação.

— Patroa, gritou o criado, está lá fora uma mulher sobre os degraus da escada de pedra do jardim, atirada e batida pelo temporal.

— Que tenho eu com isso, rapaz? Fecha a porta.

— Mas é que ela tem a cabeça justamente na soleira da porta.

— Basta João, não discutas ordens. Fecha a porta.

Raul, que tudo ouvira em silêncio, foi ver de perto do que se tratava. Suspendendo, com o auxílio do empregado, o corpo da desconhecida, arrastou-o para dentro e ordenou:

— Traga vinagre ou álcool, para fazê-la voltar a si. Pobre criatura! Quanta miséria, meu Deus!

Conseguira fazer tornar à consciência a pobre mulher, quando Ivone, aproximando-se, teve esta exclamação apavorada:

— Jesus, Raul, que fazes? Esta mulher é leprosa. Isto é uma moléstia horrível, tem um contágio terrível! Lança fora da porta esta podridão humana e manda quanto antes desinfetar a entrada.

— Não sairá antes que ceda o temporal; quando cessar a chuva veremos que destino caridoso lhe havemos de dar, retorquiou o esposo.

— Loucura, loucura, nós temos o dever de zelar pela conservação do nosso corpo e eu não posso admitir a permanência desta mulher em minha casa. Vamos, obedece-me João. Joga esta mulher para fora da minha casa. Isto aqui não é hospital ou leprosário.

— Não te movas a tal, ordenou Raul, aliás estarás despedido imediatamente. Ao contrário, ajuda-me a transportar esta enferma para o quarto vazio dos fundos desta casa e vamos pô-la em um colchão, dar-lhe algum alimento e uma tisana qualquer a aquecer.

O tom autoritário do esposo, a sua atitude enérgica e decisiva, fecharam os lábios de Ivone, que não pronunciou mais uma só palavra. Feito o que Raul determinara, a enferma, agasalhada, ficou a repousar enquanto Ivone, apressadamente, entrou em seu quarto, acendeu duas velas além da habitual lamparina que ardia constantemente e, orando, implorava batendo nos peitos: — Senhor, livra-me da lepra! Que eu não seja contaminada por esse mal hediondo! Não fui eu que recolhi a mulher leprosa e sim ele, o meu marido. Deve ser sobre ele o contágio e não sobre mim, que nada tenho com essa imprudência. Afasta da minha casa este perigo, meu Deus. Eu sou moça, tenho limpa a minha pele e seria horrível ver-me cheia de chagas pestilentas. Eu te prometo caminhar a pé até o alto do Corcovado, para ouvir uma missa, que mandarei rezar em louvor às tuas cinco chagas.

Ivone assim orava, quando três fortes pancadas soaram no aposento. Presa sob o domínio de uma força superior, Ivone, em obediência a uma voz de comando que lhe chegou aos ouvidos, foi ao quarto contíguo, apanhou uma folha de papel, lápis e traçou as seguintes palavras, ditadas pela voz oculta:

“O Deus, Criador Incriado, não necessita de santuários de madeira, construídos pela mão dos homens, onde acendes lâmpadas de óleo e azeite, que têm valor igual à chama da tua fé. O templo de adoração agradável ao Senhor é o coração ardoroso, cheio de amor para com Ele e o próximo. E o teu está vazio desse sentimento. Os puros de coração, os caridosos, os humildes são os agradáveis a Deus, porque cumprem aquilo que seu Filho veio ensinar ao mundo. A religião que condenas como herética, é a que guiou os passos do teu esposo, para que prestasse ao seu semelhante a caridade de que necessitava nesta hora. Enquanto ele, o adepto do Espiritismo, acolhe a leprosa, dá-lhe agasalho, mitiga-lhe a fome e lhe trata as chagas apodrecidas, dando cumprimento assim ao mandamento do Senhor, tu a católica intransigente, não só ordenas que seja expulsa do teu lar a pobre enferma, o que é horrível e desumano, como ainda vens te prostrar perante o que chamas o teu santuário, a querer comprar as graças de Deus à custa de promessas insensatas, como se a Deus pudesse o homem propor transações. Mulher, escuta-me, tu és um médium e, se atenderes à minha voz, encontrarás a verdadeira fé, aquela que se alicerça sobre o fundamento da caridade, fora da qual não há salvação. Tens horror à lepra. Aprende: o leproso é um ser em expiação. É a lepra da alma que ele expurga, por meio de uma encarnação dolorosa. A tua religião é falsa porque te encheu de superstições abomináveis, deixando-te a alma fria e indiferente ao sofrimento alheio. A religião do Cristo é de sacrifício, abnegação e amor ao próximo. Vai, associa-te a teu marido na grande obra de *fazer bem sem olhar a quem*. E toda a vez que exercitares a caridade pregada e exemplificada pelo Cordeiro de Deus, terás em ti o Amor Divino. Vai...”

O lápis caiu da mão de Ivone, que voltando a tomar posse de si, sem compreender o que se passara, deparou com Raul, de joelhos a seu lado, profundamente concentrado, em prece.

— Lê disse ela.

Raul, passando-lhe o braço em volta do pescoço, leu juntamente com ela a mensagem do espírito.

Finda a leitura Ivone era outra mulher... Sua alma renascera para a verdadeira fé!

E abraçando com ternura o esposo, Ivone foi postar-se à cabeceira da enferma.

LISETTE

— Minha mãe, conversava um dia Lisette com sua mãe, enquanto esta concluía um lindo bordado a matiz, não estou contente com a minha professora.

— Porque minha filha, sendo ela uma moça tão prendada, tão criteriosa e boa, não estás contente com ela? Bem de forma contrária fala a tua professora a teu respeito, pois te considera uma das suas melhores alunas.

— Mas mamãe, eu não disse bem o que quero dizer. Vou explicar-me melhor: A minha professora ensina a gramática, a leitura, o ditado, as contas tudo muito bem, mas...

— E o que queres tu mais, filhinha? Na tua idade isto é bastante.

— Escuta mamãe, eu não estou contente porque eu peço explicações que ela não quer me dar. Ainda outro dia perguntei-lhe se há habitantes na Lua, no Sol, nas estrelas, ou nos planetas, (porque papai já me ensinou a diferença entre estrela e planeta) e ela negou-se a me responder. Disse-me apenas que estrelas e planetas são outros tantos mundos; e quando lhe perguntei quem mora lá, ficou muito séria e ordenou-me que não pensasse nestas coisas...

— E fez bem, minha filha; uma menina de 10 anos não deve fazer questões desta ordem.

— Mas mamãe eu quero aprender!

— Basta Lisette, tua professora tem razão. Não insistas.

Lisette era uma encantadora criança, inteligente e meiga, cuja maior ambição era aprender aquilo que qualquer mestra não lhe podia ensinar. O céu azul, os astros, a profundez do Infinito, a preocupavam. Os mestres que não estudam a alma das crianças e lhes fazem calar todas as perguntas, não fazem bem. Habitadas ao estudo dos livros escolares, limitam-se a dar lições sobre eles, não permitindo que o espírito da criança aspire alguma coisa fora do que está escrito naquelas páginas impressas, que a criança tem sob as vistas. A criança pouco inteligente acomoda-se facilmente a esse modo de estudar, tanto mais que o seu maior desejo é ver terminada a hora da lição; mas as crianças como Lisette, não se satisfazem com isso, porque aspiram muito mais. A nossa Lisette olhava para o céu azul, estrelado em noites escuras, buscando penetrar o mistério que o envolvia. Não podendo os seus olhos físicos enxergarem lá longe, na profundez dos astros, a sua mente procurava em vão compreender as coisas de lá; e na sua simplicidade de menina boa, entendia que a professora deveria estar preparada para atender a todas as suas perguntas, não compreendendo a razão pela qual se recusara a fazê-lo.

Lisette continuou a freqüentar o colégio, dando boa conta dos seus estudos, mas nunca mais interrogou a mestra sobre a habitação dos mundos.

Uma noite teve um sonho: Estava ela a brincar numa verde relva, que mais parecia um imenso tapete, estendido sobre enorme extensão de terreno. Entretinha-se a endireitar a fieira do seu pião cativo, quando surgiu repentinamente em sua presença um caboclinho, todo prazenteiro, que lhe falou assim:

— Então Lisette não queres mais aprender sobre as outras habitações celestes?

— E que sabes tu delas, interrogou a menina.

— Muita coisa, e te contarei, se quiseres.

— Conta lá.

— Eu moro num lugar longe daqui, onde tudo é verde, tudo é belo, tudo é bom. Eu não sou da terra...

— Como? Tu não és da terra? Donde és então?

— Do plano onde vivem os espíritos como eu. Eu sou um habitante de outro mundo...

— Queres tu levar-me a visitar o teu mundo?

— Ah! Isso eu não posso. Mas há quem possa fazê-lo... Tu ainda és muito menina, quando fores uma moça alguém te levará a ver nossa habitação.

— Deveras?

— Sim, deveras e não te esqueças do que te estou a dizer hoje. Há de chegar o dia em que me verás, lá onde eu moro; e então hás de ver como é bela a minha morada; minha só, não, que lá estamos muitos...

— Como te chamas?

— Eu? Zitomar — Não te esqueças do meu nome, ouviste?

— Não o esquecerei.

Lisette acordou. Rapidamente recordou todo o sonho: Zitomar, dizia ela, Zitomar, não quero esquecer seu nome!

A pequena Lisette a ninguém revelou o seu sonho. Oh! como desejava crescer, para ver realizado o seu maior desejo: conhecer os mundos que avistava nas alturas! Para ela os dias se arrastavam com uma lentidão monótona, insuportável. A verdade era porém, que o tempo seguia a sua marcha normal, minuto após minuto, dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano...

1929. 15 de Agosto! Lisette completando 18 anos. É uma moça bonita, inteligente, educada, tocando muito bem piano, instruída enfim. Há grande festa em casa; um jantar dançante. E Lisette recebe muitos presentes, flores, prendas diversas, ofertas das suas inúmeras amigas. Reina alegria. Ao terminar a *soirée*, o relógio bate as duas pancadas da madrugada. Recolhem-se todos aos seus lares, levando as mais deliciosas recordações da festa.

Em seus aposentos a gentil aniversariante prepara-se para dormir. Mas as lembranças suaves da noite enchem-lhe o cérebro, e, embora satisfeita, a agitação em que se encontra não a deixa conciliar o sono. Lisette ouve bater as três horas da manhã, em seguida a meia hora das 3,30. O sono não vem. Súbito, uma voz no silêncio da noite, se faz ouvir:

“Lisette, cumpre-se hoje a promessa de Zitomar”.

E a moça divisou uma forma branca aureolada de luz.

E a voz se fez novamente ouvir:

“Vamos Lisette, Zitomar te espera em sua morada”.

Lisette, sem compreender como, seguiu a linda aparição, que passando-lhe um braço em volta da cinta, partiu em vôo seguro pelo espaço em fora. Atravessando o espaço azul, o mensageiro do Além ia explicando à moça aquilo que desde a infância ela desejava saber e ninguém lhe soubera explicar: a pluralidade dos mundos habitados.

— “Nesta amplidão infinita que atravessamos, filha minha, é que se pode bem apreciar a grandeza infinita da Sabedoria de Deus. Estes mundos que avistas de perto pela primeira vez, são outras tantas moradas, as quais o Filho de Deus anunciou aos homens. Nelas habitam os espíritos que têm atingido a evolução correspondente ao seu adiantamento. Tu não podes hoje nelas entrar e só mais tarde, quando esta faculdade de desprendimento, que hoje começo a desenvolver em ti, estiver em sua plenitude, poderás nelas penetrar. Para isso é necessário que o teu moral não se manche no contato das impurezas do mundo em que habitas”.

O mensageiro do espaço continuou o seu vôo, amparando sempre o espírito de Lisette que, emocionado, admirava as maravilhas do Senhor, no espaço infinito. Uma frescura suave, um doce perfume, uma fragrância inexplicável...

cável, enchiam a amplidão imensurável. O vôo do ser espiritual era balouçado como uma folha leve ao sabor da mansa brisa, mas apesar de sutil e brando, rapidamente ganhava as distâncias sem fim do espaço. Lisette sentia-se tão confortada, tão segura naquelas alturas intérminas, como se estivesse recostada em macio divan no seu gabinete de estudo.

O mensageiro prosseguiu:

— “Olha, filha minha, para baixo. Vês aquela esfera solta no espaço, a rodar sobre si mesma, verde prateada em sua cor? É a terra em que habitas”.

Lisette, olhando na direção indicada, teve um estremecimento, ao perceber a distância a que se achava da sua morada e aconchegou-se mais ao seu Guia.

— “Não temas”, disse este. “Como te conduzo ao espaço, te conduzirei ao teu mundo. Voemos ainda. Zitomar te espera”.

Mais um vôo além e eis que alcançam uma verde planície cheirosa como um jardim odorífero. Uma linfa, clara, circunda o solo, fornecendo água límpida e fresca aos habitantes daquele lugar. Lisette e o seu mensageiro pararam o vôo ao pé de uma árvore imensa, de cujos ramos pendiam frutos semelhando ameixas coradas. À sua chegada, um vulto interessante, um caboclinho, em cujo riso aberto e franco ela reconheceu Zitomar, dele se aproximou. Saudando respeitosamente o ser espiritual condutor de Lisette:

— Deus te salve Menel!

A paz de Deus seja contigo, Zitomar. Trago-te Lisette, conforme te prometi.

E Zitomar saudou efusivamente a visitante:

— Deus te guarde Lisette.

Menel falou aos dois:

— Meus amados filhos, eis-vos juntos por alguns momentos, para prova do que pode o espírito fazer dentro das leis de Deus, no desenvolvimento de uma faculdade mediúnica. Crede-me, nada é impossível ao que crê. Acredita Lisette no poder de Deus, desenvolve com gosto a tua mediunidade e verás de perto as maravilhas do Senhor. Zitomar te é profundamente dedicado e tu saberás a sua história, que um dia contarás aos homens. Apressemos a tua visita, que o dia começa a romper no teu mundo. O galo já canta o alvorecer da manhã. Rapidamente, Lisette, Zitomar e Menel, visitaram a morada do pequeno caboclinho, tendo a moça oportunidade de ver muitos outros seres espirituais, que viviam na mais perfeita harmonia, naquele recanto do espaço, sob as instruções de um Espírito Diretor, que os instruía e preparava para serem úteis à harmonia universal.

Menel enlaçando Lisette como o fizera na terra, levantou novo vôo em regresso ao terreno planeta.

E brandamente aproximou-se do corpo estendido sobre o leito, colocou-lhe sobre a teste a destra augusta. O corpo teve um ligeiro estremecimento...

E Lisette despertou.

ZITOMAR

O número dos que ainda hoje se submetem ao domínio execrável do fanatismo ainda não é pequeno, mas nem por esse fato as doutrinas pagãs ganharão vitória. O paganismo tem sido em todas as épocas o escravizador da liberdade das consciências e conseqüentemente das almas.

Quem não tem conhecido as narrativas emocionantes dos crimes praticados pelas seitas pagãs, na antigüidade, contra criaturas indefesas, mulheres especialmente e crianças? Quem não conhece o horror dos sacrifícios pagãos, na adoração de seus ídolos monstruosos? E a prática de seus costumes bárbaros, obrigando ao casamento meninas em tenra idade, verdadeiras vítimas de seus hediondos maridos, os quais nem pela morte as deixavam livres, pois eram queimadas vivas ou enterradas vivas com eles?

Nessa época cruel, quando dominavam esses costumes atrozes, viveu na Pérsia uma linda moça filha de um grande potentado, a qual desposada aos onze anos com um homem de quem tinha horror, pela má catadura, passou uma vida de torturas horríveis, nas garras do seu terrível senhor. Por morte deste, acontecimento súbito que mais veio aumentar a sua tão grande infelicidade, foi ela condenada a ser enterrada viva com o cadáver do tirano, em holocausto à sua memória. Um jovem escravo índio, que amava ardentemente a infeliz menina, deliberou, à custa embora do seu próprio sacrifício, salvar a inditosa viúva, tão barbaramente condenada ao terrível suplício.

E à noite, ludibriando as sentinelas por meio de bebidas narcotizadas, conseguiu raptá-la, conduzindo-a a um lugar ermo, onde habitava um seu amigo de infância, que para livrar-se da sanha de seus inimigos se *transformara* em sacerdote egípcio, vivendo em solidão, completamente separado do convívio dos homens. Ali chegando, confiou-lhe a pobre viúva, desta forma salva do terrível suplício, a que estava condenada. Não lhe era possível, porém, permanecer ali, porquanto somente uma pessoa permitiam os costumes daquela gente fosse entregue à guarda dos sacerdotes; e desde o instante em que fosse descoberta a permanência de mais uma naquele retiro, ambos seriam aprisionados e mortos. O jovem escravo voltando, depois de deixar a moça em segurança, foi agarrado e sacrificado vivo, em substituição ao seu holocausto...

Acompanhemos a trajetória do jovem escravo, espírito desencarnado de forma tão trágica.

Fechadas as paredes tumulares, produzida a asfixia, o pobre cativo com o pensamento fixo na eleita do seu nobre coração, expirou feliz por sabê-la livre do horrendo martírio.

Ei-lo suspenso no espaço azul, além da terra. Braços amigos o rodeiam, despertam-no, amparam-no, felicitam-no. Atordoado ainda, sem compreender o *porquê* do que se passa, ele circunvagando os olhos em torno de si, interroga, na expressão vaga de sua fisionomia assustada. E uma voz doce, assim falou:

— Bem, meu amigo, bem; venceste a etapa, ganhaste a partida. Não te recordas amigo? Quando daqui partiste levaste o compromisso de saldar enorme dívida, o que fielmente cumpriste, sacrificando-te em lugar daquela a quem uma vez sacrificaste. Recordas-te Zitomar? Eras no passado um tirano, cujo único prazer era ver correr o sangue inocente. A tua crueldade tornou-se

em ti um hábito desordenado. Esta, por quem agora te sacrificaste, foi outrora atirada por ti nos braços do gigantesco Moloch, ídolo de latão, de forma humana, e cabeça de touro, cujos braços estendidos para a frente eram destinados a receber as vítimas que deles rolavam para a fornalha ardente, onde pereciam queimadas, enquanto os tambores e as trompas faziam um barulho ensurdecedor, para abafar seus gritos lancinantes.

Zitomar teve um arrepio de horror.

A voz prosseguiu:

— Não temas Zitomar, resgataste o teu hediondo crime. Tua alma está limpa dessa negra mancha. A lei de Deus te permitiu esta reparação e agora vais entrar em uma fase de repouso necessário ao teu espírito que, em seguida, começará a sua ascensão na escala do progresso. Vem comigo.

O espírito do Bem conduziu Zitomar ao lugar destinado ao seu repouso temporário. Era um lugar todo tapizado de verde relva e matizado de flores mimosas, de perfume doce e suave. Pássaros em abundância, árvores frutíferas, água cristalina, ambiente embalsamado de suavidade. Lá se encontrava uma imensidade de seres desencarnados, sob a direção do venerando espírito, que lhes ministrava sábias lições de caridade e amor. O espírito do Bem aproximando-se do Diretor Espiritual, assim falou:

— Deus te salve Lúmen.

— Deus te salve Ménel.

— Aqui te trago mais um remido, necessitado da tua caridade.

— Aproxima-te filho.

Zitomar aproximou-se. E o Diretor Espiritual chamando a si, reuniu todos os seus educandos, religiosamente fez uma prece ao Deus Altíssimo, Criador Incrindo, que facilita e deseja a reabilitação de todos os espíritos, pela lei das vidas múltiplas. Finda a prece, o espírito Lúmen, dirigindo-se a Ménel disse-lhe:

— Louvado seja o Senhor! Façamos-lhe o banho fluídico!

E Ménel tocando uma mola oculta fez cair sobre Zitomar uma chuva miúda de fluídos multicores, que lhe retemperaram as forças e lhe normalizaram as faculdades.

Ménel saudando retirou-se.

Zitomar ficou fazendo parte do grupo dos educandos de Lúmen. Uma nova vida começou para ele. A sua inteligência desabrochava para o conhecimento das coisas eternas, o amor pelo próximo arraigou-se em seu espírito. A religião do Crucificado foi-lhe ensinada em toda a sua grandeza e majestade. O espírito de sacrifício e abnegação do Cordeiro de Deus, seu amor inescedível a todo ser vivente, seu perdão ao arrependido contrito, toda a sublime lição da manjedoura de Belem ao Calvário do Gólgota. Zitomar aprendeu nas lições ministradas pelo Diretor Espiritual. Maravilhava-o a concepção divina do plano do Criador na sublime lei da reencarnação dos espíritos; e ele desejava tornar-se no futuro um espírito luminoso, como aqueles que lhe ministravam a caridade. Quando a sua evolução permitiu, Zitomar foi encarregado de visitar em sonhos os terrenos, incutindo-lhes idéias de arrependimento e salvação. Especialmente em qualquer lar, onde a caridade não erigira ainda o seu templo augusto, Zitomar fazia revelações em sonhos, tentando infiltrar nas criaturas humanas o princípio eterno que assim se traduz: *Fora da caridade não há salvação*. E desejou rever a criatura que sacrificara a

Moloch em tempos remotos, e depois mais tarde salvara com sacrifício da sua própria vida. Zitomar obteve a graça de vê-la na terra, criança ainda, aos dez anos de idade, desejando conhecer a vida interplanetária em seus mistérios, não obstante seus verdes anos. E foi assim que Zitomar visitou Lisette, para mais tarde ter a retribuição da sua visita nas condições que conhecemos...

Voltemos a terra.

Lisette tem vinte e dois anos, é noiva. É para breve o seu casamento. Ela cisma naquela sua viagem ao espaço, justamente no dia festivo dos seus dezoito anos. Uma nostalgia desse país distante a envolve. Nem o carinho de seu noivo naquele dia conseguiu dissipar a melancolia do seu semblante. Pensava em Zitomar, que nunca mais vira em sonhos, recordava a fulgurante beleza do espírito condutor que a levava às parágens do Além...

À hora de recolher-se orou assim:

— “Se não peço, Senhor, concede-me igual ventura outra vez”.

E dormiu. E sonhou. Zitomar lhe apareceu e lhe disse:

— Lizette, eu tenho estado me preparando para te receber no espaço, não por simples visita, mas de vez. Tu virás para nós, porque do Além é que poderás desempenhar a missão que te está reservada. Adeus, voltarei no dia da tua partida. Prepara-te.

Lisette despertou certa de que a sua vida terrena em breve estaria terminada.

Zitomar partiu para a sua morada.

Oito meses depois ei-lo de volta à terra.

Lisette agoniza em seu leito de morte. Pálida, extremamente pálida, olhos cerrados, seus lábios já não se abrem senão para dar passagem a respiração opressa, que é o estertor dos moribundos.

Zitomar se aproxima do seu leito e sussurra qualquer coisa ao seu ouvido. Lisette abre os olhos... Um sorriso feliz lhe ilumina o semblante, enquanto estende os braços para Zitomar...

E partiu com ele.

JOSUÉ

Josué era um menino de 9 para 10 anos, filho de pais pobres, operários de fábrica de papel. Não tinha irmãos. Freqüentava a escola pública, onde aprendia os primeiros rudimentos do nosso idioma. Bom aluno, exemplar condiscípulo, gozava da estima de toda a escola. Era um filho modelo, acatando sempre com amor e obediência as ordens e conselhos de seus pais. Feliz no seio de seus companheiros, que o estimavam deveras pelas suas boas qualidades, era comunicativo, alegre, jovial com todos, entrando em todos os jogos de boa vontade. Robusto, sadio, ninguém se lembrava de o ter visto doente algum dia. E os mais fracos em musculatura invejavam a sua força física, realmente extraordinária para a sua pouca idade. Havia ocasiões, porém, em que, subitamente, sem que alguém descobrisse o motivo Josué caía em profundo si-

lêncio, atento, absorto, como que a escutar alguém, escapando-lhe dos lábios um *obrigado*, dirigido ninguém sabia a quem. E os outros meninos então o chamavam de maluco, que falava só... Josué sorria e nada lhes respondia, voltando então ao seu natural bom humor.

Uma vez projetavam os pequenos subir ao alto de uma árvore, para colher frutos, e Josué associou-se aos amigos. Correram desabaladamente até o fundo da chácara, onde se encontrava a majestosa mangueira. Mas, eis que ao alcançarem o ponto terminal da carreira, Josué *cismou* e declarou aos companheiros:

— Não subo, nem vocês devem trepar.

— Olha o bobo, gritou um; já vens tu com os teus enigmas... sobe-se, sim.

Josué *cismou* novamente e repetiu: — Não subo nem vocês devem trepar.

— Pois não subas tu; eu subo, que não sou cismado como tu.

— Se tu trepares à mangueira, te sucederá algum mal.

— Ora Josué, deixa-te de cismas; tu tens cara de falar com o diabo.

Mudas tanto de um instante para outro... Arreda, sai daí, que eu vou subir e apanhar mangas para nós todos.

E o menino agarrando-se à frondosa árvore começou a subida. Mas eis que, repentinamente, precipitou-se do alto da mangueira ao solo, na queda partindo o braço direito. Um galho da mangueira, a que ele se segurara, estava quebrado e dera origem ao desastre. Desde esse fato todos os meninos obedeciam a Josué em todas as brincadeiras. E se Josué cismava e proibia qualquer travessura, ninguém ousava desobedecer.

Estas *cismas* de Josué chegaram aos ouvidos do professor, que não ligou-lhe importância. Seus pais igualmente não cuidaram merecer valor as *cismas* de Josué. Uma noite o menino acordou aflito e resolutamente correu a bater no quarto onde dormiam seus pais.

— Papai, gritou ele, há fogo nos armazéns da fábrica, é preciso lá ir.

— Tu estás louco menino, acordando-nos a esta hora, vai deitar-te.

— Terá tido um pesadelo, aventurou a mãe, vai dormir meu filho, isto é sonho.

— Não papai, tenho certeza, há fogo na fábrica.

— Josué deixa-nos em paz, olha que te seguro, são duas horas da manhã!

— Papai...

— Não insistas. Cuidas que eu sou idiota, arriscando-me a pilhar um resfriado por aí afora, para nada? Como poderias tu enxergar fogo nesta distância?

— Vai dormir, anda Josué.

Josué retirou-se para o seu quarto, mas não pode sossegar. Novamente *cismou* e rapidamente tomou uma resolução. Abriu a janela, pulou para fora e correu a bom correr até a fábrica de papel dos patrões de seu pai, e, tomando de uma pedra, bateu fortemente na porta da residência do porteiro, ao lado da fábrica. O velho Anselmo acordou pressuroso: — Que queres tu pequeno, aconteceu-te alguma desgraça lá por casa?

— Nada, nada senhor Anselmo. Venho avisá-lo de que há fogo no interior da fábrica; olhe, já se sente o cheiro do papel queimado.

O velho Anselmo, sem perda de tempo, pulou para fora da casa e, sentindo efetivamente o cheiro de queimado, deu o alarme, acudindo os vigias que, com o concurso das bombas e borrachas conseguiram abafar as chamas, depois de grande luta contra o fogo. Josué, vendo o perigo dominado, voltou de carreira para casa e meteu-se na cama, sem ser pressentida a sua fugida pelos pais. A surpresa destes foi

grande, quando souberam de todo o ocorrido. Pondo em confissão o filho, forçaram-no a dizer como previra o incêndio. Josué limitou-se a dizer:

— Papai eu *cisme*i e lhe avisei, o senhor não quis acreditar...

Quando Josué completou 15 anos as suas cismas tinham atingido um grau tal de previsão das coisas e fatos, que ele se tornara, sem o pensar, o objeto da curiosidade geral de todos os conhecidos e amigos de seus pais e companheiros de escola. As suas inspirações em momentos difíceis eram sempre acertadas e os próprios anciãos, pelos anos experimentados, não tinham dúvida em consultá-lo, ouvindo com religiosa atenção as suas considerações e conselhos.

Um cavalheiro residente naquela localidade, desejando fazer uma grande viagem por mar, foi avisado por Josué de não fazer tal e não partiu. Se o houvesse feito, ter-se-ia saído mal, pois o vapor naufragou em pleno oceano. Aos 18 anos de idade Josué podia responder consultas até sobre moléstias; e curou grande número de enfermos, reputados incuráveis pela ciência.

Assim, a sua fama se foi dilatando, até que de outras cidades de longe vinham doentes o consultar. Levantou-se então entre os interessados uma perseguição atroz contra Josué, a quem taxaram de charlatão. A ciência exigia um paradeiro às curas que ele praticava, alegando ser privilégio da medicina o tratamento das moléstias. Até que um dia Josué foi chamado a explicar como praticava tais coisas, ao que ele, na sua simplicidade respondeu:

— Pouco vos posso afirmar, porque eu próprio não entendo estes mistérios, para o qual nunca procurei explicação, à falta de conhecimentos que me pudessem auxiliar. Vós, porém, que tendes do vosso lado a ciência e portanto o saber, é que me podereis elucidar. Digo-vos no entanto a verdade. Vejo com os olhos cerrados aquilo que com eles abertos não posso ver. Quando desejo servir a meu próximo, cerro os olhos e destaco então, perfeitamente, letras, que pouco a pouco formam palavras, até formarem frases completas que respondem ao que desejo saber. Quem coloca estas letras, que formam sentenças criteriosas, ante meus olhos fechados, ignoro. Dizei-me vós, por favor.

— Mentis. Isto não pode ser como dizes.

— Senhores, *nunca na minha vida pronunciei uma mentira*, disse Josué, com tal acento de verdade, que os seus acusadores estremeceram.

— Por hoje estamos satisfeitos, mas avisamos-te de que, em benefício próprio, não pratiques mais destas coisas.

Josué curvou-se respeitosamente ante os mestres da ciência e nada respondeu.

Desde que Josué retirou-se os três esculápios discutiram entre si:

— Este rapaz não demonstra ser louco, mas certamente o é. Deve ser posto em observação no pavilhão próprio.

— Penso que não, disse outro, afinal de contas, ele não faz mal a ninguém.

— Enquanto não lhe der a mania para isso.

— Senhores, disse o terceiro, o ponto principal estás a descurar, e vem a ser: que causa inteligente põe as tais letras em frente do rapaz, quando ele espera a resposta que deseja... E porque razão são acertadas e dão sempre resultado as opiniões que externam... Isto, colegas, é mais sério do que supondes e depende de apurado estudo. Sou de opinião que acompanhemos de perto este rapaz, a ver se descobrimos o mistério. Não procuremos fazer-lhe mal, nem lhe proibamos o exercício da sua faculdade benfeitora. Estudemos, consultando-o.

Ainda que mal satisfeitos, foi combinado entre eles o plano que o último apontara. E Josué continuou a sua vida de fazer bem a quem o procurava. Sucedeu que um dia o cientista que opinara pela reclusão de Josué ao Hospício Nacional, recebeu dele o seguinte aviso, em um bilhete escrito a lápis:

— “Senhor, perdoai-me se vos dou o incômodo de lerdes estas linhas. Cumpro, porém, um dever avisando-vos de que não deveis injetar no vosso doente F. a injeção que pretendeis. Ela terá efeito contrário ao que esperais. O doente em questão não é um louco e sim um obsedado. Tal injeção não lhe fará bem; ao contrário, exarcebará mais o seu estado de agitação. O seu tratamento não é material, pois não há mal físico a debelar.

Vosso humilde servo Josué”.

O esculápio enfureceu-se e, se não fora a intervenção de um colega teria mandado enclausurar o pobre moço. Mais calmo, resolveu não prestar atenção aos dizeres do bilhete e aplicou a injeção no doente.

O resultado não se fez esperar. O infeliz redobrou de fúria, e se não acudissem seis homens fortes, que o puseram em camisa de força, ter-se-ia atirado da janela do sobrado ao solo. A verdade da afirmação de Josué tornou-se evidente, tanto mais que o louco bradava em gritos que o deixassem, que cobrava uma dívida, que ninguém o impediria de cobrá-la, olho por olho, dente por dente. Esta situação horrível permaneceu longo tempo sem solução até que um dia Josué, em novo bilhete, humildemente escrito, solicitou licença para visitar o pobre doente. Após acalorada discussão, venceu o parecer do mais sensato e Josué teve permissão para visitar aquele, a quem chamava de obsedado, com a condição de o fazer em presença dos três cientistas que o haviam interrogado.

Pela manhã seguiram os três para o Hospital, em cuja portaria aguardaram a chegada de Josué, que não se fez demorar.

— Caminhemos, senhores, sem perda de tempo, é necessário livrar esse pobre homem das garras do seu terrível inimigo.

Os três médicos entreolharam-se em silêncio. Caminharam todos para o local, onde o infeliz louco vociferava em fúria tremenda. À chegada dos três médicos invectivou-os em frases desconexas, mas hediondas, atirando-lhe à face cusparadas, que não os atingiam porque a grade de ferro os separava, e eles tinham cuidado de se manter à distância. Subitamente, o louco enfurecido estacou. Seu olhar desvairado tomou expressão diferente e fixou-se em Josué, que se aproximara da porta de grades. Josué silencioso olhava-o com doçura, fazendo no ar passes com ambas as mãos. Dois minutos decorreram.

— Posso entrar, meu amigo? interrogou Josué.

O homem cravou em Josué um olhar de súplica e respondeu em soluços:
— Não me abandones.

As três testemunhas desta cena emocionante estavam pasmas! Josué penetrou no cárcere do recluso, dele se aproximando, tirou-lhe a camisa cruel, abraçou-o com ternura e fez-lhe uma série de passes sobre todo o corpo, ordenando em seguida que lhe dessem um caldo, que o pobre homem engoliu com avidez, sendo em seguida transportado para um quarto arejado e limpo, onde em cama confortável caiu em profundo sono. Josué se manteve a seu lado e, de olhos cerrados, recebia as instruções para o completo restabelecimento do enfermo.

À noite desse dia, reunidos os três médicos e mais Josué, longamente conferenciaram sobre a ciência dos espíritos, tão descurada pela ciência material, que tem olhos mas não quer ver a grandeza das forças eternas que regem o Universo. E aprenderam que, assim como o sol atravessa as brumas que envolvem a terra, assim o sol do Espiritismo esclarece os mistérios que o homem sem fé não pode resolver.

GRACE

Esta história começa em 1914, quando a Europa era dolorosamente sacudida em seus alicerces pelo choque formidável da tremenda pugna, que tantas vidas ceifou, banhando de sangue e de lágrimas as suas opulentas nações.

Estamos em uma aprazível vivenda, deliciosamente metida entre folhagens verdes, rescendentes de úmido aroma.

Uma família composta de pais e dois filhos, um rapaz e uma jovem loura como uma espiga de trigo maduro, tomam chá, enquanto conversam sobre os acontecimentos que decorrem.

— É assim meu irmão querido; todo o meu ser é voltado para o Além, para esse Poder Soberano, único capaz de salvar o mundo dessa medonha precipitação em que se encontra, para o abismo da descrença... A guerra atual prova a falência completa das religiões. Esse espetáculo pungente de ruína e morte, é a conseqüência da falta de fé na humanidade; é o orgulho humano procurando implantar o seu domínio brutal, pisando aos pés as leis imutáveis do Criador. Pensa em Deus, meu irmão: Não consintas que o ódio pelo inimigo consiga manchar a tua alma forte, talhada para o bem.

— Mas, Grace, eu tenho de partir, eu sou soldado, o dever me chama, a honra me obriga...

— Sim, meu irmão! Nunca esqueças, porém, de voltar as vistas para esse Além luminoso, a pedir paz para a terra, sem distinção de povos, raças, ou crenças. Não permitas que os sentimentos generosos do teu espírito sejam jamais sufocados pelo fumo das paixões; e tem sempre diante de ti o lema sagrado: **"Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo"**. Bem conheces o ideal que a minha alma abraça com fervor. Sou es-

pírita e, como tal, sei que o nosso corpo é a prisão temporária do espírito. Não te admires, pois, de te incitar sempre a erguer os olhos para o Alto. É de lá que baixam as grandes inspirações, que vêm aumentar o nosso cabedal de riquezas espirituais. Nunca vejas em homem algum um inimigo: somos todos irmãos, filhos do mesmo Deus e Pai. E apesar de tudo e em qualquer circunstância da vida, faze sempre o Bem.

— Grace querida, muito me pedes... Conheço o alcance da tua fé e creio igualmente nessa vida infinita, de que sempre me falas. Mas, sou homem e sou soldado! Tenho um dever a cumprir. Ora tu por mim e pede a Deus que a tua inspiração me guie, sempre que um obstáculo ao cumprimento do preceito que me apontas surja diante de mim. Sê tu o meu Anjo Salvador.

— James meu irmão, meu pensamento te acompanhará sempre. Parte... Vai... Não prolonguemos mais a nossa conversação. Penso já ter dito bastante.

Os dois irmãos beijaram-se afetuosamente e em seguida, depois de pedir a benção de seus velhos pais e abraçá-los com ternura. James partiu.

É precisamente nas horas angustiosas da vida que se faz sentir a eficácia da verdadeira fé. Grace, vendo partir o irmão estremecido, volveu os olhos para os amargurados pais, que, resignados, viram partir o amado filho com os olhos marejados de lágrimas e o coração oprimido pela dor.

— Mamãe, papai, disse ela, antes de vos entregardes aos padecimentos de uma dor sem limites, aproximai-vos da cruz de Jesus e, diante dela, a vossa vos será mais leve. Entregai James a Deus, como eu já o fiz; e tende confiança Nele!

Então aquelas três criaturas, prostrando-se aos pés do Altíssimo, oraram pela paz do Universo, envolvendo na prece o filho amado.

.....

A guerra continua terrível como um furacão indômito. As atrocidades agravam os ódios, tornando-os cada vez mais intensos.

James tinha o pensamento em Grace e recordava as suas palavras antes da partida: "*Nunca vejas em homem algum um inimigo: somos todos irmãos, filhos do mesmo Deus e Pai*" E orava com o pensamento nela, antes de cada combate.

Quando lhe tocava a vez de repousar um pouco, encomendava-se a Deus e pedia a Paz!

Uma noite, 2 de Novembro, finados. Silêncio profundo. James medita. Pensa nos efeitos terríveis da guerra, nos órfãos, nas viúvas enlutadas... E tudo isso de mistura com o seu dever de soldado, a quem o temor da morte não perturba. Não, ele continuará a se bater com denodo, em defesa da sua Pátria, e se a guerra se prolongar, ele combaterá até que ela termine, porque certamente a vitória estará do seu lado... O inimigo pagará cedo a sua covardia. Quando terminar este drama sangrento que extermina vidas e enluta a terra, então se consagrará a Deus, ao próximo; por enquanto, não! A Pátria estremecida reclama o seu valor, a sua tenacidade, o seu sangue, até, se tanto for mister!

James no entusiasmo do seu monólogo íntimo, parecia delirar...

A lua no firmamento ia fazendo o seu caminhar poético, vagaroso... E à branca luz do luar, alguém se avizinha... Esse alguém encaminha-se para James. Seus braços estendem-se para ele, seu olhar é doce e melancólico...

O moço fixa atentamente a aparição, buscando tocá-la, mas ela estende o braço, mantendo-o à distância. E então um grito se escapa do peito ansioso de James:

— Grace! Deus do céu! Morreste, minha irmã?! De outra forma, como poderias tu ter vindo até mim? Grace, Grace! gritava o moço em lágrimas.

A linda aparição meneou a cabeça em sinal negativo.

— Estás viva, então? Vens lembrar-me o meu compromisso contigo?

— Sim, balbuciou Grace, *todos os homens são irmãos, filhos do mesmo Pai que é Deus*. E desapareceu como viera, lentamente, lentamente...

Os velhos pais de James ainda não tiveram notícias suas. Resignados suportam a saudade, confiando em Deus esperando sempre.

Pela manhã, Grace, como de costume, vem abraçá-los, pedir-lhes a benção, com o carinho habitual.

— James está bem, disse ela, estive com ele esta noite.

Como filha, que dizes?

— Sim, Deus permitiu-me conhecer mais um degrau da vida física. Minha alma, destacando-se do seu invólucro corpóreo, foi ao encontro do nosso querido, à trincheira. Vi-o e ele me viu... Deus seja louvado!

— Deus seja louvado, repetiram os dois velhos a um tempo. E num abraço, as frentes encanecidas encostadas uma

a outra, os velhos pais de James renderam graças ao Criador pela sua misericórdia para com os pobres filhos da terra.

.....

A guerra continua a sua carnificina.

James, na linha de frente se engrandece, no ponto de vista humana. É um bravo! Mas dentro do seu íntimo soa constantemente a prece em favor dos que caem no campo de batalha, amigos ou adversários. No mais aceso da luta é ferido e cai encomendando a Deus a sua alma...

Noite alta. Acompanhamento da Cruz Vermelha. Enfermeiras vela a cuidar dos feridos, talvez moribundos. James parece dormir. Tem os olhos cerrados, a cabeça envolta em gaze. Uma enfermeira aproxima-se do seu leito. Toma a temperatura e pinga-lhe entre os lábios algumas gotas de uma poção receitada pelo médico. Uma outra aproxima-se igualmente do leito de James e interroga a companheira:

— Febre alta?

— Sim, acima de 40°.

— É forte; talvez possa resistir.

— Duvido muito. O ferimento é de natureza grave. Pobre moço, tão belo, tão jovem, tão bravo!

— Cada vez mais odeio a guerra...

— Quem vem ali? interrogou a primeira.

— Onde?

— Ali, olha, esquisita coisa, parece vir de cima...

De fato alguém se aproximava. As duas moças esperaram, um tanto assustadas.

O vulto deslizou por entre os leitos e, chegando perto de James, fez com ambas as mãos uns *sinais* no ar, deixando cair o que fosse sobre a cabeça do rapaz. As duas enfermeiras, sem palavras nos lábios, sentiram-se dominadas por uma força desconhecida. Os lábios do moço deixaram escapar um suspiro e uma frase proferiram mansamente:

— Grace, Deus te pague!

O vulto, jogando um beijo às duas moças enfermeiras, desapareceu como viera.

Dia imediato. James amanhece sem febre o que causou admiração ao cirurgião assistente. As duas moças silenciaram sobre o acontecimento da véspera. O organismo robusto do rapaz em breve reagiu, tornando-se rápida a convalescença. No entanto, era indispensável o seu regresso à Pátria e à família. E voltou.

.....

Em casa de James. Todos o cercam, o beijam, o abraçam com carinho, extremoso.

— Graças a Deus não voltarei aos campos de luta. Quanto sangue, quanto horror! Oh! Quando a paz de Deus porá um termo a esses monstruosos conflitos, suprimindo as causas que lhes dão origem?

— Quando, meu irmão, os nossos espíritos evoluídos compreenderem o que há de mais belo em todo o Universo: *A CARIDADE! A HUMILDADE!*

EWALDO

Espaço infinito...

Povoados de seres espirituais, porque Deus nada fez inútil, vazio...

Foi Ele também quem povoou os mares de habitantes próprios, foi Ele quem encheu as florestas da rica fauna e da flora opulenta, que nelas existem. Foi ele também o Criador Onipotente, Onisciente, quem criou, anima e sustenta esse espaço ilimitado, que da terra se vê azul. Lá vivem as almas dos que amamos e daqui partiram, deixando-nos imersos em profunda saudade. De lá vieram elas, bem como nós também viemos... E para lá voltaremos nós, como esses entes queridos

também voltaram. Quando daqui partirmos, número muito maior de criaturas queridas iremos encontrar Além: aqueles que compartilharam conosco de outras existências terrenas, que foram, em épocas que não recordamos, membros das nossas inumeráveis famílias, amigos amados...

Espaço infinito...

Entidades espirituais, cuja elevação se evidencia na brancura das vestes e na aureola luminosa que os envolve, encontram-se em redor de outras entidades, ainda não brilhantes, que atentamente os escutam, fronte baixas, atitude pensativa!

Desferindo vibrações, que simulam palavras, os seres luminosos, de deslumbrante alvura, dirigindo-se àqueles, que com humildade os escutam, assim expressam seus pensamentos:

— Queremos fazer por vós, irmãos amados, aquilo que por nós já fizeram os nossos Guias no passado. Ides entrar novamente na matéria e continuar vossa carreira. Arrastais conosco um passado cheio de culpas, que necessitais redimir. Para isso a vontade é elemento primordial. Ao serviço do espírito, ela pode energeticamente dominar a matéria e realizar as resoluções, que o arrependimento dita ao espírito consciente. Ides sofrer, vós o sabeis. Mas, quantos rios de lágrimas já fizestes correr na terra?

Tu, quantas criaturas humanas induziste ao suicídio, pelo desespero que causaste em suas almas?

Tu, quantos lares desfizeste, para satisfazer a tua concupiscência?

Tu, quantas virgens sacrificaste à tua libertinagem, abandonando-as à mais cruel desdita?

Tu, quantas consciências corrompeste com o poder do teu ouro, enquanto te era indiferente a nudez e a fome do desgraçado?

Tu, que fizeste do direito do órfão e das viúvas, que espoliaste?

Tu, nem poderás contar o número de vítimas inocentes, cujo sangue fizeste derramar, enlutando corações, que desferiam gemidos, apelando à tua clemência... em vão?

Vós, quantas vezes fostes traidores, déspotas, assassinos, perjúros, roubadores da honra alheia, devassos, desafiando com o horror dos vossos crimes a Justiça Divina?"

Os seres inferiores ouviam, mergulhados em profundo recolhimento, a resenha dos seus grandes pecados. As vibrações prosseguiram:

"O Todo Poderoso, meus amados irmãos, é vosso Pai e vosso Deus. Alentai-vos e não desanimeis. A toda alma, ainda a mais vil e pecadora, um futuro nobre elevado espera. Nós pleiteamos e vós igualmente o deveis fazer, a vossa reabilitação. A palavra do Mestre é — *"Há mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por cem justos que não necessitam de arrependimento"*. O vosso futuro está nas vossas mãos. Ides voltar para a terra, tomando um outro corpo de carne. Estais hoje perante nós, reunidos como irmãos, esquecendo injúrias, crimes, vinganças, outrora existentes entre vós. Perdoai-vos reciprocamente, para que pereça neste perdão o ódio que vos animava uns contra os outros. Dolorosamente ide preparando a vossa ascensão na escala espiritual. Não ingressareis todos na mesma família, mas a contingência da vida material e a tarefa que ides desempenhar, possivelmente vos encaminharão para perto uns dos outros. Que esse encontro seja favorecido pelo propósito firme de jamais vos desviardes dos compromissos que hoje assumis perante Deus, não permitindo que acordem os sentimentos inferiores do passado, que vos desviem da rota que traçamos nesta hora em que ides voltar ao presídio carnal. Uma expiação coletiva será o final da vossa próxima encarnação. Recebi a nossa benção em nome de Deus e, todas as vezes que a

tentação do mal vos assaltar, elevai a Deus vosso pensamento e correremos a vos sustentar na luta, para que possais vencer”.

Flúidos benéficos foram fartamente distribuídos sobre aqueles espíritos destinados à reencarnação e, em seguida, amparados pelos seus Guias, cada um esperou a sua vez de voltar à terra.

.....

O espaço infinito não tem limites. Nele o tempo igualmente é ilimitado. Rapidamente passa e eternamente continua, como um eterno dia... Volvamos à terra, onde se inicia o ano de 1875.

Aqueles que, aconselhados pelos seus Guias, tomaram rumo a novas encarnações, um após outro voltaram ao planeta e aqui se encontram, na luta pelo progresso, tornando-se cada um o arquiteto do seu destino...

Alguns, mais fracos, caindo, para logo se erguerem.

Outros, sentindo como que uma intuição secreta livrá-los das tentações, evitando o mal...

Muitos deles, encontrando dificuldades de toda a sorte no caminho da vida, vivendo torturados pela dor, pelas dúvidas, pelas ingratidões, sem poder de pronto levantar o fardo pesado das provações, que os sufocam... O encarcerado na carne não pode conhecer *in totum* a história da sua alma...

Havia, no entanto, um do número daqueles que escutaram as palavras do instrutor espiritual no Além, que guardou nos recessos da sua alma uma impressão indefinível, como uma recordação vaga de um compromisso solene tomado pela sua consciência, compromisso ao qual absolutamente não poderia faltar, como se dele dependesse toda a sua felicidade. E um receio secreto de ofender, ainda que de leve, a esse alguém, que não conhecia, impunha-lhe o dever de conduzir-se sempre bem, em qualquer situação da vida...

Era ele um moço de 25 anos, Ewaldo. Filho de importante família, seu pai era um magistrado íntegro, sua mãe, virtuosa e culta senhora de melhor sociedade do seu país.

Ewaldo era melancólico. Não lhe faltando candidatas, nem recursos e posição para contrair um bom casamento, até então nunca a moça alguma se afeiçoara, permanecendo solteiro.

— Uma esposa, dizia ele um dia à sua mãe, ocupa um lugar sagrado no coração do homem. Eu ainda não encontrei aquela que ocupará esse lugar no meu e tenho o pressentimento de que só a encontrarei no último dia da minha vida...

— Afasta de ti tal pensamento, meu filho; tu és mocidade, estás na idade dos sonhos e das ilusões; não assentam bem em um jovem essas idéias lúgubres.

— Mas eu, minha mãe, penso assim; porque hei de ocultar de ti o meu modo de sentir? Tenho pressentimentos íntimos, que a ninguém revelo; mas, a ti?... Para que escondê-los? Ouve: todos nós temos uma consciência, que aprova ou condena cada um dos nossos atos, não é assim? Pois bem, a minha consciência fala dentro de mim, como uma voz superior, extraterrena... Ela não se limita a aprovar ou condenar as minhas ações. Faz mais: avisa-me em tem-

po oportuno. Ainda ontem, em passeio com diversos amigos, pretendemos entrar em um lugar onde se bebe, se joga, e se desfruta prazeres outros. Todos entraram, mas eu, logo escutei voz interior a avisar-me: "*Não entres*". E não entrei. Porque não aceitei eu a mão de Carlina, a linda herdeira do milionário que tão bem conheces? Não tem ela desejo de casar-se comigo? Não é prendada e boa? É verdade que não a amo, mas eu não amo a nenhuma... Esse alguém me aconselhou: "*Não cases, não é esta a tua noiva*". O resto tu sabes. Não aceitei a proposta do milionário, o que determinou um certo estremecimento de relações, como vês.

— Interessante, meu filho, o que me contas. E, dize-me, foi esta voz que afirmou que hás de encontrar tua esposa no teu último dia de vida.

— Sim, minha mãe, mas não te aflijas; a voz interior assegurou-me que, tu e meu pai, ambos morrereis igualmente comigo...

A mãe de Ewaldo ficou um tanto pensativa e depois de alguns segundos tornou:

— Olha, meu filho. Não te faças supersticioso... Afasta de ti esses pensamentos de morte. Por mais que estejamos preparados para essa viagem eterna, é sempre com um certo temor que pensamos nessa hora fatal. Vivamos! Tu és moço, rico, belo e forte; e eu, a mais feliz das mães, por possuir um filho assim.

— Minha mãe, a morte não me faz pensar na tumba. Ela representa para mim o solene instante em que penetrarei num mundo, que pressinto belo, fecundo, imorredouro! Eu tenho a convicção íntima de que resido temporariamente neste corpo de carne; e o meu ser espiritual aspira um bem, que a terra não me pode dar. Eu suspiro pela felicidade. Além, muito além... e sofro a nostalgia desse país distante.

— Ewaldo, mudemos de assunto, aí vem teu pai e eu não quero impressioná-lo mal com estas tuas idéias impróprias de cérebro juvenil.

O pai de Ewaldo entrou e atirando-se sobre um confortável divan, falou:

— Oh! Estou fatigado, minha mulher, cansadíssimo! Não imaginas o calor estafante que está lá fora! Uma verdadeira canícula! Transpira-se por todos os poros.

— Não falaste tu em entrar no gozo de uma licença? Desististe da idéia?

— Não, bem ao contrário. Consegui sem grande dificuldade, pois como sabes, nunca tive folgas. Vamos ter três meses de descanso. Prepara-te e o filho também; não é verdade que nos acompanhas, Ewaldo?

Ewaldo, imerso em cogitações profundas, seguia com o olhar vago o fio das suas idéias. Escutando seu nome, pronunciado por seu pai teve um estremecimento ligeiro e pergunto:

— Que me queres, pai?

— Convido-te a acompanhar-nos ao descanso que projeto, fora desta cidade, meu filho, três meses apenas.

— No campo? interrogou o moço.

— Propriamente ainda não pensei aonde; mas preciso respirar ar mais puro.

— Porque não realizas uma viagem por mar, pai? Não me disseste que em tua mocidade faziam-te bem os ares marinhos? Talvez que agora...

— Bem lembrado, meu filho, bem lembrado. Iremos ao Velho Mundo!

— E não estás querendo fugir ao bulício das grandes capitais? Interrogou a esposa. Que vais tu fazer à Europa?

— Vamos até Lisboa, minha querida, e de lá iremos repousar em qualquer aldeia saudável do velho Portugal. Na ida e na volta saturaremos os nossos organismos dos salubérrimos ares oceânicos e, durante a nossa permanência na aldeia, gozaremos um pouco da suave quietude dos campos, do seu ar puro, ricamente oxigenado, o que certamente revigorará as nossas forças.

Ficou assentado. Partiriam daí a 8 dias.

.....

A bordo. O formidável transatlântico rumo a Lisboa. Já navega dois dias. Entra a manhã do terceiro dia de viagem.

Ewaldo e seus pais não enjoam. Passam admiravelmente bem.

São muitos os passageiros. Na tarde desse dia, um casal de americanos, buscava acomodar, em uma cadeira de viagem, uma linda moça, que parecia adoentada.

— Aqui, minha filha, o vento não está forte e a brisa do mar te fará bem, disse o pai.

A linda jovem recostou-se na cadeira de braços e logo seu rosto demonstrou o bem que lhe produzia a frescura da tarde. Mas ao abrir uma pequena echarpe de seda, para colocar em volta do pescoço, esta lhe escapou das mãos e cairia no mar, se Ewaldo, que no momento se aproximava, não lha houvesse apanhado no vôo. E gentilmente o mancebo a foi entregar à sua dona. Os olhos de ambos se encontraram e, mais rápido do que um instante, Ewaldo compreendeu que havia encontrado a sua prometida esposa. Saudando com natural elegância, o mancebo afastou-se, indo debruçar-se sobre a amurada do navio.

Sua mãe, que tudo presenciava, dele se aproximou.

Ewaldo tinha o olhar fixo no azul do céu, como se alguma coisa descortinasse além das nuvens que perpassavam serenas e brancas.

Sua mãe pousou-lhe a mão no ombro. Ewaldo não se moveu. Parecia transfigurado.

— Ewaldo, meu filho?

O moço baixou o olhar sobre a mãe e passando-lhe o braço em volta do pescoço, aconchegando-a a si, apontando o espaço etéreo, falou com voz estranha, indefinível:

Ali, minha mãe, ali... Vejo abrir-se uma fresta de luz no azul celeste. É o nosso último dia de vida na terra que me anuncia; não te disse eu que encontraria a minha eleita *no meu último dia de vida*? E não compreendeste que a encontrei? Ali, ali está a fresta luminosa a despertar em mim um mundo de recordações...

— Ewaldo, Ewaldo enlouquesceste, meu filho? Meu Deus...

Não pode concluir a frase. Um estampido formidável e em menos de cinco minutos o navio foi a pique para o fundo secreto do mar. Ninguém esca-

pou. O navio sumiu-se nas profundezas oceânicas. ERA A EXPIAÇÃO COLETIVA.

Espaço infinito... Povoado de seres espirituais, porque Deus nada fez, inútil, vazio.

Ewaldo e seus companheiros, do passado, cercados daqueles seres de vestes brancas, aureoladas de luz, que os despertam carinhosamente...

.....

E é assim a vida. A luta continua da alma pela conquista dos seus altos destinos, no ciclo imenso das vidas sucessivas, até a completa REDENÇÃO!

GERVASIO

Em um vasto salão de faustosa habitação do Sr. Conde de X, à noite, um grupo de três amigos e mais a esposa do Sr. Conde, mantém animada palestra sobre espiritualismo. Ouçamo-los.

— Penso assim Sr. Conde, fala o Barão X: a hereditariedade tem proeminente papel sob o ponto de vista físico, como também psíquico. Não há como negar a transmissão de temperamento, de defeitos e de virtudes dos antepassados, quando não dos próprios pais, aos seus descendentes diretos. São analogias indiscutíveis; e isso dá origem ao brocardo: *tal pai, tal filho*.

— Não creio Sr. Barão, que esta seja a regra, porque tais analogias representam uma mínima parte e são apenas exceções. Cada criatura ao nascer traz consigo a bagagem da sua evolução. Conheço casos em que nenhum precedente atávico justifica a sensível diferença entre indivíduos da mesma família. Tais indivíduos são portadores de disposições completamente contrárias às que se encontram em seus progenitores e demais membros da sua família. Se quer ouvir-me, bem como os demais amigos presentes, contarei um caso típico, que concorreu para firmar no meu ânimo a teoria que venho de expor.

— Vamos a ele, Sr. Conde; as demonstrações práticas são de grande valor no estudo que vimos fazendo.

— Bem. Enquanto faço a narrativa, manda que nos sirvam gelados e biscoitos, minha cara Emma, disse o Conde à condessa, que imediatamente transmitiu ordens ao criado que atendeu a seu chamado.

O Conde começou assim a experiência, que se propôs a contar;

— Eu e minha mulher conhecemos, desde longos anos, uma família composta de pai, mãe e dois filhos, atualmente rapazes de vinte e poucos anos. Gente honesta e digna, laboriosa, possui o suficiente para viver bem. O marido é um reformado do exército, com serviço de campanha, a esposa, descendente de família abastada, trouxe para o casal alguma coisa de seu. O filho mais velho, rapaz inteligente, empregou-se no comércio, constando-nos presentemente que vai casar-se bem. Tem do pai os mesmos hábitos disciplinados, a probidade e honradez de caráter, o método de vida regorosa-

mente reta: um belo rapaz. Fisicamente os dois irmãos são de uma semelhança flagrante. Moralmente considerados, revelam uma desigualdade assombrosa! Júlio, o mais velho, tem ainda para ornamento do seu belo caráter a qualidade de ser um filho modelo, amorosíssimo para com a família, dedicado e desvelado em extremo para com todos. Gervásio nada aproveitou da educação e exemplos que desde a infância vem recebendo dos seus progenitores. É um dissipador, um perdulário, a quem não interessa o amor da família, nem coisa alguma que afete aos seus. Detesta o trabalho, ama o vício. Dias e noites consecutivos não aparece em casa, proporcionando aos pais motivo de inquietações e sustos. Embriaga-se; e nesse estado o seu temperamento indisciplinado revela-se de uma maneira brutal. Perde o respeito a si próprio e nada o contém. Desde criança revelou-se mau. Maltratava os animais domésticos, jogando-lhes água fervente, espancando-os barbaramente. Em uma palavra, esse moço, que tem tido desde a meninice sob as vistas exemplos os mais edificantes de bondade, honradez e altruísmo, tem demonstrado até o presente ser, na completa acepção da palavra, um mau! É para notar ainda, e isso é sobejamente sabido, não há, quer do lado do pai, quer na família materna, um só ascendente de onde se pudesse originar a hereditariedade de tal conduta. É um ser perverso, completo em vícios, nascido no seio de gente honesta, criteriosa e digna. Ao meu ver, esse conjunto de maldades tem origem no passado da alma que habita no corpo de Gervasio, espírito ainda hoje refratário à moral e aos bons costumes. Acresce ainda, para maior desespero dos pais, que esse rapaz não teme a Deus, porque não acredita em sua existência; de forma que não tem a religião, como outros indivíduos da sua espécie têm, como um freio às suas maldades.

— O que é feito desse moço? Perguntou um dos presentes, o Conselheiro X.

— Anda aí. Poucas vezes o vemos, porque a nossa companhia não lhe é agradável. Somos amigos dos pais e isso é razão bastante para que nos evite.

O Marquês X, que até então estivera calado, tomando a palavra disse:

— Meus amigos, vós não ignorais que professo a fé espírita e portanto aceito a doutrina que assegura a reabilitação dos seres que os homens denominam réprobos, perversos. Não creio em perdidos eternamente. Teria imensa satisfação em conhecer pessoalmente esse moço transviado do bem. Como vós, Sr. Conde creio que esse espírito refratário à moral e aos bons costumes, vem de um passado remoto com esses pendores, que ainda não conseguiu extinguir. Os pais não são transmissores dos seus erros, como igualmente não o são das virtudes que adornam o caráter do filho mais velho.

A conversação iria se prolongando ainda mais, se o Barão não chamasse a atenção dos seus companheiros para as nuvens negras, que se acumulavam no espaço, promissoras de temporal. Resolveram retirar-se, despedindo-se apressadamente. A advertência do Barão, porém, já foi tardia. Antes que chegassem ao portão de saída, irrompeu o vendaval com impetuosidade tamanha, que tornou impossível a retirada. Chuva fortíssima desabou, acompanhada de trovões e relâmpagos aterradores. A Condessa terminantemente opôs-se à saída dos visitantes, que reconheceram ser mais que imprudência a desobediência ao seu conselho. A noite se adiantava e a tempestade se mantinha inalterável. O Conde e a Condessa procuravam entreter seus visitantes, para que de forma alguma supusessem causar-lhes incômodo.

— Quem poderia dormir em uma noite destas, meus senhores? Falou a Condessa. Ainda somos felizes que estamos em boa companhia, para passarmos estas horas de susto, porque afinal um temporal desta força nos expõe a perigos de vida.

— Sossegue, Condessa, Deus vela na tempestade como na bonança, disse o Marquês.

Súbito as luzes apagaram-se. O palacete ficou às escuras. Um criado veio saber o que determinava a Condessa.

— Traga castiçais com velas e fósforos e podem vocês todos se recolherem; estamos acompanhados.

O serviçal voltou em poucos instantes trazendo quatro castiçais com velas.

— Não é preciso acender, disse o Conde, não gosto de luz de velas, é fúnebre.

— Estamos bem assim, Sr. Conde, disse o Marquês.

Fez-se silêncio. Ao clarão dos relâmpagos perceberam os três homens que a Condessa, reclinando a cabeça no ombro do esposo, parecia adormecer. Ninguém mais falou. Decorreu algum tempo. A chuva melhorara, mas o vento assobiava e rodopiava com violência. Os trovões diminuía, ouvindo-se já distante o seu estrondo. O grande relógio do palacete bateu três horas da madrugada. Os três visitantes e o dono da casa madornavam um pouco. Eis porém, que o Barão, o menos sonolento, abrindo os olhos percebeu o pequeno clarão de uma luz, parecendo uma lanterna, movendo-se no gabinete contíguo. Prestou atenção e sentiu um movimento de passos abafados ali. Levemente tocou no braço do Marquês e ao ouvido, baixinho, chamou a sua atenção. Os dois permaneceram silenciosos e atentos. Não havia dúvida, alguém andava no salão ao lado. De repente um pequeno estalo se fez ouvir. Os dois homens compreenderam: havia um ladrão ali perto e o estalo, sem dúvida, seria a fechadura do cofre assaltado. Consultando-se reciprocamente os dois homens determinaram despertar o Conselheiro e, descalçando-se, para não fazer rumor, encaminharam-se sutilmente, cosendo-se à parede, para o compartimento de onde partira o rumor. Lá estava o cofre inteiramente aberto e um homem com ambas as mãos a remexer lá dentro. No chão, papéis, maços de dinheiro, pequenas caixas, sobre uma cadeira a lanterna. Os três homens, mais rápido do que é possível narrar, precipitaram-se sobre o homem, que, tomado de surpresa, procurou defender-se, tentativa sem resultado, porquanto seis braços robustos o impossibilitaram de mover-se. Com o rumor produzido pela luta, acordou o Conde, acompanhado da Condessa, que gritou pelos criados, os quais acendendo as velas alumiarão o compartimento, onde se desenrolava a imprevista cena.

— Desarmai-o, gritou o Conselheiro, revistai-o.

Os criados, revistando o homem, apreenderam um revólver, uma faca-punhal e os instrumentos de que se servira para arrombar o cofre.

Vendo-se desarmado, o homem rugia, subjugado pelos criados do Conde, que lhe amarraram solidamente os braços para trás das costas, enquanto outros imobilizaram-lhe os membros inferiores, com que atirava pontapés furiosamente para todos os lados, em desespero. Manietado, deixou-se ficar estendido de costas no soalho rangendo os dentes.

Qual não foi o espanto dos presentes, quando a Condessa procurando ver de perto o meliante, bradou angustiada:

— Meu Deus, é Gervásio! Pobre, infeliz mãe! Que desgraça!

E foi acometida de uma crise de lágrimas e soluços, sendo necessário afastá-la dali.

Gervásio com os olhos desmedidamente abertos, as feições contraídas, vociferou uma praga.

Então o Marquês, aproximando-se dele, pediu aos demais presentes que se conservassem em silêncio e aos criados que se retirassem.

— Gervásio... falou o Marquês.

O olhar do moço fixou-se no Marquês.

— Conheço a tua história, proseguiu este. Porque tens tu sempre procurado os caminhos tortuosos da vida, em vez de caminhares pela linha reta que conduz a Deus? Até quando pretendes viver assim? Gervásio, escuta-me: *Eu quero salvar-te!* Compreendes-me?

Gervásio continuava silencioso.

O Marquês abeirando-se, desatou-lhe os braços, desamarrou-lhe os pés e ajudou-o a levantar-se, impelindo-o brandamente a assentar-se em uma poltrona. O moço estava lívido e seus lábios apertados não articulavam uma palavra.

O Marquês fez sinal aos amigos para sentarem-se, permanecendo silenciosos e experimentou, por meio do hipnotismo, despertar em Gervásio a recordação de suas existências passadas.

O moço caiu em estado de transe e impulsionado pela força potente da vontade do Marquês, fez uma relato minucioso de quatro vidas anteriores àquela em que se encontrava. Descreveu como fora, sucessivamente, chefe de uma horda de canibais, havendo caído prisioneiro de uma tribo inimiga, que o devorou; depois corsário, verdadeiro terror dos mares antárticos; mais tarde, tenebroso vulto de época da Inquisição, quando praticara os crimes mais atrozes, que só uma mentalidade satânica poderia conceber e realizar; e, finalmente, temível facínora, vampiro, insaciável, que movimentou em torno da sua sinistra figura a polícia mais afamada da velha Europa, perdendo finalmente a cabeça na forca infamante, em Londres.

Ouviram todos, desta forma, a narrativa fiel dos crimes praticados pelo espírito que na atualidade habitava o corpo do moço Gervásio.

Antes de o despertar, o Marquês, possuído de uma força de sugestão, vinda certamente do "Além", impôs ao espírito rebelde a idéia da reabilitação pelo arrependimento, ordenando-lhe obediência incondicional à sua vontade.

O moço despertou.

— Que é isto? Onde me encontro? Sr. Conde, que me quer, que faço eu aqui?

Gervásio esquecera, por efeito da ação hipnótica, o fim que ali o levara.

— A tempestade pilhou-te lá fora, rapaz, e nós te acolhemos. Desmaiaste e agora recuperaste os sentidos, explicou o Conde.

— Rapaz, tenho da tua família as melhores referências e sei que estás desempregado; queres entrar para o meu serviço? Falou o Marquês.

— Gervásio, disse o Conde, este é o meu particular amigo, o marquês X. Queres aceitar o seu convite?

— Realmente estou sem emprego, disse o moço passando a mão pela fronte, buscando uma recordação. Aceito Sr. Marquês, mas previno-o de que pouco sei.

— Está bem, isso não importa. Eu preciso de ti.

Gervásio acompanhou o Marquês, seu imprevisto protetor, em uma viagem para a Alemanha.

O Marquês, em sessões de hipnotismo conseguiu doutrinar o espírito inferior que em Gervásio fazia a sua peregrinação terrestre. Incutiu-lhe o horror ao vício, o amor ao trabalho, a reabilitação enfim.

Uma noite o Conde e sua esposa foram fazer uma visita aos pais de Gervásio, que não sabiam o paradeiro de seu filho, havia quatro anos.

Grande foi a alegria daquela família ao ter conhecimento da regeneração de Gervásio.

Uma mês depois voltava ele para a casa paterna, tendo chegado da Alemanha com o seu protetor.

Gervasio era outro homem, estava preparado para a vida honesta e laboriosa dos homens de bem.

ROSA

Em regra costuma-se afirmar que os sonhos dourados da mocidade são ilusões que se evaporam. São castelos que por si desmoronam. Quantos amores, alicerçados sobre as bases dessas miragens enganadoras, têm sido destruídos pela ação implacável e impiedosa do perpassar dos anos! Quantos corações inexperientes têm sido despedaçados pelo desabar das mais caras esperanças, promissoras da mais real felicidade! Quantos! O amor na terra é imperfeito; daí a sua inconstância...

Um par gentil, porém, houve, para o qual a felicidade não foi apenas um sonho encantador dos primeiros dias da alvorada da vida: Eudorio e Celuta. Descendentes ambos de famílias riquíssimas, tudo lhes sorria na vida. Conheceram-se desde a infância. Eram vizinhos. Freqüentaram a mesma escola, tiveram os mesmos mestres. Prometeram-se um ao outro, desde que ele completou os 16 anos e ela os 14. As duas famílias alegraram-se com a perspectiva daquele futuro consórcio, convencidos da sincera amizade que unia os dois jovens. Efetivamente, quando aos 23 anos de idade Eudorio, pronto na vida, esteve em condições de tornar uma realidade a felicidade sonhada, foi na maior alegria e satisfação geral dos pais de ambos e contentamento dos parentes e amigos, que o casamento se realizou.

O formoso casal foi residir em um lindo *bangalô* de encantador e pitoresco bairro, retirado e solitário, onde a sua ventura era comparável à das aves, que escondem seus ninhos na fronde verde das grandes árvores.

Eudorio encontrava em Celuta todo o seu ideal realizado. Celuta via no esposo todo o amor da sua alma. Eram felizes.

Passados dois anos dessa venturosa união nasceu o primeiro filho, um menino louro e lindo, que veio aumentar ainda a felicidade dos dois. A criança veio sadia e bela. Celuta fez questão de amamentar seu filho, o que contribuiu grandemente para a sua invejável saúde e robustez. Não admitiu ama para o seu rico bebê: ela própria dele cuidava, no seu egoísmo materno, aliás perdoável.

A lei dos destinos, porém, se executa por molas secretas, que presidem e realizam, em tempo oportuno a ação da justiça imutável. A felicidade na terra representa ordinariamente um período de descanso, em que o espírito armazena energias para fazer face às provas que o há de ferir, infalivelmente, no decorrer das suas existências terrenas.

Esses sofrimentos redundam todos em benefício do espírito, ajudando-o a alcançar o mais rapidamente possível o termo (?) da viagem eterna...

Celuta e Eudorio adoravam o seu interessante bebê. Era grande o seu orgulho materno, quando ela afirmava, radiante, às suas amigas, mostrando-lhes a criança fruto do seu abençoado amor:

— Está com seis meses e até agora, graças a Deus, não sofreu o mais leve incômodo. Até mesmo as cólicas, tão comuns nas criancinhas, ele nunca teve, o meu anjinho!

— Benza-o Deus, diziam-lhe todos.

O pequeno gostava imensamente de passear de carrinho na floresta próxima à habitação, aspirando o ar puro das folhagens e, de volta do passeio, trazia sempre em cada face estampado o frescor de uma rosa vermelha. Eudorio e Celuta costumavam sair com ele, revezando-se no empurrar do carrinho. E o bebê já estava sabido, sabendo escolher, apontando com o dedinho, a qual dos dois o pai ou a mãe, caberia a vez de fazer o carrinho rodar. E era uma alegria para o escolhido essa brincadeira inocente da criança, igualmente amada por ambos.

Certa manhã, havendo faltado, a cozinheira, Celuta, não querendo mandar buscar comida ao hotel, resolveu cozinhar ela própria, para não interromper o serviço dos outros empregados.

— Vai tu, Eudorio, passear com o bebê, enquanto eu fico a preparar o almoço.

E assim se fez. O amoroso pai beijou a esposa e saiu a levar o filhinho ao passeio.

— Joga um beijo à mamãe, querido, disse ele.

E a criancinha beijando a mãozinha com a boca aberta, atirou um beijo à Celuta, que exclamou:

— Que lindo filhinho!

Eudorio partiu com o menino e Celuta ficou à varanda a olhá-lo, até que o carrinho se sumiu na curva da estrada. Ela entrou, cantarolando uma *romanza*, pôs um avental e foi cuidar do almoço. Eram nove horas da manhã.

Soou a campainha da porta. Era uma visita; uma amiguinha dos tempos colegiais. Muito íntima eram as duas. Abraçaram-se.

— Venho passar o dia contigo, Celuta.

— Que alegria, Marietta! Mas escolheste um mau dia; estou sem cozinheira e eu própria vou preparar nossa comida. Já vêes que tens de passar mal...

— Bem ao contrário disso, bem sei que és exímia na arte culinária. E demais, aqui estou eu para ajudar-te: mãos à obra, são nove e meia. A que horas almoças tu?

— Onze. Temos tempo. Meu marido foi dar uma voltinha com o bebê e em breve voltará. Vais ver que lindo anjo é o meu filho! Esses passeios na floresta lhe fazem grande bem. Volta bem disposto, alegre, e às vezes dormindo no carrinho, abrigado do sol.

As duas amigas foram para a cozinha e iniciaram o preparo do almoço: *Beefs*, salada de alface, agrião, batatas fritas, arroz, legumes diversos e omelete de chocolate para a sobremesa. O tempo foi correndo. Marietta indo à sala das refeições, notou que o relógio apontava onze horas menos dez minutos.

— Que é dos teus passeantes, Celuta? São quase onze horas.

— Realmente, já aqui deveriam estar. Sem dúvida, algum conhecido demorou Eudorico no caminho. Costumamos estar de volta ordinariamente às dez e meia. Vamos para a varanda; eles não podem tardar.

E ficaram-se a olhar para a curva do caminho, para ver quando o carrinho apontava.

O relógio bateu onze horas. Enfim! Um carrinho apontou lá longe. Celuta aplicou o binóculo. Não era o seu esperado carrinho. Era a filhinha do Cônsul Inglês, a passear com a sua aia, no seu berço de rodas. Em breve passou perto da varanda onde estavam as duas moças, já um tanto inquietas.

— Bom dia madame.

— Bom dia Fany. De volta do passeio, hein? Não viu o meu marido com o bebê?

— Hoje não, minha senhora, ele não passou por nós como de costume. Até ia perguntar à senhora, como poderia o pequeno perder uma tão bela manhã de passeio...

— Como, não os viu? Eles foram, sim. E já estão demorando...

— Até logo, minha senhora, a minha criança precisa tomar alimento; vou depressa.

E foi-se a aia.

Celuta correu a ver que horas marcava o seu relógio; já então doze e um quarto! Era demais.

— Vamos ao seu encontro, Marietta?

— Não Celuta. Bem ouviste aquela mulher afirmar que não os encontrou. Teu marido, sem dúvida, tomou outra direção.

— Que fazer, meu Deus! Ah! Marietta, ocorreu-me uma idéia.

E correu ao telefone. Pediu a um amigo residente nas proximidades do local onde costumava parar com a criança, notícias sobre a passagem de Eudorico por ali, como de costume. Não o haviam visto aquela manhã. Mas prometeram indagar pela redondeza.

Uma hora!

Duas horas!

Celuta parecia enlouquecer. Não pensou em almoço, andando apressadamente de um para outro lado e olhando sempre para a curva distante da estrada.

Marietta engoliu apressadamente alguns bocados e, aproximando-se da amiga falou-lhe:

— Olha, Celuta, nós não podemos permanecer nesta incerteza; isto é horrível! Não te parece acertado avisar a polícia?

— Com efeito, Marietta, como é que ainda não pensei nisto? Fala tu ao telefone; minha cabeça não raciocina.

Marietta avisou a polícia, que prometeu providenciar com urgência. Mas a noite veio e nenhuma notícia sobre o paradeiro dos dois entes queridos. À residência de Eudoria afluíram amigos dedicados, buscando confortar a pobre moça. Vieram também seus pais e os pais de Eudorio.

Celuta emudecera. Seu olhar indagador ia de uma fisionomia a outra, buscando descobrir algum pensamento que talvez lhe ocultassem.

Mas a verdade era que ninguém sabia coisa alguma sobre o paradeiro dos seus queridos ausentes.

Passaram-se três dias. Pesquisa alguma havia dado resultado. Marietta instalara-se em casa da amiga, receando abandoná-la em tão rude transe. Celuta não dormia. Seus grandes olhos, desmedidamente abertos, cercados de olheiras profundas, davam ao seu rosto, de uma palidez de cera, a aparência de uma pessoa morta, a quem houvessem esquecido de cerrar as pálpebras.

No fim da primeira semana, havendo resultado infrutíferas todas as diligências policiais e particulares, achavam-se reunidos em casa de Celuta grande número de amigos do seu marido e o chefe da polícia local, formulando hipóteses sobre o desaparecimento de Eudorio e seu filho.

— Não pode ser efeito de um desastre, disse um; aliás apareceriam vestígios, ao menos do carro da criança.

— Para mim trata-se de um crime, indubitavelmente, afirmou outro.

— Perdemos-nos em conjecturas, meus amigos, e não solucionamos o caso!

Enquanto isso, a pobre esposa e mãe verga ao peso da mais cruciante dor!

— Muito receio pela razão dessa pobre senhora, disse um médico presente, porquanto não tenho conseguido fazê-la dormir sequer um instante...

Enquanto esta conversação continuava, alguém, desconhecido dos presentes, chegou ao portão da rua e pediu permissão para falar à dona da casa. Era uma mulher pobremente vestida, denotando grande fadiga, como se houvesse feito longa caminhada.

Marietta, atendendo à recém-chegada, fez-lhe saber que a dona da casa não a poderia receber, por se encontrar em situação muito aflitiva; mas que dissesse a que viera.

Ao ouvir falar em grande aflição a mulher, atirando-se aos pés de Marietta, exclamou:

— Por Deus, minha senhora, é por causa dessa grande aflição que eu venho aqui! Eu preciso ver essa senhora.

Marietta fê-la esperar um momento, enquanto consultava as demais pessoas interessadas no caso, antes de resolver. Fizeram entrar a mulher. Era uma criatura magra, pálida de olhos lânguidos castanho-claros. Mal trajada embora, seu todo inspirava respeito e confiança. Cravou o olhar profundo nos grandes olhos amargurados de Celuta e falou:

— Minha senhora, eu tenho sonhos que dão sempre certos. Moro muito distante daqui. Sonhei há três dias que via esta casa, tal qual vejo agora. Era

de manhã. Daqui vi partir um senhor, empurrando um carrinho, dentro do qual se encontrava um bebê. Em casa ficou a mãe da criança, que também reconheço agora. O carrinho partiu e ao virar a curva deslocou uma roda. Um rapaz, que passava na estrada, ofereceu-se para concertar a roda, se o cavalheiro quisesse chegar um pouquinho adiante à sua palhoça. O homem concordou, tomou a criança ao colo, e caminhando alguns passos, alcançaram a choupana. Entraram. O rapaz abriu a gaveta de uma mezinha rústica, para tirar a ferramenta, disse; e, imediatamente, um alçapão se abriu no meio da sala, nele cainho pai e filho. Era uma armadilha. Sei que isto foi uma obra torpe de alguém que se diz amigo desta casa, aparentando ser homem digno, porém na realidade sendo um ladrão, que chefia um bando de salteadores perigosos. Esse homem planejou o rapto da criança, mas, na impossibilidade de apanhá-la só, pelo fato de estar sempre acompanhada dos pais, pôs de vigia o seu auxiliar, que agiria na melhor oportunidade, como de fato o fez. Mais tarde, certamente, quando os ânimos estivessem arrefecendo e o caso parecesse liquidado, pela ineficácia das providências policiais, a mãe da criança receberia carta estipulando o preço do resgate dos prisioneiros. O homem que concebeu este nefando crime está aqui e eu o aponto sem hesitar: ei-lo!

E a mulher apontou para um indivíduo presente, justamente aquele que *não tinha dúvida em afirmar que se tratava de um crime.*

O homem indigitado avançou para a mulher, no que foi impedido pelos outros.

A voz do chefe de polícia se fez ouvir:

— Segurem este homem! Continuai senhora...

— Estou a terminar; o final vos pertence. Lá se encontram ainda o pai e o filho, aguardando as determinações deste senhor.

— É falso! É falso! vociferava o homem. Esta mulher não sonhou nada, é uma trama urdida contra mim, para me perder.

— Senhor, disse a mulher, eu sonhei o que acabo de referir e me pus a caminho para avisar a mãe aflita pelo desaparecimento dos seus amados. Tenho a certeza do que afirmo e vós podeis verificar a veracidade deste sonho. Ponde-vos a caminho. A palhoça está situada dentro do mato, a dois quilômetros daqui.

— Vinde conosco, ordenou o chefe à mulher. Apuraremos o que houver. Vireis também senhor, ordenou ao acusado.

Partiram de automóvel o chefe, a mulher, o indigitado criminoso e mais quatro homens, dando antes de partir uma telefonema para a imediata vinda de força embalada, para o cerco do lugar indicado.

Nas imediações do casebre encontraram o rapaz, a quem interpelaram, procurando o caminho. Os olhos do rapaz fixaram-se interrogativos no acusado, ao mesmo tempo que tomava diante dele uma atitude respeitosa. O chefe de polícia adiantando-se falou:

— Nada tens que ver com este senhor, fala a verdade, do contrário terás que te arrepender. Guia-nos à tua palhoça.

Neste momento chegava em disparada a força policial, chamada por telefone pelo seu chefe. O rapaz obedeceu.

Chegando à palhoça, antes que nela penetrassem, a mulher avisou:

— Não o deixem aproximar-se da mesa; é na gaveta que se encontra a mola do alçapão: eu vi no meu sonho!

O rapaz foi impedido de aproximar-se da mesa. Um policial o deteve enquanto os outros davam uma batida em derredor da palhoça, descobrindo por fim uma entrada subterrânea, onde penetraram. Caminhando por uma galeria

extensa, foram deparar com as duas vítimas da perversidade humana atiradas sobre uma esteira úmida, naquela escuridão profunda. Retirados do subterrâneo e trazidos para o ar livre, era contrastador o estado em que se encontravam; especialmente a criança não dava esperança de vida. Durante uma semana mal alimentada, privada dos carinhos e cuidados maternos, seu infantil organismo parecia não poder mais resistir; e só a respiração, pelo arfar do peito, denotava a vida naquele corpinho!

— E Celuta? indagou Eudorio.

— Viva, apenas! respondeu um dos presentes. Enquanto a polícia se apoderava dos dois criminosos, providenciando para a captura da quadrilha assassina, Eudorio e seus amigos partiam rapidamente para a sua habitação.

O encontro dos dois esposos, tão rudemente provados, é possível de compreender-se, mas não é fácil de descrever.

O lindo bebê, acalentado ao calor do seio materno, dentro de algumas semanas voltou a ser o que era dantes: belo, robusto, sorridente.

.....

A mulher, que por um sonho deu solução ao criminoso desaparecimento de Eudorio e seu filho, contou, desde então, com a proteção do casal, que lhe ofereceu um talher à sua mesa, definitivamente, se o quisesse. Ela, porém, preferiu voltar à sua obscuridade, visitando-os todas as vezes que a necessidade a isso a obrigava.

Eudorio, desejoso de compreender claramente o *porquê* desse sonho revelador, dedicou-se a estudos especiais sobre a alma humana e suas faculdades, seus diversos estados, no que era acompanhado pela esposa. Ouçamo-los, um dia, enquanto o bebê dorme:

— É isso minha cara Celuta, o sofrimento cruciante por que passei naquela trágica semana da minha vida, teve utilidade imensa para a minha alma. Diante dos padecimentos cruéis do nosso inocente filhinho, definhando dia-a-dia, naquele

martírio horroroso, sob as minhas vistas, na impotência de poder salvá-lo, não obstante toda a minha coragem, todo o meu amor, voltei-me para Deus e a fé despertou em mim. E a misericórdia de Deus veio em meu auxílio.

— Em nosso auxílio Eudorio, balbuciou Celuta.

— E essa mulher, essa pobre Rosa foi o instrumento, de que os seres espirituais protetores se utilizaram para a prática da caridade que recebemos. Ela é um médium que, dormindo, tem visões em sonhos...

— Belo, Eudorio, como tudo isso é grandioso!

E Celuta, lançando um olhar sobre o filhinho adormecido, elevou o pensamento a Deus em ação de graças.

NAHOR

Nas pequenas cidades do Norte os divertimentos eram raros, na época em que principia esta narrativa. O cinema ainda cá não chegara, os teatros só nas capitais, e muita gente havia que, morando em pequenas aldeias, nem sabiam o que era a arte dramática. Eram lugarejos em que, de vez em vez, aparecia um circo de acrobacia, ou um bando de saltimbancos. Os habitantes dessas localidades costumavam divertir-se, de tempos em tempos, fazendo os congos, espécie de prática africana em que soam maracás e batuques, de envolta com cânticos em língua dos pretos, cujas palavras ninguém entendia, e danças simbólicas e rítmicas, algumas bem bonitas. Essas cantigas eram monótonas, tristes, mas nunca terminavam sem a *emboscada para perder o príncipe que, ferido de morte, pelos adversários*, dava motivo a encarniçada guerra. E as danças se tornavam então mais agitadas, ao clangor dos clarins e hinos guerreiros:

Ó Lelê, ó Lelê! Ó Lelê, uê! Ó Sarai! Ó Sarai! Ó Sarai, eh!

Dia de congos era dia de festa e toda a população vibrava de contentamento!

A povoação X era do número das tais em que os costumes eram assim. Passavam-se meses e meses sem que nenhum festejo viesse abalar a quietude insípida dos seus moradores. Trabalho moderado, escolas primárias insuficientes para as crianças, missa aos domingos, novena do mês de Maria e nada mais. Em X residia o representante único da árvore genealógica dos Madeira, moço de 27 anos, casado e até então sem filhos. Vivia feliz com sua esposa, Esther Soeiro, seis anos mais moça do que ele e por sua vez herdeira de nome acatado e muitíssimo respeitável em X, por ter sido um dos voluntários ilustres na guerra do Paraguai com o Brasil. Amavam-se e davam-se por satisfeitos com a vida sem entretenimentos e diversões que passavam em X. *Saúde Ihes desse Deus*, costumava dizer Esther.

Não obstante toda essa conformidade, uma manhã, à mesa do almoço e saboreando ainda um pedaço de cuscus, feito por ela própria, disse Esther a seu marido:

— Quanto tempo não vem cá um circo de cavalinhos, hein Alfredo?

— É verdade, confirmou o marido; isto aqui está ficando cada vez mais sem graça. Não há distrações... Mas olha que, estando eu ontem à porta da farmácia, ouvi de alguém que está para chegar uma companhia especial, que traz coisas admiráveis.

— De verdade? em chegando, lá iremos nós, não é Alfredo?

— De certo; e havemos de ver todos os espetáculos.

Oito dias após esta palestra a pequena X estava em alvoroço. Chegara o circo. E todo aquele pequeno mundo se preparava para as diversões. Cada moça revistava o seu modesto guarda-roupa, cada homem consultava a carteira, a ver quantas vezes poderia ir ao tão desejado divertimento. Esther remontava suas *toilettes*, substituía rendas, trocando enfeites; e quando todo o seu vestuário ficou a seu gosto, pôs em papéletes os seus dourados cabelos, para logo mais ficarem em caracóis, segundo a moda.

À tardinha reboou por toda a pequena X o vozerio do anúncio da função, que se realizaria nessa noite. Era o palhaço a cavalo a gritar a plenos pulmões:

— Hoje tem espetáculo!

E a tudo o pessoal infantil que o seguia, respondia em coro:

— Tem sim sinhô!

— Hoje tem palhaçada?

— Tem sim sinhô!

— Apresentação do monstro?

— Tem sim sinhô!

— E o monstro fala?

— Fala, sim sinhô!

— E o monstro anda?

— Anda, sim sinhô!

— Quantos pés tem o monstro?

— Quatro, sim sinhô!

— Quantas cabeças tem o monstro?

— Duas, sim sinhô!

— E o monstro é gente?

— É, sim sinhô!

— Ora vamos ver o monstro?

— Vamos, sim sinhô!

— Paga só dez tostões?

— É sim sinhô...

E o vozerio se foi prolongando e repetindo por todas as ruas. A curiosidade era geral. O que seria o monstro? Todos ansiosos esperavam vê-lo.

E as velhas da pequena localidade, benzendo-se, afirmavam não desejar ver o monstro de duas cabeças e quatro pés, que falava e era gente...

— Não pode ser gente, dizia uma.

— É talvez lobisomem, adiantava outra .

— É gente, sim, confirmou um velho, eu vi-o quando chegou de noite; anda de banda.

— Credo, cruces, não eu que vá lá, pode ser o demo em corpo de gente.

— Ave Maria!

Às oito horas da noite a enchente no circo era enorme: toda a gente lá estava.

Começou a função. Trabalho de trapézio, de equilíbrio, de saltos mortais em tapete, de contorcionistas exímios, nada interessava os espectadores, à espera da prometida exibição do monstro. Finalmente às onze horas menos três quartos foi avisada à platéia da aparição do monstro.

Abrindo os reposteiros de passagem, surgiu um homem elegantemente vestido, empunhando um pequeno chicote de cabo de prata, que assim falou aos assistentes:

— Ilustres damas e cavalheiros, temos o prazer de apresentar-vos um curioso espécimen de monstro, verdadeira aberração da natureza. É um ser concebido sem dúvida sob a maldição de Deus! Nasceu de mulher, como todos nós, e no entanto é um verdadeiro monstro: Ei-lo!

O que apareceu então aos olhos curiosos dos espectadores foi uma criatura nunca vista até então por olhos humanos, naquela terra. Eram duas ca-

beças horríveis, de olhos esbugalhados e pele vermelha, presas a dois pescoços finos, sobre as quais oscilavam constantemente. Esses estavam ligados a dois troncos distintos até o peito, mas presos à mesma cintura, sendo o ventre um só; e abaixo dele desciam quatro pernas finas, que terminavam em quatro pés defeituosos, simulando patas. Possuía quatro braços, terminando em mãos curtas, cujos dedos tinham apenas duas falanges.

À platéia escapou um oh! que era um misto de espanto, medo e dor!

— Atenção, senhores, atenção clamou o homem elegantemente vestido; o monstro falará. Vamos Nahor, cumprimenta o respeitável público.

Duas vozes argentinas, num perfeito contraste com a hediondez da figura, falaram ao mesmo tempo:

— Deus vos salve senhores e senhoras!

— Vou entabolar conversa com o monstro, para que ouçais.

— Como te chamas?

— Tu nos chamas Nahor, mas se somos dois, deveríamos ter dois nomes.

— Como és dois? Assim ligados pareces dois mas na realidade és um.

— Engano, nós somos dois; dá-nos água a beber e te mostraremos que somos dois.

— Água para Naor, pediu o homem.

Em uma bandeja vieram dois copos e o monstro tomando deles bebeu a água, cada copo em cada boca.

— Então, não somos dois?

— São dois sim, gritou a platéia, são dois!

E o espetáculo continuou. Nahor dançou, comeu, cantou, conversou e respondeu a todas as perguntas, satisfazendo inteiramente a curiosidade dos espectadores.

Terminou o espetáculo.

O doutor Amynthas, presente ao espetáculo, médico, estudioso cultor do espiritualismo, acompanhou Esther e Alfredo à casa, amigos íntimos que eram. De caminho trocaram impressões sobre o monstro.

— Que coisa horrível, hein doutor, falou Alfredo.

— Sim, em tudo se nos manifesta a sábia mão da Providência a guiar o homem para a verdadeira felicidade. Como Deus é profundo em suas leis!

Marido e mulher se entreolharam pávidos. E Esther, sem se poder conter exclamou:

— Como pode ver, naquilo que nós vimos, o cumprimento de uma lei para regular a felicidade daquele ser, doutor? Não é aquilo uma maldição de Deus?

— Porque maldição D. Esther? Que fez ele, se já nasceu assim, para ser amaldiçoado? Tudo é lógico na criação. Eu tenho a convicção de que ali, naqueles dois corpos ligados de forma porque vimos, estão dois espíritos em prova. Os crimes dos dois pesaram na balança divina e, os dois monstros de iniquidades no passado, expiam no presente, pelo sofrimento, as grandes dívidas que adquiriram. Ligados no crime, ligaram-se no arrependimento e uniram-se na expiação. Quantos seres culpados são regenerados, redimidos pela aceitação e cumprimento da prova!

Estavam à porta da residência do casal. O doutor Amynthas retirou-se, despedindo-se.

Dois dias depois, o grande estudioso veio convidar os seus amigos para

um *lunch* que iria oferecer em sua residência ao diretor do circo e a Nahor, cuja presença era indispensável, para um estudo que desejava fazer.

À hora aprazada lá se encontraram todos os convidados.

Após ligeira palestra sobre assuntos triviais, servido o *lunch*, que constou de frutas, doces, chá, biscoitos, o doutor Amynthas conduziu os seus convidados para a sua biblioteca e lhes falou:

— Senhor diretor, eu sou um homem cristão e muito me interesso na solução do problema, para alguns cientistas insolúvel, da vida do espírito além da morte do corpo. Acredito que as almas vêm e voltam à terra para, em sucessivas encarnações, realizarem o seu progresso, formando uma verdadeira associação fraterna. Nahor, aqui presente, muito tem me feito pensar sobre a sabedoria divina, preparando, no sacrifício da dor, espíritos redimidos para a salvação eterna. O mistério que envolve estas duas existências, reunidas em um corpo de monstro, como lhe chamam, pode e deve ser esclarecido, para estudo nosso e melhor desempenho da caridade, a que faz jus pela sua inferioridade.

— Senhor doutor Amynthas, respondeu o diretor, nós aqui estamos ao vosso dispor, prontos a fazer bem. Eu não sou um explorador de infelizes. Nahor tem o seu salário nos assentamentos da nossa escrita, para resguardar o seu futuro. Trata-o com brandura e o estimo sinceramente.

— Meus amigos, estamos bem entendidos e, religiosamente, se Deus o permitir, vamos orientar-nos sobre o passado destes infelizes.

E o doutor Amynthas começou a dar passes sobre as duas cabeças do monstro. Cinco minutos não eram passados, Nahor caiu em transe... E falou, uma das suas formas:

— Queres tu saber o que somos? Quem somos? Dir-te-ei, para edificação dos presentes. Somos duas criaturas repetidas vezes ligadas para a prática do mal; eu que te falo, homem — ela presa a mim, mulher. Por onde temos passado, rios de sangue e lágrimas temos feito correr. A terra foi sempre o teatro dos nossos crimes, em requintes da mais brutal ferocidade. Caímos, degradamo-nos e violamos em plena consciência as leis do Criador. Sempre associados destruimos lares, violamos princípios, incendiámos choupanas, deturpamos a moral e nem as nossas próprias irmãs respeitamos em sua pureza, difamando-as, maltratando-as, roubando-as. Nossa história é tétrica! O dia do arrependimento, porém, chegou. Não vejas em nós réprobos, amaldiçoados por Deus, neste horrendo castigo; não, somos almas em expiação.

— Queres tu que roguemos a Deus que abrevie a tua prova, para que cesse este martírio?

O outro ser que até então estivera em silêncio, exclamou:

— Não, não! É justo o que padecemos. Nunca tivemos piedade de ninguém; devemos sofrer a consequência das nossas maldades. A prova não excede a hediondez dos nossos crimes. Devemos e queremos redimir, neste horrível suplício, todo o horror do nosso passado.

— Seja feita como dizes, balbuciou o doutor.

E voltando-se para os assistentes falou:

Oremos meus amigos, oremos... E aprendamos que os erros das nossas existências terrenas são resgatados pelo sofrimento. É a dor que burila os caracteres. Seja Deus louvado! Bendita seja a lei da reencarnação, que permite a reabilitação do mais audaz e perverso criminoso.

ZULAINÉ

As profundezas misteriosas do nosso “eu” contém a história passada das nossas sucessivas vidas gravadas indelevelmente.

O hipnotismo experimental possui farta cópia de provas positivas do despertar dessas recordações, atestando a veracidade da teoria espírita sobre a reencarnação dos espíritos.

De Rochas muito se dedicou a este gênero de experiências, conseguindo inúmeras reminiscências de vidas passadas, em médiuns adormecidos.

Leon Denis, na monumental obra — “O Problema do Ser e do Destino” — relata experiências feitas por diversos sábios em *sujets* vários, sobre renovação de vidas anteriores, reminiscências de homens ilustres, fenômenos de amnésia, etc., cuja autenticidade ele próprio não põe em dúvida.

São estudos importantíssimos que reforçam a teoria, que para nós não padece dúvidas, das múltiplas vindas dos nossos espíritos à matéria, forma racional em que se baseia a evolução dos seres.

Leon Denis, na mesma citada obra, narra o caso de uma doente do Dr. Henri Frieborn, que, acometida de delírio, falava o idioma indostânico, sendo incapaz de, no seu estado normal, falar nessa língua uma só frase.

Não há dúvida, a ciência espírita o afirma com segurança, cada criatura humana é a morada de um espírito, que já habitou outros corpos no passado, existindo, por conseguinte, no seu íntimo, estados distintos da sua personalidade.

Estamos em uma pequena aldeia, onde a vida decorre plácida, laboriosa e feliz. Cada habitante, na doce paz do seu lar, busca ser útil ao seu semelhante e goza do fruto do seu trabalho honesto. O ambiente é de paz e serenidade. A amizade recíproca reina entre todos. São os próprios donos que cuidam das suas plantações, dos seus animais, porcos, carneiros, vacas, aves domésticas, vivendo da venda dos seus produtos na capital e cidades próximas. Cada família faz a sua cozinha, cuida da sua casa, lava, engoma, e costura as suas roupas. Esse viver pacífico, útil é próprio do campo. Os homens, em contato mais perto com a natureza, aprendem a ser bons e mansos.

Nesta aldeia vive-se bem. Seu clima é adorável. Moças e rapazes mostram nas belas cores, na frescura da pele e na musculatura robusta, o vigor do sangue que lhes circula nas veias. Cantam, riem, brincam, comem bem, trabalham melhor e dormem cedo, para estarem de pé quando as aves descem dos poleiros.

Uma das famílias, com que vamos travar conhecimento hoje, é a do Sr. Tobias Pedreira, composta de seis pessoas, das quais uma é a sua esposa, Zulaine, três são seus filhinhos, menores de oito anos, e uma é a sogra, mãe de Zulaine, a senhora Rita.

Entremos na modesta habitação.

Zulaine vem do curral, onde ela própria ordenhou as vacas. Acompanham-nas as crianças, limpando os lábios, molhados de leite, nos aventais. A avó arruma a casa. Já tem preparada a primeira refeição do dia e espera apenas o leite para o café. Há sobre a mesa bolachas e queijo. Fervido o leite sentam-se e iniciam a refeição matinal.

— Hoje devo ir à capital para levar os queijos, Zulaine, disse o marido.

— E não levas as minhas rendas, para colocar no armarinho?

— Sim, arruma tudo com os preços direitinho.

— Farei tudo bem. Estou juntando este dinheirinho para comprar meu vestido do Natal, que este ano quero azul.

— Eu comprarei a roupinha dos netos, disse a avó. Com a venda dos perus tenho conseguido economizar algum dinheiro. Darei também os sapatinhos.

— Não, mamãe. A senhora não pode dar tudo. Precisa também comprar para si um vestido novo...

— Ah! isso é que não, atalhou Tobias, o vestido dou-lhe eu.

Mãe e filha correram a abraçar o bom rapaz, que realmente era dono de um belo coração. Finda a refeição, Zulaine apressou-se a arrumar tudo para a partida do esposo que, pouco depois despedindo-se dos seus, saiu em demanda da capital, distante quatro horas de viagem de trem.

As duas senhoras o acompanharam com a vista e, em seguida, entraram para o interior da casa, a cuidarem dos seus afazeres.

— Parece que não estou hoje muito bem disposta, mamãe, tenho um sono invencível!

— Não é para admirar, minha filha, tu acordas tão cedo...

— Mas, isto, mamãe, é um hábito antigo e nunca sinto esta fadiga.

— O melhor é obedecer ao chamado do corpo, Zulaine. Vai descansar um pouquinho.

— Então, mamãe, a senhora olha as crianças um pouco, sim?

— Já se vê, minha filha. Vai, vai deitar-te um pouco.

Zulaine recolheu-se ao seu quarto e atirou-se sobre a cama, adormecendo imediatamente. Eram então dez horas da manhã.

A senhora Rita foi cuidar do almoço, tendo sob as suas vistas as três crianças a brincarem no terreiro.

Tendo tudo pronto e arrumadinho, uma hora depois, tratou de dar almoço aos netos, almoçou também e foi continuar as suas rendas de almofada, habilmente trabalhadas. Entretida a trabalhar, não notou que as horas iam passando e Zulaine a dormir...

Sua atenção foi despertada pelo chamado da netinha mais nova:

— Vovó a gente não Janta? Eu estou com fome.

— Jantar, meu bem? Que horas são estas, então?

E foi ao relógio. De fato já passava da hora do jantar. Eram quase seis. Foi ao quarto da filha. Zulaine atirada de costas sobre o leito, dormia profundamente.

— Vou primeiro dar o jantar dos pequenos pensou. Rita, para que não se aborreça quando acordar, vendo que ainda não jantaram. Estou velha, entretenho-me a trabalhar e esqueço-me de comer. O que vale é que o estômago das crianças não esquece.

Depressa deu o jantar dos netinhos e tratou de acordar a filha.

Entrou no quarto e ficou-se a olhar para Zulaine.

— Olá, filha, quando pretendes pular daí para fora? Desta forma não vais ter sono a noite... disse ela a rir.

Zulaine virou o corpo no leito, espreguiçou-se...

A velha senhora continuou:

— Anda daí, minha filha. Já passam de seis horas. Dormes desde as dez.

Zulaine abriu os olhos, olhou em derredor de si, fixando em seguida a vista em sua mãe, que estremeceu ante a expressão do seu olhar.

— Zulaine, que tens tu? Estás doente, minha filha?

A moça sentou-se no leito e, lentamente, medindo as sílabas do seu nome falou:

— Zu-lai-ne? Quem é aqui Zulaine?

— Meu Deus, minha filha, que tens tu? Bradou Rita angustiada. Zulaine, que olhar é este...?! Zulaine, é tua mãe quem te fala, minha filha; terá enlouquecido, Deus meu?

Zulaine, puxando uma almofada e nela se recostando, assumiu uma atitude toda estranha e assim falou calmamente à sua mãe:

— Minha senhora, não se aflija, a senhora elabora em um engano deplorável, eu não sou a pessoa a quem procura, talvez alguma semelhança encontre no meu físico com essa pessoa. Olhe, deixe-me abrir a janela e à claridade do dia verificará o seu engano.

Zulaine, erguendo-se do leito, olhou em volta de si, estranhando evidentemente o que a rodeava.

— Que sapatos são estes? O que fizeram dos meus?

Procurou o tímpano, na intenção de chamar algum criado e, não encontrando-o, o seu olhar denunciou surpresa. Examinou o quarto todo, mostrando na expressão da fisionomia uma admiração imensa. Suas vestes, os raros móveis do aposento, tudo estranhou. Olhou para um velho espelho dependurado à parede e abriu desmesuradamente os olhos ante a imagem que nele se desenhava. Redobrou ainda mais o seu pasmo, quando as três crianças, penetrando no quarto de carreira, atiraram-se ao seu colo, gritando cada uma:

— Cheguei primeiro, mamãe.

— Fui eu.

— Fui eu, mamãe.

Zulaine olhou-os estarecida e voltando-se para a velha mãe, disse com voz alterada:

— Minha senhora, isto é demais: acabemos com esta pilhéria...

— Zulaine, Zulaine, minha filha, não conheces os teus filhos?

— Minha senhora, eu sou uma mulher solteira, não me ofenda, eu não tenho filhos. O que significa tudo isto?

A pobre Rita banhada em prantos, arrastou consigo os três netinhos e foi pedir auxílio aos vizinhos, anunciando que uma grande desgraça a ferira: enlouquecera a sua Zulaine!

Esta, porém, não cometia desatino algum, por onde se pudesse concluir que houvesse perdido a razão. Sem compreender o que se passava consigo, ela decidiu-se a esperar resignada a solução do seu inexplicável caso. Convicta de estar num meio completamente estranho, não reconhecendo nenhuma pessoa em todas quantas lhe apareceram, julgava-se vítima de uma abominável cilada e

corajosamente esperava o final daquele *trama urdido contra a sua pessoa...* À hora das refeições aceitava com grande parcimônia o que lhe davam para comer, olhando com desdém para a pobreza da louça em que a serviam. Levantava-se às vezes, como quem procurava alguma coisa e, súbito lembrava-se que estava *privada de tudo quanto era seu...*

No fim de três dias chegou Tobias de volta da capital. Em caminho foi informado de tudo por um vizinho. O pobre homem não compreendeu nada e, quando se avistou com a esposa, sofreu um golpe profundo em seu coração amantíssimo, quando ao aproximar-se dela, o seu olhar frio como aço cravou-se nele, dominador e severo!

— Minha adorada Zulaine! bradou o pobre homem em soluços!

Zulaine viu correr aquelas lágrimas, compungiu-se e, tomando uma resolução definitiva, começou a falar.

— Senhor, queira ter a bondade de prestar-me atenção por alguns momentos. Seja franco, seja verdadeiro. Onde estou eu? E porque estou aqui? Porque me seqüestraram? O senhor chora? E por quê? Eu é que deveria chorar, pois me vejo fora do meu lar, privada do que é meu, dos meus livros, do meu piano, dos meus amigos, sem uma pessoa conhecida, entre estranhos... Compreende, isto é horrível! Que fiz eu para tal castigo? Nem uma peça das minhas roupas me permitem usar. Dão-me uns trapos para vestir, para calçar...

— Zulaine, Zulaine, é o teu marido quem te fala... Olha, vendi as tuas rendas, trago-te cinqüenta mil réis.

Zulaine, ao ouvir a palavra *marido*, corou como uma rosa e magoada repeliu o *insulto*:

— Senhor, falo-lhe com a polidez de uma moça educada, a quem o natural melindre não permite ouvir as suas grosseiras insinuações. E, retirando-se com passo altivo e firme fechou-se no quarto de dormir.

A situação assim se manteve por trinta dias, até que alguém mais avisado opinou por consulta médica. Tobias foi à capital e espôs a sua desventura a um célebre especialista de moléstias mentais, o Dr. X.

Julgando o caso interessantíssimo, a sumidade médica acompanhou o pobre Tobias a aldeia, onde a velha mãe de Zulaine contou minuciosamente como principiara a "doença" da filha.

— Em primeiro lugar não lhe digam que sou médico. Sou um viajante que aqui vim pedir pousada, ordenou o Dr. Deixem-na proceder com toda a naturalidade, pois é assim que desejo vê-la.

Assim se fez. O Dr. X. instalou-se em casa de Tobias como um viajante qualquer, que ali houvesse pedido pousada. E começou as suas observações. À mesa do almoço viu Zulaine pela primeira vez e, levantando-se, cumprimentou-a gentilmente, sem estender-lhe a mão. Zulaine cortejou-o com a finura e elegância de uma dama de alta roda. O médico durante o almoço observou-lhe os menores gestos, notando que obedeciam sempre às mais severas regras de educação. Não foi difícil para o Dr. X, ganhar a simpatia da moça, caprichando ele próprio em demonstrar a sua distinção de maneiras. Em dois dias havia conseguido conquistar a confiança de Zulaine, que, acedeu a dar um pequeno passeio ao pomar da sua residência e, no decorrer dessa primeira conversação, encontrou oportunidade para dizer que era filho de um "nobre".

— Estou aqui de passagem, disse ele, volto para a minha terra em pou-

cos dias. E a senhora pretende demorar-se muito na aldeia?

— Eu? Não sei onde estou, nem sei como aqui vim parar. Recolhi-me aos meus aposentos, no palácio do meu pai, o Duque de X e despertei nesta casa! O que se passou ignoro. No começo inquietei-me bastante com isso, mas refletindo, vejo que as providências dadas pelo próprio Rei não se farão esperar: Meu pai é par do Reino. Esta gente pagará caro a sua audácia.

O médico, no desempenho do papel que se impusera, portou-se admiravelmente, indignando-se com o procedimento desse alguém incógnito que concebera o *ignóbil plano* e prometeu agir no sentido de libertar a “Duquezinha”.

Zulaine mostrou-se satisfeita.

O Dr. X, julgando-se seguro no seu diagnóstico sobre o estado mental de Zulaine, teve com o esposo uma conferência secreta, em ponto afastado da casa, para não despertar suspeitas, combinando com ele o seguinte plano:

Quando estivesse ela adormecida, ser-lhe-ia concedida a permissão de penetrar em seu quarto, acompanhado de Tobias, para iniciar o tratamento que, afirmava com segurança, daria completo e satisfatório resultado.

Assim, à uma hora da noite, entraram os dois no aposento, onde, reclinada em almofadas, dormia Zulaine. Tobias manteve-se em silêncio, obedecendo atento ao menor sinal do médico. Este, aproximando-se da moça, estendeu ao alto sobre ela os braços e permaneceu assim alguns minutos, lançando sobre todo o seu corpo qualquer coisa invisível que Tobias não soube compreender (flúidos magnéticos).

Em seguida em voz alta assim falou:

— Ordeno, em nome de Deus, ao espírito que outrora habitou o corpo da Duquesa de X, que tome posse completa do aparelho que hoje lhe pertence, o corpo físico de Zulaine, esposa de Tobias Pedreira, esquecendo, por inútil no presente, a encarnação que teve na terra como filha do Duque X, para dessa encarnação só se recordar quando no espaço, após a desencarnação final da vida material presente. Ordeno ainda, que desperte de posse de seu corpo atual, pela manhã de hoje, à hora habitual em que como Zulaine acorda, seguindo inteiramente os hábitos normais da sua vida presente.

O médico permaneceu em silêncio alguns momentos com os braços estendidos, retirando-se em seguida depois de ordenar a Tobias que fosse repousar, como de costume fazia, antes dos fatos anormais que sucederam.

— Passarei esta noite em casa de qualquer amigo vosso e partirei amanhã para a capital.

Ninguém, a exceção das crianças conseguiu conciliar o sono esta noite em casa de Tobias, na expectativa do despertar de Zulaine.

Efetivamente, à hora habitual ela abriu os olhos e, como se nada houvesse acontecido, ergueu-se do leito, correu ao quarto dos filhos, olhou-os com ternura, tomou a benção à velha mãe, voltou ao quarto e, sacudindo o braço do esposo, disse a rir:

— Ficas aí hoje, meu velho? Não vais ao curral? Anda daí, que eu vou na frente.

Tobias apressou-se em segui-la, quase louco de alegria, a rir e a chorar ao mesmo tempo...

E a vida de Zulaine entrou em sua normalidade.

O Dr. X registrou em seus apontamentos este caso curioso, para futuramente dele se ocupar no livro em preparo: "*Estudos Experimentais sobre as camadas profundas do ser consciente*".

O ilustrado clínico está a escrever em seu gabinete de trabalho. Leiamos, indiscretamente embora, por cima do seu ombro o que a caneta-tinta escreve sobre o papel:

"... dos recessos profundos da alma de Zulaine surgiu, depois de um sono prolongado, mórbido sem dúvida, a personalidade da Duquezinha de X, entidade outrora animada pelo seu espírito. E o espetáculo dessa vida passada desenrolou-se em seu cérebro com precisão exata, exercendo sobre a matéria corporal uma ação preponderante, dominadora. De forma que, a Duquezinha de X, vontade enérgica e inflexível, facilmente *anulou* Zulaine, criatura dócil, de vontade flexível, facilmente maleável. Foi necessária a intervenção de uma vontade mais forte e melhor orientada, que, apelando para o grande Reservatório do Infinito, haurisse de lá os recursos necessários para por um termo a essa demonstração espontânea de REGRESSÃO DA MEMÓRIA.

LUIZ

— Não, não há justiça no mundo, nem em parte alguma do Universo...

Assim monologava uma criatura humana, convulsionada pelo tremor intenso que produz a febre do desespero. Seu coração ulcerado pelo sofrimento sentia o baquear da última esperança, a que se agarrara como uma âncora de salvação. A sua vida material tinha sido até aquele momento uma luta sem remissão, um incessante desmoronar de planos, de tentativas de boas obras, perda de afeições, o fracassar de ilusões carinhosamente alimentadas. A felicidade nunca lhe sorria.

Chamava-se Luiz. Sua mãe falecera logo após o ter dado à vida neste mundo. Fora criado por seus avós, paupérrimos, até sete anos, quando seu pai, casando em segundas núpcias o arrancou ao seu primeiro lar. Não foi feliz com essa segunda mãe. Batia-lhe. Maltratava-o. Os maus tratos criaram nele um caráter desconfiado, concentrando em si próprio todas as suas dores, que não encontravam eco em nenhum outro coração. Ele tinha, entretanto, uma ternura infinita dentro da alma, que não se expandia porque ninguém a adivinhava sequer!

Um companheiro de escola fez-lhe uma vez uma acusação terrível, que deu lugar a injusta suspeita sobre o seu caráter. Foi apontado como roubador de lápis e canetas da escola. Castigado brutalmente... E, no entanto, estava inocente! Daí em diante ficou mal visto de todos os colegas e professores.

Mais tarde, em rapaz, foi trabalhar numa modesta venda. Infortunadamente desapareceu da gaveta a fêria de um dia. Sobre ele caíram as suspeitas: "*era assim desde criança — um gatuno!*"

Prenderam-no. Sofreu castigo imerecido dezoito meses. Buscou trabalhar quando saiu da prisão. Dificílimo! Lutou, lutou, já então sem pai, que havia falecido subitamente quatro meses antes da sua liberdade. Entrou para

copeiro de uma casa de pensão, depois de ter passado até fome, sem trabalho! Essa casa foi assaltada por um bando de indivíduos malfeitores, que assassinaram o seu proprietário para o roubarem. Perseguidos pelas autoridades, conseguiram escapar-se, pesando sobre ele, inocente, a acusação de haver dado fuga aos salteadores como cúmplice. Preso, interrogado, encontrou-se face a face com o seu antigo condiscípulo, aquele que lhe fizera a acusação de roubador dos acessórios da escola, então delegado de polícia. Reconheceram-se, o que lhe valeu o amargor e desta injúria:

— És então incorrigível, hein? Gatuno nasceste, gatuno hás de acabar!

Cambaleou como um ébrio, ante a ignóbil acusação! Quis falar, defender-se e não pode... faltou-lhe a voz, as pernas tremeram-lhe, o cérebro girou como uma ventoinha, teve a sensação de uma vertigem e caiu pesadamente ao solo! De quanto tempo esteve fora de si não teve conhecimento. Foi transportado para um hospital de epiléticos. Ali travou conhecimento com uma enfermeira, a quem se afeiçoou, porque o tratava com carinho. Combinaram casar-se um dia, quando ele ficasse bom e era essa a sua última esperança na vida. Mas em verdade, a pobre mulher não compreendeu o alcance da sua leviana promessa, que jamais teve a idéia de cumprir. Voltando à sua aldeia natal desposou um primo com quem tratara casamento havia dois anos e nem se preocupou com o infeliz apaixonado que deixara no hospital...

Ele a esperou, a esperou...

Sem compreender o seu silêncio, depois de dois meses de ausência, timidamente perguntou por ela a um empregado da casa. A resposta foi uma estrepitosa gargalhada do interpelado...

— Com que então estavas mesmo apaixonado pela Felícia? Pois olha, meu caro, deixa-te de tolices; ela está em plena lua de mel na sua terra...

Não ouviu mais nada. O ataque, que não lhe repetira havia seis meses, voltou formidável! Dando um grito rouco, caiu rijo no chão! Mordeu a língua, espumou sangue, teve convulsões horríveis...

Após o sono que se segue a esse estado convulsivo, recobrou os sentidos e recordou-se de tudo. E refletiu: Sem motivo justificável, era vítima do seu atroz destino. Nem um remorso, por pequeno que fosse, lhe flagelava a consciência. Seus pensamentos tinham sido sempre nobres e elevados. Nunca praticara nenhum mal. E sempre sobre ele o açoite do destino a vergastar alma e corpo! Pois bem: desde que para ele não havia esperança, poria um termo a esse sofrimento injusto.

— “Quem não faz mal aos outros não deve padecer as torturas inomináveis que eu padeço desde que nasci...”

E resolveu. Seria no banheiro. Um cadarço atado ao pescoço e pronto! Estaria tudo acabado.

E para lá se encaminhou, depois de experimentar se era forte bastante o cordão do seu pijama. Para lá chegar, tinha que atravessar um grande corredor, uma área, e depois um outro pequeno corredor. Encontrou o vigia que, vendo-o calmo, deixou-o passar, supondo natural a sua intenção. Era meia noite. Passou o primeiro corredor. Passou a área. Ao entrar no segundo corredor, porém, estacou estarrecido. Limpou com as costas da mão os olhos... Que via?!

No fundo do corredor projetava-se a figura de um homem. Em passo vacilante, violentamente empurrado por malfeitores, carregava aos ombros

uma enorme e pesadíssima cruz. O sangue corria-lhe da frente, onde uma coroa de espinhos cravara os seus agudos acúleos... A respiração ofegante parecia prestes a anunciar o último alento! E esse homem, carregando o pesadíssimo madeiro, na angústia inexprimível de um sofrimento sem igual, levantou os olhos para ele e perguntou-lhe, com uma voz doce e meiga, que lhe penetrou o íntimo dalma!

— “E eu, filho, o que fiz para merecer este suplício?... Volta, toma a tua cruz e... segue-me!”

A visão desapareceu.

Luiz ajoelhou-se ante aquele quadro fluídico, que a misericórdia Divina pusera em frente ao seu olhar, no momento em que a tentação do primeiro crime lhe assaltara o cérebro doentio. Teve a percepção exata da sua alta significação e, quando se ergueu, tinha o coração inundado de alentadora esperança... Uma placidez serena se espelhava no seu semblante e sua alma assim orava:

— “Agrilhado à dor, embora, Jesus, mas que eu viva para o teu amor!”

MARGARIDA

Quanto mais intensa é a vida espiritual, tanto maior é o seu predomínio sobre a matéria. Quanto mais perde o espírito em vibrações de ordem inferior, tanto mais aptidão adquire para a penetração das sensações superiores.

— Quem nunca abriu a sua alma às influências caridosas do espaço, não pode compreender as irradiações de amor do Infinito. É difícil fazer entender aos homens essas sensações, que eles não conhecem, porque fecham suas almas hermeticamente nas paredes da matéria, sem deixar sequer uma fresta por onde possa entrar um pouquinho da claridade “de cima”. Todos nós estamos sujeitos à luta intensa pela vida do corpo, cuja manutenção é atualmente tão custosa, enquanto que o alimento do espírito não custa dinheiro. Quem considera o fim grandioso da vida, encontra felicidade em elevar-se, pelo espírito, além das sombras crepusculares deste mundo; à procura dos fluídos suaves e afetuosos que, envolvendo o nosso espírito, lhe retemperam a energia, preparando-o para o regresso à verdadeira vida. Como é bom, numa concentração tranqüila, buscar essa comunhão abençoada com os espíritos puros! Saboreamos assim um pouco dessa santa alegria, que um dia fará a nossa felicidade eterna!

É Natal.

Há um rebuliço desusado na cidade, cujo aspecto é de festa no interior das famílias. O pregador J., pastor da pequena e seleta Congregação Evangélica, dá os últimos retoques no seu sermão do meio dia. Ele quer apresentar ao seu rebanho um discurso digno da data que se celebra. Para esse fim lê, rabisca, corrige, modifica expressões, estuda a tonalidade da voz, calculando a emoção dos ouvintes, ordinariamente comovidos, eletrizados, pelo arroubo da sua palavra eloqüente e persuasiva. Finalmente, depois de ler e reler a peça oratória que dali a poucas horas faria o entusiasmo do seu povo, ele de-

seja experimentar sobre alguém o efeito das suas palavras caprichosamente escritas e melhor estudadas. Chama a esposa, que prontamente atende.

— Luiza, quero que ouças o meu sermão, a ver como te impressiona. E ela:

— Ora, meu querido, tenho os minutos contados... estou a cuidar do almoço, tenho que preparar as crianças, arrumar a louça, vestir-me... E depois, se eu ouço o teu sermão aqui, que graça posso achar nele lá?

— Pois bem, querida... No entanto, se pudesses ouvir ao menos esse trechozinho... E lê:

— “Transportemo-nos, numa ascensão ardente, à deliciosa paz que reina no Olimpo, passemos através das brumas, que envolvem a terra que habitamos, e vamos assistir a festa que se realiza hoje nos arcanos celestes, pela data natalícia do Divino Mestre! Tomemos parte nessa alegria celeste, cantemos com os anjos glória ao Cordeiro de Deus, tenhamos comunhão com Jesus!”

— Está muito bonito, meu querido, vai ser de um efeito maravilhoso! Ah! Se nós pudéssemos de fato fazer em pensamento essa bela visita a Jesus... Mas é do nosso dever crer que um dia seremos de fato com Ele no Paraíso!

E Luiza lá se foi par o interior da casa a cuidar das suas obrigações domésticas.

O reverendo continuou a retocar o seu sermão e à hora aprazada, juntamente com a digna e bondosa esposa e seus quatro lindos e interessantes filhinhos, encaminhou-se para a pequena capela, repleta de fiéis, artisticamente adornada de rosas de diversos matizes.

Não muito distante da pequena igreja, em uma pobre casinha retirada mora a mestra Margarida. Em sua mocidade dedicara-se a ensinar crianças a ler, escrever e contar. Também ela, coitada, pouco mais sabia. Trabalhara muito, por pouco dinheiro e agora, doente, sem recursos, vivia do que sobrava da mesa dos abastados da localidade. Fora sempre muito dedicada à igreja, da qual se afastara aquele ano, porque a moléstia não lhe permitia o contato com osãos, lhe dissera o médico. Mas o passar sem ver as crianças, os amigos, a igreja, nunca lhe custara mais do que nesse dia: Dia de Natal!

Quando os acordes do velho órgão feriram docemente seus ouvidos, a infeliz Margarida, debulhada em pranto soluçou:

— Jesus, que tristeza na minha alma por não poder festejar o teu Natal!

E atirou-se sobre o leito de ferro, que uns trapos velhos, apenas, serviam de colchão, a chorar, a chorar desconsoladamente...

Assim ficou a desventurada Margarida, mergulhada em sua profunda mágoa, sem ter conta do tempo que passava...

Súbito, a melodia do órgão tornou-se mais próxima... os cânticos se aproximavam... uma luz prateada envolvia o seu humilde leito e em breve todo o mísero quarto era tomado por essa luz diáfana, que tinha tons roxo-violeta, de uma beleza maravilhosa! Seres brancos, rosa, azul claro, baixaram por entre nuvens, que certamente desciam do céu. Lenta e suavemente tomaram a pobre Margarida em seus braços e a levaram consigo...

Ela se viu, de repente, levada por eles até uma altura, que jamais pensou subir. As entidades celestes sutilmente pousaram o seu corpo em macia relva, que alcatifava aquelas parágens encantadoras e lhe trouxeram de beber

água de fonte cristalina, que corria límpida e serena a poucos passos. Ela bebeu, bebeu e saciou-se! Então, as entidades lhe fizeram sinal para que se erguesse e a conduziram a um local não distante, onde eram entoados hinos de suavidade jamais ouvida na terra! Festejava-se o Natal de Jesus!

Margarida extasiava-se ante aquela harmonia deliciosa, fechando os olhos para ouvir melhor, quando mansamente uma voz segredou-lhe:

“Abre os teus olhos e vê!”

Jesus em pessoa estava à sua frente!

Margarida teve um deslumbramento!

— Perdoa-me, Senhor, se a Ti ergo os meus olhos.. E Jesus, sereno e doce a abençoou, dizendo:

— “Não estavas tu triste por não poderes festejar o meu Natal? Sacia-te, pois, do meu amor! Eu estarei sempre ao pé dos fracos, dos desamparados, dos pobres da terra... Quero e aceito o amor sincero dos corações simples, que dentro em si erigem um altar para mim. Volta para a terra a cumprir a tua prova, resignada e crente: — cedo voltarás para mim!

E Margarida se sentiu trazida para o seu humilde casebre. Mas tinha encontrado o amor de Jesus e sentia-se forte para o resto da provação que lhe cumpria terminar na terra. Compreendeu então que cada criatura deve erigir no seu coração um templo a Jesus, não sendo necessário para louvar a Deus recursos de oratória, previamente estudada, mas o louvor espontâneo que nasceu do coração.

NATERCIA

Há uma força soberana e justa, que tudo do “Alto” dirige, com sabedoria infalível. Acima das nossas cabeças, mundos perfeitos existem, de onde descem as inspirações boas, para os de boa vontade em nosso planeta.

As nossas aptidões particulares são guiadas pelas entidades do espaço, sempre prontas a auxiliarem o desenvolvimento das nossas faculdades superiores. Em cada uma das suas encarnações novas traz o nosso espírito as aquisições de outras encarnações, que aguardam apenas oportunidade para desabrocharem em pleno vigor. Os brinquedos das crianças revelam ordinariamente a sua aptidão particular. Diz a história que Napoleão, em criança, costumava brincar de guerreiro, comandando sempre os seus infantis exércitos.

Existem em crianças de precoce talento, adormecidos na profundidade do ser, conhecimentos de ciências e artes, que são o capital acumulado de longas existências de labor consecutivo. Esses são os grandes gênios que o mundo admira e venera, não sabendo explicar com exatidão o *porquê* dessas “exceções” da natureza. Mas o Espiritismo nos diz que tais fenômenos são a demonstração positiva da lei das vidas sucessivas, bem como prova cabal de uma orientação superior extra-terrena, que encaminha e dirige os seres para o seu real destino, força oculta que desperta as faculdades físicas do ser, para a sua comunicação com a Essência Divina!.. .. .

Natercia era uma pequerrucha de quatro anos, que parecia apenas ter dois e meio. Amarelinha e magra, dona de uns bracinhos esguios, que terminavam em duas pequeninas mãos descarnadas, firmava-se sobre dois pezinhos microscópicos, sempre descalços, quer chovesse, quer fizesse sol... Era filha póstuma de um operário, que perdera a vida em um desastre de trem. Sua mãe, para angariar a própria subsistência e da desventurada filhinha, empregara-se de lavadeira em um casal riquíssimo, que consentiu em que trouxesse consigo a criança, pagando-lhe menos do que se viesse só.

Natercia vivia com a sua mãe no fundo da grande chácara, onde era situada a lavanderia e nunca lhe era permitido ver o resto do imenso palácio, porque a filha única do casal, a pequena Dulcinéia, dotada de um gênio turbulento e mau, implicava com ela. A pobre mulher evitava sempre que a pequena tomasse o caminho da grande casa, temendo os modos brutos da riquíssima herdeira daqueles milhões.

Natercia era boazinha, mas era criança! Seu entretenimento predileto era bater no fundo de uma lata vazia de querosene, *o seu piano*. E não raras vezes sua pobre mãe foi admoestada para fazer cessar aquele barulho. Mas a pequenina desandava a chorar, que metia dó, ao ver-se privada da sua maior distração.

Um dia, levada pela mão, acompanhou sua mãe à casa próxima de uma amiguinha dos patrões. A senhorita da casa estudava a sua lição de piano. A criança viu pela primeira vez um piano de verdade... No palacete escutava apenas os acordes desarmoniosos que a menina Dulcinéia, sem jeito nem gosto algum pela música, arrancava do seu instrumento, vítima indefeza da sua má vontade ao estudo. E agora Natercia tinha diante dos olhos, ainda mais rasgados pela expressão de admiração que a empolgava, a objeto dos seus sonhos: um piano!

Mirava os dedos da mocinha, que corriam céleres sobre o teclado desferindo harmonias, que enchiam a sua alma de uma sensação até então desconhecida! E Natercia sentia em si os impulsos de também tocar: e a certeza absoluta de o fazer melhor ainda do que a executante.

Quando a senhorita terminou aquele estudo, a menina adiantou-se para o piano, decidida a tocar também; mas a mocinha a impediu docemente, dizendo numa risada franca e jovial:

— Você não sabe Natercia, sua mãozinha é muito pequena. E fechou o piano.

A criancinha desatou num pranto convulsivo. Sua mãe acariciando-a, tomou-a ao colo e levando-a para casa *prometeu comprar-lhe um piano, também, quando fosse uma mocinha*.

Desde esse dia Natercia não pensou em mais nada. A sua pobre lata, abandonada a um canto, não sentiu mais a pressão dos seus minúsculos dedinhos. Ela suspirava desolada, com a saudade do piano da vizinha.

Um dia, ao acordar, pela manhã, ela disse repentinamente à sua mãe:

— Mamãe, o vovô está a dizer que eu sei tocar piano.

— Que vovô, minha filhinha?

— Aquele ali, mamãe, ali, olha...

E apontava o canto do quarto.

A mãe, nada vendo assustou-se, temendo que a pequena estivesse febril

e correu a ver o calor do seu corpinho. Nada de anormal. Riu-se, mas não compreendeu o fato e nem ligou importância. Mas, uma semana seguida, todas as manhãs a criança repetia a mesma frase. E a mãe principiou a orar, temendo *as artes diabólicas de Satanáz*.

Aproximou-se o aniversário de Dulcinéia.

Um rebuliço geral em todo o palácio. Foi chamado o afinador de pianos. E para que pudesse trabalhar à vontade, deixaram-no só naquele lado do palácio.

A pequena Natercia adormecera e sua mãe teve necessidade de sair, a mandado da patrôa. Ela ficou só, deitadinha na esteira. Súbito, uma voz lhe chegou aos ouvidos, macia e doce:

— Natercia, vai agora tocar.

A pequerrucha levantou-se. Correu em direitura ao palácio. O afinador fora almoçar. O grande salão estava vazio e o piano... sem guarda! Foi obra de um segundo abrir o instrumento, trepar à cadeirinha e entrar em ação!

O magnífico Bechstein, criou alma, sob os pequeninos dedos da iluminada criança. Natercia improvisava uma ária dulcíssima, cheia de suavidade, rica de harmonias, com uma execução impecável, digna dos grandes maestros! As suas pequeninas mãos pareciam donas dos segredos técnicos do precioso instrumento. A sua interpretação era uma verdadeira apoteose do pensamento divino, que transparecia no fulgor que lhe iluminava o olhar, na expressão da fisionomia, que revelava um *quê* de sobrenatural!

Atraído pelas vozes magníficas do esplendido Bechstein, vieram apressadamente todos os da casa, patrões, empregados, afinador e, finalmente, a mãe de Natercia... Estacaram todos à entrada da larga porta do salão, atônitos, sem palavra nos lábios...

A pequena continuava a tocar, sempre improvisando, com extraordinária maestria, tendo estampado na face o fulgor do gênio!

ABBIE

Pelo poder que Deus concedeu ao pensamento, façamo-lo recuar duzentos anos atrás.

Assim.

Encontramo-nos em uma confortável morada, estilo medieval, à hora do crepúsculo da tarde. Uma bela senhora de 40 anos presumíveis, entretinha-se a folhear um álbum de fotografias, na sua maioria antigas, fazendo reparos, comentários, em torno de cada uma, no que era acompanhada pelo seu esposo, que, reclinado em espaçosa poltrona, mostrava no rosto de feições enérgicas, mas amenizadas pela expressão da ternura do olhar, reveladora de profunda bondade, uma ansiedade que não podia esconder.

A uma parada da esposa, que, por sua vez olhando para a entrada do grande jardim, igualmente demonstrou na expressão do olhar ansiedade igual à sua, ele interrogou:

— E abbie?

A senhora respondeu com voz incerta:

— Ainda não voltou do seu habitual passeio.

— Quanto me preocupa o futuro desta filha! Não compreendo, minha cara Martha, como foi possível sair de ti, a excelente, meiga criatura que és, alguém com o modo de ser da nossa filha! Que orgulho feroz, que ambições injustas, que altivez sem caridade! O que lhe reservará o futuro, se dia-a-dia, cada vez se acentuam mais as imperfeições do seu incorrigível caráter!

— Deus meu, Lycurgo, esperemos o melhor... A nossa Abbie é de certo orgulhosa, altiva, mas eu não perco a esperança de que se corrija quando tiver mais idade. Ela tem apenas 19 anos. Olha, muito vai concorrer para essa melhora o seu recente noivado. Edmundo é um rapaz belo e bom. O seu exemplo, o seu amor, modificarão o gênio de Abbie, tu verás.

— Não o creio... Antevejo um futuro sombrio e só vejo abrolhos onde tu, pela tua natural bondade, profetizas flores. Mas, calemo-nos. Eis aí vem Edmundo.

Efetivamente, um guapo mancebo de 22 anos de idade, esbelto, ágil, em traje de montaria entrava à grade do portão, depois de haver passados as rédeas do seu cavalo negro ao criado, que se apressou a servi-lo.

— Ora vivam, meus queridos futuros sogros. Como passam de saúde? Disse o gentil mancebo abraçando e osculando respeitosa e gentilmente Martha e Lycurgo.

— Bem, muito bem, responderam ambos retribuindo o afetuoso abraço.

— Mas, onde está a minha gentil e linda noiva?

Martha ia gaguejando uma resposta, quando as grades do portão abriram-se, para dar passagem a uma linda donzela, clara como arminho, loura como um raio de luz, cujos olhos de azul turquesa, sombreados por espessos cílios, ocultavam dificilmente a ira de que se achava possuída naquele momento.

— Não é possível minha mãe, falou Abbie, sem cumprimentar sequer o noivo, continuar a permitir em nossas terras essa quantidade de negros, que as infectam. Bem sabes quanto me é desagradável à vista esse acampamento, que se estende até o rio de casebres, onde prolifera essa raça maldita, que deveria ser varrida a chicote da superfície do globo. Não é possível fazer um passeio higiênico em nossas terras. A cada passo nos surge pela frente uma dessas imundas criaturas, algumas das quais permitem até aos horripilantes mostrengos que são seus filhos, nos virem saudar de perto! Ah! Mas que lição tomou hoje uma representante dessa repugnante colônia africana, em maldita hora aqui domiciliada. Enquanto tiver vida se há de lembrar, eu garanto! E certamente não terá mais a ousadia de mandar o seu nauseabundo filho oferecer-me flores quando passar... Atrevida! Mas a culpada és tu minha mãe, que os trata como não merecem, saudando-os, visitando-os, levando-lhes remédios, dando-lhes roupas, em uma palavra fazendo deles gente... É ridículo... Mas, desculpa-me Edmundo, tu já não és de cerimônia para mim e certamente compreenderás quanto é justa a minha indignação, se bem que és também um pouco fraco para com essa canalha. Como tens passado? Jantas conosco, não é?

— Sim, respondeu Edmundo.

Um ambiente pesado reinou desde a entrada de Abbie.

Nenhum dos três presentes, se sentia bem. Martha silenciosa e triste, Lycurgo apreensivo, Edmundo incerto.

Assim decorreu todo o jantar. À noite a conversa foi banal até à hora em que o noivo se retirou.

Pela manhã Lycurgo chamou Abbie ao seu gabinete e, em frases polidas porém severas, verberou o seu procedimento de véspera. Habituada a respeitar seu pai, Abbie procurou justificar a sua conduta, o que não conseguiu. Lycurgo adorava sua esposa, que, humilde, carinhosa e boa, era o anjo bom de toda aquela redondeza. E assim Martha foi vencedora, continuando os pobres pretos a viverem nas suas terras.

Nem o exemplo edificante de sua mãe, nem a autoridade de seu pai, nem o amor de seu noivo, nada conseguiu modificar o gênio orgulhoso e altivo da linda moça. Assim continuou, até que chegou a época de ser marcada a data de seu casamento.

Os pais de Edmundo, ricos fazendeiros do Oeste vieram para combinar com Lycurgo e Martha os planos da auspiciosa festa. Reinava alegria. O consórcio foi marcado para a primavera. Daí a dois meses.

Uma manhã entretinham-se os futuros sogros no gabinete de Lycurgo à escolher, num livro de amostras estrangeiras, decorações para a sala do *buffet* do dia nupcial, quando uma carruagem parou no portão da frente. Alguém desceu dessa carruagem e foi recebido com desusada alegria por Edmundo, que abraçava e beijava radioso a recém-chegada. E o belo mancebo chamava para o interior da casa:

— Mamãe, papai, venham cá depressa, é a Magdá! A minha querida Magdá. Que surpresa meu Deus! Todos correram e Magdá foi recebida entre carinhos pela família do noivo e por Martha que, pelo seu excelente coração, se sentiu atraída para aquela cena tocante.

Quem era Magdá? A preta velha que cuidara de Edmundo desde o seu primeiro dia de nascimento.

Martha enterneceu-se, abraçando também carinhosa e sincera a velhinha, a qual atualmente vivia com seus filhos e netos distante da fazenda mas, sabedora do próximo casamento do seu querido "*menino*", viera para conhecer a noiva.

Abbie estava no interior da casa e a sua atenção foi despertada por todo aquele movimento de exclamações alegres, gritos, palmas. E veio ver do que se tratava. Ao chegar ao limiar da sala, parou entre as duas cortinas que formavam o reposteiro. E qual não foi o seu espanto, ao constatar que a pessoa assim tão calorosa e afetosamente recebida era, nada mais, nada menos, que uma negra beijuda, com a boca extremamente aberta, guarnecida de fortes e largos dentes, feliz, felicíssima, por ter naquele momento sentado nos seus joelhos, com os braços em volta do pescoço, Edmundo o seu querido "*menino*". E Abbie estacou petrificada! Uma cólera surda e todo o seu orgulho revoltado, se estamparam em sua fisionomia... Dos lábios trêmulos saíam-lhes sons, como rugidos de fera...

— Mas, onde está a noiva do meu filho, perguntava Madgá, quero vê-la, quero abraçá-la.

Edmundo, desprendendo-se do seu abraço, ia a correr para chamar Abbie, quando deparou com a sua figura entre a porta.

Impossível de descrever a cena de então! Abbie com um gesto deteve Edmundo à distância. Martha, numa aflição horrível, compreendeu a tempestade

que se desencadeava no peito de sua filha. Licurgo, de braços cruzados, tinha o olhar fixo sobre Abbie, olhar que neste mundo era o único que conseguia diminuir, de alguma sorte, os ímpetos da revoltada moça. Edmundo, num sofrimento atroz, vacilava entre a noiva e a pobre preta, amor de sua infância. E Magdá atônita, titubeando, sem compreender a princípio o horror daquela situação, olhava para cada um de per si, tendo uma interrogação vaga no olhar. Finalmente, erguendo-se, encaminhou-se para Abbie, a qual tornou-se pálida de morte!

— Nem mais um passo negra, vociferou a moça, aliás te arrependerás!

Abbie! — gritaram a um tempo seus pais e o noivo enquanto o pai de Edmundo chamava a seus braços a pobre preta que, rápido como um relâmpago, compreendeu tudo.

— Ah! Pai do Céu, fui a causa da infelicidade do meu filho!

E a pobre mulher, tomada de forte crise cardíaca, expirou nos braços de Edmundo, que correu a ampará-la.

Abbie num ímpeto de arrependimento, caiu de joelhos bradando: “Meu Deus, faze-me negra, mas dá-me uma alma de arminho, pura como a neve.

.....

Escusado é dizer que o casamento não se realizou. Edmundo não podia esquecer porque morrera sua velha ama. Abbie permaneceu solteira.

Esta é uma história contada por um espírito.

Todos os seus personagens se encontram na atualidade novamente na terra, a exceção de Edmundo que já voltou ao espaço outra vez.

Abbie é hoje asilada em uma Instituição Espírita. Seu desejo foi satisfeito: é de cor preta.

(AURA CELESTE)

F L O R E S D O C É U

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Rio de Janeiro
1933 - 2016

FLORES DO CÉU

É este, leitor amigo, o título do livrinho que vais ler, e, realmente é esta a melhor designação que, com toda a propriedade lhe cabe.

O Céu, essa mansão divina de amor e luz, sonhada por todas as gerações, jamais deixou de estar em contato direto com a Terra, tal como a luz com a sombra e a noite com o dia.

O homem, no entanto, engolfado na treva da carne, na noute de sua ignorância não o podia perceber, não o podia compreender, não o podia escutar.

Mas, assim como a gota d'água perfura a rocha, malgrado a sua resistência assim também o tempo, com a sua indispensável ação e a lei da evolução a que Deus tudo submeteu, conseguiu que a duraz da ignorância e a treva espiritual do mesmo fossem adelgaçadas e ele, finalmente, percebesse essa intercessão benfazeja, para esclarecer-lhe a alma e preparar-lhe o coração para o bem. Assim, o véu do mistério se rasgou, o túmulo deixou de ser mudo e frio, e aqueles que lá ingressaram deixaram de ser os mortos para serem os vivos! Não mais são eles os ausentes; apenas se tornaram invisíveis, na frase genial de Victor Hugo.

A vida espiritual em nossos dias deixou, pois, de ser um mito, uma hipótese, para ser uma incontestável realidade.

Aqueles que para ela partiram, tal como para um país distante, ou um lugar próximo, podem, nossos amigos que são, seres queridos e afeiçoados, comunicar-se conosco, transmitindo-nos os seus afetos, testemunhando-nos os seus sentimentos e provando-nos a sua identidade. Assim, baixam desse mundo espiritual até nós aqueles que foram libertados da terra, para nos darem a prova indestrutível da sua existência real e verdadeira nesse mundo que nos aguarda.

Eis, caro leitor, o que vais, encontrar nas singelas e despreziosas páginas deste minúsculo livrinho.

São elas bem a fotografia moral das almas que as ditaram, o espelho fiel de sua psicologia espiritual, o testemunho espontâneo da verdadeira condição em que se encontram aqueles que daqui partiram, como conseqüência natural e lógica da divina justiça que se cumpre e da excelsa sabedoria que se executa.

Lê e medita sobre elas, aproveita a experiência de quantos espontaneamente aí depositaram seus depoimentos em coração amigo, como mediador desse céu ainda tão bem oculto para os cegos do espírito e duros de coração.

Compreende que, tendo todos nós de ingressar também nesse mundo de sombras e de dúvidas misteriosas, depoimentos e lições são estas de um valor extraordinário, verdadeiras flores do Céu que nos chegam, reunidas em um buquê de amor e verdade, para aromatizar as nossas almas com a fragrância da singela bondade de quantos aí se revelam, chamando a nossa atenção para as realidades que nos aguardam no mundo espiritual, que será um dia a nossa morada também.

Lê com todo o teu carinho, com toda a tua atenção, e, em cada um desses relatos encontrarás uma lição salutar para o teu espírito e um suave conforto para o teu coração. Lê, e, se ao voltar a sua última página houveres encontrado algo de proveitoso que edifique a tua alma de crente, impulsionando-

a à prática da sublime virtude cristã, a caridade que eleva o ser, graduando-a aos olhos de Deus, estará plenamente satisfeita a vontade de Jesus e por bem empregados todos os esforços de quantos nelas colaboraram.

Não foi outro o intuito dos seres amigos que as ditaram, senão o de concorrer, quanto possível, para o bem de seus irmãos que vivem ainda neste vale de lágrimas, neste paul de vícios e paixões guiando-os e esclarecendo-os.

Ao apresentá-las é ainda o mesmo desejo sincero que anima o coração do vosso irmão e amigo.

Rio - Abril -1921.

IGNACIO BITTENCOURT

I

Minha boa amiga, vai de certo ter uma surpresa quando ler, a assinatura deste original. Recordo-me, no entretanto, muito perfeitamente da sua pessoa, da sua extrema bondade para comigo, da sua paciência com as minhas constantes travessuras. Veja se o seu pensamento corre para trás e chega até o tempo em que era professora interna do Colégio Americano na rua Itamby e na Praia de Botafogo, antigo 118. Lá, entre as suas muitas alunas estava a "**gorduchinha**", lembra-se? Eu e os meus dois irmãozinhos. Então? Vejo que a senhora recordou-se neste momento e abraçar-me-ia, se pudesse, com muito prazer. Sim sou a sua Pandorita de outros tempos a sua companheirinha inseparável e que tanto trabalho lhe deu.

Sou muito feliz em poder falar-lhe hoje, graças à sua mediunidade. Deve à senhora, minha querida professora, os primeiros ensinamentos do amor de Deus, da ternura de Jesus para com as criancinhas, da caridade e amor que devemos ter uns para com outros.

Escutei sempre com muito respeito e amor as suas lições práticas dos Evangelhos de Cristo e acreditei firmemente na salvação pelo sacrifício de Jesus, de forma que eu tinha a certeza de, morrendo, ir para o seio de Meu Senhor... Ah! minha querida e boa professora, quando Deus achou que era bom chamar-me, e eu vim para a região dos espíritos crentes em Deus, as suas lições me foram de grande proveito porque eu amava a Deus com todo o meu coraçãozinho de criança e a você eu devo essa graça infinda.

Perturbei-me é certo, mas porque eu contava ir para Jesus diretamente... Em meu auxílio veio então luminoso e paternal guia, que eu na ocasião supus ser o Divino Jesus, de quem a minha professora falava com tanto amor... Esse espírito luminoso, que eu soube depois ser o do meu próprio guia espiritual o bem-aventurado Francisco de Assis tomou-me consigo e pouco a pouco foi trazendo ao meu espírito o conhecimento das cousas que me era necessário conhecer.

Desde então considero-me feliz, meu amor, e mais ainda, porque Deus, em sua alta justiça, concedeu à senhora o precioso dom de poder ouvir-me, cousa que para mim é um prazer enorme!. Ao pé de mim estão muitos dos seus

fiéis amiguinhos e amiguinhas, que oportunamente falarão também consigo. Não me quero retirar sem procurar quanto possível deixar-lhe a impressão da minha presença; farei um esforço por assinalar com um beijo a sua fronte, que eu respeito e amo, de onde tão bons pensamentos partiram em favor dos pequeninos como eu. Se algum valor têm as preces de uma amiga sincera, rogo a Deus incessantemente pelo bem espiritual e temporal da minha querida mestra. A sua "gorduchinha"

PANDORITA.

II

Como eu estou contente D. A.... por poder vir também dar-lhe uma palavrinha. Estava ontem com a alunazinha que lhe falou, mas eu não a conhecia porque não andamos juntas no mesmo Colégio. Fiquei muito amiguinha dela só por ver quanto ela lhe estima. Nós aqui não estamos paradas não, também estudamos, também temos ocupações segundo o grau das nossas aptidões. Graças a Deus temos os nossos guias, que muito se ocupam de nós ensinando-nos as cousas que ignoramos, mostrando-nos as belezas do espaço, que precisamos conhecer, e cultivando em nós os sentimentos de caridade e amor que Jesus Cristo deseja que fiquem gravados no nosso interior, para que quando voltarmos à terra não caiamos nas fraquezas da vez passada.

Eu, por exemplo tenho o propósito firme de não mais mentir e espero com a graça de Deus jamais faltar à verdade como tantas vezes fiz. E a minha boa mestra, que tanto procurava incutir-me o horror a este tão feio hábito! Ainda me recordo do castigo que tomei por uma história que inventei contra outra... Mas estou muito arrependida destes erros e Deus me ajudará a limpar meu coração de tão negro vício. Falando-lhe hoje, conforme era a minha vez, eu quero assegurar-lhe que lhe consagro a mesma estima que quando andava em sua companhia. Recordo-me muito da minha infância grande parte da qual foi desenvolvida perto da minha querida mestra. Depois veio a separação, com a sua partida para o Rio. Tive muitas saudades. Hoje estou contente. Posso vê-la e o que é mais posso falar-lhe, graças à bondade infinita de Deus, que, perdoando as minhas grandes imperfeições, concedeu-me esta esmola. Adeuzinho. Deus permita que a senhora seja muito feliz e que por suas mãos grandes bênçãos ele derrame sobre os homens na terra e os espíritos no espaço.

Aguarde uma grande bênção do Céu, uma grande alegria que lhe espera...

LUCILA.

III

Chegou a hora abençoada das nossas palestras. Já o Espírito Guia que dirige as nossas sessões diárias **“tocou a reunir”** e pressurosos acudimos, todos os que temos a dita de fazer parte dessas entrevistas.

Somos muitos! Todos graças a Deus alegres, contentes, por esse prêmio que tanto almejamos — comunicarmo-nos com o mundo que deixamos — e, maior é esse prazer, por ser o intermediário dos nossos pensamentos pessoa que nos é tão cara. Quando no mundo em que hoje vivo despertei do sono que sucede à morte, senti uma saudade imensa de tudo quanto havia deixado: Pai, mãe, avós, irmãos, colegas, amigas, tudo havia ficado na terra, onde eu tinha sido tão feliz, vivendo com tanto conforto, tão estremecida pelos meus! Eu quisera falar-lhes e tentei mesmo fazê-lo, mas eles não me ouviram, era uma tristeza! Uma vez fui ao Cemitério. Ah! como eu quis dar aos meus pais a certeza de que estava ali, vendo correr as lágrimas silenciosas da minha mãe e testemunhando a mágoa profunda do meu pai. Nesse momento a senhora chegou. Imaginei, não sei porquê, que a senhora havia de escutar-me e diligencieei fazer-se ouvir... Qual, foi de balde! Entretanto eu tinha a convicção de que poderia comunicar-me com a senhora. E não o estou fazendo? Graças sejam dadas a Deus!

Estou bem, melhor do que mereço a Deus! O meu Guia interessa-se muito por mim e ensina-me com paciência a ler e compreender as sublimes leis do Universo; ensina-me a apreender a grandeza e o poder de Deus, aliados a uma justiça e bondade infinitas.

É muito bela a vida do espaço e eu desejo estudar muito e ganhar em virtudes para que possa cada vez mais avançar na escala que conduz a Cristo! Minha prece a Deus é sempre para que desperte cada vez mais vivo nos meus queridos pais o sentimento de gratidão a Deus e o da Caridade para com o próximo.

Oh! Deus os faça compreender o quanto vale o bem que se faz ao nosso semelhante, o quanto vale o enxugar o pranto ao aflito, o dar o pão ao necessitado, o vestir o nu, o socorrer o enfermo em suas dores! Adeus, minha boa professora! Que a sua mediunidade cada vez se desenvolva e aperfeiçoe mais para o bem do próximo, na terra e no espaço! Sua discípula.

ALMERINDA

IV

Graças a Deus aqui estamos novamente prontas para a nossa reunião combinada. Ninguém faltou, sinal evidente de que todos têm prazer em trocar idéias com a senhora. E eu o que direi então? Nunca soube falar muito, a senhora o sabe: sempre soube sentir muito.

Tinha às vezes o coração cheio de ternura, de amor, outras vezes de pesar e agonias; que apesar de criança eu sofri tantas! Mas... guardava comigo essas impressões e não sabia externá-las. Quantas vezes a senhora disse. "Edna não fala com a boca e sim com os olhos". E era uma verdade; mas nem por isso lhe amava menos que as outras. Tenho sido muito feliz na vida aqui. Deixando a existência penosa que levei na terra, graças a Deus acabaram-se os meus tormentos. Custou-me muito separar-me da minha querida mãezinha, que tantos sofrimentos tem experimentado no mundo, sempre firme, graças a Deus, na fé em Jesus. Quantas vezes tem-me

sido permitido velar perto dela, em seus mais angustiosos momentos de dor, procurando inculcar-lhe paciência e resignação no meio das suas dores.

Ela tem sentido muitas vezes essa minha influência, mas não sabe donde parte esse influxo.

Deus tem sido tão bondoso para comigo, tem tido para mim tanta misericórdia e amor!

Por mais que ensinemos uns aos outros sobre o amor e a graça de Jesus, jamais poderemos dar senão uma pálida idéia da realidade desses sentimentos.

Eu quero ao menos fazer da minha parte aquilo que a minha fraqueza pode fazer, auxiliada com a graça do meu Divino Mestre. Dizer que a vida do espaço é boa para quem entrega a Jesus seu coração, seu amor, sua vida e tem a firmeza de por ele sofrer aquilo que foi necessário padecer.

Quero dar esse testemunho por palavras, como nesta hora, e por ações, influenciando no ânimo daqueles de quem Deus me permitir o aproximar-me. Esse voto Jesus me ajudará a cumprir, porque eu sei que só por mim nada poderei fazer de bom. Espero que a minha querida mestra esteja satisfeita com a amiguinha.

EDNA.

V

Você me desculpe interromper o curso das manifestações que vai tendo das suas amiguinhas do espaço, ditadas com tanto amor e singeleza. Não devia eu entrar no número delas porque as minhas palavras não terão o mesmo cunho de bondade e inocência. Fui muito pecadora para ombrear-me com esses espíritos tão simples, tão cheios de doçura natural. Mas se eu não me apresento nesta reunião com os mesmos predicados que eles, apresento-me com um que não é inferior num certo ponto e vem a ser o grau de amizade.

Sempre fui sua amiga, embora às vezes pequenas desinteligências houvessem entre nós. A minha vida no espaço carece ainda muito de esforço, para que eu possa subir um pouco.

Você bem sabe qual foi a minha instrução religiosa: Um círculo estreito, acanhado, nenhuma iniciativa para averiguar o que há de real sobre a vida eterna. Um inferno que me inspirava horror, um purgatório que me parecia justo, mas me

dava terrores, um céu difícil de alcançar. Assim passei para a vida do espaço, e você conhece bem o medo que eu tinha de morrer.

Assim fiquei num estado de ansiedade, que não lhe sei descrever!

Uma agonia, uma falta de certeza sobre mim mesma, sem saber se estava morta, ou viva. Ah! mas quanto é grande a misericórdia de Deus! Valeu-me um dos seus bons anjos, um espírito esclarecedor, que teve dó da minha cegueira e tratou de encaminhar-me para o lugar que me era próprio, pois eu não saberia ir só. Como era triste e lamentável o meu estado espiritual por falta de instrução própria!

Eu, que tanto rezei, não sabia orar! Que tantas promessas fiz na minha vida, nada sabia dos santos a quem tantas velas acendi, a quem tantas fitas dei de presente! Hoje, embora um pouco melhorada de condição, porque ao menos já sei o que é uma alma, cousa de que tanto medo eu tinha (como se também não fosse uma), ainda me sinto muito atrasada nas cousas do espaço, na ciência da Vida Eterna. Pobre de mim, que não tive criatura humana que me abrisse os olhos em vida. O santo anjo da minha guarda lutara por fazer penetrar na matéria bruta uma fagulha de luz espiritual, mas o invólucro era grosseiro por demais e eu, aferrada à rotina em que fui criada, fugia às suas influências.

Sofri muito nos últimos tempos da minha existência na terra, mais do que na mocidade, que também foi trabalhosa. Deus levou em conta a paciência com que padeci, porque a sua bondade é imensa. Você não se canse de espalhar a crença na Vida Eterna, tal qual ela é. Isto é um benefício enorme para os que partem para o espaço. Quem morrer esperando um inferno ou temendo-o, morre agoniado. Entrar na outra vida como um cego a esbarrar com precipícios imaginários. Me perdoe ter vindo perturbar a paz das suas sessões, mas você foi minha amiga e pode escutar-me, ao passo que ninguém mais do que aí deixei, pode fazê-lo. Rogue a Deus por mim, pedindo luz para o meu atrasado espírito.

MARIA OLIMPIA.

VI

Deus seja convosco minha piedosa amiga.

É a vez de Jenny a sua "filhinha" da escola americana, aquela que tantos mimos ganhou das suas mãos, que cresceu por algum tempo sob os seus cuidados morais e religiosos, e que mais tarde teve a ventura de receber provas ainda da sua estima, na enfermidade que me fez abrir a porta da outra vida. Agradeço a Deus a permissão que me concede de também transmitir os meus pensamentos hoje, a primeira vez que alguém me pode entender, desde que deste mundo parti.

Foi muito grande o meu sofrimento naquela terrível moléstia que minava o meu corpo nos últimos dias de minha vida na terra. Graças a Deus porém, o instante em que o meu espírito se desprendeu não me foi doloroso. Eu sofria tanto, que senti um grande alívio quando repentinamente os meus sofrimentos físicos pararam. Então, vendo claramente o que se passava à roda de mim, bus-

quei comunicar-me com alguém dos presentes, mas ninguém me via nem me escutava; e eu entretanto via a todos! Desse estado de incompreensão fui retirada pelo encarregado do Senhor, que, enlaçando-me, dali me retirou dizendo-me: “Jenny nada mais tens que fazer aqui; vem comigo e eu te esclarecerei”. Dócil a este chamado do Céu, eu segui o enviado do Senhor, supondo ir encontrar-me com Jesus, segundo a minha fé. Ele, porém, com palavras de uma ternura incomparável, fez-me ver qual seria daí em diante a minha vida no espaço e continuou (porque eu hoje sei que não foi aquela a primeira vez que com este Guia me encontrei) e continuou a minha educação religiosamente instrutiva, interrompida tempos atrás, quando vim para este mundo. Esses ensinamentos são para mim de um deleite como jamais gozei na minha vida terrena! Aprender o amor de Deus, as maravilhas da Criação, a missão santíssima de Jesus Cristo na terra é de um alcance moral superior ao que eu, pobre de mim! possa explicar. Diante de tão sábias lições como eu me sinto envergonhada e arrependida das faltas que cometi entre os homens pela minha ignorância, dos pecados praticados, pela minha fraqueza, da falta de paciência com os erros dos outros, como se eu fosse acaso melhor do que qualquer! O meu Guia é tão sábio, tão paciente, cuida tanto de aperfeiçoar o meu caráter, mostrando-me o que é o mal e ensinando-me a fugir dele, apontando-me o bem e para ele me encaminhando! Louvado seja Deus, cuja misericórdia é tão grande, que perdoa o mais negro pecado, desde que o arrependimento seja sincero e o propósito de repará-lo seja firme. Glória lhe seja dada em todos os séculos.

JENNY

VII

Não sei quanto tempo faz que estou aqui, só sei que há poucos instantes é que estive com mamãe; apesar dela ter vindo muito antes de mim, parece que sabe tanto ou menos do que eu, disto aqui. É isto que se chama o outro mundo? Me faziam tanto medo com ele e afinal de contas não é tão mau como me pintavam.

A gente vive sem saber como; não se come, não se tem sede, não se fala, não se dorme... No princípio eu estranhei, porque não vi nada. Olhei, olhei, nada! Nem gente, nem bichos, nada.

Eu feito uma bola de sabão no ar, sem saber se estava dormindo ou acordado. Cousa esquisita! Agora já não é assim. Tem muitos como eu, boiando no ar... e sempre vem aqui um, muito bonito, todo branco, também no ar, ensinar a gente cousas do Céu: mas não é catecismo não. Ele conta a respeito de Deus, de Jesus Cristo, de Maria Mãe de Jesus e tem muita pena daqueles que como eu nunca souberam estas cousas direito. Mas eu ia à missa, quando me levavam; nunca fui herege não! Ele diz que eu preciso amar a Deus aprendendo a conhecer direito a sua grandeza e o amor que ele tem por mim.

Eu acredito no que ele diz, mas sempre fico a pensar como é que Deus, me amando tanto, me deixou sofrer tanto na terra. Agora ele está me ensinando coisas bonitas mesmo, porque eu perguntei a ele se isto aqui é o Céu.

Ih! que passeio lindo eu fiz com ele; vi tanta coisa bonita, que só queria saber contar! Mas eu vejo e não entendo nada; ele é que me explica tudo. Eu acho que ele é um santo; será?(1)

.....
.....
Ah! eu nunca tive na terra quem me explicasse isto assim. Ele é então meu guia? E eu acho que é mesmo; porque eu gosto de fazer tudo que ele manda. Ah! quem dera que se realize o que você diz; que eu aprenda tudo direitinho e possa fazer tudo quanto ele quer que eu faça. Não quero ser mais ignorante não. Deve ser muito bom a gente saber tudo quanto o meu guia sabe. Ele foi quem me chamou para o meio desses que vêm falar com você; e quer saber de uma coisa engraçada? Quando eu estou junto de você eu vejo tudo no lugar onde você está: Olha o retrato de Amaro na folhinha e tem outro na parede, grande

.....
Você tem razão, eu vou estudar bem com o meu Guia para entender bem as coisas.

Que bom, que você me escuta e eu perto de você vejo tudo!

.....
.....
Sim eu irei, se ele quiser que eu vá. Eu quero assistir com você lá e se ele me deixar falar eu falarei também como os outros falam, não é?

.....
.....
Pois sim: vamos orar juntos como você acha bom para mim. E depois eu vou-me embora que os outros também já vão, pois ele está chamando.

ALUIZIO PINHEIRO DA CAMARA

(1) A médium doutrina o espírito, indicando-lhe o que ele ignorava.

VIII

Graças sejam dadas a Deus Todo poderoso, cuja misericórdia e bondade nunca serão inteiramente compreendidas pelas criaturas ignorantes, falhas de saber e virtudes. Aqui estou minha filha, bem perto de ti, muito grata ao meu Deus pela ventura inaudita que me concede em proporcionar-me ocasião de falar-te. Devo dizer-te que estou muito satisfeita contigo, pelo novo rumo que tem tomado a tua vida aí. Dantes a tua existência era penosa, devido à falta de conforto direto que te viesse do alto. Hoje, nas tuas comunicações diárias com o Guia sábio que Deus te designou, tens o sustento real para o teu espírito, a resignação necessária para suportar as agruras inevitáveis e indispensáveis a quem habita no mundo em que estás. Eu vejo assim realizado um dos meus ardentes desejos: a tua volta ao aprisco...

Estavas como a ovelha tresmalhada, a quem o pastor mercenário desviou. E eu havia sido a causa desse teu desvio! Eu que te amava mais do que a própria vida, que seria capaz de derramar todo o meu sangue por amor de ti, eu que seria capaz dos maiores sacrifícios por ti, meu anjo querido, eu fui quem te afastou do caminho santo em que te haviam colocado os Anjos do Senhor. (1) Mas a justiça de Deus não tem falhas, vê com acerto e lê no íntimo das consciências... A mágoa profunda que eu padeci ao compreender o erro cometido, ainda que de boa fé, foi aceita aos olhos do Onipotente como um arrependimento e eu tenho hoje a dita incomparável de ver-te de novo no número daqueles que entregam ao serviço do Divino Mestre seu vigor, sua inteligência, sua vida! Continua, minha filha, na estrada bendita que se abre diante de ti, a semear bênçãos da caridade celeste sobre os sofredores, na terra e no espaço. É natural que queiras saber alguma coisa de mim própria e eu devo tranquilizar-te um pouco.

A doutrina que abraçávamos ambas, quando juntas na terra vivíamos, ensinara-me a crença de subir para Jesus após a morte do corpo.

Sabes hoje que assim não é; não é esta a realidade. A hora do meu passamento foi serena e sem dores.

Bem sabes que estava certa de morrer e não temia a morte, confiante como era no amor de Jesus.

Após o fechar os olhos ao mundo, abri-os à luz bendita do espaço infinito, tendo a amparar-me o conforto santo dos espíritos benditos, que desde a minha agonia rodeavam o meu leito de sofrimento. A esses compassivos espíritos devo o esclarecimento de quanto me cercava...

Têm sido eles desde então os meus guias protetores e instrutores. Hoje, embora longe ainda do alvo supremo a que devem atingir todos os espíritos, — eu esforço-me por adiantar-me no conhecimento das cousas santas, para que, quando tiver novamente de encarcerar-me nas paredes de um organismo humano, tenha a firmeza de vontade e o entendimento esclarecido, pronto a cumprir fielmente o fim para o que for mandada à terra. É certo que todos os filhos de Deus se devem amar fraternalmente uns aos outros, mas também é certo que o sentimento sagrado do amor de mãe jamais se apaga naqueles a quem Deus confiou essa nobre missão. Por isso, minha filha querida, posso asseverar-te com verdade e sem mácula de pecado, neste ponto, que o amor de

tua mãe é hoje o mesmo em intensidade para contigo e mais puro ainda em sua essência, porquanto hoje só visa o teu interesse imortal. Deus te proteja e conforte o teu espírito!

MARIA BALBINA

(1) Ao saber que a médium, freqüentava sessões com Bezerra de Menezes, vindo do Norte proibiu terminantemente a continuação desses trabalhos, a conselho do sacerdote J.M. que adiante como espírito também veio confessar o seu erro.

IX

Longe está você de supor, minha boa amiga quem é que tem o prazer de falar-lhe hoje. Sexta-feira Santa dia em que se comemora o Sacrifício de Jesus no Cimo do Calvário! Compreenderão os homens, compreenderemos nós o maior dos sacrifícios que jamais o mundo presenciou? Ah! Não.

A sublimidade do amor de Jesus pelos pecadores, o sacrifício voluntário a que ele se entregou, não nos é dado entender em sua plenitude. Pertence aos espíritos superiores, que têm por sucessivas evoluções ganho o desenvolvimento físico que nos falta; pertence a esses entes sublimados o perceberem as vibrações raras do amor de Jesus.

Você sabe que eu me criei conhecendo o Evangelho de Cristo e quanto fui sincera em amar o meu Deus, com a fraqueza das minhas forças. Sabe também o quanto eu me esforçava por estudar os textos bíblicos e como tantas vezes procurei a interpretação de alguns que me pareceram sempre obscuros. É que o meu espírito não podia ainda abranger a essência do espírito de Deus nas páginas da Bíblia e eu cingia-me à letra. Aliás é a maneira de estudar as Escrituras que nos ensina a Igreja Evangélica. Pois bem: Libertada a minha alma da prisão carnal em que se achava encarcerada, coisa que foi para mim dolorosíssima, porque você sabe qual foi o meu gênero de morte, eu não sei quanto tempo levei sem compreender a minha situação...

Então a minha fé que era firme em Cristo, de nada me serviria? A dedicação com que eu cumpria os meus deveres de esposa e mãe, a minha honestidade de sempre, as minhas crenças presbiterianas, tudo isso onde estava? É que me faltava o essencial: a disciplina de espírito, o conhecimento do meu próprio **ego**, as razões a que se ligava a minha vida terrena, que eu limitava então a uma existência, finda a qual entraria, pela fé em Jesus, no gozo do Éden Celestial, com Cristo.

Que engano! Liberta a alma das prisões da carne, tomando o espírito a consciência de si próprio, cedo ou tarde, segundo a educação religiosa que recebeu, virá a saber que, embora o seu **eu** seja um só — o seu envoltório físico

tem sido milhares de vezes trocado e reverterá a carne tantas vezes quantas lhes sejam necessárias ao seu progresso espiritual.

Era isso o que eu não sabia, minha amiga! Esta ignorância deplorei sinceramente e hoje, graças a Deus sinto-me um pouco mais aliviada por compreender um tanto o fim para que fui ao mundo, tendo escolhido antes de partir o gênero de morte que tanto entristeceu o coração das minhas amigas. Fui eu mesma que assim compreendi o ser necessário acabar aquela existência terrena e Deus fez-me a vontade! Louvado seja Deus que me permitiu resgatar assim uma grave culpa. Sê feliz, minha boa amiga, na tua peregrinação terrestre e continua a dedicar-te ao trabalho de resgatar almas para Jesus.

JUNIA.

X

Estás à minha espera, minha boa amiga e admiras-te de como eu, que na tua apreciação devia ser uma das primeiras a comunicar-me contigo, dada a amizade estreita que nos uniu na terra, seja apesar disto demorada a vir trazer-te as minhas impressões. Não julgues assim, que não será acertado o teu juízo. A cada um segundo a sua vez, assim está determinado por aquele que dirige estas deliciosas palestras. Ele sabe quando é a nossa ocasião própria de nos pronunciarmos e aguardamos todas que no-la indique. A minha vida espiritual tem me proporcionado, graças a Deus, um aprendizado que eu tenho fé me seja proveitoso. Sabes que daí parti saudosa dos meus, presa às afeições carnis, que em mim eram muito vivas; quero dizer, eu estava muito enraizada ao amor da minha família, daqueles que pela natureza estavam-me ligados pelos laços da carne. Por isso ao desprender-me da matéria e passado o estado de incerteza em que fiquei mergulhada, pela ignorância da minha condição, o primeiro sentimento que em mim despertou foi o da saudade...

Saudade da casa, da família. Eu me sentia como que abandonada, afastada dos que me amavam e a quem eu me dedicava com extremos. Parti do mundo num estado deplorável de ignorância das cousas concernentes ao espírito e tive que aprender o **A B C** do infinito como um principiante, que outra coisa eu não era. Como é deficiente o ensino religioso que geralmente se dispensa às criaturas! Ensinam-nos que há um Deus, que esse Deus se subdivide em três e esse mistério de uma Divindade partida em três, das quais uma "morre" ignominiosamente numa cruz, esse mistério faz uma confusão terrível no nosso entendimento.

Quão diversa disto e quão simples e fácil de entender é a verdade que nos ensinam os nossos Protetores do espaço! Deus é único e verdadeiro!

Fonte de todo o bem, força que sustenta o Universo, energia que se comunica à natureza, fazendo-a criar, nascer produzir... — Jesus Cristo — O Verbo de Deus, o enviado do Senhor para dar ao mundo um testemunho prático, tangível, da moral que o homem deve aprender. — O Espírito Santo — o "Espírito de Verdade" prometido por Jesus para nos esclarecer todas as cousas.

Esse está convosco todos os dias oh! homens cegos e insensatos e vós não o conheceis...

É muito bela esta santa doutrina, minha boa amiga e eu me regozijo contigo porque a abraçaste de coração. Deus te ajude a compreender cada vez mais as belezas do Evangelho de Jesus, para a edificação do teu espírito e o proveito da causa do Senhor entre os homens.

SUZANA.

XI

Eu te saúdo, bendizendo contigo o santo nome de Deus, a cuja graça e misericórdia sejam dadas honra e glória em todo o Universo. Quero também conversar contigo, como o estão fazendo os que foram designados a fazer parte desta série de comunicações.

Conheceste-me em vida, na terra, numa época em que, pequenino, eu nada podia saber do mundo que então habitava e muito menos daquele para onde houve por bem o Senhor chamar-me, ainda na primeira infância. Aquela, porém, não foi a primeira vez que me encontrei neste planeta. Bastantes vezes já havia aqui peregrinado e eis a razão porque tendo daqui partido em pequenino, como viste, tenho hoje a experiência de um "adulto" podendo falar-te nos termos que me ouves.

Certo senti-me atordoado ao deixar a matéria e por algum tempo permaneci sem tomar posse real da minha individualidade, mas a nuvem espessa que me embotava o entendimento foi sendo pouco a pouco dissipada, pelo auxílio dos Ministros do Senhor, que operaram em mim o retorno da memória, até que tomei posse real do meu próprio ser e hoje posso, com o favor de Deus, descortinar toda a minha existência espiritual, com todos os revestimentos da carne, através o decorrer dos séculos! Foi-me muito útil o regresso cedo desta última encarnação à vida do espaço... Tenho aproveitado muito na minha carreira espiritual... Não me tem faltado as lições sábias dos "Mestres do Espírito", esses luminares, prepostos de Cristo, que têm a missão especial de cuidar da nossa educação real: o aperfeiçoamento da alma.

O meu espírito era ainda cheio de erros e maldades, herdados de anteriores encarnações, tendências contrárias aos justos ditames do Altíssimo. Se eu tivesse permanecido na carne até tornar-me homem, que utilidade teria tido a minha existência na terra? Dotado de instintos egoístas (que cedo se tornariam patentes) seria um homem inútil à causa que me obriguei a defender quando para aqui vim, porque infalivelmente eu seguiria a diretriz que seguem hoje aqueles que se tornaram, meus irmãos na carne...

Eu cuidaria, como eles cuidam, dos meus interesses pessoais e materiais, tratando como cousa secundária o interesse coletivo da família e de somenos importância o bem-estar do próximo. Não! Mil vezes não!

Não foi para esse ideal mesquinho que o Onipotente me criou! Eu desejo e quero, com toda a minha possível energia, desenvolver as minhas apti-

dões morais (e materiais quando para a terra voltar) afim de cumprir o **desideratum** para que Deus me criou. Sinto amor e respeitosa veneração pelos meus guias espirituais a quem devo o **pão do espírito**, isto é a instrução imaterial que não perece; reconheço a minha insignificância em presença do Criador e Senhor do Universo, a cujos pés curvo, reverente, a minha fronte e confio na misericórdia e caridade de Jesus, que da minha fraqueza suscitará forças para servi-lo na terra, ou no espaço, onde quer que a vida alimente o meu ser. Congratulo-me contigo, que de tão boa vontade te prestas a servir de intermediária entre os dois mundos. Talvez um dia possamos juntos, como espíritos, percorrer os espaços siderais do infinito, à procura da Luz bendita que espanca toda treva da "Fonte da Água Viva" que mata toda a sede, do Cordeiro imaculado do Senhor que é o Sol da Justiça de Deus, e o seu Verbo Encarnado: Jesus Cristo o Justo!

OMAR

XII

Na nobre missão de que Deus te incumbiu, cara amiga, há variedade de colheita. Ora colhes alegres primícias, fruto espontâneo das almas de escol, ora angustiados lamentos, ecos de um sofrimento que a resignação atenua e o amor de Jesus dulcifica. Se assim não fora, não estaria eu aqui neste momento gozando a felicidade de falar-te, de comunicar-te aquilo que é o peso da minha consciência atribulada.

E sabes porque te chamei "amiga", quando é certo que mal me conheceste outrora, quando ainda nos verdes anos da tua infância brincaste nos meus joelhos? Chamo-te amiga porque, no teu santo livro de orações pelos criminosos da minha espécie, figura o meu nome e quando em oração sincera teus lábios rogam a Deus piedade para os desventurados desertores da vida, sinto uma consolação inaudita, ao ver que alguém na terra ainda não esqueceu o desgraçado criminoso que eu sou. Graças de coração te desejo dar em presença de quantos aqui me ouvem. (1)

.....
O meu arrependimento é grande, a minha mágoa é profunda e eu busco ocasião de resgatar esse horrendo crime.

Deus, em sua misericórdia incomensurável, tem permitido que a luz se faça pouco a pouco no meu íntimo, afim de que eu possa compreender a extensão da falta cometida, após longos dias de meditada resolução, sem a atenuante de uma precipitação alucinada, antes fria e calculadamente deliberada e posta em execução. Miserável que eu sou! É justo, mais do que justo o horror da minha situação!

Sentinela que desertou do posto, que lhe foi confiado pelo seu Deus na arena da vida! Faroleiro que propositalmente apagou a luz que lhe competia fazer brilhar aos olhos do mundo! Não te quero perturbar contando-te os horrores do

meu sofrimento desde o instante mesmo em que voluntariamente fiz a minha desgraça. Apenas dir-te-ei que o arrependimento sincero nasceu em meu coração; e eu nutro a consoladora esperança de um dia poder, à custa embora dos maiores sofrimentos, das dores as mais cruciantes, resgatar a culpa que tão pesadamente me oprime a consciência. Oh! reza por mim, pede a Jesus que interceda por mim a Deus, para que tenha dó da minha miséria, castigando-me como é justo, porque eu o mereço, mas dando-me a esperança de um perdão, embora remoto.

.....
.....

CORNELIO BARROCA

A misericórdia de Deus seja com o sofredor e sua paz bendita fique nesta casa.

THIAGO

(Guia do Médiun).

(1) A médiun doutrina o espírito, ofertando-lhe as consolações evangélicas.

XIII

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Aqui venho dar, como um dever — a cuja responsabilidade não quero, fugir, o meu testemunho, perante aqueles que me acompanham e muito me tem ajudado com os seus piedosos e salutareos exemplos. Bendito e louvado seja o Santo nome de Deus, que levou a sua caridade ao ponto de enxergar o verme rasteiro da terra que eu sou. Graças sejam dadas a Jesus, o Cristo do Senhor, que nos ensinou: “Pedi e dar-se-vos-á, buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á”. Louvores sejam dados ao Espírito do Senhor, que desperta no entendimento da criatura o desejo de compreender as cousas do Céu.

Meu fim hoje, ditando estas palavras que eqüivalem a uma profissão de fé, é tornar patente o meu reconhecimento “à luz bendita” que espancou a treva do meu espírito ignorante e embrutecido. Nada em mim houve de merecimento real na vida que terminei na terra. Fui tão-somente um “sincero” e assim o meu errôneo ensino não me foi imputado como crime. Mas que tempo precioso que perdi e quantos afastei do caminho reto que conduz ao Cristo e por ele a Deus, pregando e ensinando uma doutrina que tão divorciada se encontra dos preceitos do Divino Jesus! Oh! a Igreja a que eu pertenci e defendi com um ardor que tocava às raias do fanatismo, que uso tem feito essa Igreja dos santos ensinamentos do Cordeiro de Deus? Que uso faz ela das lições de humildade, de caridade, de misericórdia e amor sem limites, do manso e meigo Nazareno? E o exemplo dos Apóstolos do Cristo, seus imitadores, para que lhe serve? Oh! Igreja, Igreja, que responsabilidade enorme pesa sobre ti! Quão afastada te

encontras do alvo a que eras destinada. Meu espírito, desprendido que foi dos laços da matéria, encontrou-se no espaço à mingua de conhecimentos que o fizessem tomar posse da sua situação efetiva. Nem Céu, nem Purgatório, nem Inferno... Havia então um outro lugar para mim, além destes três que a minha crença me outorgara? O Limbo? Não era possível ... Esse seria o lugar dos pequeninos pagãos... Onde estava eu então? Indescritível era o meu espanto, a minha inquietação.

Eu, sacerdote Cristão, certo da infalibilidade das minhas crenças, sem pouso em nenhum dos lugares para as almas criadas por Deus?! Oh! incerteza cruel! No abandono completo da fé cega que essa Igreja me havia imposto, vendo baquear um por um dos seus dogmas "**infalíveis**" — a criação das três moradas — a subida imediata para o Céu após uma morte com todos os sacramentos dessa Igreja, as indulgências plenárias do Santo Pontífice, eu me senti aniquilado e enlouqueceria de certo, se o meu espírito permanecesse então no ergástulo da carne.

Mas, toda essa agonia era necessária para que o meu espírito se libertasse das garras desse polvo monstruoso, cujos tentáculos sufocam as suas vítimas ainda além-túmulo!

Deus teve misericórdia do pobre ignorante, que da sabedoria infinita não conhecia a mínima parcela! Um monge santo veio em meu socorro...

Foi ele o meu instruidor e tem sido o meu amigo. Graças a ele a luz se vai fazendo neste espírito baldo de conhecimentos divinos. Antonio de Pádua, meu guia tutelar, amparo meu nos angustiosos tempos da minha perturbação, eu te agradeço o cuidado e o zelo com que velas por mim.

Devo parar. Sei que o médium não pode ter a resistência de um espírito e não desejo fatigar-te. Agradeço-te o carinho com que me ouviste e peço que nas orações especiais de **hoje** seja lembrado o meu nome.

VIGÁRIO JOÃO MARIA

XIV

Bendigo do íntimo do meu ser o momento ditoso em que tenho ocasião de trazer a esta reunião de amigos, o meu Cordial testemunho de solidariedade e amor cristão. Cada um, por sua forma peculiar, tem aqui manifestado o seu amor ao Ser Onipotente que nos deu vida, que nos sustenta e dá forças para a luta contra o mal e coragem para a conquista do bem. Eu, por minha vez, e com as minhas pobres palavras também quero afirmar o meu amor e respeito ao Deus Todo Poderoso que me tirou do nada e elevou à altura de seu filho! Na terra não tive felicidade. Sofri muito e fiz também os outros sofrerem por mim. Os meus últimos dias foram de horríveis padecimentos e muito contribuíram para a agravação dos males de minha esposa, que velava noute e dia ao pé de mim.

Minha fé era sincera em Jesus, a quem eu contava ver, cessado o meu sofrimento na terra.

Ele assim porém não o quis. Fiquei sem destino, nem mesmo sei onde, porque daqui nada conhecia...

Jesus não me deixou vê-lo, talvez porque julgou pequena a minha fé.

Ele que aceitou ao pé de si a mulher pecadora, a Samaritana, os publicanos e pecadores, não me quis aos seus pés, tão miserável eu sou! Perdia-me eu nesse angustioso pensar, quando voz amiga se fez ouvir, animando-me e prometendo esclarecer-me sobre o mistério que me perturbava tanto.

Essa voz era a de um mensageiro do Senhor, que desde então não tem cessado de orientar-me, explicando-me o que é a vida nas paragens onde estou.

A ele sou muito grato e consagro respeitosa veneração. Vou compreendendo melhor o sentimento da religião verdadeira e muito sinto não ter tido conhecimento dela ainda na terra: eu teria servido melhor ao meu próximo, por amor do meu Deus. É quanto sei dizer, porque não tenho preparo nenhum para dizer melhor. Estou satisfeito, porém, porque tenho esperança de saber melhor um dia. E a senhora, que tão amiga foi da minha esposa, lembre-se de mim nas suas orações.

GUILHERME NOGUEIRA

XV

Está no seu posto, hein minha boa amiga? E nós também no nosso.

O prazer é recíproco: A senhora gosta de ouvir-nos e nós gostamos de conversar com a senhora. As nossas entrevistas diárias têm um grande alcance: Estreitam as relações que devem existir entre os habitantes dos diversos mundos, pela troca de idéias mútuas, realizando assim uma parte do grande plano do Divino Mestre, a solidariedade fraterna entre os filhos de Deus na terra e nos diversos planetas que a sua sábia providência criou e povoou no Universo.

Como é linda e majestosa a obra do Criador! Como nós nos sentimos insignificantes ao pé de tanta grandeza e magnificência! Tem-me sido proporcionada a dita de ver muita cousa bela na vida do espaço Dona A...

Da terra nós avistamos esses pequenos globos áureos como engastados na abóbada anilada do firmamento...

Ver de perto esses primores que Deus criou para a moradia dos bem-aventurados, visitar essas luminosas paragens até onde nos é permitido pelo grau de evolução que tenha conquistado o nosso espírito, oh! é maravilhoso, é sublime. Se nós, quando retidos ainda na matéria bruta que constitui o nosso corpo na Terra, soubéssemos compreender a grandeza que nos espera no infinito, teríamos, eu penso, mais força de resistência para repelir tudo quanto constitui um embaraço a essa gloriosa conquista. Oh! eu quisera poder dizer em altas vozes ao mundo inteiro: Meus amigos, meus irmãos — abandonai os caminhos tortuosos do erro e da ambição, deixai o orgulho, a soberba e a pre-

sunçosa vaidade que tanto vos lisonjeia. Não tendeis uma religião de mera convenção de fingida caridade e falso devotamento...

A religião que agrada a Deus, que desperta no Infinito vibrações de amor encontrando eco em todos os espíritos evoluídos é a religião do sacrifício, da abnegação e da caridade. Sim. É necessário que o homem subjuguie por completo as suas tendências egoísticas, que tenha para com o seu próximo a abnegada dedicação dos apóstolos benditos do Mestre Santo, que pratique a caridade conforme o ensino de Jesus, **ignorando a mão esquerda o que fez a direita**; enfim que o homem seja sincero, abandonando de uma vez para sempre a hipocrisia, que infelizmente é a máscara que muito poucos não trazem a encobrir-lhe os verdadeiros sentimentos.

Se eu, quando na carne, tivesse dedicado o meu tempo ao estudo consciencioso das ciências do espírito, outro proveito teriam tido as minhas pregações evangélicas. Certo eu preguei os Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo em **"verdade"**, mas não posso dizer que o tivesse pregado em **"espírito"**;

Preguei-o em **"verdade"** porque não o falseei, graças a Deus! Lia-o e explicava-o ao povo, conforme a **"letra"** que se encontra na Bíblia.

Mas, não o preguei em **"espírito"**, porquanto não soube extrair a **"essência"** da **"forma"**. Sim, minha boa amiga.

As palavras que se encontram nos quatro Evangelhos de Jesus foram escritas por Lucas, Mateus, Marcos e João. O **"Espírito"**, porém, que as vivifica, que constitui o corpo imperecível da doutrina que um dia há de reger o Universo inteiro, esse Espírito é aquele de quem o Apóstolo deu testemunho:

"Eu sou o Alfa, e o Ômega. Aquele que é, que era e que há de vir".

Oh! quanto me pesa não haver discernido o pensamento do meu Criador através a letra das escrituras...

Mas, eu era sincero, meu Deus! Eu tinha no meu coração o desejo único de ganhar almas para Jesus!

Perdoai-me meu Deus o meu fraco descortino, a minha pequena percepção das cousas inerentes ao Espírito. Louvavam-me, elogiavam-me. Quando eu era apenas um aprendiz das cousas espirituais, chamavam-me mestre! Pobre de mim! Tenho muito que estudar, tenho muito que aprender.

Adeus, minha boa amiga. Recorde-se em suas orações do seu velho amigo.

E. A. TILLY
Pastor protestante

XVI

Para mim poucas linhas chegam.

Minha história é curta e vai te causar pena, minha A... Conheceste-me e eras minha amiga, bem como tua boa mãe que tinha especial estima por mim. Vida inútil foi a minha na terra. Não fiz o mal, é certo, mas também não fiz bem algum. Vivi para mim e para os meus. Deus me deu um físico sadio e eu só cuidei em alimentá-lo bem, vesti-lo com elegância e dar-lhe o necessário conforto. Fui boa filha, porque amava minha mãe; boa irmã, porque estimava meus irmãos; boa esposa, porque fui por natureza honesta; boa mãe, porque não maltratava os meus filhos... De Deus... não me preocupava... O próximo me era indiferente. De Jesus sabia o que a religião dos outros me fazia saber: A história do sacrifício no Calvário e ressurreição em **corpo** no 3º dia. Vês tu em que condição triste deixei o mundo. Contar-te a minha transição de uma vida para outra arrancar-te-ia lágrimas. Nem eu sei quanto tempo passei como um autômato no espaço! Nada sabia, tudo me era estranho, nem consciência tinha do meu estado real de espírito. Movia-me sem saber como, impelida por força estranha.

Horrível, horrível! Vi sepultarem a mim mesma e eu me sentia viva... Vês tu, minha amiguinha, o prejuízo que causa esta criação que as mães dão aos filhos ocultando-lhes os tesouros de graça do amor de Deus? Não basta ser honesto e bom: é necessário crer na misericórdia de Deus e saber o que é que Ele espera de nós.

Dou este testemunho para que aproveite a outros a minha experiência.

Que cada um estude nesta vida as razões da sua vinda ao mundo e aprenda de Jesus os ensinamentos e a prática do amor.

ERNESTINA BARROCA.

XVII

Paz em nosso Senhor Jesus Cristo.

Nem tão estreitos foram os nossos laços de amizade, prezada irmã, dada a grande diferença entre as nossas idades. Mas, tive por mais de uma vez, ocasião de apreciar o teu trabalho escolar, bem como o teu zelo de cuidar, de edificar o moral das criancinhas com a fé em Cristo.

Missionária era eu, tendo consagrado longos anos de minha existência na terra à propaganda dos Evangelhos de Jesus, segundo se encontram exarados nas Escrituras sagradas. Sempre fui verdadeiramente sincera nas minhas crenças religiosas e dediquei-me em extremo ao bom êxito do trabalho

que me estava confiado. Assim, esforçando-me por cumprir o meu dever, trabalhei enquanto tive forças para isto.

Quando me foi impossível continuar a lida, recolhi-me à oração e esperei o dia em que o Senhor chamasse para perto de Si a sua serva. É aqui que começa a parte edificante da minha narrativa, que justifica o fim com que aqui me encontro presente. Sem receios, sem temores, esperei calmamente que soasse para mim a hora derradeira.

Partiu-se afinal o fio que ligava minha alma ao corpo físico. Eu senti-me desprender da matéria e confiante em Jesus busquei o seu encontro. Como me pareceu longe esse trajeto! Que caminho intérmino! Facilmente eu me evolava por essas paragens, até então desconhecidas, e procurava, sem encontrar, a **"bela cidade"** onde estaria certamente Jesus à minha espera, segundo a minha fé.

Tudo ermo! Jesus permanecia oculto... Longo tempo vaguei no espaço, à procura do **"Esposo da minha alma"** sem compreender a sua ausência. Não era então ainda aquele o **"Éden Celestial"**, a **"Jerusalém prometida"**, o **"Celeste Porvir"?! Onde estava eu então? Certo não pertencia mais ao mundo, disso eu tinha consciência perfeita; mas então o que significava esse afastamento de Jesus, que me devia buscar após à morte do corpo? Foi nessa angustiosa incerteza que recorri à oração; foi orando que eu chamei por esse Jesus amado da minha alma, esse Jesus a quem eu consagrei a minha vida na terra, esse Jesus que eu desejo ver com uma ânsia que não sei descrever!**

A prece tem o poder de transfigurar a alma, a prece dulcifica a dor, a prece sossega o aflito. Em oração fervorosa me encontra assim embebida, quando uma claridade, a princípio frouxa e pouco a pouco mais sensível, me foi rodeando, até envolver-me por completo. Dir-se-ia o clarão da lua quando em sua fase plena. Uma forma então surgiu dessa luz prateada e um semblante angélico, um rosto formosíssimo, qual ainda não vi igual, me apareceu deslumbrante de irradiação e beleza!

Oh! Não era o meu Jesus! Esse rosto era de mulher... "Fala-me por piedade" disse-lhe eu, "quem és tu? Por que aqui me encontro? Leva-me para Ele..." Sabes tu quem era esse vulto envolto em diáfana luz?

.....

Oh! Sim disseste bem, ou melhor ela me revelou. Era Thereza de Jesus. Desde então, começou o meu aprendizado: A beata do Carmelo a lecionar a missionária do Evangelho!

Mistério sublime do Altíssimo. Tereza de Jesus tem sido o meu anjo bom. A ela devo o quanto conheço da verdade, aprendida no livro imenso do Espaço Infinito. Alegro-me em trazer esse testemunho ao mundo onde vivi, aos meus irmãos a quem tanto amei, ao meu próximo que desejo ver instruído nas verdades ensinadas em espírito por N. S. Jesus Cristo.

Perdoa-me o fatigar-te e deixa que eu me despeça de ti orando a Deus para que te dê a força e o tempo necessários para o desempenho do trabalho que procuras levar avante. Glória a Deus.

XVIII

Aqui me encontro entre os meus amigos e as primeiras palavras que de mim devem partir são de ação de graças a Deus pela permissão que me tem concedido de vir até aqui.

Lembro-me muito de você na sua infância e adolescência, quando começava a desabrochar a sua inteligência para as cousas do **"Alto"** e, não raras vezes, nas nossas palestras sobre astronomia, em que eu lhe procurava fazer entender o mecanismo dos astros, a sua rotação, a forma da terra, as descobertas de grandes astrônomos, tais como Kepler, Copérnico, e tantos outros. Você replicava sempre com insistência: **"Isto é por fora; lá dentro é que eu queria saber como é"**. E Depois, quando em matéria de religião falávamos incidentalmente do pouco que as igrejas ensinam, Você, impaciente, atalhava; "não quero saber disto. Isto não me adianta nada. Falemos de cousas mais interessantes": **"fale-me dos astros"**. Sempre o pensamento a procurar as alturas. Parecia uma predestinação do futuro.

Pois bem A... falemos hoje do **"Alto"** — Não lhe quero contar as agonias da minha morte por submersão, como Você sabe. Torturar-lhe-ia o coração e essa não é minha idéia. Eu nunca fui ateu. Rejeitei sempre a religião falsa que me apontavam como o caminho para Deus. Igualmente rejeitei o sectarismo fanático dos protestantes que estabelecia uma política intolerante dentro da sua própria comunidade. Mas, dentro do meu ser havia um lugar reservado para o meu culto íntimo a Deus, que eu sempre reconheci como Supremo Arquiteto do Universo. Separado da matéria, o meu espírito hoje procura instruir-se nas cousas do **"Alto"** (na sua expressão). Muito me falta ainda a compreender, eu sei disso; mas no entanto, o pouco que tenho conseguido aprender já me dá para conhecer que toda a estulta vaidade de saber do homem de nada lhe vale.

O homem continua ignorante e desconhecedor da principal ciência — A Ciência da Vida Eterna. A sabedoria de Deus não se revela ao orgulhoso, ambicioso de glórias vãs que ao mundo apetece. Ele se revela aos simples, àqueles que procuram galgar um a um os degraus da escada espinhosa da virtude por uma vida pura, isenta de maldades conscientes e cheia de obras meritórias de caridade. O mundo dos espíritos é belo, é portentoso! Nem só os planetas, cuja escala nós conhecíamos (lembra-se?) formam o sistema planetário... Há muitos outros cujos nomes os homens desconhecem, porquanto os seus aparelhos, por mais possantes que sejam, não atingem tão considerável altura. E todos eles com os seus satélites em derredor. A via látea, minha amiga, essa faixa leitosa que se estende parecendo uma esteira alvinitante no firmamento, que primor de beleza não é! Tem-me sido permitido ver e admirar essas portentosas maravilhas, com o que instruo-me para voltar ao mundo em condições de poder prestar proveitosos serviços aos meus irmãos da terra, na época que o Senhor determinar.

O firmamento, o espaço infinito contém maravilhas que pouco a pouco se irão desvendando aos olhos dos homens. Basta que um pouco de boa vontade os anime e desperte... Os espíritos superiores têm gozo em educar e

instruir a humanidade, restando apenas que ela deseje adquirir esses ensinamentos grandiosos de tão ilustres mestres.

Você continue a estudar e a aplicar-se na pesquisa das cousas do "Alto e conserve sempre a humildade cristã, característico do verdadeiro servo do Divino Mestre.

Seu amigo velho

AFRODÍZIO BARROS

*1º Tenente da Armada,
falecido no naufrágio do
"Solimões".*

XIX

Muito belo o título escolhido para esta série de comunicações D^a. A...! Bem inspirado e tocante na sua significação: "FLORES DO CÉU"! Cada ser aqui manifestado retirou do jardim precioso que cultivamos no espaço, a flor que julgou mais preciosa e lhe ofereceu para que a Senhora, juntando-as num ramalhete, as ofereça àqueles que as saibam apreciar, que saibam gozar o seu perfume. Bem se vê que aquele que este título escolheu sentiu na sua alma o aroma dessas flores e o seu coração sensível advinhou-lhes o perfume! "FLORES DO CÉU"! Estamos todos muito satisfeitos com a feliz escolha. E eu que direi, se até o meu próprio nome na terra foi o nome de uma flor mimosa cuja modéstia e beleza natural, longe estive de imitar?!...

A senhora recorda-se de mim. Dona A... recorda-se perfeitamente, eu sei... A senhora **sente-me** muitas vezes durante o dia, porque, não raras vezes me encontro onde a senhora se acha em certas horas. Eu continuo a amar muito aos meus e não sei como render graças a Deus pelo favor imenso que me concede de consentir andar perto deles tão a miúdo. Pelo fato de passarmos a vida puramente espiritual não se segue que fiquem quebrados os laços que nos prendiam às afeições sinceras.

O amor de filha, o de esposa e o de irmã perduram em mim. Visito os meus irmãozinhos quotidianamente e à minha boa mãe é-me concedido o privilégio de ver sempre que a saudade a isso me convida.

Alta noite, quando o sono cerra as suas pálpebras, quantas vezes velo a sua cabeceira vigiando o seu dormir! Dona A... eu sou feliz.

Malgrado as minhas imperfeições, encontrei amor e carinho em Jesus que me dá as suas instruções por intermédio do caridoso Guia, meu Instrutor. Assim é que tenho o prazer inqualificável de visitar os hospitais, onde os mais humildes sofrem as suas dores materiais e morais, fruto muitas vezes de uma expiação dolorosa, mas necessária; e cercado esses pobres seres de uma aura de resignadora consolação, eu procuro, invocando o auxílio do Divino Mestre, aliviar-lhes os sofrimentos. Oh! como é bom fazer o bem! Como satisfaz o espí-

rito praticar a caridade pelo amor de Jesus e do nosso próximo! E pensar que há nos mundos inferiores e até no espaço, entes que se votam a si próprios ao exercício do mal, à prática de toda a sorte de maldades, torturando o seu semelhante e cavando cada vez mais fundo a sua própria ruína! Meu Deus! Eu quisera que todos fossem bons, Senhor! Que todos te amassem com o amor com que te amam os teus discípulos bem-aventurados, aqueles que na terra formaram o teu colégio apostolar, como te ama Tereza de Jesus para quem o teu amor é parte integrante do seu ser! Com o fogo da consagração de Paulo, o luzeiro do Cristianismo! — Com a abnegação e o sacrifício de Vicente de Paulo! Com a doçura e a humildade de João! Que direi de ti, Mãe Santíssima! Escrínio do amor sacrossanto de Jesus, escolhida por Deus para a manifestação máxima do seu Divino Amor!

Oh! Quando chegará o auspicioso dia em que seja uma realidade a Fraternidade Universal! Trabalhem todos, unidos, dedicados a Jesus pelo bem da sua causa, que é a nossa, sem distinção de credos, nem de classes, nem de raças, mas todos com o firme propósito de progredir, progredir sempre até atingir a perfectibilidade para que fomos criados.

VIOLETA.

XX

Grande era a minha ansiedade por falar-te, não menor do que o teu desejo de escutar-me. Quando dois entes são ligados por uma amizade sincera, qual a que nos unia, é um prazer poder novamente trocar idéias, após um silêncio tão prolongado como este que a minha partida estabeleceu entre nós. Mas tu compreendes bem estas cousas.

Nós temos que fazer cada coisa a seu tempo e não à discrição da nossa vontade, isto é, nós, aqueles que desejamos progredir no caminho do bem, prestando obediência aos bondosos guias que nos dirigem. Os outros, aqueles que pelo seu livre arbítrio desprezam tão proveitosa direção, esses procedem como entendem e vão atendendo às solicitações do seu próprio desejo egoístico, menosprezando o que os preclaros guias apontam como melhor para eles. Eu poderia, talvez, ter-te falado antes, mas sem grande utilidade para nós ambas seria a nossa conversa. Hoje, embora não me considere suficientemente preparada nas ciências do espírito, todavia sinto-me mais esclarecida um pouco do que quando daí vim.

A religião protestante que nós ambas professamos, tem a grande utilidade de nos apontar Cristo Jesus como o Salvador pessoal de cada um. Ela em teoria nos ensina a amá-lo e aceitá-lo como o amigo incondicional das nossas almas; e há no seio dessa igreja, crentes que têm em seu coração o fogo sincero do seu amor. Mas, minha amiga, é deficiente o ensino dessa igreja, porque nivela as condições morais dos indivíduos, fazendo-lhes crer que, após uma existência inteira de corrupção e maldade, da prática de crimes voluntários

contra a lei Divina, por um arrependimento sincero, qualquer pecador entrará desde logo, após a sua passagem para o outro mundo, — no gozo da bem-aventurança eterna, onde vive Jesus, o Cristo de Deus! Inqualificável absurdo que só a nossa cegueira da carne impede de descortinar desde logo.

Essa igreja ensina, desta forma, que o criminoso assim arrependido fará jus ao prêmio que muito justamente alcançaram os devotados servos do Senhor, mártires sacrossantos do Cristianismo!

Essa era, tu sabes, a teoria que eu abracei, sincera de coração, mas com muito poucos conhecimentos que me permitissem descortinar um pouco mais adiante.

Tu és feliz neste ponto. Enxergaste ainda na terra um pouco da verdade do Céu... Eu não me queixo. Deus teve dó da minha ignorância e Jesus compadeceu-se de mim, dando-me mestres que não se têm poupado esforços em meu proveito. Tenho pena da minha igreja na terra que, com os bons elementos de que dispõe, poderia se aproximar mais da verdade que transparece das palavras dos Evangelhos, se, deixando de seguir tão de perto a **letra**, buscasse, melhor orientada, o **espírito** que lhe dá o real valor. As palavras de Jesus são "**espírito e vida**". Sou feliz por falar-te hoje, minha boa amiga, e poder assegurar-te que esforço-me por compreender o estudo que a minha ignorância não pode antever na terra.

Paz a ti e aos teus. Que a benção do Altíssimo seja contigo.

MARY NOGUEIRA

XXI

Já de há muito não nos falamos, prezada amiga; apesar disto, eu fui dos primeiros com quem entretiveste comunicação, ao começo do desenvolvimento da tua mediunidade. De nenhum proveito eram as minhas manifestações naquela época, pois que, aferrado ainda às cousas terrenas, eu só me ocupava então dos seres que me eram caros, daqueles que me tinham sido ligados por laços de sangue na terra. Havendo grande afinidade de sentimentos entre o meu e o teu espírito, fácil me era aproximar-me de ti, dando-te provas categóricas da minha identidade perante pessoas que me haviam conhecido na terra, as quais mais de uma vez foram testemunhas do que acabo de afirmar. Parti deste mundo atrasadíssimo, quanto ao meu destino após a morte. O que as igrejas me ofereciam como base de fé incondicional, que não admitia exame, porquanto este implicaria uma dúvida e esta, por si, já constituía um pecado grave — eu jamais pude aceitar. Que oferecem, de fato, as igrejas ao espírito culto homem? Missas, confissão, manifestações externas de um culto tributado a um Deus que elas próprias desconhecem! Isso nunca satisfiz às exigências do meu espírito. O que eu conhecia bem, partícula por partícula, era a matéria

humana, que analisava minuciosamente a golpes de bisturi... Isso sim! Se eu pudesse fazer o mesmo com o espírito, é certo que acreditaria nele; mas como ele não estava ao alcance do meu escalpelo... Foi assim, nesta lastimosa condição, que eu fui arremessado um dia ao vácuo do infinito... Se a ciência, sem descurar o estudo da matéria humana se dedicasse ao exame consciencioso da parte física do homem, abandonando de uma vez para sempre essas intermitentes explosões de fanatismo, não se verificariam casos tristes como este de que eu dou testemunho neste momento. Partir da vida terrena um espírito (a verdade me obriga a dizê-lo!) conhecedor profundo da natureza humana em sua parte material, podendo apontar de olhos fechados, posso afirmar, os mais pequeninos segredos do corpo humano, completamente ignorante dos atributos inerentes à alma! É tempo de arrancar a venda que a ciência atou aos seus próprios olhos.

A justiça é cega, dizeis vós, querendo significar a sua imparcialidade. Pois bem; a ciência não pode ser cega: a cegueira da ciência encobre a ignorância. É necessário, é urgente que ela enxergue, que ela examine, que ela descortine a verdade. Como um dos seus humildes apóstolos, tendo dedicado os dias da minha vida terrena ao seu labor constante, eu quero hoje proclamar, bem alto, a verdade imanente que só a vida do espaço me revelou: O espírito vive eternamente e continuará no infinito a obra de evolução interrompida pela sua volta à carne, encarnação que lhe será proveitosa, ou não, conforme o uso que houver feito aqui do seu livre arbítrio. Deus nos criou para o Bem, para a Ciência, — para o Amor.

DR. CAETANO DE ALMEIRA

XXII

Glória a Deus! Bendito seja o santo nome de Jesus! Pouco tenho a dizer. Sou ainda muito fraca e atrasada para que possa dar uma comunicação útil aos meus e ao próximo. Quero, porém, cumprir o meu dever, já que, por bondade daquele que dirige estes trabalhos, fui designada para manifestar-me hoje. Não fui humilde e boa na terra; também não fui caridosa, nem amei ao próximo conforme a lei do Senhor me ordenava.

Tive princípios honestos e, graças a Deus, fui criada em um lar onde o sentimento de honra era um dever. Vi naquela que foi minha mãe um modelo de honestidade, de amor ao trabalho e resignação na adversidade. Não transgredi nestes pontos, dou graças a Deus, os bons exemplos de que fui testemunha. Mas, a fraqueza do meu caráter consistiu sempre em querer colocar-me acima daqueles que hoje reconheço muito superiores a mim.

Este foi o embaraço ao meu adiantamento. Tantas vezes que eu li na Bíblia **“O Senhor exalta o humilde e abate o soberbo”!**

Continuava no entanto o meu coração endurecido!

Começou a minha punição, que eu considero justa, desde que, agravando-se a minha moléstia, e tendo conhecimento perfeito de todos os meus erros, eu quis partir deste mundo tendo recebido o abraço fraternal de perdão daquele a quem tanto ofendi, e esse consolo derradeiro, que eu esperava com tanta ansiedade, contando os dias com a aflição de um condenado, esse consolo final me faltou, para que a justiça fosse cumprida! Cada um colhe aquilo que semeia, é justo! Assim falando eu não guardo ressentimento algum dentro de mim mesma.

Eu me sinto culpada; porque, o meu orgulho, a minha soberba, necessitavam ser abatidos, para que o meu espírito reconhecesse a sua insignificância no meio das outras criaturas. Como disse acima, esse orgulho foi o único embaraço ao meu adiantamento, e hoje, livre desse horrendo pecado, eu espero de Deus a graça de conservar-me humilde, caridosa e boa, como nos ordena a todos, tendo nos dado não só o mandamento como o exemplo edificante de tão altas virtudes.

Sou muito grata àqueles que oram por mim, por ver que em seu coração não há mais aquele rancor que é tão contrário aos desejos de Jesus. Continuem todos a se lembrar de quem também não os esquece...

MARIA FLORESTA.

XXIII

Após longo tempo de um sofrimento que me pareceu sem fim, raiou o dia abençoado, em que me é permitido trazer ao mundo o conhecimento da experiência pessoal porque passei, na esperança de que ela possa servir de lição proveitosa àqueles que ainda palmilham a estrada espinhosa que eu já percorri na vida terrena.

Fui "**poderoso**", fui respeitado como um **chefe**, no lugar onde nasci.

Minha autoridade era acatada com temor e ninguém era capaz entre os meus "**súditos**" de levantar a voz em minha presença!

Mais do que isto: Acreditei-me superior a tudo e a todos! O meu orgulho elevava-me, aos meus próprios olhos, à altura de um rei.

Mas, longe de querer imitar os sentimentos filantrópicos dos grandes reis, eu só procurava imitar a crueza de sentimentos dos que mais nefastos foram à humanidade. Eu tinha o orgulho do sangue, do poderio, e só ambicionava subir em posição social, embora para atingir esse fim fosse necessário calcar aos pés os mais nobres sentimentos, ou pisar por cima dos mais sagrados deveres.

O orgulho de raça levou-me a cometer o mais nefasto crime que se possa imaginar e cuja narração mancharia as páginas belíssimas das "Flores do Céu"!

Com a alma denegrada por tantos pecados, passei desta vida para a do Além... Calcula tu, alma singela, o horror da minha situação. O peso das minhas culpas era semelhante à bala que se ata aos pés do cadáver antes de

jogá-lo ao mar: puxava-me para os abismos inferiores. As almas puras são leves e flutuam suavemente no espaço infinito.

A alma sobrecarregada com o peso das maldições das suas vítimas, erra nas regiões inferiores, crivada pelos espinhos aguçados dos remorsos.

Terrível foi a minha tortura! Meu corpo recebeu na terra, no momento em que foi dado à sepultura, os mais solenes testemunhos de fingido apreço...

Minha família, dilacerada pela dor, chorava lágrimas de dolorosa saudade, pelo desaparecimento daquela matéria inerte, que a terra recebeu em seu seio... E, oh! contraste angustioso!

Meu espírito entrava no mundo invisível, só, inteiramente só, sem mão amiga que lhe guiasse os passos vacilantes, na noute escura que o cercava.

Não demorar-me-ei a enlutar as páginas deste mimoso livro com a narração das minhas dores.

Dir-te-ei apenas que, após os mais angustiosos transe, senti as primeiras gotas do bálsamo consolador caírem-me piedosamente no atribulado ser. quando o arrependimento bruxuleou dentro de mim.

Medindo o horror dos crimes cometidos, com plena consciência, uma dor profunda se apoderou de mim, pelo desgosto amargo de haver violado, não só um, como quase todos os mandamentos sagrados da lei do meu Deus! Hoje estou arrependido. Plenamente convencido de que, entre todos os pecadores, eu sou o mais indigno! Sofro imenso a dor de haver ofendido ao meu Deus, que todavia me oferece os meios de resgatar os meus hediondos crimes, em sucessivas vindas à terra, onde dar-me-á a oportunidade de exercer, em cada encarnação, as virtudes opostas a cada um dos crimes cometidos.

Este é o meu depoimento hoje, para que, os que tiverem conhecimento, saibam acautelarem-se contra as perigosas tentações do orgulho, que arrastam o homem à prática dos crimes que eu cometi e cujos remorsos me trouxeram as mais cruéis amarguras que jamais possais imaginar. Louvo a misericórdia de Deus que é tão grande, ao ponto de oferecer a um criminoso da minha espécie os meios de reabilitar-se perante a sua impoluta justiça! Glória a Deus.

BONIFACIO

XXIV

Todo o meu ser prostra-se reverente diante do trono do Altíssimo, que, por sua excelsa bondade e misericórdia sem par, dignou-se conceder ao seu humilde servo a graça de aproximar-se e manifestar o seu pensamento àquela que, na terra, dedicou o mais sagrado amor. A alegria que me possui neste momento é tal, que, só por si recompensa a angústia dolorosa que me pungia o coração, quando via a morte aproximar-se para separar-me de ti, ainda que provisoriamente.

Minha moléstia foi dolorosíssima, é certo mas a dor mais forte, que, como um punhal traspassava a minha alma enquanto durou aquele período agudo de sofrimento, foi o ver-te prestes a enlouquecer de agonia, perante a

idéia de me veres rígido, cadáver, separado para sempre de ti pela morte implacável... O teu martírio era para mim mil vezes mais doloroso do que o sofrimento atroz que me destruía o corpo!

Quando me senti vivo, não obstante o apodrecimento da carne encerrada no túmulo, como eu desejei correr a ti e dizer-te bem alto:

“Mãe eu estou vivo, a morte não conseguiu matar-me...” Mas Deus faz tudo bem e as suas leis são imutáveis! Tu necessitavas passar por aquele transe dolorosíssimo e eu rendo graças a Deus que te deu forças para tragá-lo até o fim!

Hoje sou feliz, muito feliz. Deus fez brilhar no teu entendimento um raio de luz que te fez despertar a inteligência para a apreensão das cousas do espaço. Na tua mediunidade tens a faculdade de escutar aqueles que se encontram em **“outras moradas”** e assim gozar a certeza absoluta de saber que os que partiram da terra **“vivem”**, estando apenas invisíveis aos olhos do mundo. São muito belos os teus versos a respeito das estrelas e eu me lembro muito bem das noutes em que juntos conversávamos sobre elas. O teu pensamento não se desvia de mim e eu nisto sinto prazer; mas quero que seja um pensamento alegre, pela certeza de que eu vivo, de que sou feliz, de que estudo para instruir-me nas cousas espirituais e de que, para maior afinidade dos nossos espíritos, o meu Guia espiritual é o mesmo que te dirige e guia. Não te sentes tranqüila em saber que estou entregue aos cuidados da sua solicitude incansável? Não me quero retirar sem agradecer-te o teres implantado no meu coração, desde cedo, o amor de Jesus Cristo. Foi esse excelso amor a lâmpada sacrossanta que me guiou no espaço, quando as sombras da morte apagaram a minha visão física. Jesus, Jesus, Jesus era o apelo da minha alma à vastidão do espaço infinito!

E o **“Amigo das crianças”**, o **“Pastor das mansas ovelhinhas”** não me deixou solitário e ermo... Em seu nome sacrossanto ao meu apelo, acudiu o abençoado Guia que nos protege; e foi recostado em seu seio paternal que eu cobrei a verdadeira posse de mim mesmo. Vês? Não sofri as torturas da incerteza...

Minha fé acompanhou-me ao seio do infinito. Eu devo parar aqui. É tempo de voltarmos ao nosso meio. Deixo um abraço para meu pai, que, Deus seja louvado! Vejo renascer para uma nova vida... No espaço, melhor ainda do que na terra, ama-te, venera-te, e abençoa-te o teu

ARNOLDO CAMARA.

XXV

Feliz aquele que na vida terrena abre os olhos ao conhecimento das cousas espirituais. Ao passar o limite da vida material não terá certamente as surpresas reservadas àqueles que, como eu, se conservam ignorantes da vida do espírito. O que seria feito de mim depois da minha morte, foi cousa que nunca me preocupou.

Não fiz o mal, porque a isso se opunham os naturais impulsos da minha consciência. Mas também, qual foi a soma de bens que eu produzi? Aferrei-me aos meus próprios interesses, com o desejo de subir e granjear entre os meus iguais um lugar de destaque, se me fosse possível. Estudei um pouco, porque sem uma relativa instrução não me era possível atingir os meus fins.

Trabalhei bastante, porque nunca fui preguiçoso e era-me necessário trabalhar para viver. Cedo prendi-me por laços indissolúveis a uma criatura que supus amar-me. A essa afeição consagrei todos os meus bons sentimentos toda a minha dedicação sincera.

Mas da minha alma jamais cuidei... Sonhava um lar feliz, mas um lar na terra, ao lado da companheira que escolhera e com os filhos que a sorte me desse. Mas, do lar perene, da pátria do espírito, pouco se me deu... Ah! quando o sono da morte reduziu à impotência o meu corpo físico, longo tempo permaneci (e nem sei quanto!) sem compreender o meu estado real. Sombras, perturbação, incerteza do meu destino! Que coisa horrível! Um ser errante, isolado no espaço sem fim, ermo de afeições, porque os seus amigos haviam ficado na terra, separado de tudo e de todos, porque do espírito nada conhecia, absolutamente nada! Quero que os homens saibam, em geral, que é necessário dar ao espírito o pão que lhe é próprio, enquanto está preso à matéria, para que não lhes suceda como a mim, entrarem no reino do além, sem rumo, sem conhecimento algum dos seus altos destinos. Vaguei longo tempo, solitário, desejando antes voltar ao meio onde estava habituado, do que subir aos páramos da eternidade em busca da luz! Os Guias, mentores da humanidade e — instrutores pacientes do espírito, porém, têm a caridade por norma e o amor por missão...

Acudiram-me e despertando-me carinhosamente do **nada** a que estava reduzido, pouco a pouco trouxeram a luz ao meu pobre espírito. Começo a enxergar e lamento o tempo precioso que perdi na terra em busca das cousas materiais, sem cuidar do interesse da alma e suas prerrogativas.

Deus me perdoe esse imperdoável descuido! Maior é a sua misericórdia do que a minha indignidade.

Voltarei um dia ao mesmo centro onde já vivi e hei (se Deus para isso me der forças!) de dedicar-me ao estudo profundo das cousas espirituais para o proveito da causa do Cristo e glória de Deus.

FRANCISCO FREIRE DA CRUZ

XXVI

Como assistente e ouvinte tenho tomado parte nestas proveitosas reuniões, que aprova ao sábio Guia, que as preside, organizar. Cabe-me a vez hoje, por ele designado, de manifestar os meus pensamentos, trazendo assim às sapientes reflexões aqui exaradas, o pequeno e fraco contingente da minha experiência. As nossas relações amigas datam da tua infância, quando, apreensiva pelo depauperamento da tua saúde, a tua progenitora procurou-me

na esperança de que te fortificasse o débil organismo. Já então o teu ser espiritual era bem mais robusto que o seu envoltório físico... Cuidei mesmo, com os argumentos que a ciência de então me oferecia, poder asseverar que não atingiria à puberdade.

E no entanto, correram os anos... Tu aqui estás e eu já há muito deixei este mundo. Assim são as previsões dos homens... Nada menos exato do que a afirmativa segura de um **mestre**. Só um jamais faliu, só um previu todas as cousas, só um era e é verdadeiramente sábio, porque a sua sabedoria é do alto, é a sabedoria do Pai: — Jesus-Cristo, com razão chamado o Divino Mestre. Eu jamais fui um ateu. Tampouco um crente fervoroso.

Nunca duvidei por um momento sequer da existência de Deus, nem dos seus inseparáveis atributos. Mas, não obstante essa certeza absoluta, fui um fraco e pequei... Apegado em extremo às cousas do mundo, gastei os meus dias em lutas inglórias, ambicionando passar à posteridade um nome ilustre, imortalizado na História do meu País.

Vivi para essas ilusões que a minha vaidade apetecia e a leviandade dos **"amigos"** alimentava. Esse foi o cabedal que ajuntei na terra. Mas, preparar um tesouro **"além"** onde a traça não rói e a ferrugem não consome", ai de mim! disso não me preocupei.

Quanto deploro hoje essa incúria! Deste mundo parti só. Aqui ficaram os amigos, as glórias, a fortuna, as ambições políticas. As virtudes da alma, aquelas que deviam acompanhar o espírito quando este se desprendesse da matéria, porque são imperecíveis como ele, essas, não me acompanharam porque eu não as possuía! Oh! como é horrível o despertar de uma alma assim à mingua de ações meritórias! Cada um de nós tem o seu **"talento"** com o qual deverá granjear outros tantos **"talentos"**, que deverão ser empregados para o fim a que Deus os destinou. Insensato é o homem que despreza os dons que o Senhor lhe concedeu, ou os aplica a fins diversos daquele a que são destinados. O homem culto, o homem inteligente, de razão equilibrada e consciente dos seus atos, tem maiores responsabilidades para com o seu Deus do que o ignorante que enxerga, mas não conhece o que os seus próprios olhos lhe mostram. Eu tenho necessidade de assim falar, porque dou um desaforo ao pesar que me acabrunha por ter faltado às minhas responsabilidades; e tenho o desejo sincero de que outros não sigam a trilha que eu segui, ambicionando glórias, posição, riqueza — cousas perecíveis deste mundo — e deixando irrefletidamente de lado os ornamentos preciosos do espírito, que são as virtudes cristãs, cuja síntese assim se resume: Caridade e Amor de Deus.

DR. PEDRO VELHO

XXVII

A paz do Senhor seja convosco, meus amados irmãos. Pertence-me hoje a oportunidade de falar-vos — e eu o faço com sumo prazer.

As nossas conferências vós o sabeis, têm o fim duplo de edificar a nós

mesmos e igualmente aos nossos irmãozinhos ainda encarnados. Esperamos assim, com o favor de Deus, dar um passo para diante no caminho do progresso, trazendo a lume as nossas experiências pessoais, para que os bem intencionados, tomando conhecimento delas e meditando sobre as verdades que cada uma externa com diferentes nuances, possam aproveitar algo que lhes esclareça o entendimento relativamente ao mundo espiritual, onde mais cedo ou mais tarde, terão infalivelmente de ingressar.

Ora, da mesma forma que, para empreender uma viagem a país longínquo e para nós desconhecido, é necessário um guia, um cicerone, que aplaina as dificuldades que surgem a cada momento ao estrangeiro, afim de que este possa levar a bom termo a sua jornada, assim também, e com maioria de razão, não é prudente deixar que os nossos espíritos partam deste mundo, desconhecedores como em geral o são, das regiões que o esperam.

O que sabe o homem a respeito da outra vida? Como encara ele o problema do invisível? Sadio, forte, robusto, cheio de esperanças e confiante no valor da sua inteligência ou na força de seu braço, ele não tem a preocupação da morte e quase não se lembra que ela há de bater à porta um dia certamente! Doente, alquebrado, preso ao leito pelo morbus que lhe destrói o organismo, ele vê pouco a pouco o seu próximo aniquilamento, o fim (?) da sua existência. Nesse momento, surge-lhe à mente a idéia de Deus. Então ele compreende o seu próprio nenhum valor, a sua pequenez diante da obra grandiosa do Criador, que permanece, enquanto ele se acaba... Pois bem, meus irmãos, meus amigos, nós vos trazemos nestas manifestações aqui reunidas e pacientemente apanhadas pela médium, que gostosamente se presta a este trabalho, a prova indiscutível da sobrevivência do espírito à matéria, contando-vos em rápido resumo as experiências de além túmulo, para que elas vos sirvam de aviso no presente. Eu pela minha parte dou graças ao meu Deus pela fé que ainda na terra abracei do íntimo da minha alma. Fui espírita e modesto trabalhador da seara santa. Ao penetrar os umbrais do infinito não trouxe a aureolar-me a fronte o diadema das virtudes cristãs, que longe estive de realizar na terra. Comigo veio a fé em Cristo, Jesus, esclarecida pela santa doutrina do espiritismo.

Esta foi o farol que me apontou o caminho a seguir na imensidão do infinito.

Eu não padeci a angústia da dúvida, da incerteza do meu destino, graças ao conhecimento do **"espírito"** através a **"letra"** da Escritura. Conheço hoje os meus erros, as minhas culpas numa série não pequena de encarnações sucessivas neste planeta e, graças ao misericordioso perdão do meu Deus, esforço-me, encorajo-me, ajudado dos bons guias que me sustentam, para acumular elementos que em posterior encarnação me permitam levar a bom termo a missão que o Senhor houve por bem designar ao seu servo. Esta é a experiência que me cabe relatar-vos, estes são os propósitos que tenho feito dentro em mim mesmo, esperando do Senhor a força necessária para cumpri-los.

THIAGO BEVILACQUA

XXVIII

Saúdo com amor fraternal a seleta assistência e com respeitoso ósculo o preclaro Guia que se digna presidir estas sessões. É grande a minha emoção neste instante, apesar de saber previamente que me estava designada esta hora para manifestar-me perante vós meus caros irmãos. Mas, não posso governar a impressão que me domina, ao presenciar o júbilo dos vossos semblantes, a alegria cordial que entre vós reina pela comunhão de idéias e pleno concerto dos sentimentos que vos animam. O desejo santo de todos vós vejo estampado em vossas fisionomias; a consciência do dever cumprido pela manifestação aqui demonstrada voluntariamente, vos dá a tranqüilidade das almas confiantes no seu Deus e encoraja àqueles que ainda não ditaram o seu depoimento, e aguardam pacientemente a sua vez. Não me perturbou jamais o levantar a voz perante o auditório o mais seleta, quer na tribuna parlamentar, quer do púlpito das Catedrais imponentes. Fui sempre senhor da minha palavra e do meu gesto, encontrando na imaginação, que era fértil, os recursos necessários para o bom êxito dos meus discursos políticos, ou sacros. Mas... os meus ouvintes eram homens como eu! Neste momento, tenho que externar-me perante almas cristãs, que o arrependimento do passado faz renascer para uma nova vida! Devo e quero, antes de tudo ser verdadeiro, ser sincero! São requisitos estes que o mundo não exige dos seus oradores...

Desde que a sua palavra seja fluente e que ele possa em assomos de vibrante eloquência perturbar as massas, tem preenchido a sua missão... A vós, que me escutais com religiosa e complacente atenção, quero dizer o que a minha alma sente:

Tenho meus caros irmãos a dor profunda de não haver cumprido o meu dever durante a estadia última que Deus me concedeu na terra...

Eu não servi à causa que me havia comprometido a defender, quando assumi a responsabilidade de voltar à carne. Minha missão era puramente cristã e para o seu desempenho foi que vim a este planeta! Mas as tentações do mundo, a ambição das glórias mundanas afastaram-me dos meus propósitos e, ninguém pode, vós o sabeis, **"servir a dois senhores"**.

Agora, arrependido do tempo que deixei correr em vão, completamente desviado da execução do plano que a mim mesmo traçara, no espaço, eu espero ansioso a hora em que me seja permitido voltar, para, com o favor de Deus, dar início ao trabalho que o Senhor, em sua sabedoria infinita, se dignou esperar de mim. Quisera voltar humilde, miserando e resgatar com lágrimas e sofrimento o meu descuido inqualificável; mas o Senhor tem determinado o contrário e a sua justiça é infalível. Tenho de voltar à terra ingressando na sociedade intelectual deste país, que foi a minha pátria, em família abastada, que contribuirá fartamente para a ilustração da minha inteligência.

Orai por mim, meus amigos, para que todas essas preciosas vantagens de que me verei cercado, a par de uma saúde robusta, sejam utilizadas eficazmente em prol da Causa Santa do Evangelho do Cristo. Oh! que eu não me desvie nunca da diretriz que tenho o dever de seguir! Que não me escravizem as tentações do orgulho e ambições terrenas!

Mas que, jamais perdendo de vista o alvo supremo da minha vocação, eu consiga pelo dom da palavra inspirada, pela prática constante de atos cristãos, persuadir multidões da verdade única que um dia dominará o universo inteiro: O amor de Deus e o amor do próximo.

E agora irmãos meus, não quero que a menor sombra de egoísmo possa transparecer destas minhas palavras.

Oremos, não só por mim, mas também por vós todos aqui presentes, pelos ausentes, visíveis e invisíveis, para que Nosso Senhor Jesus Cristo nos encaminhe para a luz, para o amor, para a felicidade.

Assim seja.

PADRE JOÃO MANOEL

Deputado na Monarquia

XXIX

O Espírito do Senhor esteja conosco nesta hora, caros irmãos. Ele nos abençoe, nos anime e nos conforte para que possamos chegar ao fim das nossas sessões com a consciência de haveremos cumprido o nosso dever. A ti, que registras os nossos pensamentos, ou antes os depoimentos que desejamos sejam patentes ao mundo, a ti em particular, que eu estremeci em vida, porque foste o encanto da minha velhice sofredora, devo tranquilizar a inquietação que te vai na alma quanto ao meu destino. Amaste-me muito e como testemunha ocular dos meus padecimentos, tens a alma amargurada quando recordas a minha **via crucis**. Tem paz em teu coração: Sinto-me hoje feliz. Repousa afinal o espírito que tão perturbado foi na vida material pelos tramas urdidos pela maldade humana. Deus é infinito em justiça e misericórdia! Ele nos manda perdoar com o mesmo amor com que desejamos ser perdoados. Quando o meu espírito absorveu uma partícula, ainda que diminuta, do amor grandioso e incomensurável do Onipotente, pude ver a negrura da minha alma, que ainda continha ressaibos do fel com que o ódio a saturara. Foi necessário que eu perdoasse do íntimo de minha alma aos meus algozes, àqueles que despedaçaram a minha felicidade na terra (instrumentos que foram das provações porque me cumpria passar) para que, só então, a verdadeira paz que Jesus ofereceu enchesse de suave descanso o meu atribulado ser.

Hoje sinto-me feliz! Aquela existência perene de dores que atravessei do berço ao túmulo foi mais uma manifestação da bondade de Deus, que assim me proporcionou ocasião para o resgate de passadas culpas. O meu espírito descansa, recebendo o bálsamo consolador, o alento fortificante que benignamente sobre ele derramam os protetores carinhosos, infatigáveis guias que Deus a todos concede. Sou feliz! Amo-te hoje melhor do que te amei no mundo, porque hoje desejo-te para o bem dos outros, para o trabalho do Senhor, para a vida eterna, ao passo que na terra, quisera apenas o teu bem-estar, a custa embora do sacrifício de quem quer que fosse!

Era o meu orgulho que se revelava através do amor que te consagrava.
E o orgulho é a causa de grandes males.

Ele nos afasta de Jesus, o modelo perfeito da humildade. Sê dócil, sê humilde, paciente, resignada no sofrimento e firme na tua fé em Cristo.

Deus te abençoe e guarde no caminho do bem.

A paz de Deus seja com todos nós.

GUILHERME

XXX

Glória a Deus nas alturas, paz na terra aos homens de boa vontade.

Tendo sido designado pelo preclaro Espírito que organizou e dirigiu esta primorosa série de manifestações espíritas, para dar a comunicação final que a encerrará, eu quero manifestar o meu agradecimento sincero à ordem recebida de tão ilustre mestre e rogo ao mesmo tempo o seu precioso auxílio, para que possa desobrigar-me da tarefa de que houve por bem incumbir este humilde obreiro da vinha do Senhor.

O mundo invisível mais uma vez se revela, meus amigos, dando a conhecer ao homem os exemplos que lhes oferecem aqueles que daqui partiram. Nestas páginas que tivestes sob as vistas, cada um dos seres sintetizou a sua experiência ao penetrar os umbrais do além

São dignas do vosso estudo, da vossa meditação. Lede-as com muita atenção, e em cada uma delas vereis vazado o molde de uma consciência, o perfil de uma individualidade. Estudando-as aproveitais lições sapientíssimas para a vossa experiência própria e podereis, confiantes nos preceitos que elas incutem, evitar para o futuro idênticas decepções, iguais amarguras.

Outrossim, fortificando cada vez mais a vossa fé, pelo testemunho daqueles que foram fiéis a Jesus, lograreis de antemão a certeza da felicidade que vos aguarda nas moradas do além. Convençei-vos, meus caros irmãos, da importância da vossa vida futura. Neste constante labutar da vida terrena, entrega-se o homem às mil preocupações mundanas, às cogitações de interesse puramente material e não lhe **sobra** tempo para levantar, sequer uma pontinha, o véu que lhe encobre o mundo invisível, onde um dia ingressará a sua alma malgrado a sua descrença, o seu lastimável descuido!

Caríssimos irmãos, acolhei no recôndito de vossa alma, no aconchego íntimo dos vossos corações, as "Flores do Céu", essa preciosa dádiva com que vos mimoseiam as almas queridas dos **vivos** do além, que, cheios de amor e cuidado por vós, vêm carinhosamente depô-las nas vossas mãos.

Possa o grandioso espírito, que as organizou e dirigiu, colher os frutos do seu desvelado amor pela criatura humana, vendo-a dar o devido apreço aos sábios ensinamentos que encerram as "FLORES DO CÉU".

MAX

(Dr. Bezerra de Menezes)

(AURA CELESTE)

L U Z D O A L T O

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**Rio de Janeiro
1935 - 2016**

LUZ DO ALTO

Desde muito vêm os livros de AURA CELESTE mediúnicos, ou não, anunciando esta Coletânea de artigos, hoje dada à publicidade. Este trabalho tem sido adiado pelo seu editor, abaixo assinado, por motivos que independem da sua vontade. Hei-los porém: — São artigos carinhosamente aceitos por diversos jornais espíritas; e que no momento têm toda oportunidade. Esperamos que este novo livro seja, como os outros anteriores o têm sido, bem recebido pelos amigos, correligionários, e pessoas outras interessadas em assuntos espíritas.

***AURA CELESTE** tem dedicado todos os seus trabalhos ao Asilo Espírita João Evangelista, rua Visconde de Silva nº 92, Botafogo, Instituição de Caridade, protetora da Infância Desvalida, no presente, e futuramente, estendendo a sua ação caridosa à Velhice Desamparada. Em prol dessa grande Obra desenvolve o maior das suas energias físicas e espirituais.*

*"**LUZ DO ALTO**" é igualmente consagrado a essa Casa de Caridade, o que, longe de desvirtuar o valor de sua publicação, aumenta o seu mérito.*

*Confiantes, pois, entregamos mais este livro de **AURA CELESTE** aos seus amigos, seus confrades e ao público apreciador da doutrina Espírita.*

Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1935.

*A. Câmara
Editor*

DESPRENDIMENTO

São os olhos do espírito que penetram os segredos do infinito.

Os órgãos da visão material não têm o alcance das cousas infinitamente grandes, da mesma sorte que não divisam as cousas infinitamente pequenas. Há tanta coisa para ver e aprender no globo que habitamos ... E é, relativamente ao infinito, tão pequeno o nosso mundo!

Quanto maior ciência, maior beleza não encerram essas moradas sem conta, das quais o infinito é cheio!

O olhar do espírito pode, pelo poder da Fé penetrar no espaço infinito.

Não conhecemos nós por acaso, o poder da atração universal, lei que sustenta, sem apoio, no espaço, os diferentes astros, que giram sem cessar?

Essa forma invisível que chama a si os corpos celestes, mantendo o seu equilíbrio no espaço, é o poder de Deus, sabemos nós. Esse mesmo poder do Criador atrai e sustenta o espírito do crente sincero, cuja alma anseia pela expansão do verdadeiro amor. ..

E, como esse sentimento em pureza absoluta só no infinito se pode realizar, o Pai Celestial, que lê no íntimo da alma do seu filho o desejo ardente das cousas santas e puras, permite que o olhar do seu espírito possa penetrar no interior desse azul profundo que cobre as nossas cabeças. E o espírito encarnado, deixando em repouso o corpo físico, sobe aos *mundos Além* e goza por instantes a delícia do verdadeiro amor, toda pureza, todo sentimento, todo abnegação.

Cansada das labutas desta vida material, das decepções constantes, cheia de descontentamento pelo desamor dos seres que me rodeiam, o meu espírito, oprimido, buscou refúgio na meditação e na prece.

"Senhor", dizia a minha alma, "será verdade que estou trilhando a verdadeira trilha, a trilha do bem, que o teu Bendito Filho me veio mostrar?"

Concede-me, Pai, o segredo dessa força invencível que tudo consegue pela execução positiva da lei suprema do amor . . ."

.

E a prece que eu comecei na Terra se foi concluir no espaço. . .

Senti-me envolvida por uma substância tênue, levemente rósea, que me arrebatou espaço em fora.

Quanto tempo durou essa trajetória pelo Além, não sei. Recordo-me apenas que visitei paragens lindas, encantadoras, rios cristalinos, flores, montanhas, todos esses primores banhados de uma luz etérea e pura, rescendentes de um aroma delicioso. Recordo-me ainda da magnífica torre de cristal, situado no alto de uma colina, sobre a qual cintilavam os reflexos dourados, violeta e carmezim de uma luz que de longe vinha.

Um tênue raio dessa luz atingiu o meu corpo, envolvendo-o no seu clarão. . .

Eu me senti bem . . .

E eu me senti forte . . .

.

A mesma substância tênue que me envolveu no começo da prece conduziu-me para a Terra.

E me encontrei de novo neste vale de provações e trabalho!

Mas o meu espírito se retemperára no “Além” . . .

· · · · ·
Eu estou pronta para a luta!

DIVISANDO

Tem-se a impressão que de século em século, ano a ano, dia-a-dia, hora a hora, o mal se acumula, avassalando o nosso mundo.

Os infelizes e constantes exemplos de egoísmo, orgulho e fereza, tomam proporções assustadoras!

As atrocidades das guerras, a ambição criminosa dos opressores, a cegueira obstinada dos orgulhosos, a impúdica vaidade das criaturas sem ideal espiritualista, demonstram a corrupção, a perversidade de sentimentos dos habitantes do nosso planeta.

Nós, os espíritas, com o auxílio dos protetores invisíveis compreendemos esta situação aflitiva por que passa o nosso mundo.

Atravessando a bruma espessa que ensombra o ambiente terreno, nossa visão consegue descobrir além o Foco Poderoso de Luz que em breve tempo lavará a terra no banho salvador dos seus potentes raios!

Divisamos o Amor em sua forma espiritual, verdadeira, prometendo a todos os seres a felicidade eterna . . .

E a figura iluminada da Paz, vitoriosa e bela, fotografando por todo o Universo a imagem real do Cordeiro Imaculado do Senhor!

Tenhamos coragem!

Desta luta prolongada e intensa em que se empenham seres da terra e do espaço, surgirá a vitória do Bem, para cumprimento das promessas divinas que não podem falhar.

HEROÍSMO

Não queremos falar nestas poucas linhas das ações que despertam o entusiasmo das massas populares, provocando aplausos, demonstrações de louvor.

Recordamos o heroísmo obscuro da paciência, da resignação e da firmeza na luta para a conquista do bem espiritual, quando a existência humana é sacudida pelos choques da desgraça, quando a dor, no seu papel providencial, exerce rigorosamente sua ação reparadora. Esse é o campo da luta dos verdadeiros heróis!

O espírito encarnado segue um caminho ladeado de precipícios, orlado de espinhos. A matéria, o seu corpo, é o instrumento do seu progresso. As vis-

tas de Deus estão sobre ele. Mas a sua vontade é livre. A confiança, a fé no seu destino deve ser o farol que lhe ilumine a estrada da vida, para que no seu término terreno possa levantar vôo seguro para as claridades do além . . .

Criaturas humanas, que penosamente subis o calvário desta existência, sabeis que antes de vós outros espíritos encarnados fizeram igual esforço e venceram, alcançando heroicamente o fim da jornada.

Este pensamento encoraja e conforta!

Não vos considereis infelizes, deserdados da fortuna. No campo da luta não fraquejeis, deixando em meio a vossa tarefa de regeneração pela dor.

Atravessam o espaço pensamentos vibrantes de amor e simpatia por vós, emitidos por aqueles heróis obscuros na terra e fulgurantes no Além, porque souberam se manter serenos e firmes na adversidade, resignados e pacientes nas aflições, pondo toda a fé na justiça de Deus, e toda a esperança nas promessas de Jesus!

Quando os vossos espíritos deixarem esta morada carnal temporária, ireis encontrá-los na vida espiritual, conscientes do seu magnífico destino, regozijando-se convosco pela etapa vencida. Lá, como eles, encontrareis a recompensa das vossas angústias, dos vossos labores, da paciência com que houverdes suportado o sofrimento, as decepções, as amarguras da vida terrena.

A provação realiza para a alma humana a obra sublime do aperfeiçoamento.

O coração do homem é o campo onde se ferem as mais difíceis batalhas, as batalhas do espírito, aquelas em que não se escuta o chocar das armas homicidas, mas em que a coragem é mais perigosamente posta à prova!

.

Afastemos a vista da terra, para a elevarmos ao céu — e a vitória será nossa!

VEJAMOS CLARO

No templo vivo da Sabedoria de Deus pontificam: Verdade, Justiça, Amor!

Para trazer seus ensinamentos ao mundo baixaram vários profetas, mas nenhum demonstrou praticamente, sem falha, essas lições do Pai Eterno.

Enviados por Deus — todos tiveram erros no exemplificar desses princípios sagrados. Só Jesus, o Filho de Deus, cumpriu a lei inteira. Só Ele foi verdadeiro, justo e amoroso, segundo o mandamento do Pai, porque antes de descer ao nosso mundo essa lei era o seu eterno viver.

Jesus é o "*Verbo que no princípio estava com Deus*", de quem nos fala João, o evangelista. O mesmo apóstolo querido do Divino Mestre nos conta que *todas as coisas foram feitas por Ele e sem Ele nada se fez*.

Compreendamos a verdade tão singelamente revelada nessas palavras, e não façamos interpretações errôneas que têm o efeito da poeira lançada nos olhos, a qual apenas intercepta a nossa visão momentaneamente . . .

Para logo limpo o órgão visual, recomeçamos a ver claro.

Assim, apreciando a singeleza da frase, salta à compreensão a autoridade da afirmativa: "*nada do que foi feito sem Ele se fez*".

É obra de Deus a terra em que habitamos? — Sim.

São obra sua os outros mundos que povoam o Universo? — Sim.

Toda a criação é obra de Deus. Pois bem: Jesus presenciou a criação de toda a obra de Deus, porque estava com Deus.

Há quem o aceite como um espírito que caminhou de perfeição em perfeição, sem quedas, sem jamais haver falido . . .

Mas os que assim pensam não se recordam da revelação feita a Allan Kardec no Livro dos Espíritos, página 49, em que claramente declararam os instrutores que nessa categoria estão os anjos, isto é, os espíritos de maior elevação, porque já têm atingido a maior perfeição a que pode um espírito alcançar. São, portanto, os anjos os espíritos mais altamente colocados na escala. Apesar disso, ninguém ainda se lembrou de os considerar como seres de natureza divina, porque na realidade não o são; a sua natureza é igual à de todos os espíritos, porque como eles foram criados simples e ignorantes, alcançando gradativamente toda a escala da perfeição, sem vacilações ou quedas.

Os anjos têm sido em todos os tempos mensageiros do Senhor, portadores dos seus avisos celestes. Foi um desses seres, Gabriel, espírito que já alcançara a culminância da perfeição a que pode aspirar um espírito, quem anunciou à Virgem o nascimento de Jesus.

Em que categoria, pois, colocarmos o Divino Mestre? Abaixo dos anjos?

Igual a eles?

É fácil a resposta, e felizes aqueles que não vacilam em a dar: Jesus foi entre nós a manifestação visível do Verbo de Deus, Ele o seu Filho dileto, desde a eternidade dos tempos.

Bem-aventurados os que o aceitam assim!

Os outros, *aqueles que esperam um dia serem espíritos da mesma hierarquia de Jesus*, quantas encarnações ainda lhes faltam até se compenetrarem da grande Verdade, que Jesus é a LUZ DIVINA, cuja origem é DEUS!

Cabe ao espiritismo cristão dar o brado de alarme às consciências humanas, para as salvar dos laços traiçoeiros dos espíritos transviados, principais responsáveis pela cegueira dos homens, porque são eles que semeiam o joio no seio do espiritismo, enquanto os discípulos do Divino Mestre semeiam trigo.

Que as irradiações puríssimas dos espíritos de luz varram do ambiente da terra a nefasta semente, e que Jesus na grandeza e misericórdia do seu amor Divino, seja recebido no coração dos homens como o Salvador Bendito, o único caminho para o Pai.

A GRANDE LEI DO DESTINO

Nossos espíritos necessitam acumular o maior número de vidas úteis, plenas de dedicação e sacrifício, para o seu adiantamento na senda do progresso

Por esse meio transformam-se, elevam-se, depuram-se.

Espiritismo, inteligentemente compreendido e evangelicamente praticado, exerce neste sentido a mais salutar influência, porque ensina ao homem a se conhecer, a regularizar a sua vida, a dirigir bem as suas próprias forças.

Sua filosofia o habilita a compreender as inumeráveis dores, as desgraças, as ruínas, os embaraços, as perseguições, a luta e o desespero de que é testemunha ocular durante a sua peregrinação terrestre.

Amemos a escola espírita . . .

Enchamos os nossos cérebros dos conhecimentos que ela nos proporciona, abrindo os nossos corações à paz e à confiança que ela inspira.

A vida encarada sob o ponto de vista material despedaça as nossas esperanças, porque mata o sentimento mais nobre e mais forte que as sustém: a Fé!

Valentes soldados, denodados defensores da pátria estremecida, que em defesa da integridade do seu solo derramaram corajosamente o seu sangue, deixando sem hesitação esposas, mães e filhos, cuja energia heróica era da têmpera do aço dos seus canhões, temos visto dar a prova mais cabal de abatimento de caráter, atirando-se ao suicídio, quando o *destino desobedeceu às suas previsões*, destruindo num sopro os castelos das suas esperanças fundadas sobre alicerce falível, como são os cálculos materiais deste mundo . . .

Esses "bravos" ignoravam, sem dúvida, que aquela existência na terra representava apenas uma das muitas estações que faz o seu espírito nessa jornada imensurável para o infinito!

Se o soubessem, esperariam pacientemente o *dia de amanhã*, com todas as suas possibilidades de ventura para os seus espíritos. . .

E assim inutilizaram com a execução daquele ato insensato, uma existência que poderia ter sido, talvez, a página mais útil de toda a sua vida, a vitória maior do seu espírito sobre a matéria!

Espiritismo, trazendo ao homem o conhecimento das vidas múltiplas do seu espírito na carne, prepara-lhe um ânimo forte e lhe ensina a tirar proveito das circunstâncias mais dificultosas e até mesmo trágicas, da vida terrena.

Cumpre ensinar a todas as criaturas humanas a grande lei do destino que determina as sucessivas vindas dos espíritos à terra, tomando um corpo de carne, como instrumento do seu progresso, para lhes apurar o critério, fornecendo-lhes a concepção real da vida, o que lhes fortalecerá o ânimo e edificará sua fé!

JESUS

Com uma freqüência irritante, posto que mórbida, vemos a tua personalidade divina discutida, analisada inspecionada pelas minúsculas "formiguinhas" da terra, por quem realizaste o maior dos sacrifícios consumados neste planeta!

Como é difícil, Jesus, manter a pureza dos sentimentos fraternais neste meio, em que as sugestões inferiores, com uma prodigiosa intensidade exercem a sua ação, já não só sobre o indivíduo particularmente, como sobre coletividades inteiras!

E tu queres, Jesus, tu ordenas, que, em contraste com os frutos do orgulho, do rancor, da desordem, da mentira, que resultam dessas intuições infelizes — aqueles que te amam, que te aceitam e proclamam como realmente o és, dêem frutos de paciência, bondade, humildade, doçura e Caridade!

Que assim seja, para que não nos aconteça como a Pedro, o apóstolo, a quem disseste em face: "RETIRA-TE DE MIM, QUE ME SERVES DE ESCÂNDALO".

Que saibamos nós ter a força das almas simples, possuindo corações puros e compreendendo que a incredulidade dos homens, a fraqueza da sua fé, as acanhadas percepções dos seus espíritos, não os afastam do teu amor, que infatigavelmente os procura, batendo-lhes às portas dos corações endurecidos.

Serás tu, Jesus, quem nos sustente a fortaleza para que possamos dominar os impulsos do nosso ser, fazendo triunfar "mais uma vez" o espírito!

SERENIDADE E ENERGIA

Todo homem deve educar-se sempre na serenidade e na energia — (A. Austregesilo — "Caracteres Humanos").

Estes dois atributos devem ser inseparáveis para o êxito de qualquer empreendimento: *Serenidade, Energia*.

A ação da vontade amparada por um e impulsionada por outro, conseguirá o bom resultado na vida.

Em Espiritismo aprende-se a ser manso e corajoso conjuntamente.

Saber repelir com enérgica doçura as injunções do mal é dever do espírita. A ira, as alterações, as injúrias e polêmicas intolerantes, caracterizam indivíduos que andam afastados de Jesus. Os que desejam seguir os passos do Divino Mestre devem cultuar os sentimentos que Ele sintetizou em sua passagem por este mundo: Mansa e enérgica ação em todos os instantes da sua vida.

Os espíritas têm necessidade de edificar os seus caracteres sobre esta base.

Na realidade, nada mais dissonante no conjunto espírita do que a falta de serenidade demonstrada pela inquietude de gesto, da palavra, da ação, em certos indivíduos.

O Espiritismo pode realizar inúmeros empreendimentos em benefício da humanidade. Sendo ele o único informante seguro sobre as interrogações da vida presente e *os porquês* da vida de além-túmulo, cabe-lhe a tarefa altruística das grandes realizações. Ele é o explicador das desgraças terrenas e o revelador das recompensas futuras, estando por isso mesmo aparelhado para desviar o homem dos maus caminhos ensinando-lhe a rota da justiça e da verdade. Convêm pois, que aqueles que estudam aprendam a educar o seu próprio caráter na serenidade e na energia, no dizer inspirado do ilustre professor.

Nós, os espíritas, temos o dever de olhar compassivamente para as dores materiais e as angústias morais que ferem os nossos irmãos do planeta; minorá-las, quando possível, faz parte desse dever que decorre do mandamento Divino. "Amai-vos uns aos outros".

Não é possível, porém, dar cumprimento a essa tarefa sem estarmos aparelhados convenientemente para tal.

A energia é a faculdade que nos anima a vencer obstáculos, para os fracos intransponíveis. Ela nos dá a certeza do sucesso e governa e dirige e impulsiona o nosso passo, quando as grandes reações se fazem mister. A energia é o fator indispensável nos grandes empreendimentos.

A serenidade fixa em nosso caráter a paciência, o equilíbrio, o bom senso, qualidades indispensáveis aos que têm altas realizações a efetuar.

Associando, pois, energia e serenidade, nós, como espíritas poderemos, em obediência à vontade de Jesus, efetivar obras de real utilidade presente e alcance futuro.

INTERESSE VITAL

Não há estudo de maior importância do que o estudo do pensamento.

Um grande pensador já disse que nós podemos à vontade fazer em nós mesmos a luz, ou a sombra.

É o pensamento quem recebe as inspirações luminosas do Alto, bem como as impressões sombrias das trevas. Saibamos, pois, entreter salutarmente a atividade do nosso pensamento.

A meditação sobre as coisas graves que se relacionam com os interesses vitais dos nossos espíritos são um meio de adquirir elevação mental e nobreza de sentimentos.

A caridade, é, igualmente, um meio eficazíssimo para ganhar espiritualidade.

O pensamento nobre projetando na estrada da nossa vida, luz que esclarece os nossos caminhos, desenvolve em nossos espíritos os sentimentos de altruísmo e de bondade.

Um pensamento bom eleva as almas às regiões da luz.

Um pensamento mau precipita o espírito nas regiões tenebrosas. Preparemo-nos pela meditação e pela prece a pensar bem. Nossos espíritos necessitam adquirir virtude, para poderem harmonizar com os influxos do bem que partem das entidades superiores do espaço.

As vozes do Além nos convidam a participar da riqueza do mundo espiritual quando regressarmos da peregrinação terrena que ora fazemos.

Procuremos adquirir méritos no presente que apaguem as nódoas do nosso negro passado, cujas conseqüências hoje sofremos.

Os bons pensamentos são fecundos para o nosso progresso. São verdadeiros tesouros acumulados para o futuro do espírito, enquanto que os maus são causa de tormentos e angústia.

Rejeitemos os pensamentos impuros e desenvolvamos em nós o poder de pensar bem.

Homem, que tão valente te mostras em afrontar o fogo e a metralha, liberta o teu pensamento das influências inferiores, que sobre ele exercem a ação dos gases asfixiantes nos campos de batalha. . .

Teu espírito sente a necessidade de conforto, amparo e luz!

Espiritismo tem para lhe dar tudo isto, guiando o teu pensamento para a justiça, a beleza, a harmonia dos mundos celestes!

— Vem!

Estuda-o!

Melhora-te!

Crê!

INEVITÁVEL

Não é possível compreender o destino humano em toda a sua magnitude esplendida sem a aceitação da imortalidade da alma e a pluralidade das suas existências como encarnada.

A razão despreocupada de idéias preconcebidas e livre das peias do fanatismo, estudando a doutrina que lhe assegura a tão desejada vida eterna, inteligentemente aceitará a verdade das reencarnações como único meio de conquistar o espírito o progresso intelectual e moral, condição indispensável à felicidade perfeita.

Não está no poder do homem destruir uma revelação de Deus.

Em que pese aos fanáticos sectaristas e impiedosos materialistas, a realidade das vidas múltiplas do espírito na carne é um fato positivamente comprovado desde tempos remotos e, acentuadamente, em nossos dias.

O nosso próprio espírito se incumbem de demonstrar esta verdade.

Diversos experimentadores notáveis, médicos, fisiologistas, homens de estudo, têm conseguido, em sessões experimentais, reconstruir o passado, a cadeia das vidas anteriores em vários *subjects* que, em estado de transe, reproduzem com uma perfeição admirável todas as fases correspondentes ao estado de vida que recordam.

Nas nossas habituais sessões práticas, a que vulgarmente chamamos sessões de caridade, colhemos provas cabais, freqüentes, da identidade dos espíritos que se manifestam fornecendo documentação valiosa sobre a sua própria personalidade.

Muitos deles se declaram prontos a aceitar uma nova encarnação terrena, com o desejo fervoroso de reparar os danos que causaram em sua última vida e praticar o bem que deixaram de realizar então.

Parece cômodo negar a sobrevivência do espírito à morte do corpo, para se esquivar às responsabilidades que tal certeza acarreta.. .

Mas não é sábia essa atitude porque, queira, ou não o materialista, a realidade da vida além-túmulo aí está, com todo o seu acúmulo de conseqüências inevitáveis.

ESPIRITISMO

"Grande é a seara — disse o Divino Mestre — e poucos os trabalhadores".

Continua a ser assim.

São tantos os espíritas e tão poucos os semeadores da doutrina!

Parece mais fácil ao homem censurar, punir do que evangelizar. No entanto, a doutrina espírita é farta em consolações e paz, podendo *prodigalizar* até, caridade aliviadora a todos quantos gemem e choram

Cada homem se arvora em juiz rigoroso dos atos dos seus irmãos — filhos da mesma dor, herdeiros dos mesmos sofrimentos, falhos da mesma perfeição! Acham mais fácil julgar do que apostolizar.

Loucos!

Espiritismo não pode abrir mão das consolações evangélicas, porque ele próprio é o Divino Consolador!

A falsa ciência, que se intitula espírita, não pode fazer estancar a nascente das revelações caridosas do Infinito. Ela não produz frutos e jamais passará do terreno das experiências, porque é a eterna exploradora do incognoscível. A sua preponderância arrasta o homem ao desequilíbrio mental, à falta de um critério verdadeiramente sábio que o dirija.

Sabedoria?

— Sábios da ciência material são aqueles que se dedicam ao estudo demorado, profundo dos homens e das cousas em sua estrutura física, os quais tantas vezes pagam com o sacrifício da própria existência o saber que adquiriram com tanto esforço e em benefício da humanidade. Esses são os sábios da matéria, e muitos deles vivem entre nós!

Sábios das cousas espirituais? Onde se encontram?

No Além!. . .

O homem estudioso busca ali nesse imensurável reservatório de conhecimentos transcendentais, aquilo que melhor pode satisfazer as aspirações justas do seu espírito.

Lá . . .

Mestres do espírito, na terra, *não existem!*

A ciência espírita dos homens busca, sem jamais chegar a uma conclusão positiva, a prova da vida além da morte. . .

E sempre lhe surge pela frente o espectro pavoroso da Dúvida, a lhe embaraçar o passo, a lhe borrar todas as conclusões.

Mas o orgulho humano soergue-se e prossegue malsinando de tudo e de todos quantos não o acompanham nossa perigosa e improfícua carreira sem rumo . . .

Os mestres do espaço afirmam: — "*A vida não começa no berço nem finda no túmulo — é eterna!*"

E o espírita humilde crê e deseja e trabalha para que os homens seus irmãos *venham e creiam*. . .

A chave que abre as portas do Infinito é a Fé! Fé viva, que se traduz em obras, em abnegações, em altruísmo, em *Caridade!*

IMORTALIDADE

A doutrina espírita tem certezas inabaláveis.

Uma delas, que conforta, anima, evitando que nós, fracas criaturas humanas, nos entreguemos ao desespero de uma dor sem limites é a solidariedade conosco das almas que partiram, que nos prova ser apenas aparente a separação pela morte.

Para os religiosos não espíritas, os mortos são fantasmas, vagas sombras, nas quais o só pensar produz calafrios . . .

Vão aos cemitérios rezar por eles sobre os seus túmulos, chorando sobre o mármore frio, que não lhes pode responder, e caridosamente esconde a podridão daqueles corpos, que amaram na vida material!

Em frente àquele sepúlcro correm lágrimas amargas, de mistura com as preces do seu ritual sem consolação. Outros, nem sequer rezam pelos seus *mortos*, abandonando-os à sua sorte . . .

Estes, recalcam a dor da saudade no fundo da alma, porque as suas crenças religiosas lhes impõem a obrigação de se manterem calmos aos olhos dos outros, para exemplo de uma resignação aparente . . .

Fechados nos seus aposentos, arrancam a máscara habilmente posta sobre a face e dão largas ao pranto, sem consolo!

O espírita sabe que os seus queridos que partem desta para outra vida não o deixam para sempre: vivem no seio do invisível, onde os alcançam suas preces, seu pensamento, ao qual se associam no mesmo sentimento de amor e esperança!

A separação na extingue o amor, porque ele é imortal como a própria alma! Princípio da vida universal, eleva os espíritos para os mundos superiores, de Luz e de Liberdade, não pode extinguir-se sob a lápide de uma campa!

Nossas afeições ressuscitam conosco sob mil formas variadas, esplêndidas.

Este aparente isolamento em que nos deixam os amados que partem antes de nós, é passageiro.

Chegará o dia em que tornaremos a nos juntar no seio da imensidade, família espiritual que somos, para quem Jesus foi preparar celestes moradas.

Nossos espíritos são imperecíveis, imortais!

NOSSO DEVER

I

Aproxima-se a aurora de um tempo em que a fraternidade e a justiça firmarão o seu império em nosso mundo, asseguram as vozes do "Alto".

São previsões dos nossos Guias.

Mas, daqui até lá, quando nos resta ainda a suportar de provas, tristezas, angústias!

O Espiritismo luta para a ascensão desta humanidade, impulsionando-a para os seus altos destinos. As vozes do "Além" apelam para a consciência dos homens, especialmente aqueles que, com maior soma de responsabilidades, se acham na linha de frente do movimento espírita, como depositários da doutrina revelada, que lhes cumpre difundir e exemplificar.

Importa que eles não percam de vista o dever de trabalharem pelo alevantamento da humanidade, cuja decomposição moral é a causa da maior soma de males que a ela própria aflige.

O Espiritismo fornece poderosos elementos de regeneração à alma, em particular, e à coletividade em geral. Porque não lançar mãos dos meios *que estão ao vosso alcance*, para auxiliar o despertar da consciência dessas criaturas, nossas irmãs, que, ignorantemente, se supõem cristãs, quando na realidade longe estão de compreenderem sequer o verdadeiro espírito do Cristianismo?!

Só o Espiritismo é capaz de dar fiel desempenho a essa nobre tarefa.

Por que desperdiçar forças, que deveriam se unir para a realização dessa obra de saneamento moral?

Pertence ao Espiritismo essa gloriosa missão:

Formar corações.

Despertar consciências.

II

Que será o dia de amanhã?

Forças ocultas se agitam em redor de nós, algumas já organizadas, arregimentadas, em luta para a realização dos seus planos de conquista, outras se organizando, para entrarem em ação, em conjunto com as do seu partido. Ouvem-se os bramidos dessas ondas revoltas de espíritos indisciplinados, a fermentar paixões no seio dessa parte da humanidade egoísta, cuja acanhada concepção da vida abrange apenas o horizonte estreito de uma vida material.

E os homens se hostilizam, se dilaceram e o seu sangue ensopa a terra.

Que fazem as religiões para atenuar, ao menos, este estado de cousas?

O espiritismo moderno com as suas demonstrações científicas, o que faz para melhorar a situação aflitiva em que o planeta se encontra?

E porque não interrogar: o que fazendo está o espiritismo, para extinguir essa fogueira de ódios, constantemente alimentada pelos fluídos inflamados do espaço?

Por que não vai ele buscar, no reservatório do infinito, o fluído são, que pode neutralizar a ação do fluído maléfico que prejudica o ambiente que circunda a terra?

Bem ao contrário disto, os homens responsáveis pelo trabalho espírita trancam as portas, por onde possa entrar a luz salvadora para as almas humanizadas, colocando-se assim, eles, *voluntariamente*, no papel lamentável de cegos condutores de cegos!

É triste ver perder assim um tempo precioso, criaturas de cuja responsabilidade moral é lícito esperar cousa bem diversa.

III

Da mesma sorte que os espíritos inferiores, os grandes instrutores do espaço se congregam e resolvem.

O seu olhar do alto abrange todas as fases da luta em que se envolvem os homens ataçados pelos espíritos mal intencionados.

E eles, mensageiros incansáveis do bem, lançam olhares de piedade sobre a terra, trabalhando pelo alívio de tantos males.

O homem espírita, cujo olhar alcança no futuro a perspectiva de uma felicidade infinita, possui os meios de colaborar com os espíritos do bem em prol da paz, de que a terra necessita.

Em lugar de gastar o seu tempo em discussões estéreis, destruindo mais do que edificando, arquitetando sobre alicerces que a sua incompetência construiu, julgando com uma medida pela qual não deseja ser julgado, — coloque-se no papel de discípulo humilde, confesse a sua pequenez e suplique ao Mestre e Senhor a esmola de uma orientação feliz para conjurar as guerras que

assolam o planeta, apaziguando ódios, acalmando paixões e fazendo reinar a paz de Cristo no ambiente turbado que nos cerca.

Não queira o homem espírita resolver "só", porque "*entre vós não há mestres*", disse o Senhor.

Ninguém pode prescindir das luzes do "Alto".

Os verdadeiros apóstolos do espiritismo estão do "*outro lado*".

Comungando com eles, ouvindo-os, aprenderá o espírita a natureza da tarefa que lhe cumpre desempenhar nesta vida.

RESPONSABILIDADES

Vasto o campo deste estudo.

De grande utilidade é, para nós, refletirmos ponderadamente sobre este assunto. Dele está dependente a nossa futura situação de espíritos desencarnados, quando deixarmos o plano físico em que atualmente nos encontramos.

Como espíritos inferiores, que reconhecemos ser, aceitamos a reencarnação neste planeta, impelidos pela voz da nossa consciência, induzindo-nos à reparação das nossas faltas, ao cumprimento do nosso dever. Cá viemos. Progredindo, executaremos a lei de amor que nos leva a praticar o que é bom, sem esperarmos retribuição alguma, mas pelo prazer íntimo, a alegria santa de fazer o bem pelo bem.

Negligenciando sofreremos infalivelmente as conseqüências da nossa fraqueza.

Voltando ao mundo dos espíritos, o nosso implacável juiz — A CONSCIÊNCIA — testemunha dos vícios, dos crimes, das vergonhas a que nos entregamos na terra, nos apontará inexoravelmente os prejuízos e danos causados pela nossa negligência no cumprimento do dever.

Compreendamos, pois, as nossas responsabilidades.

Aquele que se deixa enredar na teia das paixões mundanas, no gosto dos prazeres intemperantes, prejudicando a um tempo a saúde do seu corpo físico e a evolução do seu espírito, se prepara, a si próprio, um futuro de dolorosos pesares, no outro plano da vida.

Não nos iludamos.

Precisamos reconstruir um futuro novo sobre os escombros do nosso deplorável passado.

Procuremos dar um desempenho cabal às nossas responsabilidades, sendo honestos e fiéis à lei de amor a Deus e ao próximo.

Joguem para trás das costas a bagagem das nossas más inclinações, o orgulho, o egoísmo, a vaidade estulta das glórias que o mundo aprecia, e, resolutos, caminhemos para a frente. . .

Desembaracemo-nos quanto antes dos sentimentos de rancor contra o nosso próximo, que dão causa às separatividades, discórdias prejudiciais à boa marcha da evolução dos nossos espíritos.

A felicidade das almas nobres consiste no interesse real pelo progresso de todos os seres.

Esta é a nossa máxima responsabilidade.

ALMA TRANQUILA

Possuir o sossego da alma é o segredo do cristão.

O homem do mundo, sempre envolvido na turbulência das paixões, emaranhado nas lutas constantes em que quotidianamente se chocam os interesses materiais, não tem a tranqüilidade da alma que é o gozo dos humildes discípulos do meigo Nazareno.

Viver em Cristo, para que Ele possa também viver em nós, é sentir vibrar dentro de nós aqueles sentimentos santos de doçura, mansidão e caridade, que o Divino Mestre quintessenciou na sua personalidade excelsa.

É bem verdade que Jesus possuía no mais alto grau a essência de todas as virtudes, para que pudesse afirmar: — *Eu e o Pai somos um.*

Mas nós temos Dele o mandamento expresso, *sêde perfeitos como eu sou perfeito*.

Como nos encontramos ainda longe de satisfazer esse preceito do Divino Mestre!

Tão imperfeitos somos que não podemos sequer corrigir o menor dos nossos defeitos, por amor Dele! Ultrajamos a Jesus todos os dias com a injustiça dos nossos pensamentos, com a dureza dos nossos sentimentos, com a indisciplina e irreverência das nossas ações.

Ai! Se não fosse a indulgência divina, o que seria de nós, pobres espíritos falidos, entregues à ditadura das paixões e iniquidades do mundo?!

Minha alma chora os males que afligem a humanidade, conseqüência imediata do seu desamor pelo Cordeiro de Deus, toda pureza, toda mansidão, toda doçura, todo amor, toda piedade por esses mesmos filhos ingratos e rebeldes, que pisam aos pés diariamente os preceitos santos de sua Divina Lei.

Não podemos possuir a tranqüilidade da alma, o sossego do nosso espírito, enquanto não nos arrependermos sinceramente de todos os erros cometidos nas encarnações que o passado encobre caridosamente à nossa percepção, tomando a resolução firme de, na vida presente, reformar o nosso interior, expurgando dele o joio que impede a germinação do fruto bom, agradável a Deus.

Façamos, cada um de nós, uma consagração amorosa do nosso espírito, do nosso coração, da nossa vida ao serviço do Divino Mestre e gozaremos a ventura de possuir uma alma tranqüila e boa!

MARAVILHAS

Quantas maravilhas no mundo visível!

Que variedade interminável de belezas!

Como a natureza se compraz em revelar sua magnificente grandeza, no variadíssimo cenário que aos olhos do homem apresenta indefinidamente!

O mar, as florestas, as montanhas, o firmamento constelado, a Terra inteira! Que portentosa grandiosidade!

E o mundo em que habitamos é um planeta de expiação. Aqui viemos para resgatar faltas, para sofrer, para penar. A vida aqui é luta e dor.

Como Deus é misericordioso e bom, ele que assim dulcifica os tormentos da nossa justa provação, dotando o nosso planeta de encantos tão maravilhosos, de atrativos tão belos, que a alma mais empedernida não pode deixar de apreciar! Deus é tão misericordioso quão justo.

Resgataremos uma a uma todas as nossas faltas, é certo, pagaremos até o último centil a nossa dívida; mas, pairará sempre sobre nós o espírito da misericórdia Celestial, que *faz brilhar o sol justos e injustos*, a todos concedendo igualmente os raios vivificadores da Clemência Divina!

.....

Amemos, pois, o nosso Criador, com todas as forças da nossa alma, do nosso entendimento, cumprindo com a mais livre e espontânea vontade o primeiro dos seus mandamentos.

.....
E, não será a maior de todas as maravilhas possuir a criatura dentro do seu coração o amor do seu Deus, com Ele vivendo em constante e doce comunhão?!

A DOCTRINA DO MESTRE

Narram os evangelistas que, passando Jesus um dia, viu, assentado à porta da Alfândega, um homem, a quem disse:

"Segue-me".

Esse homem era Matheus, o publicano.

E acompanhou o Divino Mestre e com Ele se assentou à mesa juntamente com outros publicanos e pecadores.

Não tardou muito que o Nazareno fosse alvo para a censura dos fariseus, que os seus discípulos fizeram sentir o erro do seu Mestre que condenava o pecado e, não obstante isso, permitia se acercarem da sua pessoa aqueles mesmos cujos costumes a sua moral condenava.

E o Divino Mestre falou:

"Não necessitam de médico os sãos, mas os doentes.

Ide e aprendei o que significa — Misericórdia quero e não sacrifício. Porque eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento".

Peca pelo orgulho todo aquele que se faz juiz das culpas alheias.

É comum vermos criaturas tão imperfeitas como quaisquer outras, pois que nenhum de nós é limpo de pecado, afastem-se *enojados* dos seus semelhantes a quem atribuem tal ou qual erro, tal ou qual culpa. . .

E é para ver a superioridade (?) como que analisam os atos do seu irmão para quem se tornam de uma severidade intransigente, como se eles próprios possuíssem uma alma sã, uma vida imaculada. . .

Eram assim os fariseus daquele tempo.

Com a preocupação orgulhosa de parecerem piedosos aos olhos do mundo, esqueciam os princípios básicos dessa piedade que simulavam possuir: a humildade, a caridade!

O meigo Nazareno, o Cordeiro Imaculado do Senhor, Jesus, o filho de Deus, teve, para esses que se arvoram em juizes dos seus irmãos, palavras que estão registradas em **Lucas 6 – 41.**

"Porque atentas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu olho?"

.....

A doutrina do Mestre é de misericórdia e caridade!

II

O evangelho de **Matheus, Cap 11: 29** refere estas palavras de Jesus:
"Aprendeí de mim, que sou manso e humilde de coração".

Dois ensinamentos sublimes, legados pelo Divino Mestre aos seus discípulos: **Mansidão e humildade.**

Aquele que se diz humilde e o não revela pela mansidão do seu caráter, mente a si mesmo.

Não confundamos a humildade cristã com essa ostensiva aparência da excelente virtude, que campeia mundo em fora.

Essa é apenas uma maneira pela qual se disfarça o orgulho do homem, para angariar louvores alheios, que lhe satisfaçam a vaidade. Num dado momento, a máscara que artificialmente encobre o orgulho se desprende e cai, deixando à mostra o hediondo sentimento que mora em seu íntimo.

A humildade do crente em Cristo se revela pela sua conduta mansa e pacífica no meio em que vive.

As almas turbulentas que aqui e ali buscam sempre pretextos para lutar, discussões e separações, não são humildes, porque não possuem o distintivo da humildade, que é a mansidão.

É preciso que em tudo consideremos a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem Deus enviou ao mundo como o modelo de perfeição, que o homem deve procurar imitar em todas as circunstâncias da vida. Mormente o espírita, tem o dever de acompanhar os passos do Divino Mestre, para dar o testemunho da sua fé cristã. Jesus, aconselhando os seus amados discípulos a demonstrarem sempre um espírito calmo e moderado, lhes falou assim:

"Que a vossa linguagem seja sim, sim, não, não; porque o que daqui passa provém do mal" Math. 5 : 37.

O espírita deve fugir desse hábito detestável das atitudes provocadoras e arrogantes, que estão em completo desacordo com a doutrina do Mestre.

Manso e humilde foi Jesus.

Não podemos nos elevar espiritualmente, sem o imitar na sua mansidão e humildade.

Preguemos a sua doutrina como a mais pura que veio ao mundo, porque é a doutrina do próprio Deus exemplificando na terra por seu Filho; mas saibamos dar testemunho dela pelos nossos atos, pela nossa palavra, pelos nossos costumes.

Sejamos humildes de coração e mansos como cordeiros.

Jesus assim o quer.

III

A doutrina de Jesus é de abnegação.

O espírita deve aprender a fazer o sacrifício do *eu*, desembaraçando-se de todo sentimento egoísta.

O espiritismo ensina o homem a viver para benefício dos outros; e àquele que assimila os ensinamentos de Jesus, fácil se torna o exercício de uma vida isenta de interesse pessoal, porque, em fazer bem ao seu próximo, ele satisfaz o preceito do Mestre Divino, e isso enche de felicidade e paz a sua alma.

Considerando o fim grandioso da Vida, o espírita, compreende o perigo que corre reduzindo as suas aspirações aos estreitos limites da existência material, prendendo-se a interesses terrenos, que corrompem as virtudes da alma.

Os atos de abnegação elevam o nosso espírito, tanto quanto os sentimentos egoístas o rebaixam. Nosso destino é caminhar sempre para a frente.

Concentremos, portanto, as nossas forças, ativando as nossas energias, afim de quebrar todos os grillhões que nos acorrentam aos erros, que retardam o nosso progresso. Um desses elos que nos prendem ao mal é o *egoísmo*.

Ele habita no nosso interior, como um atestado de nossa inferioridade moral.

Pois bem: Elevemos a nossa alma à consciência do seu verdadeiro papel de filha de Deus! A golpes de energia afastemos esse inimigo do nosso progresso, esmaguemo-lo, reduzindo-o à impotência, pela ação constante de uma abnegação verdadeiramente cristã e os nossos espíritos receberão uma claridade mais viva, penetrados dessa grande luz que irradia do Mestre dos mestres, Jesus, o Divino Rabbi da Galiléia!

IV

"E quando estiverdes orando, perdoai se tendes alguma cousa contra alguém, para que vosso Pai que está nos céus vos perdoe as vossas ofensas; mas, se vós não perdoardes, também vosso Pai que está nos céus não perdoará as vossas ofensas". — Marcos 11; 25 - 26.

Sabido é por todo crente espírita que a oração é o meio mais eficaz para recebermos as graças do céu, porque é por meio dela que entramos em comunhão íntima com o nosso Pai Celeste.

Pela prece penetramos por momentos nos mundos superiores, a haurir forças para a continuação do nosso labutar terreno.

"Pedi e dar-se-vos-á", disse Jesus.

Há quem diga, porém, que muito tem pedido e bem pouco tem recebido...

Não nos devemos esquecer de que é necessário nos pormos em condições de receber, para que obtenhamos as graças que imploramos.

Não é raro ouvirmos preces formuladas em palavras repassadas de *ternura e piedade*, por lábios que minutos antes deixavam escapar palavras odiosas contra seus irmãos!

Jesus nos ensina que, para orarmos bem, necessário nos é libertarmos o coração do sentimento de ódio; porque Deus não acolhe a prece daquele que implora uma graça que ele próprio não está disposto a conceder a seu irmão.

"Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores", nos manda o Divino Mestre dizer, na oração que ensinou aos seus discípulos.

Nós recebemos a caridade do perdão de Deus na medida com que a exercemos com o nosso próximo.

Para apreciarmos as doçuras do perdão de Deus é mister ter o coração limpo desse sentimento, que o Senhor condena.

Não há progresso possível sem a obediência aos preceitos do Mestre.

Ele nos ordena perdoar: *perdoemos!* É na escola do seu evangelho que podemos aprender as grandes virtudes, que nos aproximam de Deus.

Imitemos, pois, o meigo Nazareno, que teve até os últimos momentos da sua vida na terra palavras de perdão para aqueles que o injuriavam. . .

"Pai, perdoa-lhes porque eles não sabem o que fazem!"

V

Eis uma das divinas recomendações do Cristo: *Não retribuir o mal com o mal.*

Aquele que abraça a doutrina espírita mais obrigado está do que os outros homens a cumprir este preceito de Jesus, porque sabe que os nossos inimigos de hoje são, as mais das vezes o instrumento das nossas provações, devendo nós termos para com eles, não somente sentimentos de caridade, perdoando-lhes todo o mal que nos fazem, mas ainda afastando do pensamento qualquer idéia de vingança.

Jesus Cristo, no sermão da montanha, assim falou: ***"Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem, bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam"***.

Só a doutrina do Divino Mestre pode nos dar ensinamentos desta ordem porque, partindo Dele que é o tipo da perfeição moral, tem ela origem divina e, como tal, autoridade absoluta para nos fazer conhecer em que consiste o verdadeiro bem. Para nós basta compreendermos que o bem é tudo quanto está dentro da lei que Jesus nos deixou; o mal é tudo quanto está fora dela.

Compreendamos, por conseguinte, que há mais valor, mais nobreza de caráter em perdoar graves ofensas do que em vingá-las; e mais mérito ainda, em saber retribuir com ações boas todo o mal que nos fazem, porque *isso nos ordena* o Divino Mestre!

Cesse dentro de nós a idéia de causar qualquer dano aos que nos querem mal ou nos prejudicam de qualquer forma.

Antes aproveitemos toda oportunidade de lhes fazer bem, para que, quando formos viver com eles no mundo dos espíritos possamos sentir-nos satisfeitos de ter cumprido as ordens do Senhor, dando perante o mundo o exemplo de verdadeiro amor e obediência às leis do seu Divino Filho.

Aqueles que assim procedem sentirão sobre si a influência benéfica dos santos guias e com eles viverão em doce comunhão nesta e na outra vida.

Perdoemos, amemos e façamos todo o bem àqueles que nos querem mal: é mandamento de Deus!

VI

**“Eu sou o caminho, a verdade e a vida.
Ninguém vem ao Pai senão por mim”. João 14 : 4 - 6.**

O espiritismo, revelação divina, tem por objetivo principal aproximar o homem de Deus. Este é o intuito dos espíritos protetores, que continuamente vêm trazer à terra as lições do seu amor e sabedoria.

Espiritismo que não cuida da salvação das almas, seu progresso pela moral, pela caridade, pela inteligência, pelo amor a Deus e ao próximo, não é manifestação de espíritos bons.

O próprio Jesus, quando esteve na terra, teve por alvo especial da sua missão encaminhar as criaturas humanas ao Pai. Conhecedor das moradas eternas, de onde veio como a luz do mundo esclarecer a escuridão que nele reinava, Ele, o Divino Mestre, declarou peremptoriamente e sem admitir a menor sombra de hesitação, que, para Deus só há um caminho:

“Eu sou o caminho . . .” A infelicidade do homem tem só esta causa: buscar outro caminho para a felicidade, quando só um existe — *Jesus!*

No seio das agremiações espíritas é urgente fazer renascer a Vida, que está Nele, a Verdade, de que a sua personalidade é o expoente máximo!

Insensato é todo aquele que busca pôr outro fundamento à sua fé, esperando atingir o alvo a que se propõe por *atalho* que, longe de o aproximar do fim colimado, cada vez mais dele o distancia.

O espiritismo tem por dever levantar bem alto o estandarte do cristianismo, proclamando a todas as nações o reinado da fé naquele que é o único caminho para Deus, porque é, como Ele, a Verdade e a Vida!

VÔOS

Nossos espíritos são viajores que se encaminham para o “infinito além”.

Quanto mais alto vai o nosso pensamento, tanto mais se elevam eles para esse ideal superior.

O pensamento ilumina o caminho que o espírito tem a percorrer, ou tolda de pesada sombra essa trajetória.

Feliz quem dirige o pensamento para as cousas sublimes. Esse saberá haurir nas fontes profundas do infinito a seiva que revigora a alma e modela a inspiração. A Ciência do infinito lhe será revelada e a sua inteligência será iluminada por luz que não se apaga e ele poderá triunfar do fardo das opressões terrenas, vencendo todo mal com o Bem!

Dirijamos o nosso pensamento para o que é grande, nobre e altruísta e as nossas energias não ficarão estéreis.

Uma corrente de pensamentos bem orientados vencerá obstáculos que se afiguram intransponíveis àqueles que não se habitam a pensar com justiça e amor.

Eliminemos de vez, resolutos, o egoísmo, berço dos sentimentos inferiores que rebaixam o espírito, cortando os vãos ao pensamento que Deus quer livre para a ascensão aos grandes mundos!

Deixemos que as nossas almas, nas asas do pensamento, penetrem no seio da Harmonia Universal, para se banharem nesse oceano de luz, que remoça e revigora a vida interior.

O alvo para o qual se dirigem os nossos espíritos, é "lá"...

Não retardemos a sua carreira!

SINAIS

Espiritismo, como uma grande escola, tem as suas portas abertas para quem quiser entrar, ver, estudar, aprender. O mundo dos espíritos se patenteia aos de boa vontade. A verdade das suas comunicações não é mistério: é patente a todos os que não têm interesse em fugir dela.

O homem moderno reclama uma religião, uma fé que, dissipando as suas dúvidas, liberte o seu pensamento do jugo de servidão a que o condenam as velhas seitas.

Espiritismo é essa religião!

Ele faz dissipar as dúvidas que assediam o espírito encarnado, ensinando-o a penetrar nas profundezas invisíveis, esclarecendo-lhe os problemas mais obscuros à sua inteligência, mostrando-lhe a razão de ser de todas as coisas, a beleza e a dignidade do viver!

O comodismo dos homens, porém, reconhecendo embora os característicos incontestáveis da superioridade da doutrina espírita, o cunho da verdade impresso nas suas manifestações e demonstrações científicas, filosóficas e religiosas, os faz esquivar-se a serem considerados adeptos do espiritismo. . . Porque, aceitando-o, eles têm que conformar sua vida às obrigações que dessa fé resultam!

Eles sabem que o ensino dos espíritos trouxe a luz aos destinos da humanidade, cuja visão claramente descortinou, compreendem e conhecem que o plano da doutrina espírita é a felicidade das almas, seu progresso, fornecendo-lhe elementos que as dirijam na vida material com proveito para a vida além da morte, que é a verdadeira vida. Eles sabem todo o essencial e muito mais ainda. Mas . . .

Apesar dos avisos imperiosos da própria consciência, deixam-se emparedar no silêncio de uma pusilanidade criminoso, sacrificando as ambições justas dos seus espíritos, que aspiram um ideal mais elevado e nobre, além dos horizontes estreitos que lhes traçam os preconceitos e as conveniências sociais.

E assim intentam explicar o contraste existente entre as suas idéias obstinadamente espíritas e a sua atitude exterior de simulada indiferença, dizendo:

— *"Ainda não chegou a minha vez . . .*

Todos têm o seu "caso". . . Eu aguardo o meu. . ."

Mas as vozes do "Além" bradam:

— "Aproximai-vos para a conquista dos vossos destinos! Nenhum sinal vos será dado, porque vós estais na condição daqueles *cegos que não querem ver*, e esta é a pior espécie de cegueira!. . ."

SURTOS

A alma humana, mediante concentração profunda, eleva-se ao infinito. Penetra no mundo das causas, olha, vê, discerne.

Nesses momentos a vida eterna se lhe revela radiosa, incomensurável, universal. É o reino de Deus, as diversas moradas, anunciadas pelo Cristo, a pátria da Verdade, da Luz, da Sabedoria, do Amor! De lá é que partem as inspirações do bem, de lá é que se irradia a chama do Amor Divino que acende nos corações humildes a labareda da fé. De lá é que baixa o influxo vivificador da Verdade, que debalde os *sábios da lei* tentam encobrir aos simples de coração. De lá é que brotam as revelações do passado e do futuro, porque as vozes potentes dos espíritos elevados bradam que os *tempos são chegados!*

São os espíritos do Senhor que lutam pela vitória da Verdade, pela ascensão dos filhos da Terra . . .

Mas o homem repele as vozes do Além, porque os julgamentos dos preceptores do espaço não se coadunam com os seus acanhados juízos. E ficam reduzidos às suas próprias inspirações. . .

Deus, porém, guarda em outros mundos almas de escol para a hora, que não tardará muito, da renovação espiritual do nosso planeta. Chegará o dia glorioso do renascimento da fé. O reino de Cristo se firmará entre os homens, porque ele é verdadeiramente o reino de Deus. Os espíritos superiores do espaço nos asseguram a realidade desse acontecimento num futuro próximo.

A ação salutar do Espiritismo irá, pouco a pouco, preparando os homens para esse auspicioso porvir.

Felizes os que, não confiando em si mesmos, buscam, sequiosos de luz e saber, os ensinamentos dos bondosos Guias, escutam e atendem aos seus conselhos, a despeito da intransigência dos homens *que sabem mais*. . .

PARA OS JOVENS

O inverno da existência anuncia o declínio da vida. Para aqueles que viveram do poder atrativo da juventude, os primeiros gelos da vida avivam os temores da morte, inevitavelmente próxima. As idéias frias da sua velhice sem crenças, associadas ao pensamento fúnebre do sepulcro, estendem um véu negro ante os seus olhos, impedindo-os de descortinar ulterior destino. A vida mundana absorveu todas as energias do seu espírito, que se negou a estabelecer

e fortificar essa corrente salvadora que existe entre a alma e o infinito. A ambição, a glória do mundo, a vaidade, as paixões criminosas estorvaram a sua comunhão com a luz divina e, no ocaso da vida, o vazio existe entre eles e Deus!

Como é belo, porém, o envelhecer da criatura cujo espírito viveu dos esclarecimentos da fé! A aproximação da morte assemelha-se para ela ao fim de um dia de exaustivo trabalho e antevê além-túmulo o descanso necessário para a restauração das suas forças, momentaneamente esgotadas. Sabendo que a verdade sem véu se oculta para lá dessas fronteiras azuis, que marcam o limite do seu olhar físico, ela habituou o seu espírito a ver sem o auxílio dos órgãos materiais, e, como um ser inteligente e livre, olhar de frente essa eternidade insondável, onde brilha em caracteres luminosos o seu porvir. . .

Para ela as durezas da vida terrena são o crisol onde se depura e aformoseia o seu espírito, ávido de luz e de saber!

Saiba a mocidade que a imortalidade é tão real quanto é certa a existência de Deus! Não gaste em práticas inúteis o sentimento religioso da sua alma. Uma devoção frívola não firma alicerce sólido para a fé! A evolução do espírito se faz pelo próprio esforço em adquirir sabedoria, pela vontade de ser bom, pela prática real de uma caridade legítima, segundo os preceitos evangélicos, por uma piedade sincera revestida da humildade cristã, sinal distintivo dos discípulos de Jesus. A fé nestes moldes fortalece a juventude, guardando-a das impurezas do mundo, fazendo brilhar a par das graças e dotes físicos inerentes à mocidade, os predicados morais do espírito, que darão maior realce à formosura e à simpatia do todo.

E quanto vier a idade madura, e mais tarde a neve dos anos coroar as fronteiras outrora juvenis e frescas, uma calma suave reinará no seu interior, e o declinar da existência lhe parecerá lógico, perfeitamente aceitável. À medida que a velhice se vá confirmando, mais viva será sua esperança, porque mais intensa é a sua fé!

Ó mocidade, juventude, se vós pudésseis ver como é fulgurante e bela a chama da fé no coração do velhinho alquebrado sob o peso dos anos!

Se vós percebêsseis o contraste que existe entre a sua cabeça coberta de cãs prateadas em perene inverno, — e o seu coração quente como um sol de estio, porque contém em si a chama do amor de Deus!

Mocidade, deixai que brote em vós a esperança em Deus!

Que o vosso espírito, pensando além dos limites reduzidos deste mundo, se preocupe com a vida além da morte, a verdadeira vida, a vida infinita!

PRESBITISMO

Há uma fraqueza de *vista* em nós muito interessante: *avistamos*, valorizamos, tudo quanto está longe, ao mesmo tempo que não damos valor, nem apreciamos o que está perto de nós.

Vivemos com o pensamento atraído para as curiosidades distantes, ignorando, senão dando pouca importância ao que está ao alcance do nosso olhar, do nosso tato.

É assim que, continuamente, temos ocasião de ler em nossos jornais narrações de manifestações espíritas, fatos ocorridos longe daqui, os quais são divulgados, comentados pela nossa imprensa doméstica, com entusiasmo, enquanto são ocultos, calados, fatos e cousas semelhantes, que aos nossos olhos perdem de importância, porque são fenômenos ocorridos em nossa terra.

O reconhecimento da verdade interessa a todos. Onde quer que ela se manifeste, seja qual for o instrumento escolhido pelos espíritos para a sua exteriorização, devemos recebê-la, aceitá-la, divulgá-la. A verdade é a verdade! Ela é universal, esteja aqui, ali, além. . .

Tenhamos olhos para vê-la perto de nós, tanto quanto para a avistar longínqua. . .

Guardemo-nos desse presbitismo voluntário. . .

COGITAÇÕES

I

A revelação divina tem sido dada ao homem gradativa e progressivamente.

Quem faz um estudo atento sobre os fatos que a ela se prendem, chegará a se convencer de que a humanidade terrestre tem recebido esclarecimentos reveladores da doutrina que rege a vida dos espíritos, de um modo correlativo à sua capacidade de compreensão e entendimento.

A última palavra em matéria de revelação ainda não nos foi dada. Temos o direito de esperar mais amplos conhecimentos, novos ensinamentos, esclarecimentos científica e religiosamente positivos.

O espiritismo não pode ficar estacionário. Ele recebe luz direta que vem do céu, luz que vem do Cristo do Senhor, cujo fulgor intenso os homens refratários intentam empanar. . .

Esforcem-se os de boa vontade por enriquecer a nossa inteligência na conquista do saber e da virtude, elementos indispensáveis ao progresso dos espíritos, concentrem as suas almas em meditação das cousas divinas, rogando ao Divino Mestre auxílio para atingirmos todos a condição de podermos suportar mais luz do que esta que misericordiosamente nos é hoje concedida!

II

O espiritismo veio confirmar a doutrina dos Evangelhos, desenvolvendo-a, esclarecendo-a, — nunca contrariando-a. Ele veio pôr ao alcance dos homens a ciência da imortalidade, a eterna verdade, incutindo-lhe no ânimo idéias de regeneração pelo arrependimento, impulsos de abnegação e humildade. Em cada uma das suas páginas inspiradas por uma suavidade celes-

te sente-se o pulsar do coração do divino Mestre, seu doce e profundo pensamento.

Não pode o homem impunemente alterar, por uma interpretação capciosa, o menor dos versículos evangélicos, sem cometer o crime monstruoso de *lesa-Divindade*, porque a doutrina que eles revelam à humanidade é aquela que Deus nos fez conhecer pelo seu próprio Filho, doutrina de amor, de paz, de caridade, de justiça, de humildade, de arrependimento, de perdão, de regeneração pela dor!

Desconhecer a verdade dos Evangelhos é negar a Jesus.

Para que o homem possa encontrar o caminho seguro que conduz à *Vida Feliz*, é necessário que pautе a sua vida pelas leis santas daquele Código inspirado. Saiba o homem eximir-se da tutela exercida pelo fanatismo sectarista, cujo espírito de domínio é contrário à liberdade implantada pelo Divino Mestre.

Aprenda — no dizer de Paulo, o atleta cristão — a **"examinar tudo e abraçar o que é bom"**.

III

Grande é o poder da ação e reação que exercem os espíritos uns sobre os outros.

O ascendente que sobre nós exerce um caráter nobre e elevado nos incita a imitar corajosamente as suas virtudes.

Daí as grandes vantagens que auferimos da convivência com aqueles que nesta existência têm um ideal superior.

Seu exemplo edifica o nosso caráter — e o exemplo é a melhor escola. — Já um grande pensador o disse: **"o exemplo, conquanto seja mudo, instrui mais eficazmente que os melhores mestres do mundo"**.

Não nos esqueçamos nunca de que, muito mais do que a palavra, contribuem as ações, a maneira de proceder, para a boa aceitação da doutrina que se procura difundir.

O menor dos nossos atos se reflete sobre o espiritismo de que sois adeptos, resultando daí uma série de conseqüências boas, ou más, para a propaganda dos ideais que defendemos.

O verdadeiro espírita deve edificar o seu caráter de conformidade com o sublime modelo que Deus enviou ao mundo, como um exemplo vivo das virtudes que devemos nos esforçar por adquirir.

Essa é a aspiração incessante dos nossos Guias protetores: aproximarem-se de Jesus pela imitação das mais excelsas virtudes. Foi este o seu esforço quando em peregrinação passaram pelo nosso planeta, legando-nos farta cópia de ações generosas, praticadas nos preceitos da mais apurada humildade e caridade evangélicas.

Ainda hoje a sua influência benéfica se faz sentir sobre nós, que somos todos os dias iluminados e esclarecidos por eles.

Felizes os que, passando a outra vida, deixam na terra o traço inapagável desse influência imperecível que é a memória de uma nobre vida!

IV

O espírita deve se preocupar muito com a maneira de empregar a sua vida neste mundo, porque sabe que tem uma tarefa a cumprir, previamente aceita no espaço, de cujo cumprimento depende a sua felicidade eterna.

A aquisição de virtudes que ornamentam o seu caráter, no mais alto grau possível de aperfeiçoamento neste plano da vida, deve ser o seu máximo cuidado, não pela vaidade de querer se tornar superior aos outros homens, mas pelo gozo de ir se aproximando mais e mais dos seus altos destinos.

A felicidade aos preceitos cristãos nos conduzirá seguros nesta trajetória perigosa que todos temos de percorrer neste planeta de expiação e provas.

De ordinário nos esquecemos que a nossa estadia neste mundo é passageira; que aqui estamos por motivos de ordem mais elevado do que os interesses materiais da nossa natureza física. . .

E assim nos vamos impressionando exageradamente com as cousas eventuais desta vida, perdendo de vista o alvo supremo da nossa vocação.

Nosso espírito deve alçar-se acima dos cuidados mesquinhos deste mundo, mantendo sempre ilibada a nossa confiança na Justiça Divina, que tudo vê e observa, com absoluta retidão.

Que venham as dores, as provas, os sofrimentos, as perseguições, os doestos, as feridas profundas da alma e do corpo: *O verdadeiro espírita* guarda em depósito dentro da sua alma, energia bastante para se manter calmo na adversidade e corajoso nas horas tormentosas desta vida!

?

O sono é irmão da morte, já o diziam os antigos.

Quando acordamos depois de uma noite bem dormida, o esquecimento do que se passou com o nosso espírito nessa rápida fuga é, as mais das vezes, completo, mas nem sempre esse esquecimento é total: despertamos recordando alguma coisa de vago, misterioso e indefinível, que a nossa memória não consegue coordenar para uma compreensão clara.

A morte é o sono profundo em que a alma mergulha para despertar no "Além". Esse despertar não tem prazo certo. Alguns espíritos nele jazem mergulhados longo tempo, outros presto acordam, e com eles a consciência da sua nova situação.

O espírito que sufocou as suas aspirações superiores entregando-se na terra à vida puramente material, desperta no espaço sob a impressão das imagens grosseiras que lhe povoavam a mente e dificilmente delas se liberta.

Auscultando o seu próprio interior, a reminiscência do passado vai aos poucos se tornando nítida, emergindo uma à uma as recordações, e a sua inteligência gradualmente vai lendo todas as páginas das suas anteriores encarnações.

Então, toma posse de si mesmo. Revê toda a sua longa história, todas

as suas vidas na carne, todas as suas quedas, todas as suas lutas, todas as suas sensações boas e más. . .

A alma viva, feliz, radiosa, rapidamente desperta da letargia do sono da morte, entrando na vida celeste envolta em ondas de harmonia e perfume!

Tendo vivido na terra abnegada e caridosamente aspirando a felicidade espiritual que gozam os limpos de coração, seu espírito entra na verdade das suas esperanças, na realidade da felicidade que conquistou pelo seu esforço!

Diante de cada um de nós se apresenta inflexível esta interrogação:

“Quando o sono da morte fechar as tuas pálpebras, qual será o despertar do teu espírito no “Além?”

CONVITE

Não raro, aqueles para quem a vida se torna penosa, cansados das lutas da existência terrena, que gemem ao peso do infortúnio, feridos pelos golpes da adversidade e desventura, procuram o Espiritismo, na ânsia de achar um alívio, um conforto, um remédio para os seus sofrimentos.

As crenças que professam não lhes proporcionam o refrigério da alma que é a conformação dos verdadeiros crentes. A sua religião não lhes basta. Eles vêm bater às portas do Espiritismo, desafogar as suas penas, procurar a explicação das suas desgraças, porque lhes é intuitiva a idéia de que o Espiritismo está apto a lhes fornecer essa explicação, dando-lhes a razão de ser do que lhes acontece.

Espiritismo é a luz esplêndida da Verdade, que dá ao homem o poder de discernir todas as coisas.

O que é condenável, e nisto as igrejas acertam em proibir, são os sortilégios de que lançam mão pessoas mal orientadas, mágicos, feiticeiros, que, explorando a credulidade do povo, se locupletam de dinheiro e dádivas, extorquindo a boa fé dos simples. Tais práticas corrompem as consciências, enfraquecem a fé, criam a superstição.

A observação sensata dos fenômenos espíritas, o estudo consciencioso da filosofia espírita, sua moral e seus princípios religiosos, seu sublime ideal de fraternidade e amor, penetram no coração e na inteligência do homem, como verdadeiros raios de luz e de verdade, que de fato são.

Venham os tristes, os desconsolados, os sofrendores, beber os ensinamentos da Doutrina Espírita!

Compreenderão a evolução da vida, a razão das dores, o porquê das provas, a sucessão das personalidades múltiplas no mesmo espírito, a existência de mundos superiores, habitados por seres que já passaram, como nós estamos passando, pelo caminho doloroso das provações e experiências, e com esses conhecimentos aprenderão a desempenhar nesta vida o papel que lhes cabe como seres destinados por Deus à evolução, ao progresso, à perfectibilidade!

Venham os desejosos de paz — procurá-la onde ela se encontra — estudando conosco, meditando e se preparando para essa colossal ascensão aos mundos superiores.

PAZ

São saudações comuns estas, entre os espíritas:

— A paz do senhor seja convosco!

— Deus vos dê a sua paz!

— A paz de Jesus esteja nesta casa!

Esta é a nossa missão: somos pregoeiros da paz.

Jesus nos ensina: **"Quando penetrardes numa casa, saudai-a dizendo: A paz seja nesta casa. Se a casa é digna, a vossa paz descera sobre ela; se não for, a paz ficará convosco".**

A paz de Jesus é a boa semente que, caindo em terra fértil, germina, cresce e dá fruto.

A retidão dos atos, atestada pelo testemunho da boa consciência, prepara no coração da criatura lugar para a sementeira da paz.

Eis porque tantas vezes almejamos a paz para os homens desprovidos dela e não conseguimos introduzi-la em seus corações: Não estão em condições para recebê-la.

A benção que de coração lhes desejamos volta para nós...

Num ambiente toldado pelos impulsos sanguinários do ódio, da vingança, pelo tumultuar dos pensamentos de revolta, a paz de Jesus não pode viver.

É necessário atirar ao esquecimento injúrias, perdoar ofensas pelo amor de Deus, possuir o desejo real de fazer bem a todos os homens, para poder receber no coração o influxo benfazejo da paz que Jesus nos deixou, dizendo:

"Deixo-vos a minha paz!"

Espiritismo transpõe os umbrais dos nossos lares, trazendo-nos a doce esmola da paz do Senhor!

Paz que se baseia no amor, que é o equilíbrio das famílias, paz que estabelece o sagrado laço da fraternidade entre as criaturas, unindo-as espiritualmente para toda a eternidade.

Que todos os corações se preparem para receber *Espiritismo*, o mensageiro da Paz!

SEJAMOS VERDADEIROS

Deve ser o ideal do cristão viver segundo a verdade.

Nem todos assim vivem.

E porque não o conseguimos fazer, aspirando, como é lícito supor, progredir no amor de Deus e na caridade cristã?

É que não buscamos com sinceridade nos libertar das ruins paixões que toldam e perturbam o ambiente límpido em que deve morar a nossa alma.

Necessitamos muito purificar os nossos sentimentos, para que possamos ser radicalmente sãos da alma e do corpo.

A vida de muitos é uma constante mentira.

Seus hábitos, seus gostos, suas palavras, respiram mentira e por isso caem freqüentemente na prática de atos delituosos, maldades que Deus abomina.

Essas quedas são tremendas e perigosíssimas. . .

Vai a criatura rolando, de abismo em abismo sem um paradeiro . . .

Vivamos segundo a verdade e daremos frutos de amor e de justiça.

A lei de Cristo é a lei do amor. Quem é verdadeiro ama, porque o amor é a verdade.

Deus é o amor!

Deus é a Verdade!

OS MORNOS

Qualquer pessoa ao corrente das cousas espíritas conhece, senão de perto, pelo menos um pouco, essa classe de gente.

Na vida diária labutam incessantemente de manhã à noite, absorvidos de tal sorte nos seus próprios interesses materiais, que não lhes sobra um minuto para darem outro objetivo ao pensamento.

Ora temendo a possibilidade de ganhar menos, ora procurando um meio de ganhar mais, tendo em mira sempre a vida presente, seus prazeres, suas conveniências, suas preocupações não passam além do próprio bem-estar de conforto para as suas famílias, pouca importância ligando às necessidades de outra qualquer pessoa estranha ao círculo das relações que constituíram.

As cousas espirituais, os interesses da alma, não entram no rol das suas cogitações. Não ousam *descrever*, porque a sua capacidade moral não lhes dá a coragem de o fazer. Ignorando as leis que regem os fenômenos limitam-se a crer fracamente, sem cabedal para os aceitarem racionalmente.

É curioso ouvi-los:

— “Eu creio no Espiritismo . . .”

— “Comigo se tem passado tanta coisa . . .”

— “Contra fatos não há argumentos . . .”

— “Creio na aparição dos mortos . . .”

Citam casos *extraordinários* de assombramentos . . .

E relatam *cousas* passadas com eles próprios, como provas irrefutáveis de mediunidade:

— “Uma ocasião . . .”

E lá vai a narração de um *fato sensacional*. . .

Pedem receitas aos médiuns receitistas, as quais muitas vezes dormem nas suas carteiras. Outros tomam de fato os remédios, observando com regularidade o tratamento aconselhado pelo espírito.

Mas . . .

Convidamos um belo dia essas criaturas para uma reunião espírita de estudo, ou uma conferência publica . . . Este nos diz:

— “Gostaria muito de ir, mas *a hora coincide com a do nosso jantar*, não me é possível. Se não fosse isto, iria com gosto!”

Falamos a outro e nos responde:

— “Não quero aprofundar *estas cousas*; eu creio. . . e isto me basta”.

Outro nos diz:

— “Tenho que proceder com muita prudência *nisto*; não posso me apresentar assim em público. Você sabe, *minha família* . . .”

Um outro promete ir, com grande entusiasmo . . . e lá não aparece, arranjando, no momento em que posteriormente nos encontra, uma desculpa ridícula.

São assim os mornos.

Crêem a seu modo.

Aceitam o benefício que, porventura, a doutrina lhes possa oferecer; mas fogem às responsabilidades que *queiram ou não queiram*, pesam sobre os seus ombros.

Pobres criaturas!

Nem quentes, nem frios: são mornos . . .

A COMUNHÃO COM OS NOSSOS GUIAS

No meio da miséria humana em que somos obrigados a viver, as mensagens com que nos encorajam a fé as entidades protetoras do espaço são como um farol do Alto, a alumiar o rumo que devem seguir os nossos passos . . .

Animados pelas suas vozes, arrostamos resolutamente com todos os tormentos morais que as duras provações infligem à nossa alma, confiantes na proteção segura que nos assiste.

Como espíritas que somos, sabemos que podemos desenvolver, pela vontade e pelo pensamento, forças potentes interiores que chamam em seu auxílio os fluídos benéficos de que o invisível é cheio, os quais no sustentarão nessa gloriosa ascensão para a luz!

Tomemos, portanto, todo cuidado em nos colocarmos na condição de podermos apertar cada vez mais esses laços que ligam o nosso mundo ao mundo invisível, para que os nossos preceptores do espaço possam com facilidade auxiliar-nos no desempenho das nossas responsabilidades.

Não sabemos nós que é do Alto que jorram as grandes inspirações de justiça, de verdade, de caridade e de amor?

O nosso trabalho será sempre infrutífero, eivado de erros e imperfeições, se não for submetido à direção e apreciação dos nossos diretores espirituais.

A tendência do homem é substituir pelos objetivos materiais os grandes interesses espirituais.

Daí resultam graves complicações para a marcha progressiva do espiritismo em nosso planeta, dificuldades que não poderemos remover senão com grande esforço e tenacidade apelando sempre para as forças divinas.

São grandes os males que nos cercam, oriundos da pusilanimidade da nossa ação em refrear o orgulho, o egoísmo, a ambição e a vaidade que campeiam em nosso meio. Rejeitando com energia esses vícios, nos libertaremos facilmente das influências inferiores que prejudicam o nosso trabalho no mundo que habitamos.

Por que somos nós espíritas? Pelos fatos, pelas demonstrações e provas da sobrevivência dos espíritos à morte dos corpos?

Sim, essas são realmente boas razões. . .

Mas não esqueçamos a melhor de todas elas: os ensinamentos de ordem elevada que as suas revelações nos trazem.

O espiritismo fala à inteligência, à razão, ao coração. Ele representa a misericórdia e a justiça divinas despertando no homem o sentimento da solidariedade e da fraternidade universal, suscitando-lhe a mais alta concepção da vida!

Necessitamos aprender a menosprezar as coisas fúteis, cuidando melhor de abrir os nossos entendimentos à compreensão das coisas divinas.

A colaboração com os nossos queridos protetores do invisível contribui para o aumento constante da nossa fé, dá-nos coragem no sofrimento, pelos exemplos de abnegação, altruísmo e sacrifício daquelas almas purificadas, às quais havemos de nos reunir um dia, na vida espiritual.

Cultivemos, como verdadeiros espíritas, essa comunhão com o mundo espiritual, buscando realizar a paz, a harmonia, o acordo de sentimentos, no meio que vivemos.

Trabalhemos pela realização do reino de Deus na terra dilatando quanto possível a comunhão do mundo visível com o mundo invisível, manancial inesgotável de consolações e esperanças supremas!

II

Não basta simplesmente crer no espiritismo e conhecer de perto a sua filosofia; é necessário que saibamos viver como espíritas. Isto só conseguiremos pela comunhão das nossas almas com o mundo espiritual, no contato do nosso pensamento com as entidades felizes que habitam aquelas moradas a que Jesus aludiu no Evangelho de João.

Sendo o alvo da nossa vida o aperfeiçoamento do nosso ser, intelectual e moralmente, que meio melhor para o atingirmos poderá haver, do que recebermos dos nossos preceptores do espaço as luzes necessárias para o bom encaminhamento do nosso proceder neste mundo?

Esclarecidos por eles sobre o *porquê* das coisas penosas que conosco se passam aqui, aprenderemos a suportá-las corajosamente e esperaremos confiantes e resignados que se abra para o nosso espírito a porta que nos dará ingresso para o mundo da Luz e da Verdade!

Nós precisamos praticar a doutrina espírita, se queremos tirar dela proveito real para a edificação das nossas almas. Preguar que ela é uma doutrina de paz, de progresso, de amor, de fraternidade, isto se

faz todos os dias e por toda a parte. Carecemos agora é da prática: provar com fatos a sinceridade das nossas afirmações, extinguindo radicalmente em nosso meio os baixos sentimentos de inveja, orgulho, ambição e ódio, verdadeiros flagelos que tanto embaraçam a ascensão dos nossos espíritos!

A comunicação com os nossos guias espirituais constitui um poderoso meio de proteção para as nossas almas.

É por meio dela que nos tornamos prudentes, resignados, resolutos, inspirados, preferindo, acima das coisas vis do mundo, as alegrias da inteligência e do coração. Nós temos necessidade, contínua dos conselhos dos nossos guias. Essa necessidade dia-a-dia se torna mais imperiosa.

As pessoas piedosas, que sinceramente se dizem espíritas, devem cultivar religiosamente essa comunhão com os seus protetores invisíveis, procurando atraí-los pela meditação e pela prece, em reuniões modestas, cuja preocupação seja o desejo de colher ensinamentos para os seus espíritos.

Constituindo um pequeno grupo, homogêneo, em que o amor anime todos os pensamentos, devem essas reuniões ser realizadas freqüentemente em toda a parte *onde dois ou mais* desejarem receber luzes do Alto. As sessões numerosas, de grande assistência, não são próprias para esses exercícios religiosos.

Eles requerem muita concentração de espírito, muita harmonia de pensamentos, muita igualdade de sentimentos. É preciso que haja, em verdade, entre os que para tal fim se reúnem uma aura de simpatia cordial, que estreite os seus corações em doce união e eleve unísono os seus pensamentos a Jesus, suplicando-lhe Luz e Verdade.

Se entre os presentes houver médium, Deus permitirá a comunicação dos mensageiros divinos, trazendo consolação, ensinamentos e paz aos filhos de boa vontade, que para tão justo fim se reúnem.

Não havendo intermediário, as influências do Alto se farão sentir ainda assim, segundo a intensidade e o fervor da prece.

Os benefícios que resultam de tais reuniões são incalculáveis!

III

Temos nos ocupado até aqui da necessidade e do dever que nos assiste de buscarmos a luz no santuário da verdade, que é a fonte suprema de todo o bem, prestando desta forma obediência ao mandamento de Jesus contido nestas palavras: "Buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á, pedi e vos será dado".

Quem busca a comunhão dos espíritos de luz, pela prece, pela concentração escrupulosa, obedece ao desejo sincero de encontrar os meios de regeneração e aperfeiçoamento de que a sua alma reconhece ter necessidade.

Esclarecidos os nossos espíritos pelos ensinamentos dos protetores luminosos do infinito, começamos a compreender melhor os nossos deveres, as nossas responsabilidades, como filhos de Deus, Dele afastados pela indignidade da nossa conduta em repetidas encarnações neste planeta. Começa então a

despertar dentro de nós a vontade de ser bom, de fazer alguma coisa de bom nesta vida, até agora estéril de ações boas.

É assim que principiamos a compreender a santidade do espiritismo, única religião que aproxima o homem de Deus, permitindo-lhe e facilitando-lhe os meios de receber diretamente do Céu as inspirações da **Divina Graça**.

Ganhamos nessas reuniões, realizadas nas condições de que tenho me ocupado, experiências proveitosíssimas para as nossas almas.

Para a nossa edificação, aqueles que nos dirigem do Alto nos preceitos e na justiça da verdadeira doutrina de Jesus, nos revelam aqueles coisas que dantes não pudemos suportar e que atualmente nos é dado compreender, porque *a hora soou e agora é*. É assim que, quando a Sabedoria Eterna o permite, eles, os bondosos Guias, arrancando a venda que nos intercepta a visão espiritual, descortinam aos nossos olhos todo o nosso passado, com todo o cortejo aterrador de faltas cometidas, fraquezas, desvios e extravios, como uma demonstração positiva das responsabilidades que de tais atos decorrem para os nossos espíritos.

E a grandeza da sábia lei da reencarnação aparece então diante de nós com os fulgores de uma verdadeira redenção!

A esperança renasce em nossos corações e a nossa fé assume proporções verdadeiramente gigantescas!

Como é belo o espiritismo religiosamente praticado!

A comunicação com os entes desencarnados é uma necessidade para o progresso da doutrina.

Sem ela, como nos poderiam ser transmitidas as revelações divinas?!

Eu considero a comunicação espiritual um elemento primordial para a boa marcha do espiritismo em nosso planeta.

Com efeito: É a comunicação espiritual o fator de maior valor na prova da superioridade da religião espírita sobre as outras religiões. Só a doutrina espírita, por meio da comunicação espiritual com os seres desencarnados, dá a prova cabal da sobrevivência da alma, em plena consciência da sua individualidade e no gozo perfeito da memória das suas existências no corpo material. Fatos autenticados pelo testemunho de pessoas respeitáveis não faltam, dignos de atenção dos que imparcialmente, se dedicam a estes estudos.

Pregar a Vida Eterna só o espiritismo o pode fazer em verdade, porque só ele se pode apresentar como testemunha ocular do que se passa além-túmulo.

Proclamemos, pois, a origem celestial da nossa doutrina, dando provas aos homens de boa vontade da existência real dos seres desencarnados, que vivem nos mundos que lhes são próprios.

Infelizmente, porém, há adeptos do espiritismo que procuram obstar a comunicação dos espíritos com o nosso mundo: querem fazer espiritismo sem espíritos . . .

IV

Não concordo com a maneira de praticar sessões espíritas sem disciplina, sem união de vistas, sem harmonia de esforços, sobejamente o tenho declarado. Facilmente se compreende que os trabalhos assim realizados constituem um mal, não só para os que assumem a responsabilidade de os realizar, como para o grande número de levianos observadores que a elas assistem. Entendo, porém, que a orientação nestes últimos tempos adotada pelos dirigentes dos núcleos espíritas — de acabar com os trabalhos práticos nas costumadas sessões de caridade, não é acertada.

O que nós precisamos é organizar os nossos trabalhos, angariando bons elementos (que, graças à Deus, não faltam), dispersos aqui, ali e além, unir aos nossos esforços, afim de conseguirmos um ambiente calmo e religioso, propício aos trabalhos de tal natureza.

Por conseguinte, em lugar de abolirmos as sessões de caridade, o nosso dever é organizá-las melhor, tornando-as verdadeiramente cristãs, e não mero ajuntamento de pessoas curiosas, que se reúnem para fazer perguntas indiscretas aos desencarnados, levadas algumas por sentimentos condenados pela doutrina espírita.

As sessões práticas bem orientadas são uma verdadeira escola, onde se aprende a resignação, a fé, a caridade, a santificação pelas provas.

Elas nos patenteiam a lei do progresso universal por essa infinita variedade de condições das almas que vivem em planos diferentes do nosso, desde aqueles que se encontram em provas terríveis, gemendo e chorando ao peso dos seus remorsos, ou atrasados, ainda respirando ódio e vingança contra os seus irmãos, até aqueles grandes espíritos, apóstolos do bem e da verdade, verdadeiros focos de luz a esclarecerem os nossos caminhos . . .

O conhecimento da situação feliz, ou desgraçada em que se encontram os desencarnados, nos oferece oportunidade para ajuizarmos com relativo acerto daquilo que nos espera além da presente vida.

É de suma vantagem para nós a prática religiosa da nossa doutrina, a revelação positiva desse mundo invisível, tão real quanto este que habitamos.

Para os desencarnados, é também muito útil essa comunicação conosco.

Nós somos instrumentos, embora imperfeitos, dos desígnios dos espíritos guias que nos assistem, os quais não visam apenas o nosso progresso, mas também o adiantamento dos seres desencarnados não esclarecidos nas coisas transcendentais, cuja magnitude ainda não puderam compreender.

Aquele que conhece o valor da prece, pode calcular o consolo, o bálsamo suavizante que resulta da oração contritamente elevada a Deus em favor desses infelizes, como nós, delinqüentes, e ainda mais desgraçados por não conhecerem ao menos o pouco que nós conhecemos do amor de Deus. As sessões de caridade, religiosamente praticadas nos oferecem a oportunidade de consolar os míseros “famintos do pão do céu”, que à nossa porta batem, impelidos pela misericórdia dos seus guias. Confortando carinhosamente esses irmãos sofredores, apontando-lhes o “caminho para a Verdade e a Vida”, cumprimos um dever de fraternidade cristã, prestando obediência ao mandamento do Divino Mestre.

V

Meditando sobre estas coisas de que nos temos ocupado nestas modestas linhas, havemos de reconhecer a utilidade, os benefícios que colhemos os deste mundo e os do plano invisível, dessa comunhão espiritual entre os seres encarnados e os desencarnados.

Não esqueçamos, porém, que os nossos sentimentos religiosos, a pureza e o amor dos nossos corações, são elementos primordiais para o bom desempenho desse trabalho de caridade que nos cumpre fazer.

As naturezas egoístas, estranhas ao amor cristão, cuja sensibilidade não desperta à narrativa tocante das angústias porque passam espíritos sofredores, que se encolerizam facilmente e não conhecem as doçuras do perdão, estas não podem compreender a impressão suave que resulta dessas relações da alma encarnada com o mundo dos espíritos.

Orar a Deus, derramando lágrimas, por um ser que não conhecemos, pedir auxílio a Jesus para um desgraçado cuja miséria não é a nossa, só o pode fazer realmente aquele que ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Esta é a verdadeira caridade, pregada e exemplificada, por Cristo; sentir as dores dos outros como se elas fossem as nossas próprias dores.

Quem se habitua a comunicar com os sofredores, com o espírito de caridade e amor que deve presidir tais atos, por certo há de observar como eles se sentem penetrados até o íntimo do seu ser pelas palavras de doçura e consolação que lhes falamos, buscando incutir-lhes a fé na promessa de uma existência feliz após a reparação das suas faltas, por mais criminosas que tenha sido.

A certeza do perdão de Deus a quem começam a amar como Pai amantíssimo os enleva e comove de uma maneira tocante!

Um desses espíritos infelizes, após haver comparecido a uma dessas reuniões a que assisti, se sentiu tão cheio de esperanças numa vida melhor, tão consolado das suas dores, que buscou encontrar-se comigo noutra hora para manifestar o seu reconhecimento por havê-lo atraído à nossa sessão. Declarou-me que se julgava até então abandonado de todos porque sentia que ninguém o amava.

A nossa prece por todos os sofredores vibrou no seu íntimo lá naquele cantinho obscuro do espaço, onde se encontra e, como o amor abre o sentimento ao amor, ele sentiu algo de suave tocar o seu interior e partiu para nós . . .

É assim que a luz do amor penetra por toda a parte e vai aos antros mais tenebrosos.

Como fechar as portas dos nossos centros de caridade a esses pobres famintos de graça do Senhor?!

O espiritismo ensina o dever de nos ajudarmos mutuamente uns aos outros, cultivando e aperfeiçoando as relações entre os dois mundos — visível e invisível — exaltando sobre a prática de caridade, “sem a qual não há salvação”, asseverou Paulo, o ardoroso pregado do Cristianismo.

O exercício dessa caridade, universalmente aceita como base da religião Cristã deverá acaso limitar-se a este plano em que habitamos?!

Se assim o pensamos, então não digamos que somos espíritas, porque o "alvo do espiritismo é estabelecer a fraternidade e a solidariedade perfeita entre os habitantes de todos os mundos". (Max)

Nós não temos o direito de voltar as costas ao sofrimento dos nossos irmãos do espaço, negando-lhes o fraco auxílio que lhes podemos prestar, da mesma forma que não podemos negar o pão do corpo à miséria humana que nos estende a mão.

Organizemos, portanto, o nosso trabalho espírita de forma a atender, ao menos um pouco, pois inteiramente nos é difícilimo fazê-lo, às necessidades dos nossos irmãos sofredores na terra como no espaço.

VI

Todos nós sabemos que atraímos conforme sentimos.

Se o nosso pensamento é criminoso atrairá conseqüentemente influências perniciosas que nos impulsionarão para os caminhos do mal. Alimentando a vaidade, o orgulho, a inveja, chamaremos infalivelmente sobre nós os elementos invisíveis de igual natureza.

A mesma afinidade regula os sentimentos do bem. Os nossos bons desejos, ainda que só formulados pelo pensamento, atraem para perto de nós influências benéficas do espaço, que facilitam a nossa tarefa nesta vida e nos proporcionam ocasiões proveitosíssimas à marcha do nosso progresso espiritual. Prescindir do auxílio dos bons espíritos equivale a querer aprender sem mestre.

Neste mundo de misérias e tentações, onde a hipocrisia, o orgulho, a ambição do ouro, a vaidade do luxo, rebaixam o moral até à vergonha, como orientar-se o espírita sem o auxílio, a proteção e a direção dos espíritos do bem?

Nós necessitamos ser saturados dos fluídos bons que emanam dessas entidades felizes para nos podermos manter aptos para o cumprimento do nosso dever.

A aproximação dos nossos Guias facilita a nossa comunicação com o Divino Mestre. Eles nos querem limpos e puros de sentimentos esforçando-nos por imitar as suas peregrinas virtudes.

Ponhamo-nos, pois, em condições de moral e espiritualidade capazes de atrair os bons amigos do espaço, para que nos assistam com seu amor e carinho.

Para esse fim dispomos de um elemento de grande poder e alcance: a prece. Ela é que nos liberta dos fluídos grosseiros próprios da nossa inferioridade, envolvendo-nos num aura sereno e bom, que prepara o caminho para a aproximação dos espíritos justos.

Orar não é unicamente pedir.

Deus sabe o que nos convém.

Orar é humilhar-se diante da Majestade Divina, reconhecendo a inferioridade da nossa miséria. . .

Orar é agradecer a essa Onipotência Infinita todo o amor, todo o cuidado, todo o desvelo que a sua caridade nos manifesta.

Orar é prestar à Divindade o culto da adoração e amor que lhe devemos.

Orar é reverentemente falar com Deus!

Oremos sempre: não simplesmente com os lábios, mas com o coração em prece!

VII

Observando a maldade que caminha desenfreada no nosso planeta, as criaturas não espíritas pensarão sem dúvida no castigo eterno, a que fazem jus, pelos seus crimes, os filhos da terra: o inferno, sem remissão!

Nós, os espíritas, sabemos que, “cedo” ou “tarde”, os filhos pródigos voltarão à casa paterna.

O perdão é no espiritismo o complemento da justiça e a manifestação mais perfeita da caridade.

O espiritismo apresenta ao homem a justiça indefectível do Criador aliada inseparavelmente à sua infinita misericórdia.

Os filhos rebeldes que, concentrados no seu egoísmo, cavam ao redor de si mesmo abismos tenebrosos e por eles se afundam de queda em queda até os mais ignominiosos crimes, não são julgados por Deus como réprobos, condenados ao fogo eterno. Não. A lei é de justiça e também de amor!

Por mais abomináveis que sejam os crimes da humanidade. Deus, permanece sempre o mesmo — **JUSTO COMPASSIVO e BOM!**

Jamais a clemência do Criador faltará ao filho que para Ele voltar seu coração arrependido. Ele ensina aos homens a transformarem a sua natureza pecaminosa, pelo desenvolvimento do amor à virtude, fornecendo-lhes, os meios de regeneração e progresso.

Enquanto as outras religiões se comprazem em apregoar o prêmio ou o castigo da criatura após a morte, a doutrina espírita, fiel aos princípios básicos do Cristianismo — princípios de vida eterna — apresenta ao homem o verdadeiro caminho da salvação, pela regeneração e purificação da alma.

Graças ao espiritismo podem os homens compreender o alvo da vida, porque ele lhes oferece a solução lógica de todos os problemas que motivam as separações, as discórdias, os infortúnios, os cataclismos morais e sociais e toda a sorte de infelicidades que assolam o planeta no momento.

Nós, os espíritas, olhamos os males presentes como provas que temos necessidade de suportar nesta existência, e ainda damos graças a Deus por elas, porque contribuem para o melhoramento do nosso caráter, o aperfeiçoamento do nosso espírito.

Aprenda o homem a conhecer os seus caminhos compenetre-se da grandeza da sua missão e confie na misericórdia de Deus que é infinita!

VIII

A ação crescente do espiritualismo moderno prepara os corações para o advento da fé universal.

Como um foco poderoso de luz vivificante, ela iluminará as consciências despertando-as para uma nova vida.

A figura salvadora do Cristo ressurgirá desse abandono em que a inconsciência do homem a tem mergulhado, oferecendo à humanidade sofredora o pensamento sem véu da sua doutrina grandiosa.

A atenção do homem tende a voltar-se para o Cristo pela atração irresistível dos espíritos superiores, agindo em prol da sua salvação.

Debalde ele procura resistir a esse chamamento da consciência que intimamente clama rebatendo o seu orgulho, mostrando-lhe o perigo à cuja borda se coloca voluntariamente.

A previsão deste movimento progressista já de há muito vem sendo feita pelos mensageiros do Senhor, que vêm com segurança o tempo em que esta reação se tem de produzir.

O progresso intelectual do homem, até hoje realizado eficientemente, não basta para assegurar a evolução do espírito. Para o garantir é indispensável o aperfeiçoamento moral que opere uma mudança radical de sentimentos no íntimo da criatura.

Essa reforma interior só poderá ser realizada pela assimilação dos ensinamentos de Jesus, posto por Deus diante dos homens como modelo divino, a quem devemos imitar, embora, que nós só poderemos atingir um dia a uma perfeição relativa, — aquela para a qual fomos criados por Deus, conforme nô-lo ensina Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita. (Gênesis XI:9).

Os mensageiros do Senhor revivem à nossa memória as palavras do Divino Mestre, tão verdadeiras hoje como no passado, fazendo-nos sentir que elas contêm o pensamento de Deus como base dessa doutrina indestrutível, que encaminha os seres para a felicidade eterna.

Esse mundo oculto, que habita o invisível, do qual recebemos os supremos ensinamentos, rasga para o pensamento humano novos horizontes à fé, destruindo os erros, as falsas interpretações dadas pelo homem à palavra de Jesus, e, após essa crise temerosa que atravessa o planeta, surgirá vitorioso o espiritismo cristão, em toda a sua singela pureza dos primitivos tempos.

O MUNDO INTERIOR

Cada um de nós possui dentro de si mesmo um mundo interior, onde só Deus penetra.

É lá que vibram com maior intensidade os nossos sentimentos.

É lá que se refugia a nossa alma, quando batida pelos vendavais da sorte, acossada pelas ondas encapeladas do pélogo tumultuoso desta vida.

É lá que concentra o nosso espírito todas as suas energias para diminuir

as influências do mal que nos cerca, munido-se de capacidade bastante para vencer sempre, pela piedade, pela justiça, pelo amor.

É nesse mundo interior que Deus se mostra aos seus filhos, nos transe mais dolorosos, nas angústias cruciantes das grandes provações, enviando-lhes o pronto socorro, a luz que lhes revela, em sua claridade, a perspectiva de uma vida feliz, porvir de todos os espíritos, nas mansões do "Além". . .

Oh! como é grande e belo este mundo interior que cada um de nós tem dentro de si mesmo!

Quando nossa alma cansada dessa atmosfera terrena, tão corrompida pelas emanções pestilenciais dos ódios, dos maus pensamentos e ambições desmedidas, penetra — fechados os olhos da visão material — no limiar das cousas ocultas, no recôndito do seu próprio ser, no interior desse mundo interno, sentimos que nos aproximamos de Deus!. . .

A promessa de felicidade a todos os seres embala a nossa esperança, reanima a nossa fé.

Compreendemos que só ali, na mansão infinita, pode existir a paz, porque só ali o amor, em sua mais alta concepção, é uma realidade.

A terra, este minúsculo planeta de expiação e prova, é para a luta, para a dor, o grande lapidador das almas!

E meditando, e compreendendo melhor o *porquê das cousas terrenas*, aceitamos confortados os padecimentos da presente vida, sentindo que a nossa alma vibra de uma vibração mais forte, sacudida pelo sopro invisível dessa força prodigiosa, que encadeia os mundos e atrai a Deus todos os seres: **O Amor!**

INCREDELIDADE

Nada mais justo do que a fé que raciocina e se firma em inteligente apreciação daquilo em que crê.

A fé cega, inconsciente, é um prejuízo para aquele que a possui, podendo ainda indiretamente ser causa de grandes males.

Vigiemos, porém, atentamente, contra o perigo, não menor, da *incredulidade*. *Dela há vestígios até no íntimo dos próprios que crêem*. . .

Enquanto a dúvida e a desconfiança permanecerem conosco, seremos fracos e, conseqüentemente as nossas obras serão pequenas, de pouca duração.

Possuamos nós uma forte convicção no poder que nos dirige, e a nossa fé realizará maravilhas aos olhos do mundo!

As vozes reveladoras do Além apelam para o nosso concurso como instrumentos que somos desse movimento espiritual, que tem por fim cristianizar a humanidade.

À dúvida que perturba os espíritos e as consciências dos homens fracos, oponhamos a fé esclarecida e inteligente que é o fundamento da doutrina espírita.

Os espíritos inspiradores do espaço, por um impulso que deriva do *Grande Mestre*, vêm guiar as nossas intuições, os nossos passos, para a mais ampla divulgação do espiritismo entre os homens.

A esse persistente trabalho devemos nós felicidade de ver o espiritismo conhecido em toda a parte do mundo. E, muito maiores triunfos seriam os seus em nosso meio, se a incredulidade dos homens não lhes impedisse impiedosamente os surtos!

Não, tenhamos fé que as dúvidas que obscurecem a razão dos homens se dissipem ao sopro benfazejo das auras celestiais, e a magnificência do espiritismo se mostre aos olhos dos homens com o brilho esplendoroso das grandes verdades!

PROVAÇÕES

Lançando as vistas sobre o grande livro da história dos povos aprendemos lições impressionantes, cujo testemunho firma em nós a convicção de que todo mal praticado pelos homens recai, cedo ou tarde sobre os seus autores.

Para as nações, para as coletividades, como para cada indivíduo, há uma justiça, que ora se revela imediatamente, ora em intervalos relativamente dilatados, mas que não falha!

Somos forçados a reconhecer, pela marcha dos acontecimentos no mundo, a execução da grande lei da reencarnação, que se manifesta, dirigindo a evolução dos espíritos para a ascensão universal.

Aqui é a maldade, a ingratidão de muitos, ferindo impiedosamente criaturas simples, que nenhum mal fazem a outrem, antes semeiam ao seu redor o bem que podem. . .

Ali, revezes da sorte transformando lares felizes em hospital de dores físicas e angústias morais. . .

Além, o martírio ignorado de almas caritativas, bondosas e pias, que a injustiça dos homens sacrifica e a conveniência social condena ao mais absoluto mutismo. . .

Por toda a parte o sofrimento campeia por diferentes formas, escolhendo de preferência os simples, os inocentes, aqueles que a nossos olhos se revelam justos e bons!

É o cumprimento da lei é a eliminação do pecado pela dor!

O criminoso do passado consegue assim, pela paciência com que cumpre a sua provação, transformar a sua alma de treva em alma de luz, para louvor e honra de Deus!

Bendigamos, pois, o sofrimento: ele enobrece a nossa alma e nos aproxima do ideal que temos em mira alcançar um dia!

SOFRIMENTO

O homem que se revolta contra o sofrimento, que clama constantemente contra a injustiça do destino, é aquele em que predominam sempre os instintos materiais da natureza física, aquele que em sua vida não tem aceitado jamais a menor reforma das imperfeições do seu caráter.

Tal criatura odeia o sofrimento e os erros da sua vontade o impelem a lançar mão de todos os meios para o suprimir.

No entanto, a que chegaria o homem se o sofrimento não o detivesse em seus desregrados caminhos!

Toda a orientação da nossa vida deve ser dirigida para o engrandecimento espiritual; e a alta espiritualidade se alcança pela aceitação voluntária da cruz das nossas provações!

Não nos enganemos:

A vida fácil cava diante do homem verdadeiros abismos de perdição para o espírito.

E de que serve ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma?

(Matheus 16:26)

"Eu choro", dizia Thereza de Jesus, "pensando no tempo em que vivi sem chorar".

O sofrimento transforma o homem em verdadeira potência espiritual: educando-o, protegendo-o, ensinando-o, animando-o, purificando-o, desmaterializando-o, elevando-o, engrandecendo-o.

CRENÇA SUPERIOR

Para que uma crença seja forte, viva e elevada, é preciso que ela seja inspirada na fonte inspiradora dos primeiros cristãos, fonte de sabedoria, justiça e misericórdia.

É a essa fonte que os sedentos espirituais se devem chegar para saciar a sua ânsia de saber.

Os orgulhosos, os vaidosos, confiantes em seu próprio saber e inteligência, conhecerão aquilo que a ciência medíocre deste mundo lhes possa fazer conhecer, a custa do seu insano labor físico e mental.

Mas não irão além, porque não buscam no plano invisível a orientação que só lhes podem dar os verdadeiros sábios.

Os "mestres" do nosso mundo freqüentes vezes se encontram na condição de Nicodemus em face a Jesus, de cujos lábios ouviu: ***"Tu és mestre em Israel e não sabes isto?" (João 3:10).***

Do Alto é que baixam os ensinamentos divinos tornando compreensíveis às criaturas humanas as verdades eternas, que são o fundamento da verdadeira fé.

Espiritismo é a doutrina reveladora da verdadeira ciência, porque ensina o homem a conhecer a natureza da sua alma, a razão da sua existência e qual o seu destino.

Tendo por missão difundir os ensinamentos de Jesus, Espiritismo emancipa o espírito humano das peias da superstição e ignorância, fazendo luz sobre aquilo que a ciência, pelo seu orgulho, não pode descobrir e as religiões não procuram esclarecer, porque preferem a sombra do mistério à luz da revelação.

Espiritismo progride rapidamente e outra não é a razão, senão esta:

Ele é a doutrina dos espíritos, que diretamente a transmitem ao homem para que ele possa firmar as suas crenças na imortalidade da alma, pelas provas de sobrevivência que lhes trazem aqueles que, afastados da vida terrena pelo fenômeno da morte, vivem todavia tanto ou mais do que nós. . .

DOCE CONFORTO

A comunhão com o Invisível fortifica a nossa fé, dilatando-lhe os horizontes e reduzindo a proporções razoáveis as aspirações terrenas.

O apego exagerado que temos pelas cousas fúteis da terra vai diminuindo, enquanto o interesse pelos bens indestrutíveis do espírito cresce, pelo fato de tornar-se mais nítida e profunda a compreensão da vida além-túmulo.

A fé com essa base segura, eleva os nossos pensamentos, assegurando-nos o triunfo da justiça, impulsionando os nossos espíritos para a regeneração, pela influência salvadora dos seres sublimes do espaço, severos sensores da virtude e boas obras.

A comunhão com as entidades honestas do plano invisível inspira sentimentos nobres e dignos, tornando-se uma verdadeira delícia, um encanto para as nossas almas, o receber os seus prudentes conselhos, as suas sábias advertências.

Esse é o verdadeiro culto da felicidade, que nos prepara fechar o coração às cousa impuras, abrindo-o aos eflúvios santos dos sentimentos cristãos!

Penetremos no domínio da verdadeira espiritualidade pela comunhão freqüente com os nossos instrutores, e aprenderemos a nos aproximar de Jesus!

REMOVER MONTANHAS

Se a fé consistisse apenas em certas práticas de culto exterior: pregações, rezas, assistência constante a práticas religiosas, muita gente seria capaz de *transpor montanhas*".

Mas não é isto o que se observa. Ao passo que aumenta esse pretenso fervor religioso, diminui a intensidade da fé.

Aquelas mesmas pessoas, que tão cumpridoras se mostram de tais observâncias externas, tem o vácuo na alma vazia da chama da fé.

Não é raro vermos circunspectos cavalheiros que obstinadamente cumprem todas essas inúteis *práticas religiosas*, não esquecendo nem sequer o hábito de se descobrirem em frente às portas fechadas dos templos, procurarem em religião, que não é a sua, o alívio para os seus males interiores, onde não pode penetrar o consolo daquela fé convencional que o mundo vê. . .

Damas, praticantes do que lhes ordena a disciplina das suas igrejas, que consagram horas certas no dia a repetição das orações sistemáticas a que são obrigadas, que fazem jejuns e dão esmolas às portas dos templos, guardando preceitos materiais a que subordinam até a alimentação do seu corpo, persignando-se e rezando ao passar pelas igrejas, demonstrando ostensivamente aos olhos dos outros a *religiosidade* das suas almas — vemos nas horas de tormento, das dores dilacerantes, em face da prova, — procurarem fora das suas crenças algo de superior que ilumine e console!

A fé esclarecida aumenta o cabedal das nossas energias.

Deus é espírito!

É o nosso espírito que o deve procurar nos eflúvios da prece. São as nossas almas que devem orar e não somente os nossos lábios, a repetirem maquinalmente palavras que o coração não dita.

Não necessitamos guardar de memória fórmulas de orações que, pela força do hábito, perdem de valor, porque não produzem já impressão em nossos espíritos.

Aprendamos a conhecer a Deus como nosso Criador e Pai amantíssimo e vejamos na prece o meio que Ele próprio nos oferece para entrarmos em comunicação com a sua Infinita Bondade.

Seja a nossa fé consciente, sincera e verdadeira.

Fé que nos aproxime de Deus e nos torne mais dedicados aos nossos semelhantes.

Fé que nos eleve, fazendo vibrar de amor as nossas almas, de inspirações altruístas, que desenvolva as nossas faculdades, nos proporcione a serenidade de espírito nas grandes provas e nos prepare para esperarmos confiantes o futuro: enfim, fé que ilumine a nossa marcha, da terra para o infinito!

Esta, sim é a fé que pode **"remover montanhas"**.

JUSTIÇA E MISERICÓRDIA

Olhando em torno de nós, apreciando o mundo em que vivemos, tão cheio de sofrimentos insondáveis e, conjuntamente, tão farto de alegrias insensatas, pergunta o homem a si mesmo, porque razão Deus, o Criador Todo Poderoso, formou este planeta de tanta beleza material e ao mesmo tempo fez dele a pátria das angústias morais, das dores físicas, o teatro dos prazeres impuros?

Como compreender a Justiça Divina através desse contraste permanente do prazer e da dor, da opulência e da miséria, do crime e da virtude, todos atuando sobre a humanidade, filha desse mesmo Deus que permite as desigualdades que presenciamos neste mundo!

Achar a razão de ser destas anomalias aparentes constitui interesse de suprema importância para o homem.

A doutrina da pluralidade das existências, somente ela, resolve satisfatoriamente este problema. Tal é o grande papel do espiritismo, a sua missão: resolver, esclarecer aquilo que à ignorância do homem se apresenta como um mistério indecifrável.

A preexistência das almas explica a diversidade de condições das criaturas humanas na terra.

O nosso mundo é a penitenciária temporária dos nossos espíritos. Todos quantos aqui delinqüimos em passadas existências terrenas, voltamos a expiar tais faltas, tais erros, renunciando ao mal, e dando solene testemunho do bem. A Justiça Soberana de Deus não pode deixar impune pecados de seres livres e responsáveis.

A sua Misericórdia Infinita se opõe ao castigo eterno em que, infelizmente, muitos homens ainda erradamente crêem. Tal doutrina, sobre ser bárbara, é repulsiva. A legítima aplicação da divina Justiça é expressa na lei das reparações, lei que em sua execução encaminha os espíritos aos seus altos destinos.

Hoje, como ontem, vivem na terra criaturas ainda embebidas nas preocupações da vida material, espíritos engolfados em prazeres impuros, indivíduos que descem até o crime, como também vivem aqui espíritos em prova, criminosos que aceitaram o sofrimento como reabilitação, seres em via de regeneração, lavando na prática do bem a culpa do mal outrora praticado.

Isto nos ensina a revelação espírita, desvendando aos nossos olhos a obra do progresso, obediente à marcha evolutiva do Universo!

Só o conhecimento da lei das reencarnações do espírito explica cabalmente esses contrastes flagrantes em nosso mundo.

EDUCAÇÃO MENTAL

Eduquemos a nossa mente.

A evolução dos nossos espíritos caminha a par com a natureza dos nossos pensamentos, como estes irmanam com os nossos sentimentos.

O raciocínio de uma mente sã é sensato, calmo e lógico. As convicções que dele resultam são justas e acertadas.

Eduquemos a nossa mente.

A constante elevação do pensamento é um fator de alta importância na vida do homem. É por meio dela que entramos em comunicação com os espíritos instrutores, altas entidades do espaço, que auxiliam a rigorosa disciplina que cada um de nós precisa exercer consigo próprio.

O homem que se diz espírita e não se habitua a manter o seu pensamento livre da corrupção deste mundo material, desmentirá infalivelmente pelos seus atos e até pela sua linguagem, a fé que os seus lábios apregoam.

Eduquemos a nossa mente. Habilitemo-la a pensar bem.

Os maus pensamentos são obstáculos tremendos à conquista da perfeição que muito justamente devemos todos almejar alcançar o mais cedo possível.

A mente alimentada por pensamentos nobres e altruístas faz entrever ao homem o destino e lhe facilita os meios de o atingir.

Ponhamos de parte os pensamentos banais e rejeitemos absolutamente os pensamentos injustos, egoísticos e malfazejos.

Ocupemos a nossa mente no exercício de planos que tenham por alvo a justiça, e a caridade por modelo.

As vibrações do nosso pensamento, assim orientado, contribuirão eficazmente para o progresso dos nossos espíritos.

Eduquemos a nossa mente!

CONSEQÜÊNCIAS

Nunca é demais repetir que o escopo do espiritismo é colocar o homem na altura dos seus grandes deveres, refundindo a sua educação pública e particular pela revelação dos fins imortais da sua vida como espírito.

Faz-se mister em nosso mundo uma imediata modificação de costumes, o que só é possível conseguir pela purificação do caráter.

Os espíritos reveladores sentem estas cousas e procuram deter a desmoralização que avassala o nosso planeta, chamando a atenção dos seus habitantes para as conseqüências que infalivelmente surgirão dessa decomposição moral, pelo efeito da lei das responsabilidades que exige o cumprimento de uma outra lei não menos austera; a lei das reparações!

Espiritismo difunde em torno de si a luz dessas verdades eternas e profundas!

Não pode haver progresso real sem o conhecimento dessas leis que esclarecem os princípios religiosos, oferecendo ao homem uma concepção da vida em harmonia com a Justiça, a Misericórdia e a Sabedoria do Criador!

Enquanto a criatura humana estiver afastada desses conhecimentos sucumbirá nas lutas travadas na arena terrena porque o seu espírito não estará preparado para vencer! A cobiça do mundo e as paixões absorventes anularão qualquer esforço do espírito que, não aparelhado, de tais inimigos procurar escapar.

Espiritismo — Sabedoria e Religião — se mostra ao mundo como a luz esplendente que revela as leis de Deus, e, pelo seu conhecimento, a solução de todos os problemas que preocupam a Ciência e mantém a ignorância da Fé! . . .

Graças ao seu rápido progresso, as teorias materialistas recuam, mostrando a sua falência.

Igual sorte está reservada às afirmativas dogmáticas, facilmente contestadas pelos que prestam atenção a esses estudos.

Um manancial de força e vida é a obra regeneradora do Espiritismo, revelando ao homem a sobrevivência do ser e a sua evolução pelos múltiplos renascimentos.

Divulgamos, pois, os ensinamentos kardecistas, que são os verdadeiros ensinamentos espíritas, os quais todo homem deve conhecer para a segurança e o bem-estar do seu próprio espírito.

MÉDIUNS!

Guardemo-nos do emprego das nossas faculdades para satisfazer a curiosidade frívola dos que não crêem, afim de que não nos falte a colaboração poderosa do "Alto".

O socorro dos nossos protetores do "Além", renova as nossas forças, desenvolvendo cada vez mais as nossas faculdades mediúnicas, quando um interesse de ordem superior, nobre, elevado, inspira o nosso apelo à sua Caridade.

Os médiuns são os instrumentos de que se servem os espíritos para se manifestarem aos homens. *Nada mais somos!*

Atribuir-nos qualquer mérito, poder ou força, que nos seja lícito manejar sem escrúpulo, a qualquer tempo, é contribuir para a má compreensão dos ensinamentos espíritas. A tarefa dos médiuns é segundo as suas aptidões, se prestarem de boa vontade à execução dos planos que os dirigentes do espaço organizam em benefício de todos os seres da terra, ou do espaço, coletiva ou individualmente, segundo o critério dos próprios instrutores invisíveis e não ao conteúdo de cada indivíduo em particular.

Espiritismo tem um fim superior: orientar a humanidade para os seus gloriosos destinos. Este é o alvo supremo da caridade, pedra angular da nossa doutrina.

Os médiuns, fatores principais na terra do desenvolvimento e propagação dos ideais espíritas, não devem desperdiçar o seu precioso tempo em satisfazer os desejos banais daqueles que desconhecem os fins elevados da doutrina espírita, mesmo porque, as respostas que possam obter nesse terreno não podem merecer confiança porque partem ordinariamente de espíritos frívolos, sempre prontos a se imiscuírem nas cousas materiais e nos interesses subalternos da humanidade.

MÉDIUNS, irmãos amigos, a Verdade é de Deus!

Ele é quem a revela aos homens quando, e como entende na sua sabedoria onipotente!

E ninguém lhe pode interromper a marcha evolutiva. . .

VIANNA DE CARVALHO

Nobre espírito este, que em 13 de outubro de 1926, se desprende da matéria, para ascender à vida espiritual. Coração generoso, trabalhador incansável pela vitória dos ideais espíritas. Vianna de Carvalho era um estímulo para os companheiros, cujos corações pulsavam de entusiasmo ao ouvir a sua palavra vibrante e ardorosa, sempre guiada por uma inspiração feliz.

Distanciado das individualidades medíocres pela cultura moral, profissional e filosófica, de todos se aproximava pela generosidade do seu coração e pela simplicidade da sua fé.

Grande companheiro!

Bela alma!

Penosa lhe foi esta existência terrena, na qual soube vencer com denodado esforço todas as tendências para o mal.

Desprendendo-se agora da forma carnal, o seu fulgurante espírito canta o hino da vida infinita, liberto da pressão torturante das exigências da matéria.

Para nós, espíritas, a Vida Eterna é uma certeza inabalável. Cada amigo que desaparece da terra não nos deixa para sempre: é uma alma querida que nos espera no mundo dos espíritos, para nos receber com alegria quando chegar a nossa hora de partida. Por isso não nos entregamos a uma saudade sem consolo.

Vianna de Carvalho, na plenitude das suas faculdades aumentadas, continuará a sua cooperação conosco, mais vigoroso, mais consagrado que durante a vida terrena.

Que o seu espírito mais e mais se eleve e que os Grandes Luminares do Espaço iluminem a sua marcha ascencional na Eterna Vida!

JUSTIÇA AO MÉRITO

Entre as homenagens prestadas ao Major Dr. Vianna de Carvalho, quer pelos seus amigos e irmãos na crença, quer por aqueles que lhe conheciam o valor — mas não abraçavam a mesma fé, figuram algumas linhas escritas pelo Sr. Luiz da Camara Cascudo na "A Imprensa", de Natal, Estado do Rio Grande do Norte.

Recordando a amabilidade do nosso caríssimo confrade, os traços da sua expressiva fisionomia, seu olhar limpo, denunciante de uma consciência clara, o articulista faz justiça à sinceridade do nosso irmão desencarnado, salientando a imperturbável obstinação da sua fé. E diz verdade: Vianna de Carvalho era de uma fé inabalável!

O que o articulista não compreendeu, foi aquele sorriso que lhe adelgava os lábios "*quando o argumento feria fundo*" (na sua expressão). . .

Aquele sorriso (muito nosso conhecido) era um sorriso caridoso, de piedade por aqueles que ainda não podiam compreender as bases da sua fé . . .

Vianna de Carvalho era um bom. E o prezado Sr. Cascudo engana-se quando o supõe no "Além" sem guia e sem médium, embaraçado, talvez . . .

Vianna de Carvalho já não precisa de médium para ver e ouvir as cousas que o cercam. Ele tem agora a prova real daquilo que na terra "candidamente" aceitava, na expressão do Sr. Cascudo.

Ele está efetivamente com o seu Guia e protetor, bem como os amigos desencarnados antes da sua partida deste mundo.

Espiritismo é a Verdade! Vianna de Carvalho é feliz!

Foi um bravo, um batalhador incansável nas fileiras espíritas. Era uma alma cândida, sim, pela sua pureza, pela sua bondade e pela sua submissão à vontade divina, mas era também uma inteligência potente, ornamentada por uma instrução pouco vulgar, em ciências, letras e artes, de que era apaixonado cultor. . .

Como homem fino e educado, porém, sabia adptar-se ao meio . . .

Hoje, no espaço, ele goza (temos disto absoluta certeza!) o prêmio dos seus esforços, a recompensa da sua fé inabalável e justa, a consciência do dever cumprido!

EM PRESENÇA DA MORTE

Qual deve ser a nossa atitude em presença da morte? Com que espírito nos devemos manter em face do cadáver que, poucas horas mais, baixará à sepultura?

Para os materialistas, estar em presença da morte é estar perante *o nada*: o enterro é o fim!

O espírita, porém, pensa de maneira totalmente diversa. A morte é o desprendimento do espírito, do corpo carnal, para entrar definitivamente em uma outra vida, a vida propriamente espiritual.

E, sabemos, essa transição não se faz sem alguma perturbação em certas criaturas; e, noutras, aquelas que não estão preparadas para essa transformação por que todos temos de passar, sem grande sofrimento, verdadeira tortura moral.

A atitude cristã em presença de um morto é de prece. — Prece pelo seu espírito ali presente e perturbado pela incompreensão do seu estado real de ser desencarnado.

As cenas desesperadoras de prantos, gritos, desconsolo, afligem sobremaneira o espírito recém-desencarnado, causando-lhe tortura inexprimível, por não poder aliviar os sofrimentos dos seus amados, cuja causa não pode naquele instante compreender.

Igualmente lhe causam dolorosa impressão a indiferença dos presentes à situação em que se encontra, para ele inigmática.

Falar assuntos triviais, rir, fazer ruído na câmara mortuária, tudo isso choca o espírito, ainda não senhor do seu novo estado.

Por conseguinte, devemos manter, quanto possível, um ambiente calmo em presença de um cadáver, não em respeito à matéria inerte, que temos dian-

te de nós, mas por um sentimento de caridade ao espírito que a animou e que nos olha com olhar angustiado, sem compreender a razão do nosso pranto, se choramos, nem o motivo do nosso riso, se timbramos em aparentar uma alegria ou indiferença, que estamos muitas vezes longe de sentir.

Não precisamos orar em voz alta, nem armar uma cena religiosa, qual um cerimonial de enterro, que aterroriza o espírito. . .

Mas abstenhamo-nos das atitudes indiferentes e pouco respeitadas em face da morte, bem como das crises lancinantes de uma dor sem consolo.

Sabendo que o espírito que deixou aquele corpo morto está presente, ao pé da matéria que lhe pertenceu, busquemos mentalmente o tranqüilizar com o eflúvio de um pensamento amoroso, no qual transpire a fé na imortalidade da alma.

A mim é doloroso assistir enterros, porque muito me aflige a angústia em que vejo o espírito em redor do seu corpo, sem compreender o que lhe sucede, ou vagando por entre os circunstantes que, por não o verem, não lhe prestam a menor atenção, enquanto que todos os olhares convergem para o cadáver, as coroas, as flores, a eça, os círios, a família consternada, as pessoas que entram...

Para ele, o protagonista daquela "tragédia", nem um olhar, nem um carinho! É uma situação horrível!

Quanto melhor será que o nosso pensamento emita vibrações de simpatia por aquele que nasce naquela hora para uma nova vida, auxiliando-o a desembaraçar-se dos fluídos que o perturbam, mostrando-nos calmos, silenciosos, compenetrados da grandiosidade do fenômeno que temos sob as nossas vistas!

A morte é sublime!!

Veneremo-la!

EXAMINAI

A maioria numérica não prova a verdade de uma crença. O número dos enganados pode ser muitíssimo maior do que o daqueles que conhecem a verdade.

Por maior que seja o séquito da mentira, ela será sempre uma mentira, porque o erro não se pode converter em verdade. Os errados, sim, é que se podem converter à verdade; mas o erro, a mentira serão sempre e unicamente erro e mentira. De nada lhes vale a audácia dos que os aceitam em propagá-los. Eles serão sempre o que de fato são, não podendo adquirir virtude que não possuem.

A maioria numérica em favor do erro consiste em que pequeno número de criaturas se dá ao trabalho de analisar aquilo que aceita por fé.

A oposição que os seus adversários fazem ao Espiritismo denuncia a ignorância intransigente **do pior cego, que é aquele que não quer ver.**

Recusando examinar nossas doutrinas, rejeitam a sua inspiração divina, sem estarem preparados para legitimar essa recusa. É que a superstição, o fa-

natismo, armas de que lançam mão os poderes das trevas, os prendem nas cadeias da ignorância, para que não sejam esclarecidos, à luz da inteligência e da razão, aqueles pontos em que a sua crença é falha. Tal sistema é mau. Ele produz fanáticos, intransigentes, sectaristas, mas não pode produzir verdadeiros cristãos.

A religião de Jesus não visa a escravidão da inteligência, mas o seu maior esclarecimento; não constrange a razão do homem, mas lhe concede todo o livre raciocínio.

Deve o homem examinar a religião que se lhe oferece em nome de Jesus, com o fito de encontrar a verdade cristã, pregada pelo Divino Mestre, exigindo dela os frutos próprios do seu caráter divino, e não se deixar levar *inconscientemente* por teorias em flagrante contradição com o ensino de Jesus.

ESCALA INFINITA

A vida na terra, com os seus atributos de sofrimento e luta, tem sua razão de ser. Grande parte do nosso progresso se faz à custa de sofrimentos físicos e morais, os quais têm o poder de cauterizar, destruir, arrancar, exterminar os sentimentos maus purificando-nos à custa de lágrimas e gemidos.

O antídoto do mal é a dor.

É na escola da vida terrena que se apuram as nossas faculdades morais, resultando do seu desenvolvimento, sempre progressivo, o adiantamento dos nossos espíritos.

A terra é o campo de ação onde se exercitam às nossas forças para a conquista da virtude que procuramos adquirir, aprendendo a rejeitar o que é contrário aos ensinamentos do Divino Mestre.

Mas o nosso progresso não se completa neste minúsculo planeta.

As provações sofridas no nosso mundo soerguem as nossas almas, fortificando-lhes as resoluções de seguirem e praticarem o bem, e as preparam para prosseguirem em outros mundos a marcha ascensional para o fim grandioso a que Deus as destina.

A parte do progresso que só pode ser realizada em contato íntimo com a matéria, os nossos espíritos a realizam nela encarnados, para em seguida continuarem a desenvolver em mundos correspondentes ao seu grau de adiantamento, porquanto Deus criou perfeita relação entre os inúmeros mundos e seus habitantes.

Nas moradas adiantadas, o nosso progresso se realiza por entre alegrias e felicidades sempre crescentes, adquirindo o nosso espírito cada vez mais um pouco da intensa luz do Universo, conforme a podermos gradualmente suportar.

E assim, numa escala infinita, eternamente ascendente — sem jamais alcançar o absoluto (porque absoluto só Deus) vão os nossos espíritos se elevando, atraídos pela força ultra-potente do Amor Divino, Jesus, o Filho de Deus!

NOVA ENCARNAÇÃO

Hora solene para o espírito aquela em que tem de tomar a resolução de voltar a viver em um corpo de carne, no planeta que habitamos!

A escolha do meio onde renascer, a nação, raça ou côr, a família, as condições sociais de fortuna ou pobreza, todo esse conjunto de circunstâncias dificultam sobremaneira a decisão a tomar. Ele tem a liberdade de escolha, porquanto está em jogo o seu principal interesse: o seu próprio destino!

O espírito procede a um exame retrospectivo de todos os seus atos, apura rigorosamente cada ação praticada, cada desejo, embora não satisfeito, cada pensamento puro, ou iníquo!

Auxiliado nessa penosa tarefa pelas luzes do seu Guia e protetor, ele compreende a necessidade de realizar uma obra de regeneração e reparação para desobstruir o caminho da sua felicidade obstruído pelos seus erros do passado.

Descortina em traços gerais a existência que lhe é necessária viver em sua nova encarnação, todas as lutas, todos os obstáculos a vencer, todas as provas a suportar para a sua reabilitação.

O espírito tem, mais do que nunca, o seu futuro nas próprias mãos, nesse momento solene! E essa visão do futuro é formidável! Ele sente a necessidade de se submeter a esse regresso à vida terrestre e não pode pensar nele sem uma sensação de vertigem.

É no mundo invisível que se compreende bem o valor de cada instante na vida terrena!

Fomos criados pelo amor e para o amor: enquanto não soubermos pelo amor viver, estaremos sujeitos às sucessivas reencarnações dolorosas neste mundo de provas até que o nosso espírito se eleve à altura desse sentimento que só medra nos corações purificados!

CURAR PELA FÉ

Podemos nós afastar espíritos malignos, que afligem nossos irmãos para que deixem em paz as suas vítimas? — *Sim!*

Temos em nós, então virtude bastante para impôr a nossa vontade ao infeliz obsessor e obter dele passiva obediência? — *Não!*

Ouçamos a palavra de Lucas, o evangelista em seu capítulo X:17 — “E voltaram os setenta com alegria, dizendo: **Senhor, em teu nome, até os demônios se nos sujeitam**”.

Jesus havia designado setenta homens, mandando-os de dois em dois a todas as cidades, onde ele iria depois em pessoa, ordenando-lhes que curassem os enfermos que por lá houvessem, anunciando o reino de Deus. Foi, pois em obediência à palavra do seu Mestre que aqueles homens partiram a curar doentes e pregar o reino de Deus. E voltaram cheios de contentamento, como nô-lo revela o versículo 17 do capítulo X, que acabamos de transcrever.

Esta é a passagem do Novo Testamento verdadeiramente espírita: a cura pela fé!

Recebemos nós o mandamento do Senhor para igual missão? — Cumpramo-lo sem hesitar. Jesus será conosco e obrará segundo a nossa fé!

Peregrinando, como nós, pela face da terra há uma grande multidão de criaturas humanas, sofrendo torturas, que nem sequer podemos avaliar, influenciados por espíritos sem luz. É do nosso dever correr em seu socorro, suavizar-lhes as penas e, *em nome do Divino Mestre* afastar o espírito obsessor que os persegue.

Não temos ainda a elevação de espírito em que a caridade culmina, aureolada pelo esplendor da fé? — Roguemos o auxílio daqueles espíritos que na terra deram o exemplo edificante de uma confiança inabalável no poder de Jesus, e faremos as mesmas obras que eles fizeram e maiores ainda . . .

Esta é a verdade prática do espiritismo puro: o exercício da caridade, sob o estandarte da fé em Cristo — *o Senhor!*

SABEDORIA

O verdadeiro espírita é aquele que não apela para o artifício, para o parecer.

Nada mais justo, nada mais nobre do que o sentimento do dever, o zelo pela pureza do exemplo no seio da nossa doutrina. Devemos nós todos, espíritas, esforçarmo-nos por praticar todas as virtudes evangélicas que o espiritismo nos lembra todos os dias pela voz dos mensageiros celestes, virtudes que edificam o nosso caráter e enriquecem o patrimônio do nosso espírito.

Todos os crentes espíritas estão de acordo em que assim devemos proceder, obedecendo ao preceito do Divino Mestre: ***"Que brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vendo as vossas boas obras possam crer que sois meus discípulos"***.

Não devemos esquecer, porém, que Jesus, ensinando-nos o dever de brilharmos como luzes, a nenhum instituiu por fiscal ou julgador de seus irmãos.

Ele o disse: ***"A ninguém julgueis"***.

Erramos quando nos fazemos juízes dos atos dos nossos irmãos. Não revelamos sabedoria.

Conhecemos nós o seu interior? Sabemos, por acaso, os motivos que o levaram a proceder desta ou daquela forma, em tal ou qual circunstância?

Cada um de nós deve procurar conhecer o seu próprio *valor*. . .

Para isso basta consultar o "homem" interior — ***a consciência!***

Ela nos mostrará que o rigor dos nossos juízos contra o nosso irmão, a falta de caridade da nossa intransigência, a precipitação dos nossos conceitos são elementos desfavoráveis ao nosso progresso.

Em julgarmos aos nossos irmãos, erramos.

Tomemos cuidado que esse erro não usurpe o lugar da Sabedoria!

RESTAURAÇÃO

O Espiritismo efetua mudanças notáveis nos hábitos e gostos da criatura humana.

A influência das Verdades Divinas revoluciona os corações altivos e egoístas, fazendo-os sentir a depravação dos seus sentimentos, mostrando-lhes ao vivo o quadro negro e revoltante da sua alma, mergulhada no lodaçal dos sentimentos inferiores, que são os prazeres do mundo.

As influências suaves e edificantes da doutrina espírita têm o poder de encaminhar esses transviados do caminho da luz, guiando as suas aspirações a um ideal nobre e alevantado.

O Espiritismo é o libertador das almas cativas. Ele recebeu de Jesus a missão de curar e salvar os homens, guiando-os da treva para a luz, propagando e explicando a doutrina que o Divino Mestre nos legou.

E, como Jesus, o Espiritismo "*faz novas todas as cousas*".

Daí o completo contraste entre o "*homem velho*", incrédulo, desconhecedor dos privilégios da alma, e o "*homem novo*", esclarecido pela luz das verdades espíritas. O primeiro, *arruinado, envelhecido*, preso às conveniências e prejuízos do mundo, escravo das suas próprias paixões, sem esperança, sem luz, sem fé . . .

O segundo, restaurado das chagas da sua alma, contemplando cheio de esperança o futuro grandioso que o espera além da campa! . . .

As consciências despertando ao influxo das influências vivificadoras, o Espiritismo salva os homens da insegurança temporal em que se encontram, fornecendo-lhes as bases de uma fé segura, racional e justa.

Que os raios da sua luz bendita iluminem todo inteiro o planeta que habitamos!

O QUE DIZEM OS ESPÍRITAS...

(Respondendo)

Recebi o nº 23 da "A Imprensa", Jornal que se publica em Paraíba, que um confrade gentilmente me enviou, chamando a minha atenção especialmente para o artigo intitulado: — *O que vale o espiritismo*, o qual termina assim:

"Que dizem a isto os espíritas?"

Quem me enviou o jornal espera uma resposta minha . . .

Allan Kardec, é tão minucioso no Livro dos Espíritos e no Livro dos Médiuns, que dispensa qualquer comentário.

Mas enfim. . .

Meu amigo, assim como há necessidade de conhecer os homens com quem desejamos travar relações, ou entreter negócios, na terra, para evitarmos dissabores, desgostos, decepções amargas, é preciso também aprender a conhecer os espíritos com quem temos de travar relações não menos necessárias. Um médium é um instrumento entre os homens e as criaturas de-

sencarnadas. Como os enfermeiros nos hospitais estão por dever expostos a contrair o gérmen de perigosíssimas moléstias contagiosas, assim eles, os médiuns, por um dever de caridade se acham também expostos a perigos de ordem moral, e por isso mesmo mais graves. A medicina oferece ao enfermeiro os meios de se imunizar contra as moléstias contagiosas, sem quebra do seu dever; o espiritismo aponta os meios de salvaguardar a integridade dos médiuns, no cumprimento do seu dever — não menos sagrado!

A variedade das moléstias que atacam o organismo físico do homem não é pequena, todos sabemos. Aí estão, a lepra, o câncer, a tuberculose a destruírem a matéria humana, aos milhares, diariamente, não obstante o combate incessante dos sacerdotes da medicina, verdadeiros heróis, quantas vezes mártires do seu devotamento! Mas, essas enfermidades, atacando o corpo físico das criaturas humanas, na pior das hipóteses, infelizmente a mais vulgar, destroem o seu corpo material, que volta à terra, porque é da terra.

Os males que afetam o espírito, porém têm gravidade muitíssimo maior, porque o espírito não pode morrer; por conseguinte, passam com ele para a vida além-túmulo. É assim que se encontram nesse “Além” viciados de toda espécie, almas contaminadas de males que afetam a integridade da sua pureza, a sua moral, a sua fé! Esses são os espíritos a que Allan Kardec chamou de enganadores, hipócritas, orgulhosos, falsos sábios, etc, etc. E são ainda eles, avisa o Mestre, que estão sempre prontos a acudir a chamados levianos, respondendo insensatamente a tudo quanto se lhes pergunte.

Longe de ser isto *pouco sério*, segundo a apreciação do articulista, é *muitíssimo sério!*

Como quereis vós que passe para a outra vida um espírito que, durante toda a sua vida como homem, tenha sido um malfeitor, ou um hipócrita, um intrigante, ladrão ou assassino?

Esses pecados afetavam o seu corpo físico ou a sua alma? Certamente que a alma responderéis. Pois bem: Se a alma não morre, naturalmente carregou consigo para a outra vida toda a bagagem dos seus erros. Os próprios católicos romanos, reconhecendo esta verdade, celebram missas para desconto de tais pecados. . .

Logo, Kardec tem razão quando classifica os espíritos da forma que o fez.

Mas, para ser justa a sua apreciação, o distinto articulista deve ler o Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, na parte que se ocupa de outro gênero de espíritos e, mais uma vez verificará que um critério superior presidiu à compilação e coordenação dos seus trabalhos.

Encontrará um estudo sabiamente orientado sobre outras classes de espíritos, como sejam: doutos, benévolos, sábios, superiores, puros, etc. (Livro dos Espíritos, — parte II, cap. I).

E para que possa chegar a uma conclusão exata leia a seguir, — Progressão dos espíritos — do mesmo Livro.

Eis o que diz — modesta e humilde espírita.

CARTA ABERTA

A Eunice

Dizes-me em tua carta: — *"A morte é inevitável! Mas é uma coisa apavorante, terrivelmente assustadora . . . Eu quisera viver sempre, ainda mesmo cega, muda, surda, parálitica, leprosa, ou que mais infeliz fosse, mas viver!!"*

E eu te respondo:

A morte nada tem de aterrorizante, senão a aparência.

Ela é, na realidade, uma caridosa libertadora dos nossos espíritos. Conheces alguma coisa de espiritismo? Estudando a sua filosofia conseguirás perder o medo da morte, pela compreensão do seu valor real, o papel importantíssimo que ela desempenha na vida terrena. Que te importa a ti que o teu corpo morra, se a tua alma tem vida eterna? O corpo é apenas a morada temporária do espírito. . . Desatados os laços que prendem a alma à matéria é ela restituída à liberdade, pensando, agindo, como um ser liberto, tornado à verdadeira vida.

É preciso que tem compenetres bem do teu futuro "além-túmulo", para que vejas na vida terrena apenas uma estação temporária e nela te prepares para a verdadeira vida, a vida do espírito!

A apreensão da morte, é uma fraqueza, ou melhor, um erro.

Estuda o espiritismo. Lê o *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Perderás esse apego à vida corporal, que te faz desejar a sua continuação embora agravada das maiores penas.

Temes a morte porque duvidas do teu futuro e fazes consistir a tua felicidade na satisfação dos teus caprichos presentes. Eu vou orar muito por ti, para que a luz da Verdade penetre a tua alma enchendo-a de esperança numa vida melhor, inspirada no sentimento da fé nas promessas de Jesus. Quando o clarão dessa luz iluminar o teu espírito, serão dissipadas as sombras da morte, que tanto pavor te causam. Morrer é dormir, para despertar na verdadeira vida!

O TRABALHO

O trabalho é em grande parte o fornecedor da paz do espírito.

Sem ele o nosso corpo material seria um fardo pesadíssimo para o espírito! Ele é um educador severo, que nos desperta, nos encoraja, nos prepara para a Vida. Sua aceitação voluntária acorda o sentimento do dever, o espírito de humildade e de sacrifício.

Tomando a revestidura desse corpo carnal, nossos espíritos aceitam o dever de progredir, adquirindo os méritos ainda não adquiridos em encarnações anteriores, pela sua negligência. O trabalho a que os obriga a vida na matéria contribui para o seu aperfeiçoamento moral, ajudando-os a avançar em menos tempo e pelo caminho mais curto.

O trabalho não é unicamente o mais poderoso meio de ação para o progresso material; é igualmente elemento de utilíssimo valor para o progresso moral do homem, porque desenvolve a sua inteligência, auxiliando-o a compreender as grandes verdades morais, que devem formar a estrutura do seu caráter.

Sendo o fim do espiritismo melhorar a humanidade, deve o homem espírita procurar melhorar-se sempre, aproveitando todas as forças que o impulsionam para a frente, em direitura ao Bem Supremo!

O trabalho é o braço direito da Evolução.

Trabalhemos!

AMOR FRATERO

Não nos esqueçamos de que temos por dever ser colaboradores da Fraternidade Universal.

A crença que possuímos afirma a imperecibilidade do espírito e reconhece o plano diretor da evolução de todos os seres. Ela nos estimula para o aperfeiçoamento, fazendo-nos compreender os nossos direitos, bem como os nossos deveres, patenteando-nos o encadeamento dos efeitos e das causas, segundo o ensino dos espíritos. Assim, a solidariedade de todos os seres é lei que rege o Universo.

A razão nos mostra o dever de fortalecer os laços de fraternidade que nos ligam a todos os homens, colaborando conscientemente na obra infinita do Criador. Cada espírita deve procurar realizar em torno de si a harmonia indispensável à aceitação e desenvolvimento do espiritismo, doutrina cristã que se baseia na mais duradoura solidariedade, na mais real fraternidade.

A nossa sociedade não conhece espiritismo senão como "cousa" inteiramente afastada da religião. . .

Precisamos pôr em evidência a verdade religiosa da nossa doutrina, seu espírito de justiça, de caridade, de humildade, todos inerentes a esse ideal de fraternidade que Jesus deseja ver realizado na terra, bem como em todos os outros mundos.

Nosso dever é ajudar a realização do reino de Deus e sua justiça no nosso pequeno mundo, esforçando-nos por implantar o gérmen do amor fraternal, que um dia teremos o gozo de ver desabrochar, regado pelo bendito orvalho do céu — as irradiações fulgurantes do Divino Mestre!

LUZ, VIDA, AMOR!

Há impressões que, uma vez experimentadas, nunca mais se esquecem.

O Poder Soberano que dirige o Universo, responde ao apelo de quem o invoca abrindo a alma às suas influências de amor e luz.

Apesar dos seus erros e faltas pode o homem amoldar a sua alma ao calor ardente desse braseiro sempre vivo, que é o amor de Deus, tornando-a capaz de renovar-se, enobrecer-se, para poder sentir as alegrias do bem.

O amor é o princípio da Vida Universal, porque DEUS É AMOR!

O amor é sacrifício.

Ninguém amou mais do que Jesus, e o seu amor culminou no cimo do Gólgota!

Não importa que da vida terrena não conheçamos os sorrisos. . .

Essa aparente infelicidade é até uma vantagem preciosa. Órfão das alegrias terrenas, nosso espírito se volta para a verdadeira vida, aprendendo a comungar com o foco de AMOR ETERNO que o homem do mundo não sabe conhecer. Abre-se à alma uma fonte inesgotável de consolações, que a confortam, impondo silêncio ao desespero que a empolgava antes.

A impressão que resulta dessa comunhão com o infinito, ninguém pode explicar! São êxtases, arrebatamentos d'alma, penetração do amor de Deus, que é possível sentir, mas não descrever.

Dias sombrios, períodos agudos de dor há na vida de todos nós: são as lições necessárias ao aprendizado dos nossos espíritos, muitas vezes o remate das suas encarnações terrenas. A história da humanidade através os séculos é um drama perpétuo.

A doutrina espírita nos ensina a descobrir o mistérios que envolve o infortúnio em seus múltiplos aspectos, provando racionalmente que cada um de nós colhe o fruto imperecível das suas vidas anteriores. Espiritismo nos dá a compreensão da vida e com ela a grandeza da mais humildes, da mais sofredora existência, porque tem a missão de esclarecer as inteligências, guiando as almas humanas para o seu verdadeiro destino. . .

Renasça a esperança nos corações angustiados. Em meio às torturas da dor, Espiritismo lhes mostra com segurança, onde se encontra a Verdade, eternamente irmanada à Justiça de Deus!

Espiritismo é Vida, Luz, Amor!

O TEMPO

É uma preciosidade que não custa dinheiro e de que ninguém pode fazer monopólio. Ele não teme os açambarcadores. Para todos é igual. O *tempo* é sempre o *tempo!* Saibamos nós aproveitar-lhe todos os momentos, empregando-os em alguma cousa útil. Quantas vezes, porém, o atiramos fora, ou o deixamos passar indiferentemente, como se nada tivéssemos para fazer!

Façamos entrar nos nossos lábios o costume de aproveitar o tempo. É o melhor meio para sermos felizes, aproveitar todas as horas utilmente. É uma questão de disciplina, o saber empregar os momentos que passamos nesta existência.

Aproveitemos o nosso "*hoje*" em fazer alguma coisa de proveitoso. Se Deus nos conceder um "*amanhã*" ainda nesta vida, continuaremos a semear benefícios em derredor de nós.

Se o nosso "*amanhã*" não alcançar mais esta existência, outros continuarão a nossa obra, cujo desdobramento nós acompanharemos do espaço.

NÓS, OS ESPÍRITAS

Pregamos insistentemente a doutrina espírita porque estamos certos de que só ela penetra o domínio da verdadeira espiritualidade.

Em comparação com ela as outras filosofias revelam uma indigência espiritual que inspira dó!

A fé exigida pelas religiões contrárias ao espiritismo é uma fé oscilante em alguns dos seus adeptos e fanática em muitos dos seus fiéis.

Os primeiros, sem segurança nas suas crenças, abraçando convencionalmente dogmas, que a sua razão renega, estabelecem um contraste flagrante entre o que aparentam crer e a sua conduta pessoal.

Os segundos, fanáticos intransigentes, não têm por base da sua fé um critério esclarecido e seguro que os oriente na vida presente e os encaminhe para a vida futura.

Uns e outros não têm a ciência das coisas divinas, a penetração da imortalidade, judiciosamente posta ao alcance dos crentes espíritas.

Espiritismo liberta o homem da escravidão da matéria, fazendo-o ver no seu corpo físico o instrumento que o espírito deve manejar em benefício do seu progresso, subordinando-o à sua direção e autoridade.

O homem espírita sabe que já viveu muitas existências, em outros corpos, utilizados pelo seu espírito para o aprendizado da vida. De tal sorte, o despreendimento pelos bens da terra, a conformidade nos sofrimentos, a firmeza na adversidade, a calma nas desgraças, governam criteriosamente a vida do espírita, porque são a conseqüência da sua fé, que o faz reconhecer que, nada na sua existência terrena é obra do acaso, mas obedece irrevogavelmente às leis do Ser Onipotente, Origem Divina da Vida.

Ciente da grandeza da sua alma, não lhe causa surpresa o dia solene em que, liberto da matéria, tiver de ascender aos mundos espirituais e para ele o fenômeno da morte nada tem de apavorante.

Grandiosa e bela doutrina esta, que garante ao nosso espírito possuir, livre de embaraços, aquela felicidade acessível às almas regeneradas, amantes do bem!

Como não ser entusiasta do espiritismo, se ele nos dá a certeza da imortalidade e nos faculta os meios de conquistar a felicidade eterna, proporcionando-nos ainda na terra o gozo de recebermos em profusão as bên-

ções salvadoras que caridosamente chovem sobre nós daquele imensurável oceano de luz?!

Enquanto as outras filosofias religiosas enclausuram a fé nas muralhas impenetráveis do dogma, com flagrante sacrifício da inteligência e escravidão das consciências, espiritismo oferece aos homens uma concepção simples e profunda das leis que regem a Vida Universal, estabelecendo uma comunhão verdadeira entre a "vida" presente e a "vida" além da morte.

Que outra religião melhor orienta as almas para os seus altos destinos, do que esta, que lhes descortina o futuro além das sombras da morte?

Que outra ciência nos fala melhor da natureza humana, da liberdade, da responsabilidade do homem, seus deveres e seus direitos?

Que outra moral, mais evangélica do que esta, ditada pelos bons espíritos, em obediência aos preceitos de Jesus — "fazer sempre o bem e nunca o mal?"

.....
Sim, o espírita convicto sente a necessidade de pregar insistentemente as verdades da santa doutrina que desvenda aos seus olhos a verdadeira felicidade, a fé imarcescível!

O REINADO DO BEM

Espiritismo tem a missão de propagar o reinado do Bem, que Jesus veio anunciar naquele tempo em que pessoalmente esteve na terra.

Explicando as alegorias de que o Divino Mestre lançava mão naquela época, os espíritos esclarecidos contribuem poderosamente para o desenvolvimento da nossa inteligência, pondo a descoberto aquelas verdades a que Jesus, pelas necessidades de então, julgou acertado referir-se apenas por parábolas.

A Verdade, em qualquer tempo, está ao alcance de todos. O homem é que nem sempre está em condições de poder vê-la, amá-la e assimilá-la.

Esta é a razão por que Jesus não disse tudo quanto poderia dizer.

À medida que o nosso egoísmo se for aniquilando, o predomínio do Bem se irá acentuando e os nossos espíritos irão compreendendo melhor as cousas espirituais. Então os nossos pensamentos se irão modificando o sentimento de caridade e amor do próximo entrará suavemente em nosso coração e um desejo ardente de aperfeiçoamento moral conquistará a nossa vontade.

Firmemo-nos no propósito de viver em caridade com todos os homens, seguindo os ensinamentos do Divino Mestre, fortalecendo a nossa vontade na intenção de uma harmonia interna e externa, e daremos um grande passo para apressar o reinado do Bem na Terra.

PARA OS ESPÍRITAS

No mundo em que habitamos a distinção entre o erro e a verdade é incipiente. Os espíritos nele encarnados, ainda não despojados do orgulho, o grande esmagador dos sentimentos nobres, procedem de ordinário sob a influência de maus elementos invisíveis, que, afinando com as suas aspirações inferiores, os despertam para a ação perniciosa que presenciamos em quase a totalidade do planeta.

A lei suprema das responsabilidades e dos deveres acha-se ofuscada pela sombra negra desse ambiente sem caridade e sem justiça.

Os sentimentos elevados das criaturas humanas, afundados sob a espessura dos interesses egoísticos e materiais. . .

Vivemos em uma época em que os conflitos sangrentos das paixões e dos ódios provocam reações perigosas para o futuro das almas!

Na hora presente faz-se mister uma colaboração ativa dos espíritas com os instrutores do plano invisível, para uma compreensão exata da situação que atravessa o planeta. O espiritismo precisa demonstrar ao mundo a sua grande missão de executor do plano divino. E nós crentes espíritas de toda a terra, a quem não é lícito duvidar do futuro grandioso que nos espera fora da carne, quando espíritos libertos, temperemos as nossas energias na comunhão com esses seres amigos e protetores, para podermos, pelo exemplo da nossa fé, pela imutável caridade dos sentimentos, alargar a influência do espiritismo por todo o planeta, porque só a aceitação dos seus princípios pode apagar a fogueira de ódios que avassala o nosso globo, destruindo criminosamente a fina flor do sentimento cristão: *o amor fraternal*.

REVELAÇÃO ESPÍRITA

A revelação espírita não é dada de uma maneira uniforme em todos os pontos da terra.

Segundo o caráter de cada povo ou nação, segundo as suas necessidades, e sempre de acordo com a sua tarefa a cumprir, os espíritos reveladores se ocupam das questões sociais, científicas ou religiosas. Eis porque as comunicações que nos vêm de outros países têm caráter tão diverso umas das outras. Cada nação recebe aquilo que necessita para o esclarecimento da missão a que é seu dever dar cumprimento no planeta.

Espiritismo cogita tanto do desenvolvimento da ciência, quanto da filosofia e da religião.

É uma questão de vocação enveredar por um destes caminhos. À luz das verdades espíritas se manifesta progressivamente a todos os homens, acelerando o movimento da perfectibilidade universal, e a esse movimento obedece o mundo material tanto como o espiritual. Cada criatura humana, cada povo, cada nação recebe dessa luz a parte que lhe é concedida para alumiar o roteiro do seu destino na terra.

Não há um ponto do nosso planeta em que as luzes do “Alto” não tenham baixado para alumiar o caminho dos homens.

As manifestações ostensivas dos “espíritos”, suas comunicações doutrinárias, suas materializações, suas revelações científicas e religiosas, em todos os pontos do nosso pequeno mundo, são tão abundantes e satisfatórias, que não é possível, sem demonstrar uma má fé premeditada, negar que o mundo dos imortais lança mãos de todos os recursos para atrair a atenção humana aos seus verdadeiros destinos.

E por toda parte o espiritismo triunfa, despertando nas almas encarnadas, o sentimento de caridade associado à piedade religiosa.

E por toda parte o espiritismo, fornecendo provas irrefutáveis, reforça a convicção dos investigadores.

E por toda parte o espiritismo acorda a atenção dos sábios, enchendo-lhes as bibliotecas e as inteligências da Ciência da Vida.

E por toda parte o espiritismo se apossa dos pequeninos, “porque dos tais é o reino dos céus”.

Os elementos corruptores não podem destruir-lhe os efeitos benéficos, porque ele, com o fulgor dos seus potentes raios, faz realçar e compreender os fenômenos mais misteriosos da vida humana, o “porquê”, da Vida Universal, a Verdade da Doutrina do Divino Mestre!

A revelação espírita tem progredido até hoje e continuará a progredir em toda a terra, porque Jesus é quem lhe abre caminho à marcha triunfante!

E a alma humana, sequiosa de saber e conforto, abre os seus arcanos a estes jorros de luz vivificadora, que a esclarecem, regeneram e salvam, preparando-a para a Verdadeira Vida!

INFLUÊNCIAS

Todos os espíritos que se encarnam em nosso planeta têm em redor de si influências: seus protetores do outro plano da vida, espíritos que os influenciam para o bem; seus inimigos, seres desencarnados que os impelem para o mal.

Conforme os seus pendores segue o homem as intuições boas ou más, inspiradas por um desses grupos.

No convívio social, inúmeras vezes verificamos o extravio de moças e mancebos, atraídos para o mau caminho pela influência de falsos amigos, que os induzem ao erro e quiçá ao crime. Por outro lado, preciosa é a influência do verdadeiro amigo, que atua sempre para o bem.

A diferença consiste nestes casos, apenas em que a atração para o erro, ou o chamamento para o bem, partem de uma criatura humana, vivente como nós no plano material. Daí a grande importância na escolha de companhias.

No plano espiritual o perigo não é menor. O espírito desencarnado penetra onde quer. Para ele não há portas fechadas, nem embaraço algum.

“Ele penetram tudo, o ar, a terra, as águas, e mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis” (Allan Kardec, livro dos Espíritos, parte 2 a — 91).

Quando mal intencionados, por conseguinte, podemos imaginar quão perigosa se torna a sua influência!”

Não devemos, porém, daí concluir que estamos à mercê dos caprichos e maldades dos espíritos inferiores desencarnados.

Para nos libertarmos da sua influência temos a opor um elemento de real valor: a nossa vontade.

Apelemos em ardente prece para os bons espíritos, cuja ação caridosa e enérgica afastará o espírito inferior.

A oração é o recurso soberano de que podemos lançar mão, com fé, para vencermos pelo perdão e pelo amor, o ódio, dos nossos desafetos. Nossa prece sincera e fervorosa atrairá os protetores, num anelo de paz e serenidade.

FÉ SOBERANA

No homem superior às contingências da matéria, o espírito predomina em toda a sua realidade soberana.

O sentimento religioso, essa força espiritual se evidencia nele, sereno, intrépido, iluminado pelo fulgôr da verdade.

A fé, nos seres altamente espiritualizados, assume proporções verdadeiramente majestosas! Além desta vida de provas físicas e morais, ela abre aos seus espíritos perspectivas infinitas de um progresso sem limites.

Em doce harmonia com os seres desencarnados animados de sentimentos puros, a eles se ligam mais e mais pelo pensamento, e à medida que deles se aproximam pela fé no amor divino, mais superiores se tornam às cousas terrenas.

A vida verdadeira, infinita, é a luz! . . .

A aptidão para receber essa luz é mais desenvolvida no homem que consegue desprender-se dos fluídos pesados que reinam no ambiente mundano.

Entristecemos os nossos guias quando os fazemos encontrar em nós pouco dessa verdadeira vida. E assim dificultamos a sua aproximação de nós. Eis porque tantas criaturas se queixam de apelar em vão para o auxílio desses amorosos protetores. A irradiação da sua vida interior é fraca para os atrair e os fluídos que cercam o seu espírito não são de natureza a forma ambiente para a aproximação de um guia.

Tudo é relativo.

Quem se engolfa nas alegrias mundanas e seus egoísticos interesses, só pode atrair seres que afinem com essa espécie de prazeres.

Chegando o instante da dor, (que não falha!) tais entidades afastam-se da criatura sofredora, porque, amigos do prazer, se sentem incompatibilizados com o sofrimento! Vão buscar outros prazeres ao pé daqueles que afinam com o seu sentir.

E o sofredor permanece só com a sua mágoa. . .

Feliz é ele se nessa dolorosa situação se lembra do “Sol de Justiça” que brilha acima de sua cabeça!

É o sentimento do homem, a sua disposição natural, o fiel da balança que regula a simpatia das atrações.

A religiosidade da sua alma chama para perto de si os espíritos puros, amantes do bem. . .

A ociosidade do seu espírito atrai os levianos do espaço.

Sua maldade lhe traz a aproximação daqueles que só cogitam do mal em suas diversas formas.

Deus nos dê aquela fé que espiritualiza, e aumenta a nossa capacidade de amar.

O MAIOR TESOIRO

A inteligência do homem, tão grande para engendrar filosofias humanas, mostra-se muitas vezes pequena para compreender a singela filosofia dos espíritos.

Resignação, caridade, amor, humildade, misericórdia, justiça, não medram em tais cérebros, onde o erro, a hipocrisia, a mentira, sob a capa de uma pretendida liberdade de pensamento, esmagam o senso moral das criaturas.

Pregando a independência do pensar, não percebem que escravizam a inteligência, cortando-lhe os vãos ás grandes alturas. . .

Muitas vezes, a refletir, levo a pensar como é possível que, cérebros dotados de inteligência fulgurante, grandiosos elementos do progresso das ciências, aqui no nosso mundo, possam se manter nessa cegueira d'alma, quando possuem na própria ciência os elementos positivos para palparem a imortalidade?

E concludo de mim para mim:

Inteligência não é sinônimo de critério, infalibilidade, caráter, virtude. . .

O caminho para as divinas moradas é alumiado pelos clarões da fé, e eis porque o reino de Deus se revela aos "*pequeninos*", que por ela vão ao encontro de Jesus e por Ele ao Pai!

Desta forma se compreende que a fé exclui a ciência?

Não.

A fé e a ciência gravitam em torno da Verdade, que é Deus.

— Eis por que *Espiritismo* é a maior das ciências, a mais elevada das religiões.

Pela inteligência enche o homem da sabedoria divina.

Pela fé lhe dá a virtude que o conduz ao Bem Supremo!

Que seja dada aos sábios da terra a compreensão clara da *Ciência da Vida*, e possuirão o maior tesouro!

CONCEITOS

Espiritismo é o facho radiante que aclara o destino do homem, descortinando-lhe as regiões além da morte.

A sua teoria e a sua prática reunidas, conduzem as inteligências ao conhecimento da verdadeira vida: aquela, pela exposição racional do "porquê" da existência; esta, pelo acúmulo de provas autênticas e irrecusáveis da imortalidade do espírito.

A ciência espírita, tornando patentes ao homem os meios de conhecer o Invisível, com o qual pode entreter comunicação, lhe presta o maior benefício, cujos resultados são inestimáveis: solidificar a sua fé!

A comunicação com os invisíveis lança sobre a crença na eterna vida, verdadeiras torrentes de luz!

— Se os mortos falam, se eles vêm a este mundo trazer notícias de além-túmulo, conversar com os seus queridos, responder ao que se lhes pergunta, dando provas verídicas da sua personalidade, então além da morte existe a vida, e os que chamamos "mortos" tal não são. . .

Antes são eles os verdadeiros vivos, porque passam pela morte sem morrer!

A morte não os atinge.

O espírito daquele que morreu vai viver desligado daquele corpo que para nada mais lhe pode servir, porque é cadáver.

A humanidade tem necessidade de conhecer o mundo espiritual, a lei divina que preside a evolução dos espíritos. Para a conhecer é preciso beber ensinamentos na fonte originária da vida e, com acerto, podemos dizer que Espiritismo possui e fornece os meios de nos aproximarmos dessa fonte, cuja nascente remonta nos princípios eternos!

Os seres do "além-túmulo" são os verdadeiros mestres da humanidade, eles os iluminados pela Ciência da Vida!

Por conseguinte, Espiritismo, longe de ser anti-religioso, é o mais poderoso auxiliar da religião, porque dá um fundamento positivo à fé!

Deus abençoe a pregação espírita em toda a face da terra!

NUM PRÓXIMO FUTURO

Grandes coisas se hão de realizar, dizem os Instrutores, para que a consciência humana se espiritualize e compreenda as suas responsabilidades. Um passo adiantado dará a humanidade no caminho do progresso, porque almas ricas de espiritualidade reencarnarão em nosso mundo, para impulsionar vigorosamente para "*cima*" os filhos da terra.

Começará então uma nova era para a humanidade, que, em face dos problemas insolúveis para a ciência e a religião das suas crenças, permanece atualmente hesitante, duvidosa dos seus destinos superiores.

Será uma verdadeira renovação espiritual!

As dúvidas, as hesitações, passarão.

O espírito humano emancipado da superstição e da ignorância dos seus destinos, ingressará no reinado da pureza, de justiça e da fé alicerçada sobre o amor de Deus e do próximo.

Estamos claramente informados de que descerão ao nosso planeta os espíritos inspiradores desse grande movimento de restauração moral.

E não é demais afirmar que não tardará muito essa hora feliz para o mundo que habitamos.

A terra entrará no reino da paz, da justiça, da pureza e da humildade que conduz à perfeição.

Glória a Deus!

PENETRAÇÃO

A sagacidade do espírito humano não se contenta em esmiuçar aquilo que os sentidos lhe revelam. Vai além. Ela se apraz em penetrar *fora* dos limites do mundo material, em busca da Verdade, cujo berço é no Infinito. Ela deseja saber o que existe no Alto, o segredo dos mundos, abrir os olhos para a Luz Divina, possuir a ciência do mundo espiritual, conhecer o plano diretor que Deus tem traçado para a evolução dos espíritos entre os quais o seu, no presente encarnado no homem material que é. Espiritismo ativa essa sêde de saber, fornecendo, farta messe de conhecimentos científicos, filosóficos e religiosos àqueles que buscam entrever os seus gloriosos destinos.

Afastando o véu que encobre os esplendores celestiais, coloca o homem em presença daquela grandeza e felicidade que lhe há de pertencer um dia, quando, depurado de todos os erros, se apresentar regenerado, santificado aos olhos de Deus.

Estudemos espiritismo assimilando-lhe a substância e sentiremos a necessidade de elevarmos as nossas vidas por atos de abnegação e altruísmo, em conformidade com a lei suprema de justiça e caridade.

Espiritismo é o instrutor que nos dá os meios de salvação nas situações aflitivas, muitas vezes no momento justamente em que nada mais esperamos. . .

Ele nos ensina a viver esse estado de alma — “intimamente vivido” — estado de renúncia, de desprendimento, em que deixamos para trás as preocupações terrenas, colocando à frente os interesses espirituais.

Dele podemos extrair os meios de ação para vencer os embaraços que dificultam a marcha ascensional dos nossos espíritos para essa “Jerusalém Celeste”, pátria dos espíritos puros, inspiradores do Bem!

O CONSOLADOR

Espiritismo põe a Verdade ao alcance do homem, intelectual, religiosa e praticamente.

Salienta aos seus olhos a grandeza do seu destino pela orientação do Bem, pelo bom emprego do tempo na aplicação do próprio esforço.

Todavia o homem é livre na escolha do rumo a dar à sua carreira terrena.

Espiritismo não lhe tolhe o livre arbítrio, antes lhe concede inteira liberdade para proceder como queira, como um ser pensante que de fato é, responsável pelo seu passado, seu presente e seu futuro.

A doutrina espírita cumpre o seu dever esclarecendo a humanidade sobre a maneira de conquistar essa felicidade que almeja e que inutilmente procura por outros meios. Sobre essa felicidade têm feito mil promessas as diversas religiões e filosofias, mas essas promessas não têm a segurança, a lógica das verdades espíritas, porque nada revelam de positivo e real entre a vida e a morte. São esperanças fugazes, quais miragens enganadoras.

Enquanto que Espiritismo pelo estudo da evolução das almas, pela revelação da lei das sucessivas encarnações dos espíritos, faz sentir às criaturas humanas a cadeia invisível que liga todos os mundos entre si, definindo a cada indivíduo a sua própria responsabilidade na marcha ascensional de todos os seres.

E o homem compreende então porque é necessário lutar na terra contra as tentações e embaraços que surgem na existência de cada um e qual o papel providencial do sofrimento que a tantas criaturas acompanha, do berço ao leito de morte.

E aceita resignado o presente doloroso, como uma conseqüência reparadora do criminoso passado e uma esperança segura no radioso porvir!

Espiritismo é o regenerador do nosso mundo.

Ele, o divino consolador prometido por Jesus:

"Esse vos ensinará todas as coisas".

CARÁTER

É somente pela influência da Verdade no coração que se opera a reforma radical do caráter do indivíduo.

A ilustração, a educação, não há dúvida, são fatores do progresso humano, mas não suficientes para a edificação do caráter.

A história relata crimes horrendos, praticados por homens de saber, membros da alta sociedade, aos quais certamente não faltaram os retoques de uma fina educação. Escravos dos vícios mais degradantes, sanguinários, parecendo destituídos da menor parcela de senso moral. . .

A verdadeira sabedoria não reside no cérebro: mora no coração!

O caráter do indivíduo se corrige, se aprimora pela assimilação dos princípios divinos, que constituem a verdadeira sabedoria.

Espiritismo guia os homens, encaminhando os seus passos, perdidos na ignorância do seu real destino. Ele lhes ensina a distinguir a verdade da mentira, para que possam fazer a escolha entre o bem e o mal, com justo critério. Ele lhes faz tocar e conhecer de perto as misérias do corpo e da alma, tomando por elas caridoso interesse.

E assim se vai amoldando o caráter do homem aos princípios cristãos, dando combate ao orgulho, vencendo o egoísmo — raiz de todos os males — tornando-se apto a organizar a sua vida de acordo com a Justiça e a Verdade.

ALLAN KARDEC

São muitas e bem merecidas as homenagens prestadas anualmente em 3 de Outubro ao grande espírito do Codificador do Espiritismo.

Trabalhador probo e infatigável, espírito culto e altruísta, personalidade inconfundível, realizou de alma e coração a grandiosa missão que Deus lhe determinara executar em nosso planeta e cujo proveito é de incontestável valor.

No ingente esforço de coordenar os ensinamentos dos espíritos, de uma forma clara e concisa, Kardec foi sensato no interrogatório, profundo no pensamento filosófico, penetrando no mundo invisível com a segurança de um mestre. Foi assim que nos legou livros de Espiritismo, que constituem um verdadeiro alicerce inabalável da crença na Imortalidade!

A gloriosa tarefa foi desempenhada com esmero e presteza, num esforço ininterrupto, até que a morte fez sucumbir o seu corpo material, para maior realce do seu esclarecido e valoroso espírito.

Nós, os crentes na Doutrina dos Espíritos, saudamos o ínclito codificador do Espiritismo, onde quer que se encontre hoje o seu vulto gigante, e da pequenez da nossa individualidade o proclamamos o maior dos paladinos da Imortalidade.

HOSANA!

Allan Kardec — Espiritismo!

Dois nomes intimamente ligados, estreitamente unidos.

O espírito inteligente de Allan Kardec acendeu em seu cérebro potente a idéia de constituir para o homem um patrimônio legítimo, indestrutível, que o pudesse pôr ao abrigo das vicissitudes do erro e da mentira, assegurando ao seu espírito a entrada vitoriosa no Além.

E o conseguiu, ele, o apóstolo da Ciência e da Verdade! A sua obra aí está, com os seus altíssimos ideais, tornando patentes à humanidade as verda-

des eternas, resolvendo o misterioso problema do ser e do desempenho da missão que o trouxe a este planeta.

Na era cristã esse apóstolo do bem havia vivido em nosso mundo, na figura de um outro homem, mestre em Israel, ao qual Jesus abriu os olhos, dizendo-lhe: *"Necessário vos é nascer de novo"* — afirmação categórica do Divino Mestre que assegura a volta do espírito à vida material em nosso plano, tomando um corpo humano.

Allan Kardec trazia em si a semente preciosa deste ensino, lançada no coração de Nicodemos por Jesus.

Cumpria-lhe dar execução ao plano divino que o Cristo lhe confiara: receber as instruções necessárias dos espíritos instrutores para a coordenação da Doutrina constitui um verdadeiro tesouro de revelações da Ciência Eterna!

Graças a ele, a humanidade, crescendo em espiritualidade, encontra a estrada que conduz à perfeição, caminho circundado de profundos acúleos, é certo, mas iluminado pelos clarões cintilantes de uma Fé racional e forte!

O mundo espírita recorda em 3 de Outubro o nascimento do ínclito fundador da doutrina dos Espíritos.

Para ele se voltam hoje os seus pensamentos numa vibração de reconhecimento e veneração.

Mas isto não basta.

É necessário, por um esforço persistente e nobre, incentivar cada vez mais a propaganda dos ideais que ele defendeu, de boa vontade, unidos, solidários, fraternos!

Espiritismo tem em si o esplendor da Verdade!

Façamo-lo conhecido e amado por todos os homens.

"Conhececi a Verdade, disse Jesus, e ela vos libertará!"

Ativemos a propaganda espírita.

ALLAN KARDEC

Recorda hoje a coletividade espírita o vulto grandioso e belo do insígne codificador da Doutrina dos Espíritos: *Allan Kardec*, nascido em 3 de Outubro de 1804.

Com um critério acima do vulgar, organizou ele esse código de amor e justiça em que a Verdade, ditada pelos espíritos instrutores se mostra viva, palpitante, como revelação divina que é.

O grande missionário se manteve à altura da missão que lhe foi confiada, dando-lhe cumprimento fiel, até que a morte veio pôr termo aos seus dias terrenos.

Os livros que deixou permitem ao homem estudioso adquirir o conhecimento da imortalidade dos espíritos, e fazem compreender com clareza o lugar que ocupa no Universo, fornecendo-lhe uma concepção real do que é a Vida.

Nossos deveres, nossos direitos, nossas responsabilidades, decorrentes das leis de fraternidade UNIVERSAL, o mistério da dor, o problema da Vida em face da morte, são teses de valor indiscutível, ventiladas em seus estudos pelo

sopro vivificador dos seres desencarnados, instrutores deste grande benfeitor da humanidade. Seu espírito, fortemente iluminado pelos clarões do “Além-túmulo”, saiu sempre vitorioso nos ataques de que o fizeram alvo os preconceitos terrenos.

Léon-Hippolyte-Denizart Rivail, “Allan Kardec”, o codificador da doutrina Espírita, possuía o dom de ver claro e conciso e a sua obra magistral revela a preocupação de unir a Doutrina à Ciência, não externando opinião estreitamente pessoal, mas obedecendo à natureza dos ensinamentos revelados pelos espíritos que guiavam o seu portentoso trabalho.

Nós, modestos trabalhadores da seara espírita, aplaudimos o esforço da Ciência moderna no campo experimental do psiquismo, cujos resultados podem ser magníficos guiados pelos instrutores invisíveis, num ambiente de calma e respeito.

Que o Espiritismo alargue cada vez mais os horizontes da fé na imortalidade da alma, provando aos homens que — *espírito e matéria* são as duas forças vivas que Deus uniu para o funcionamento do Universo!

Um pensamento do amor e gratidão ao grande pensador e consagrado Mestre!

3 DE OUTUBRO

Graças ao sopro divino do “Alto”, derramado sobre a terra, os ideais do espiritismo se manifestam à humanidade, salientando a Verdade Eterna aos seus olhos, para que desperte do torpor em que a indiferença a tem mergulhado.

Ninguém pode negar que o espiritismo sacode o nosso mundo, abalando-o nas suas profundezas, fazendo renascer verdades ocultas há milhares de séculos, no intuito de aparelhar as almas para a realidade dos seus destinos.

Na frase de Kardec — *é todo um mundo que se abre diante de nós*. . .

Hoje, que o povo espírita comemora a vinda de Allan Kardec para este planeta, é justo que tributemos a esse grande vulto do passado o preito da nossa gratidão, pelo inolvidável serviço prestado por ele à humanidade, tomando sobre os seus ombros o encargo de codificar a doutrina preciosa que lhe foi ditada pelos espíritos instrutores, visando a regeneração e o progresso dos nossos espíritos!

Era esta a sua missão — e, para o seu fiel desempenho, teve nesta vida que sustentar lutas terríveis, passando o seu espírito por tormentos e provas que jamais conseguiram desfalecer o seu ânimo.

Decepções, contrariedades, nada lhe faltou. . .

Mas, ajudado pelos seus guias invisíveis, manteve-se sempre superior a todas as armadilhas com que os espíritos sem luz tentavam diminuir a coragem da sua fé.

A sua firmeza e perseverança, a sua abnegação e altruísmo devemos nós recordar hoje, com admiração e respeito, erguendo ao Céu uma prece fervorosa para que Deus o inspire agora, como naquele tempo, para que, com o mesmo zelo e denodo, possa se manter em seu posto!

HOMENAGEM

(3 de Outubro)

O espírita tem o seu ideal. Em torno desse ideal gira a sua obra, dirigida pelo princípio evangélico ***amar a Deus sobre todas as cousas e ao próximo como a si mesmo.***

Uma criatura humana sem ideal é um ser inútil, quando não prejudicial.

O espiritismo dá aos seus adeptos uma visão clara e grandiosa do seu futuro além da morte, descortinando o véu que encobre os mistérios da eternidade, impulsionando-o para a grande luta contra os empecilhos do progresso, facultando-lhe os recursos para a magnífica vitória do espírito sobre a matéria. Constitui a sua preocupação máxima fazer o bem a todos os homens na terra e a todos os necessitados no espaço. Para esse fim o espírita cultiva a comunicação com os seres do invisível, colaborando com os seus guias na obra de regeneração, salvação universal. Desses luminares do invisível aprende a caridade que pode realizar prodígios, o amor inteligente que é fonte renovadora de inspiração, sempre viva, a paciência e a resignação nos sofrimentos necessários para a sua transformação e glória!

Por mais ingentes que sejam os esforços dos seus adversários para o aniquilarem, o espiritismo romperá sempre em jatos de luz a treva que obscurece o entendimento humano, porque ele é a voz daquele *Espírito de Verdade*, prometido por Jesus ao mundo!

O exército de luz, inspirado pela mente poderosa do Divino Mestre, dirige a marcha do espiritismo, e esta é a garantia da sua vitória universal.

Será o espiritismo que estreitará num laço de fraternidade cristã todos os seres visíveis e invisíveis!

Devemos ser gratos ao seu benemérito codificador Allan Kardec.

AQUELES QUE NOS COMBATEM

"Não resistas ao mal. Não oponhas jamais a violência, nunca pagues o mal com o mal".

São conselhos sublimes de Jesus.

Combatentes que somos nos torneios da vida, como colaboradores da fraternidade universal, ideal sacrossanto do Espiritismo, não podemos esquecer esta recomendação do Divino Mestre, nosso fanal, quer na esfera da inteligência, quer nos domínios da moral.

Pensando e procedendo de acordo com esse judicioso critério, assistimos ao embate injusto do materialismo contra espiritismo, lamentando a cegueira da Ciência, que persiste em querer ver e analisar somente a parte inferior da criatura humana.

Mas, como a nossa crença é firme na evolução geral da humanidade para uma fase superior, pacientemente esperamos que a ciência, excedendo-se a si

mesma, alcance um dia os seus altíssimos destinos, deixando de ser pesada e grosseira para se tornar esteticamente elevada e soberanamente espiritualista!

Essa evolução é gradual e requer tempo que não nos é dado determinar.

Espiritismo respeita e acata o mais belo apanágio do homem: a liberdade de pensamento!

Continuará, no entanto, na terra a sua gloriosa missão: a perfeição moral e intelectual das criaturas, alvo da verdadeira *Ciência!*

AS BOAS OBRAS

É passado o Carnaval, com todo o seu cortejo de exhibições grotescas, tipicamente evocadas aos tempos do paganismo.

Esperamos que a razão do homem, sabiamente iluminada, possa medir os efeitos funestos dessas horas de envenenado prazer.

Voltemos o nosso pensamento para a "vida sã" que é nosso dever realizar, intensificando a nossa vontade, força inteligente e viva que o espírito deve dirigir, esclarecido pelas luzes da razão, morada da Consciência.

O culto maior que o homem pode prestar a Deus é a prática constante das boas obras. A caridade faz afluir, sobre quem a compreende e pratica, bênçãos espirituais de alta valia.

Os seres sublimes cuja santidade admiramos, foram exemplos de caridade na terra.

Espiritismo é a religião da Caridade.

Ter religião não é limitar-se o indivíduo a práticas exteriores, cerimoniais de culto, prédicas, orações centenas de vezes repetidas, olhos pregados no Céu e ouvidos surdos aos gemidos da terra. . .

Tenhamos o culto da Caridade.

A paz, a felicidade dos nossos espíritos, estão dependentes dessa virtude, porquanto é bem verdade que todo o bem que fizermos aos nossos semelhantes, cedo ou tarde voltará para nós.

Saibamos gozar daquilo que é justo e bom, mas não nos esqueçamos das necessidades do nosso próximo.

ADOLFO BEZERRA DE MENEZES

"Fora da Caridade não há salvação" — eis o princípio, dentro do qual eram executados todos os atos do grande apóstolo do Espiritismo, Bezerra de Menezes.

A prática dessa teoria exercia ele, sem discrepância, quotidianamente, não apenas auxiliando com os seus poucos recursos a necessidade dos pobres, sem ostentação e com humilde caridade, mas ainda beneficiando sempre que se

lhe oferecia ocasião, aos seus próprios desafetos, estendendo-lhes a mão caridosa nas situações difíceis em que se encontrassem, retribuindo assim cristãmente o mal com o bem. E, quando alguém, sem compreender ainda a elevação dos seus sentimentos, lhe exprobrava a "fraqueza" com que *deixava passar* as ingratidões recebidas de muitos a quem cumulava de benefícios, chamando a sua atenção para os defeitos de tais pessoas, ele serenamente, respondia: "Meu filho, quem estiver isento de culpa atire a primeira pedra, disse o Divino Mestre".

A caridade do abnegado apóstolo não visava apenas a humanidade terrena. Ele a exercia também, e muito principalmente, para com os sofredores do espaço, doutrinando-os com palavras unguidas de consolação, instruindo-os com seus sábios conselhos, encorajando-os evangelicamente, para os arrancar do desespero em que se debatiam. Grande trabalho foi o seu em favor dos obsessores e dos obsedados, adotando excelente método; e, não raras vezes, foram os seus esforços coroados de êxito.

Consistia esse método em consultar mediunicamente a um dos Instrutores do espaço sobre a natureza da loucura que afetava tal ou qual paciente, e agir de acordo com a instrução recebida.

Era nesses casos, especialmente, que a sua inspiração se revelava, em verdade, celeste! . . .

Sua fisionomia se transfigurava, sua palavra doce e firme tinha modulações que tocavam as fibras das almas que o escutavam.

A força persuasiva da sua vontade agindo com a intensidade da fé que a movia, assumia proporções maravilhosas!

Bezerra de Menezes julgava imprescindível a prática das sessões de caridade e de experiências, criteriosamente organizadas. As obras que deixou escritas são ilustradas por inúmeras cópias de fatos espíritas passados em sessões por ele presididas e testemunhadas por Bittencourt Sampaio, Sayão, Thiago Bevilaqua e muitos outros.

Sabemos que ainda hoje, do espaço, o seu esclarecido espírito se manifesta a favor dos trabalhos práticos bem orientados.

É assim que em um pequeno grupo do Rio de Janeiro "Grupo dos Aliados de Max", filiado ao "Asylo Espírita João Evangelista", consultado a respeito, respondeu desta forma:

"Paz! Nada receies dos espíritos inferiores, se o vosso interior estiver preparado para a defesa do exterior. Buscai atrair os vossos irmãos mais fracos, se tendes a louvável intenção de os auxiliar, bem como aos encarnados.

Tudo, porém, se faça com calma, ordem e boa vontade, para que não se tornem contra vós os seus fluídos prejudicadores do corpo e da alma.

Organizai-vos de ora em diante para fazerdes um trabalho proveitoso".
"MAX".

Bezerra de Menezes conseguia desprender-se das pequeninas coisas desta vida material, na comunhão constante com o mundo espiritual, de onde bebia a inspiração feliz, sob a qual eram realizados todos os seus planos de trabalho.

Médico de valor, ele não dispensava, nos casos difíceis da sua clínica, a opinião dos protetores do espaço, por intermédio de instrumentos mediúnicos, de que se servia com tocante humildade.

Entre as suas obras figuram trabalhos de inestimável valor científico e de real utilidade espírita, tais como:

“A LOUCURA SOB NOVO PRISMA”, estudo físico-filosófico, em que demonstra proficientemente com grande cópia de documentações irrefutáveis, que a loucura não é invariavelmente um fato patológico;

“ESTUDOS FILOSÓFICOS”, coletânea de artigos publicados no “O País”, três volumes, sob o pseudônimo de “Max”, provando exuberantemente com fatos fidedignos a veracidade da doutrina espírita, cujos pontos essenciais esclarece com sabedoria e precisão;

“OBRAS PÓSTUMAS”, de Kardec, tradução impecável; e ainda outras obras espíritas, em feição de romance.

Uma “MEMÓRIA” que apresentou à Academia de Medicina ganhou voto de louvor e lhe granjeou o título de sócio efetivo.

Adolfo Bezerra de Menezes nasceu a 29 de Agosto de 1831 no Estado do Ceará, Riacho do Sangue. Estudou as primeiras letras em 1838 nas escola pública de Vila Frade. Veio para o Rio em 1851. Em 1856, com 25 anos de idade, formou-se em Medicina, tendo feito um curso brilhante, laureado. Foi deputado provincial pela sua terra natal, senador, vereador e presidente da Câmara Municipal da antiga “Corte”, deputado geral pelo Rio de Janeiro. Era membro de grande número de importantes instituições, emérito professor de Matemática e Filosofia, a que de preferência se dedicou grandemente.

Aceitando a presidência da Federação Espírita Brasileira, cargo que assumiu em 3 de Agosto de 1895, sua gestão foi assinalada pelo crescente progresso desta Associação, cujo programa elaborou dentro das normas desta virtude que era e continua a ser a “alma” da sua alma: A CARIDADE.

Nesta orientação evangélica guiou ele os passos daquela benemérita instituição até Dezembro de 1899, quando foi acometido do insulto de congestão cerebral, que o obrigou a passar o exercício da presidência ao vice-presidente, nosso venerando confrade Sr. Leopoldo Cirne.

Aproximava-se, então, o momento em que o iluminado e devotado batalhador dos ideais espíritas teria de deixar este mundo, em que consumiu, na prática do bem, todas as suas energias, para regressar à pátria da Luz!

A 11 de Abril de 1900 Deus chamou a Si esse seu servo fiel.

A sua partida abriu uma lacuna — até hoje não preenchida — no seio da família espírita.

Em 1921 a Federação Espírita Brasileira deu publicidade, em um pequeno livro, a um valioso autógrafa de Bezerra de Menezes, sob o título de “A DOCTRINA ESPÍRITA COMO FILOSOFIA TEOGÔNICA”, carta por ele dirigida a um seu irmão em resposta à que dele havia recebido sobre assunto religioso.

Nessa carta está impressa a sua profissão de fé, naquela linguagem castiça e categórica que corrigia sem ofender, reduzia sem deprimir, forma habitual do seu dizer.

VIGÍLIA

Não durmo. O silêncio é profundo, interrompido apenas pelo respirar dos que dormem. Meu espírito, num grande anseio de subir mais alto, busca a comunhão dos seres espirituais, que, com a doçura do seu amor celeste, venham mitigar a sêde ardente que me abrasa o íntimo, vazio de afetos humanos. . .

E começo a recordar, inspirada pelas potências invisíveis que auxiliam o meu destino:

Quantas vidas de lutas e dores, de vitórias e quedas, tem percorrido o meu espírito prisioneiro da Terra, em tantas encarnações que se acham mergulhadas nesse caridoso esquecimento do passado!

E eu recordo os transe formidáveis, de mistura com a opulência e a grandeza da terra . . .

A vaidade e o orgulho, causadores das alucinações mais estranhas. . .

As perseguições, as guerras, os assassínios, a hipocrisia, veneno das almas. . .

As ingratidões, os perjúrios, os planos e vinditas abomináveis...

E recordo, finalmente, o pavoroso cortejo das carretas sinistras, conduzindo os mártires da Fé, a crepitar das fogueiras, os turbilhões da fumaça...

Oh! Noite sem dormir!

Fizeste-me pensar muito, compreender o passado, aceitar o presente, penetrar o futuro!

E concluir: Todo o mal é transitório, só o Bem é eterno!

DIA DO ÓRFÃO (I)

Qual a lição cristã de maior realce?

Qual o sentimento mater de todos os afetos santos?

Qual a mais bela religião? —

Caridade!

Só ela vence aquilo que a força não domina, só ela alcança o que o saber não atinge, só ela encaminha as almas para Deus!

Quando exercemos a caridade não praticamos apenas um dever social, cumprimos um mandamento divino.

Os órfãos, desvalidos fazem jus à caridade. Eles falam à nossa alma, tocam os nossos corações.

Estender mão de socorro à orfandade não é somente fartá-la de pão e cobrir-lhe a nudez. . .

É isso, muito mais do que isso: salvá-la do contato impuro do vício das espeluncas, da atmosfera infecta das vis paixões, do horror dos antros da miséria — é saciar de luz aos seus espíritos!

Os Asilo, os Orfanatos cumprem essa missão nobilíssima, guardando em seu seio os pequeninos órfãos para os ampararem, educarem, salvando-os do mal e encaminhando-os para uma vida honesta e útil. 22 de Setembro é o dia do órfão.

Almas cristãs, criaturas de coração bem formado, preparai-vos para responder generosamente ao apelo que destas colunas vos fazemos em favor das crianças desvalidas. Naquela data, que se aproxima contribui fartamente e de boa vontade com o vosso dinheiro para que a coleta pública que então se realizará na formosa capital desta República Brasileira corresponda inteiramente à dignidade dos fins a que se destina; a proteção e o amparo da criança órfã, da criança desvalida!

E Deus vos abençoará!

DIA DO ÓRFÃO (II)

"Quem possui a criança tem seguro o porvir".

Leon Denis.

O pensamento que encima estas toscas linhas veio à minha memória quando intentava escrevê-las.

A criança!

O problema mais sério da vida humana!

Representam elas uma floração de virtudes novas, ou a expectativa sombria de pavorosas realidades?

Mistério. . .

Sabemos que a criança tem necessidade de constante e desvelada proteção, ainda mesmo quando a vida lhe seja risonha e feliz.

O que pensaremos então daquela cujo nascimento não foi bafejado pelas alegrias sãs de um lar bem constituído, não conhecendo desde o primeiro vagido senão a parte sombria da existência terrena?

O órfão é a criança a quem falta o protetor natural que vele pela sua segurança física e moral. Ele não conhece as carícias de uma mãe desvelada, o encosto seguro da proteção paterna.

É só!

Esfarrapado e faminto, desprotegido na terra, seu caráter amadurece ao contato dos vícios das ruas e dos lugares sem moral.

Advogar a causa dessas criaturinhas é obra de misericórdia.

As instituições de caridade que se destinam a acolher essa espécie de necessitados merecem o apoio da sociedade, quaisquer que sejam as suas crenças.

É esse um dever sagrado que se impõe as consciências!
Hoje se pede para o órfão.

Preparai-vos para dar a esmola compenetrados da grandeza de vosso gesto.

Dai religiosamente.

Envolvei-vos nos sacratíssimos fluídos da caridade e abri as vossas bolsas no seio dos orfanatos para que não lhes falte o pão. . .

E Deus vos pagará centuplicado.

A PORTA ESTREITA

“Entrai pela porta estreita, disse Jesus.

Esta, como tantas outras sentenças do Divino Mestre tem aplicação cabal nos dias de hoje.

É a doutrina da renúncia.

Sem o sacrifício das paixões, do orgulho, da ambição, do egoísmo, da inveja e demais atributos que formam a bagagem das nossas fraquezas, não teremos passagem pelo estreito caminho que conduz à Vida!

É um trabalho verdadeiramente cristão dar combate a esses inimigos de nosso aperfeiçoamento, cuja ação destruidora rebaixa o nosso caráter, aviltando os nossos sentimentos e impede por consequência a nossa elevação moral.

Vejamos claro na vida presente.

O mundo com os seus deleites, as suas intrigas e as suas paixões, passará sempre franca e livremente pela porta larga que conduz à treva. . .

Nada lhe embargará o passo nessa infeliz passagem, porque essa porta tem largueza bastante para permitir o curso de todos os vícios, todos os crimes, todos os pecados. . .

Mas ao mundo será sempre impedida a entrada pela porta estreita, porque nela só passarão os limpos de coração, eles que não se envolveram na vaga tumultuosa das paixões mundanas.

Pálidos seguidores de Jesus, procuremos como espíritas cristãos, entrar pela porta estreita.

RESPLANDEÇA A VOSSA LUZ...

Li algures este pensamento místico: — ***"Quando a rosa se adorna a si mesma, também adorna o jardim"***.

Assim é todo espírito; quanto mais esclarecido, mais belo, e a sua beleza adorna o ambiente que o cerca.

O homem cujo espírito tem adquirido um certo grau de elevação, inspira, pelas suas atitudes e modo de ser, um respeito invulgar àqueles que o cercam. À sua presença estabelece-se uma corrente salutar de harmonia e confiança, que se traduz em alegria sã para todos os que têm a ventura de gozar da sua com-

panhia. Em derredor da sua pessoa esvoaçam pensamentos elevados, partidos da sua mente esclarecida e rica de virtudes, cuja irradiação atrai as criaturas de boa vontade.

Esses são os que deixam **“resplandecer a sua luz”** diante dos homens, como aconselha o Divino Mestre.

Tais homens têm consciência da parte mais nobre do seu eu — a ALMA, a cuja superioridade entregam a máquina que é o seu corpo humano. Esta percepção superior os coloca acima dos fenômenos da vida vulgar, fazendo-os suportar todas as vicissitudes da terra e encarar caridosamente as fraquezas humanas, porque, em cada trânsfuga da vida são, vêm um espírito atrasado, tardo em evolução — e alimentam a esperança, o desejo santo de auxiliar o seu progresso, para que também um dia eles conheçam a parte imortal da sua própria personalidade.

Oh! como é belo, como é sublime conhecer a criatura humana a sua própria alma! Sentir-se, como realmente o é, um espírito dentro de um corpo de carne! Embelezar esse espírito, asseia-lo, vesti-lo e adorná-lo da brancura dos lírios, perfumá-lo do aroma das virtudes, alimentá-lo do “pão da vida”, aquecê-lo ao calor da Fé, abrasá-lo na chama puríssima do AMOR-CARIDADE!

.....
Assim, o homem, como a rosa, adornará o ambiente que o cerca...

FORTALEZA DA FÉ

O mais nobre estimulante da atividade humana é a Fé.

O homem que tem confiança em sua crença, trabalha tranqüila e perseverantemente, com o entusiasmo e o esforço corajoso de quem tem a certeza da vitória do ideal que defende.

Essa certeza não permite que a sua existência se desenrole ao sabor das circunstâncias, ou das sugestões exteriores, mas aperfeiçoa os seus meios de defesa nas lutas contra os vários elementos negativos, empecilhos do progresso espiritual do homem.

A Fé no apoio supremo nos dá a vontade das grandes realizações.

Só ela é capaz, pelo seu magnetismo vibrante, de impelir-nos para a frente, no propósito firme de fazer, embora à custa de ingentes sacrifícios, obras de caridade verdadeiramente cristã.

Nosso pensamento constantemente forma planos, idealiza obras que só a vontade pode pôr em execução. A vontade guiada pela Fé é poderosa e realizadora.

Quem confia em Deus, não edifica sobre a areia.

Não perturbemos, pois, o sossego dos nossos espíritos quando os acontecimentos não se passarem conforme esperávamos, certos, seguros, confiantes, de que Deus manda sempre o melhor.

Quanto maior Fé tenhamos, mais serenidade de pensamento, mais força de vontade! . . . Se temos Fé, a nossa vontade é como o aço temperado!

LABOR INCESSANTE

O espírito a burilar o seu caráter, semelha o operário a desbastar o bloco de granito. A pedra bruta resiste aos golpes do martelo, mas, ao esforço insistente do homem, termina por ceder. E o operário executa a sua obra.

Assim o espírito. Nesta grande oficina que é a nossa morada temporária, trabalha incessantemente para vencer as imperfeições do caráter — com pulso gigante. E, à força de tanto martelar, a transformação se faz, não em uma vida, não em um século, mas em sucessivas e múltiplas vindas a este planeta, escola, aprendizagem dos espíritos.

Em toda a natureza há um misterioso desejo de perfeição. O amor de Deus não permite que se aniquilem para todo sempre seres que a sua sabedoria originou. A felicidade eterna é o escopo de toda a Obra Divina. Para alcançar mais rapidamente essa perfeição, é preciso conhecer o caminho mais curto que a ela conduz. Esse caminho é ainda o amor de Deus que nô-lo aponta: VIVER EM CARIDADE COM TODOS OS SERES. Alcançaremos mais rapidamente os nossos destinos, retribuindo quanto nos permitirem as nossas forças esse imenso amor de Deus, o que só poderemos fazer, dando os frutos de Caridade e benevolência que esse amor produz.

Para conseguir realizar esses frutos é que os nossos espíritos incessantemente trabalham, no afã de corrigir as imperfeições do caráter, como o operário incansável no desbastar da pedra bruta.

CULTURA INTERIOR

Os nosso Guias espirituais não cessam de nos aconselhar a cultura da vida interior.

É indispensável para o espírita fazer todos os esforços no sentido de aperfeiçoar os dotes espirituais da sua personalidade.

O nosso ser íntimo nunca está vazio: ou prevalecem nele sentimentos nobres, elevados, idéias generosas, altruísticas, ou ao contrário, está ocupado pelo que denominamos maldades, vícios, idéias pecaminosas.

A experiência quotidiana se encarrega da demonstração desta asserção. Homens há que não obstante se ocultarem sob a capa de uma louvável modéstia, revelam corações largamente abertos para a CARIDADE, o amor do próximo, a piedade cristã. Seus atos traduzem o sentimento de bondade de que é cheio o seu interior.

Para eles não há escassez de tempo, não há contrariedade, desgosto, pobreza, fadiga que os faça negligenciar os seus deveres espirituais. Estão sempre prontos para o labor contínuo das imprescindíveis batalhas do espírito.

Outros há, bem ao contrário, que se apegam a qualquer pretexto fútil, o qual consideram sempre de grande importância, para fugir aos sagrados compro-

missos contraídos pelo espírito. Desculpas banais, que atentam a desordem que vai pelo seu mundo interior. . .

Já em outros tempos dizia o Mestre Divino: **"O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem; e o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal; porque da abundância do coração fala a boca"**.

É imprescindível para o espírito a cultura da vida interior. Essa cultura nos dará o governo sobre nós mesmos, o domínio sobre os caprichos insensatos, (tão humanos!) o abandono dos preconceitos, da superstição, do fanatismo, e nos facilitará a força e a retidão de pensamentos, necessárias ao encaminhamento acertado da vida no plano material em que nos encontramos.

É de suma importância esta disciplina interior.

Cada homem tem por obrigação saber que a sua personalidade física, visível, é apenas a morada temporal do seu espírito, o qual é efetivamente o dono desse corpo, a entidade verdadeiramente superior à matéria.

Desenvolver todas as potências desse ser é dever de cada um de nós, o que conseguiremos por um trabalho constante, perseverante, de cultura interior, para a perfeita realização do ideal cristão: **PUREZA DE PENSAMENTOS, PUREZA DE PALAVRAS, PUREZA DE AÇÕES!**

CARIDADE

Desde que Jesus firmou entre os homens a sua doutrina, ensinando-lhes a vontade de Deus, ficou estabelecido o princípio da CARIDADE, *fora da qual não há salvação*.

Bem-aventurado é todo aquele que auxilia com o seu esforço material ou intelectual a realização deste grandioso princípio no coração dos homens: "Amar ao próximo como a si mesmos".

A missão mais nobre concedida por Deus às suas criaturas é a prática da Caridade, virtude que bem podemos definir como o reflexo da Providência sobre a humanidade.

Na terra não há prazer escoimado de sombras. A condição da existência humana assim o determina. Ninguém está isento do acicate das dores, dos espinhos da amargura, dos agulhões da perfídia e das contrariedades do meio em que vivemos. Na terra vicejam fartamente frutos daninhos. . .

Mas o nosso mundo é também mundo de compensações. Desde que baixou à terra o CONSOLADOR PROMETIDO, apto a nos "*ensinar todas as coisas*", é possível pôr em prática os ensinamentos do Divino Mestre, ensinamentos que se resumem na Caridade, como ele próprio exemplificou aos nossos olhos.

Sob o ambiente da Caridade não poderão medrar as sementes da corrupção moral, da hipocrisia e toda essa avalanche arruinadora de sentimentos maus que prejudicam a sociedade, a pátria, a família!

A caridade é justa, reta, suave, digna, previdente.

Bem inspirado S. Paulo quando afirma ser ela a maior virtude!

Não medraria o vício hediondo se não encontrasse terreno preparado para lhe receber a semente perniciosa. Esse terreno é o coração fechado à cari-

dade. E eis porque presenciamos todos os dias os horríveis quadros que a perfídia humana lança aos nossos olhos.

A Caridade nobilita o espírito e só ela resolve o magno problema da regeneração humana.

A filosofia espírita encaminha o homem à exata compreensão da caridade e como o “Consolador” que de fato é — o ESPIRITISMO aponta-lhe os meios de executar na prática quotidiana a mais excelsa de todas as virtudes!

REVELAÇÃO

Toh

Toh não é lenda.

Existiu no tempo em que Confúcio, desiludido da Côrte Chinesa, vagava de província em província.

Guiava o velho sábio a sua carruagem, quando encontrou Toh, que assistia ao brinquedo de outras crianças. Entabulou conversação com ele, obtendo respostas tão lógicas, de tal precisão e clareza, que o fizeram pasmar. Por sua vez quis o pequeno chinês interrogar o sábio, ao que este acedeu. “Quantas estrelas há no céu?”, perguntou a inteligente criança. E o mestre objetou-lhe que se ocupasse de cousas da terra. Perguntou-lhe, então, o rapazito, quantas casas havia no mundo.

Confúcio, embaraçado disse-lhe, impaciente: “Ocupa-te do que esteja em frente aos teus olhos”.

Então o prodigioso menino perguntou-lhe, entre um significativo sorriso: “Quantos pelos tens aí nas sobrancelhas?”

Reza a história que Confúcio não respondeu e teve esta frase para os seus discípulos: “Esta criança é para temer”.

*

* *

Confúcio enxergou a alma intrépida e varonil do pequeno Toh. — Séculos adiante, o chinezinho prodígio veio demonstrar a verdade do conceito que ao seu respeito fizera o eminente sábio.

Nas margens do Ipiranga, Toh então Pedro I, proclamou a independência do Brasil em 1822.

Posteriormente, “na época atual”, Toh deu mostra do seu caráter e força de vontade invencível, pela ação enérgica que desenvolveu na situação crítica em que se viu o nosso país e particularmente o Rio de Janeiro, em Julho de 1822.

AVANTE!

"Deixa o mundo lá andar como quiser entender. . . Vive tu dentro das normas prescritas pelo corpo da doutrina que professa, procurando caminhar na senda traçada pelas tuas convicções religiões e deixa lá que os outros cuidem dos seus próprios interesses espirituais pelos quais tu não és responsável . . ."

Assim me falaram.

Mas eu não estou de acordo com essa maneira de pensar. Vejo envolta na solicitude desse conselho amigo a odiosa figura do egoísmo disfarçadamente insinuando a sua influência anti cristã.

Os ideais espíritas não comportam essa orientação exclusivista.

O homem espírita tem por dever esforçar-se por melhorar a condição espiritual do mundo, pugnando pelo ideal em que reconhece verdade e justiça.

Espiritismo é vida, é luta, é ação!

O respeito às opiniões e convicções alheias não nos impõe a obrigação de calarmos as nossas, deixando de colaborar com os instrutores do espaço na obra de salvação universal.

Pelo contrário: Perante a doutrina espírita importa que a humanidade se liberte desse ambiente, cuja materialidade dia-a-dia mais se acentua.

O Espiritismo sente em si a capacidade para transformar a sociedade humana, infundindo-lhe a seiva pujante dos seus princípios de liberdade e fraternidade universal.

O homem espírita sente a verdade desse poder e não pode calar em si mesmo essa convicção. Cumpre-lhe agir pronta e resolutamente no sentido de orientar os seus companheiros de existência para o mesmo ideal que defende e proclama com altruísmo e abnegação.

O contrário desse proceder denotaria egoísmo, esse sentimento abjeto que nos afasta de Deus.

Avante, pois, a propaganda do Espiritismo!

EVOLUÇÃO ANÍMICA

Que devemos nós pensar de um animal, um cão por exemplo, que compreende e executa uma ordem, com precisão e presteza?

Que podemos ajuizar sobre o fato, tantas vezes observado pelos que convivem com esses amigos leais, da simpatia ou da antipatia por eles votada a certas criaturas humanas, sentimento que se revela sempre que deparam com tal pessoa, não obstante intervalos dilatados?

Que juízo é lícito formar da dedicação com que se afeiçoam ao seu dono, ao ponto de realizarem atos do mais heróico valor, do mais abnegado sacrifício?

Será justo negar a esses animais os atributos de inteligência, raciocínio e memória?

Para mim a existência da alma nos animais é fora de dúvida. Nem é razoável supor que Deus houvesse formado seres inteligentes, que revelam em determinadas circunstâncias sentimentos nobres, altruísticos muito mais adiantados do que alguns indivíduos da espécie humana, para deixar que a morte os aniquile para sempre!

Tanto mais próximo da verdade se acha o homem, quanto mais fácil lhe é compreender o mistério que envolve as almas dos animais.

Para S. Francisco de Assis, cujo coração era um altar de devoção ao Criador do Universo, entender a *linguagem* dos animais e se fazer compreender por eles, era cousa simples.

Na história de S. Jerônimo há o episódio tocante do leão que não o abandonou desde que, socorrido por ele, sarou de uma pata em que se entranhara um espinho.

Narra a história de Santo Antonio o fato da sua pregação aos peixes, que, para o ouvirem, saíam fora da água.

Os corpos dos animais são invólucros de almas que, como nós, caminham para os seus destinos.

Deus lhes concede os meios de progresso tanto quanto a nós humanos, porquanto nós e eles partimos do mesmo princípio.

Não nos esqueçamos, pois, de que os animais assiste o mesmo direito à caridade que à espécie humana.

Eles, como nós, renascem por diversas vezes para progredir incessantemente neste mundo e, seguida, em mais alto grau de adiantamento, cooperarem, juntamente conosco na obra geral do aperfeiçoamento espiritual, em mundos mais elevados.

CLEVER

Não me é possível retirar da memória aquela criança loura, de três anos de idade apenas, cujos olhos apagados rolam incessantemente nas órbitas, num anseio indefinível de luz. . .

Qual o seu passado?

Que tenebrosa história oculta aquele minúsculo corpo, que encerra em si um espírito lícido, inteligente e meigo, que se revela através a palavra titubeante, incerta da primeira infância?

Clever tem sentimentos profundos, verdadeiramente superiores! Ele é amoroso, caritativo e bom . . .

E aquela cegueira. . .

Diante daquela criança eu me sentia às vezes impossibilitada de articular uma palavra, tal a superioridade do seu ser, que uma voz interior me revelava.

Meu coração angustiado se apertava num soluço de dor quando, pondo-o ao colo, ele estendia as mãozinhas, apalpando-me o rosto, no desejo incontido de conhecer as feições daquela que o acarinhava. . .

Nesses momentos, eu sentia o meu espírito se elevar muito acima da matéria e contemplando a face enternecida da criança, cujos olhos não possuem a luz dos meus, eu nela divisava, (graças a Deus!) não o castigo cruel infligido sem piedade ao pobre inocente, não a fatalidade do destino que o infelicitasse para sempre, mas a misericórdia e a justiça Divinas, que se cumpriam!

Bendita seja a doutrina santa do Espiritismo, que nos abre os olhos aos sublimes desígnios da Providência!

.....
Não, não me esquecerei de ti, Clever, jamais!

FRATERNIDADE

Somos todos irmãos, filhos de um mesmo Pai: Deus.

Desse princípio decorre o dever de fraternidade e solidariedade universal.

É doloroso reconhecer que a humanidade está muito longe da compreensão desse ideal e mais afastada ainda da sua realização.

Preso ao domínio da matéria, o homem não sabe refrear os seus impulsos para o mal, os levantes insensatos do seu orgulho, os interesses mesquinhos do seu egoísmo, e, propositalmente afrouxando vai primeiro, para depois romper criminosamente os laços de amor fraterno que o deve ligar aos seus irmãos.

A condição espiritual em que se encontra a humanidade, em conseqüência dessa lamentável desobediência aos preceitos do Divino Mestre, contrista aos nossos Guias, que observam o desamor com que são recebidos os seus constantes esforços para sufocar entre os homens o ódio que gera os ciúmes, a indiferença que mata o sentimento do amor fraternal que estabelece a harmonia no Universo.

Essas almas queridas não cessam de nos mostrar o infortúnio que para nós mesmos preparamos quando nos deixamos dirigir, governar, pelos interesses pessoais, que nos arrastam à prática de ações reprováveis aos olhos de Deus.

A nossa capacidade de viver em paz e harmonia com os nossos irmãos é proporcional ao grau de amor que consagramos a Deus. Procurando conservar em toda a sua pureza o amor pelo nosso Criador e Pai, proporcionaremos ao nosso espírito a dita de amar aos nossos semelhantes como a nós mesmos, tolerando as suas fraquezas, perdoando as suas faltas e imperfeições que, acertadamente, julgamos então mais leves do que as nossas próprias. E como o amor virtuoso é contagioso como o ódio, atraímos sobre nós a simpatia dos nossos irmãos, que, muito naturalmente se sentirão inclinados a nos fazer bem, fortificando desta forma a corrente fluídica de simpatia que nos deve ligar uns aos outros, como verdadeiros irmãos, filhos do mesmo Deus.

LUTEMOS

A luta é indispensável para que possa haver triunfo. É assim que se fazem os heróis: lutando, penando, sofrendo. . . Vimos edificando a nossa própria individualidade através centenares, milhares de existências planetárias e cada uma dessas vidas vem nos abrindo um campo de ação mais largo.

A lei da reencarnação é uma das maiores bênçãos de Deus e a mais bela das revelações espíritas.

Graças a ela podemos olhar sem medo o futuro, pela certeza de que somos nós mesmos que o criamos, pois que ele será sempre fruto da nossa vontade.

Nenhuma fatalidade pesa sobre os homens. Os males que sobre eles caem são a consequência dos atos dos seus próprios espíritos, senão na encarnação presente, certamente em existências anteriores.

Para que se emancipe da sua própria inferioridade o espírito luta por submeter a matéria às suas nobres aspirações, procurando libertar-se de todas as sugestões que retardam essa grandiosa vitória.

Saibamos nós, pois, orientar a nossa vontade bem, e seremos vitoriosos na luta em que temos necessariamente de empenhar o nosso esforço, para dar cumprimento às experiências e às provações porque todos temos de passar, como espíritos inferiores, que ainda somos.

CAMINHEMOS PARA A LUZ

O destino natural da humanidade é ascender sempre para um estágio superior. Contrariar essa marcha ascensional é criar embaraços ao progresso, induzindo o espírito a estacionar, senão a retrogradar.

Cabe ao espiritismo a sublime missão de orientar os homens, traçando-lhes o roteiro de uma vida proveitosa à sua evolução, ensinando-os a caminharem sempre para a frente.

A vida humana é uma coisa preciosa, tomada pelo seu espírito verdadeiramente nobre. A terra é, de fato, uma planeta inferior, em comparação com os outros astros, grandes moradas dos espíritos superiores. Por conseguinte, todos aqui estamos longe do grau de perfeição que aspiramos alcançar um dia.

Mas, nem por isso é justificável o atraso moral a que nos condenamos.

O planeta que habitamos faz parte, como todos os demais, desse Universo sem limites que Deus criou e no qual todos os seres vibram e progredem.

Os sofrimentos, o mal, as dores que nele imperam, são elementos necessários de estímulo para o aperfeiçoamento do nosso caráter. Saibamos nós viver compreendendo e aceitando as peculiaridades desta existência temporária, e ela será de sumo proveito para os nossos espíritos.

Compreendamos a doutrina que rege a nossa fé e ela nos ensinará a romper as trevas que nos cercam.

Caridade — Fé — Esperança nos auxiliarão nessa penosa transição das sombras para a luz!

RESPONDENDO

Possuir mediunidade desenvolvida sob qualquer das suas formas, é o desejo de não pequeno número de crentes espíritas.

Freqüentemente somos consultados a propósito:

Tenho eu mediunidade a desenvolver? Que devo fazer para conseguir este grande desejo da minha alma?

Por mais elevado que seja o objetivo desses irmãos, os aconselhamos a não se preocuparem com isso.

Quando os nossos diretores espirituais entenderem que é tempo de desenvolver em nós com segurança as faculdades medicinas, que todos possuímos em estado latente, *eles o farão*.

A faculdade mediúnica acarreta responsabilidades pesadíssimas para os seus possuidores. Muitas vezes é ela mesma um embaraço ao progresso do homem, pelas perturbações que lhes causam os espíritos sem luz, do mundo invisível, as quais não tem o médium a força necessária para repelir.

Estamos nós seguros de poder arcar com responsabilidade de tal ordem?

O que o espírita deve ter sempre em mente é a obediência às leis de Deus, procurando cumpri-las com amor e boa vontade, em todas as circunstâncias da sua vida.

Isto se consegue, diz um grande espiritualista, evitando com o maior cuidado o fazer mal a qualquer ser vivente e procurando toda a oportunidade de lhes prestar auxílio.

Apliquemos nossos esforços ao serviço do amor do próximo buscando aliviar os padecimentos físicos e morais das criaturas, sem distinção de qualquer espécie.

Deixemos ao cuidado dos mestres do invisível o desenvolvimento das nossas forças psíquicas.

Orientemos os nossos pensamentos no sentimento do amor de Deus e na fraternidade dos homens, oferecendo desta forma os nossos corpos e a nossas almas ao serviço do Divino Mestre.

Esta deve ser a nossa principal preocupação.

REFLEXÕES

Existem corpos verdadeiras masmorras de almas! Aleijões disformes, monstros que horrorizam e inspiram piedade e dó!

Lábios que não podem proferir palavra, gargantas que só produzem sons inarticulados, mãos que não podem trabalhar para a própria subsistência, pés que não se podem locomover, bustos que não se podem erguer, sempre curvados para a terra, como a buscar a cova que os há de sepultar!

São inúmeros esses casos tristíssimos e as nossas entranhas se confrangem ao depararmos com eles!

As vê-los, nosso pensamento mergulha na sombra do passado, buscando uma justificativa para tais exemplos de dor e infortúnio.

Um estudo sobre as vidas anteriores dos espíritos que habitam em tais corpos daria a chave do segredo que os encobre.

Cada deformidade traz a marca da sua origem.

É assim que, essas almas, desejosas de apagar as manchas produzidas pelos seus delitos, modelam corpos adequados à sua punição e, neles encarnados, voltam à terra, teatro dos seus crimes, com o intuito de regeneração pela dor!

Lábios que traíram — *impossibilidade de falarem* . . .

Mãos que mataram — *sem movimento ou ação*.

Pés que tripudiaram sobre a justiça e a inocência, — *incapazes de servir de base para o equilíbrio do corpo a que pertencem* . . .

Bustos que o orgulho mantinha em atitude imperiosa e hostil — *em posição humilhada, curvados até o chão, diante de tudo e de todos* . . .

Esses invólucros miseráveis são verdadeiras penitenciárias dos espíritos culpados!

Devemos ter por eles uma prece caridosa que encoraje a sua energia no cumprimento do resgate pedido voluntariamente!

PROGREDIR SEMPRE !

É o mal suscetível de diminuição pela influência da virtude?

Penso que sim.

Acredito que, pelo seu constante esforço em realizar o domínio do espírito sobre a matéria, alcançará o homem dissolver a barreira que o separa do bem.

Isto só se pode conseguir por uma preparação contínua de caráter, educação paciente e prolongada, cujo objetivo seja libertar-se cada indivíduo das influências estranhas inferiores, que a todos cercam.

A doutrina espírita, pelos rápidos progressos que vai fazendo, nos vai demonstrando que o mal tende sempre a diminuir pela ação da lei do progresso a que todos os espíritos estão sujeitos.

Nós não podemos aceitar que hajam espíritos eternamente maus, seres que nunca jamais se reabilitarão e a quem a justiça de Deus é forçada a condenar por toda eternidade.

O mal não tem existência absoluta no Universo. Certamente a justiça de Deus, não é uma afirmativa vã e é nela justamente que se baseia o Espiritismo para assegurar à humanidade a reabilitação dos espíritos falidos. . .

Todas as almas caminham para um ideal superior.

Nossa estadia aqui na terra é temporária, embora cá tenhamos de voltar vezes sem conta. Mas a verdade é que, desenvolvendo cada um em si próprio os sentimentos virtuosos, contribuirá para melhorar o meio em que vive, apressando a obra de regeneração dos espíritos encarnados.

É mister, portanto, que a nossa atividade se dirija insistentemente para a realização de uma vida pura, iluminada pelos fulgores do espírito que tem fé nos seus destinos imortais.

ESPIRITISMO PRÁTICO

Em minha presença alguém se externou por esta forma, no decorrer de uma conversação, cujo motivo era o resultado que se pode obter das sessões práticas, sua utilidade, seus prejuízos: — *"Tudo depende do médium; se é de confiança, fiel, cômico das suas responsabilidades, o resultado é um sucesso; no caso contrário, o fracasso é certo. . ."*

E eu quero dizer:

Em primeiro lugar, o médium não é o diretor da sessão. É simplesmente o instrumento de que se serve o espírito para se comunicar com os assistentes.

Considerá-lo o único responsável pelos resultados de um trabalho da natureza de uma sessão de experiências espíritas, é um absurdo!

Todo o espírito sincero que conscienciosamente se dedica ao estudo e prática do espiritismo, conhece a recomendação capital dos nossos Guias, instrutores deste trabalho de tão alta importância. É indispensável que o grupo de criaturas humanas, que se dedica ao espiritismo prático, constitua uma força única em comunhão de pensamentos, para que a sua boa vontade, os seus bons sentimentos de cordialidade fraterna e caridade cristã, atraiam os bons espíritos que com as suas inspirações auxiliem e protejam a direção dos trabalhos.

Não é, portanto, indiferente o papel dos assistentes nessas sessões.

Do rumo que tomam os seus pensamentos, da corrente fluídica que os ligue uns aos outros, do motivo que os leva a tais reuniões, depende muito o êxito, ou o fracasso das sessões práticas.

O médium não dispõe de um poder elevado para provocar tais ou quais manifestações.

Ele não é o único centro de atração naquele meio. Importa que todos os assistentes vibrem mentalmente pensamentos de caridade, de justiça, de piedade e de amor.

O resultado de uma sessão prática, por conseguinte, depende do conjunto de seus membros componentes.

Mediunidade é uma faculdade e não uma força, tanto assim que a aptidão mediúnica não é a mesma em todos os médiuns.

NATAL

Ergamos bem alto os nossos espíritos, purificando as nossas aspirações, para atrairmos aqueles que vivem na "pátria da luz", para os quais os prazeres terrenos já não têm valor, porque estão libertos dos atrativos do pecado. Penetremos nesse Além glorioso, onde as aspirações mais nobres são objetivo constante de todos os esforços.

Mantenhamos uma calma profunda em nossos espíritos, para que eles se tornem límpidos, serenos como a superfície lisa dos lagos mais tranquilos.

E entremos em comunhão com os nossos Guias. . .

Eles nos falarão de Jesus e seu Natal — e nos farão compreender, melhor do que os mais afamados teólogos, o mistério sublime da manjedoura de Bethlém, a augusta grandeza desse pequenino vulto cheio de luz e graça, que repousa sobre as palhinhas humildes daquele improvisado berço!

Inspirado pelo Espírito Divino eles desvendarão aos nossos olhos a verdade real que em sua essência primordial, divina, se oculta naquele corpo de infante, delicado e doce. . .

E então, entenderemos como Cristianismo foi, desde o seu início, feito de abnegação e sacrifício!

Como Espiritismo é profundo!

Só ele produz clarões capazes de iluminar essa data remota, que marca o evento mais glorioso para a humanidade terrena!

Só ele revela ao homem a possibilidade dessa comunicação com os sábios instrutores do espaço, sempre solícitos em aperfeiçoar os nossos conhecimentos, dando-vos ensinamentos que os homens sem fé recusam receber!

Salve, Natal de Jesus!

PERSEVERANÇA E FÉ

O interesse que o Espiritismo vem despertando nestes últimos tempos, prenuncia o seu próximo triunfo.

Aumenta, realmente, progressiva e enormemente, a falange dos que, bem intencionados, prestam culto às verdades da doutrina dos espíritos.

A luta em que se empenha o materialismo para exterminar a preciosa semente que os "agricultores celestes" com tanto carinho vêm plantando no seio da humanidade, longe de esmorecer os propugnadores da crença na imortalidade, deve servir de estímulo para maior intensidade na propaganda inte-

ligente, edificante, firme, documentada, caridosa e justa dos princípios espiritualista.

Dizemos bem: “a luta em que se empenha o materialismo” — porque Espiritismo não dá combate à Ciência, antes, se regozija com os seus triunfos no plano físico, desejando-lhe ainda maiores vitórias no campo espiritual, que ela sistematicamente fecha os olhos para não ver.

Quanto mais rápida andaria ela, se não teimasse em fortificar cada vez mais a nefasta barreira que a separa do mundo invisível!

Vencer esse preconceito insensato, eqüivaleria a elevar-se rapidamente acima da vulgar sabedoria humana, integralizando-se no conhecimento íntimo, profundo, da “causa” e do “porquê” da vida!

E pensar, e saber que o Espiritismo pode rasgar à Ciência tais luminosos horizontes, dando-lhe a chave do Infinito!

Dolorosa contingência é recalcitrar contra Verdade!

.....

Esperemos, porém.

Nada pode impedir a grande ascensão dos espíritos para a Eternidade. A Ciência, que em seus maravilhosos estudos desceu ao “infinitamente pequeno”, subirá um dia gloriosamente ao infinitamente grande!

E compreenderá então a grandeza do Espiritismo!

COOPEREMOS!

A Verdade não pode ser tolhida em sua marcha. Debalde é tentar sufocá-la. Ela encontrará meio de se manifestar. A sua marcha nem sempre é veloz, mas é sempre firme e perseverante. Calma e progressivamente ela vai desfazendo as brumas que ensombram os horizontes da Fé em nosso minúsculo mundo, dissipando dúvidas, esclarecendo inteligências, preparando enfim o reinado do verdadeiro espiritualismo.

A imensa correspondência que do espaço, vem quotidianamente para o nosso planeta, demonstra o zelo, o carinho, a solicitude, com que os espíritos instrutores intensificam a propaganda da Verdade entre os homens, para que tenham um conhecimento perfeito daquilo em que devem crer.

Esperamos, pois, com fundamento, que a humanidade entre em vias de regeneração, para a conquista do seu verdadeiro destino.

Ponto essencial:

Nós, os que batalhamos nas fileiras espíritas, temos o dever de concorrer com o nosso, ainda que fraco, contingente, para esse levantar do véu que ensombra a Verdade na terra. Somos chamados a cooperar com os nossos irmãos do espaço, missionários da grandiosa tarefa!

Façamos, pois, conhecido o Espiritismo, propagando e exemplificando suas leis básicas — *igualdade, fraternidade, solidariedade universal*, e contribuiremos assim para o conhecimento da Verdade em nosso mundo!

ESCLARECENDO

Lembram-se de mim os meus bons amigos e estranham o meu silêncio.

Trabalho, meus amigos, trabalho!

Como vós, também eu luto!

Tenho sobre os meus fracos ombros grandes responsabilidades, resultante da tarefa aceita pelo meu espírito, em resgate das suas dívidas.

O cumprimento dessa tarefa reclama as minhas energias, exige todo o meu esforço.

O Asilo Espírita João Evangelista, cujo departamento infantil instalado em 13 de Maio de 1927 funciona à rua Visconde de Silva, 92, na Capital Federal, é a grandiosa obra inspirada pela Caridade, alimentada pela Esperança e realizada pela Fé.

Crianças desvalidas, sem lar, sem pão, sem luz, ali encontram o conforto para os seus corpos enfraquecidos, a instrução e o ensino moral para os seus espíritos, para que possam mais tarde, física e espiritualmente, colaborar na grande obra da fraternidade universal. O Asilo ensina essas crianças a serem unidas, como irmãos na terra e na eternidade. Todos nós, ali dentro nos ocupamos em auxiliar, um pouco que seja, o destino dessas almas encarnadas em corpos infantis, para que possam menos penosa e mais rapidamente alcançarem o alvo que se propuseram atingir, quando descerem à terra. Temos empenhado nessa missão altruística o nosso próprio futuro, porquanto, a sinceridade, a abnegação o amor e a perseverança com que dermos cumprimento a esse dever, marcarão o grau de evolução do nosso próprio espírito, no futuro além da morte!

Mas, disse o Divino Mestre, *o espírito é pronto e a carne é fraca.*

Se o nosso pensamento tem o poder de vencer distâncias, criar planos, formar idéias, com rapidez só dele próprio, o corpo físico, restrito às leis da matéria, conta as horas e os minutos pelo relógio do tempo na terra. . . E, na execução daquilo que a mente idealiza e o pensamento sugere, gasta (e ainda lhe fica faltando!) esse mesmo tempo, que não volta. . .

É assim que, desejando falar pelas colunas do nosso "Clarim", sempre tão pronto em transmitir a nossa voz, não o temos podido fazer, sempre chamada ao cumprimento de deveres de solução inadiável.

Espiritismo manda que trabalhemos para o bem do próximo. Quem não o faz, falta à lei de solidariedade universal.

Não tenho me esquecido de vós. Nem tenho me esquecido do "Clarim". Mas as contingências da natureza do trabalho em que estou empenhada absorvem todo o meu tempo.

Estou certa que compreendereis estas ligeiras explicações do meu prolongado silêncio e fareis mais ainda: — Auxiliareis com as vossas preces, com as vibrações do vosso pensamento, a execução da obra de Caridade concretizada no Asilo Espírita João Evangelista, confiado à minha fraca direção.

E vos agradeço.

EM TEMPO

Alguém chamou a minha atenção para o número do “Cristão”, jornal evangélico, de 31 de Outubro ultimamente passado, em cujo registro literário se encontram referências à minha humilde pessoa.

Não me foi difícil acertar de onde partiram tão imerecidas gentilezas, porquanto conheci de pronto a linguagem de quem as escreveu.

É essa a razão de correr pressurosamente a tranquilizar esse querido amigo, que tão penalizado se mostra da minha condição espiritual, quando se refere à consagração do meu “talento e cultura à ingrata causa do espiritismo”. (Sic).

Longe de levar a mal o seu zelo, eu busco esclarecê-lo nesse particular.

É certo que, com toda a sinceridade do meu coração militei nas fileiras do protestantismo, onde aprendi a estudar os ensinamentos do Divino Mestre, nas páginas benditas dos seus Evangelhos.

Jamais os meus lábios se abriram para dizer mal dessa igreja, que alentou os primeiros lampejos da minha fé.

Devo dizer, porém, ao meu ilustre patrício, que foi essa mesma igreja quem guiando o meu pensamento, a minha inteligência, salientando a responsabilidade da minha consciência, me apontou o dever de “examinar tudo e abraçar o que é bom”. Cheguei assim à conclusão de que o Espiritismo é a realização do verdadeiro Cristianismo.

E quer saber como cheguei a essa convicção?

Encontrando na Bíblia passagens como esta:

“Este é o Elias que havia de vir, (Math. 11:14) na qual o próprio Cristo nos revela a lei da reencarnação, um dos fundamentos básicos do Espiritismo. Deparando com passagens outras, em que se mostra patente a comunicação em que vivem os vivos da Terra com os chamados mortos, que outra coisa não são senões os vivos do outro plano.

Foi assim que, no Livro de Daniel cap. 9:21, encontrei estas palavras do profeta: — ... “o varão Gabriel, que eu tinha visto ao princípio, veio, voando rapidamente, tocando-me como à hora do sacrifício da tarde”. E adiante: “e me instruiu e falou comigo, etc”.

Por toda a parte, na Bíblia encontrei fatos espíritas, provas evidentes de mediunidade, tais como os chamados a Samuel no livro dos Reis, a voz que se fez ouvir no Batismo de Jesus (Evangelhos), Filipe, que repentinamente desapareceu aos olhos do eunuco, (Atos VIII), a inscrição, traçada por mão materializada na parede do palácio do rio Baltazar (Daniel V), etc. Iria eu longe se continuasse a apontar ao prezado amigo todas as citações bíblicas em que o Espiritismo se encontra patentemente revelado ao homem.

O meu amigo, no entanto, elabora num erro: Eu não atribuo a espíritos anônimos as comunicações que recebo. Estou convencida, e sei que afirmo uma verdade, quando asseguro que os espíritos que as subscrevem são de fato quem dizem ser. João é o discípulo amado do Divino Mestre; Thiago é igualmente um dos apóstolos de Jesus; Thereza de Jesus é realmente a beata do Carmelo, aquela que, quando Jesus andou neste mundo, se chamava Maria Magdalena; Pedro assina-se claramente o apóstolo do Senhor. E assim por diante, todos os

mais, são de fato aqueles que dizem ser. Diz o meu bondoso amigo que “esses dizeres são resultantes da minha inteligência e aprendidos no tempo em que estive com o povo de Deus, etc”

Em primeiro lugar — e sem injúria — não são só os crentes protestantes o povo de Deus. . .

A alta espiritualidade do Cristianismo não comporta este sectarismo estreito. Filhos de Deus, e por conseguinte seu povo, são todos os homens, sem distinção de crenças, nem de raças, ou preconceitos quaisquer.

Há, sim, filhos humildes, devotados ao amor do Pai, e filhos, rebeldes, ingratos, afastados da sua Lei. Mas todos são filhos do mesmo Pai, todos são “Povo do mesmo Deus”.

Terminando, não quero deixar passar sem apreciação o trecho de uma daquelas comunicações que mais escandalizou o meu amigo.

Encontra-se ele na comunicação de Richard, página 22 do Livro Do Além, 3º fascículo, e reza assim: — “Maria, nossa Mãe Santíssima, agasalhe e proteja a todos nós e Deus vos abençoe, amigos e companheiros”.

Pergunto ao meu caro amigo que analogia encontra nestas palavras com os ensinamentos protestantes?

Certamente, absolutamente nenhuma.

Como pretende, pois, que elas sejam a resultante do meu aprendizado em sua igreja, quando sabe tão bem quanto eu que o protestantismo não podia de forma alguma ter inculcado esta idéia no meu cérebro? É sabido por todos que conhecem ainda que superficialmente essa doutrina, que ela nega à Virgem Maria toda e qualquer interferência nos planos de Jesus, chegando ao ponto de lhe procurar arrancar a glória que o próprio Deus lhe concedeu de ser mãe do Cristo do Senhor!

Pois se eu aprendi isto no seio do protestantismo, como posso, lançando mão dos conhecimentos adquiridos na comunhão do *povo de Deus*, externar por essa forma completamente antagônica esses mesmos conhecimentos?

Não, meu querido patrício, o senhor enganou-se.

Aquelas comunicações são verdadeiramente autênticas, como também o são outras muitas que Deus tem me feito a graça de permitir receber. Elas são a reprodução fiel do pensamento que as ditou, isto é, dos espíritos que as subscreveram — e não o reflexo das minhas próprias idéias.

Não é digna de lástima a minha condição espiritual. . .

Longe estou daquele grau de espiritualidade que um dia espero em Deus alcançar, mas, na minha fraqueza, desejo e procuro servir a Deus com todo o meu coração, com todas as minhas, forças, proclamando as verdades espíritas contidas nos Evangelhos de Jesus e pondo em prática pela dedicação ao trabalho, isento de qualquer interesse material, esses mesmos ensinamentos que os lábios apregoam.

Ao meu querido amigo e distinto conterrâneo, paz e luz!

LEI ÁUREA

Nada mais belo, mais consolador, em Espiritismo, do que a lei que revela a sucessão das existências terrenas, pelas quais o espírito prepara o seu destino no futuro. Dela decorre a íntima solidariedade que deve existir entre os homens, verdadeiramente irmãos entre si, filhos do Pai Universal, Deus.

O ideal religioso é aproximar-se o homem do seu Criador e, à realização justa dessa aspiração, só um caminho conduz, — o amor.

Só ele é forte bastante para extinguir o ódio e a inveja, origem de tantos desassossegos, causa de tantos males.

A fé espírita que não se firma no amor fraternal não é sólida. Está exposta a baquear de um momento para outro, pela fragilidade do seu alicerce.

A lei que justifica a pluralidade das existências do espírito, fortifica os laços de amor fraterno que deve existir entre os homens.

Quantas revelações nos têm misericordiosamente vindo do espaço provando a ligação íntima que no passado tivemos com outras criaturas, a quem na vida presente não nos prende laço material algum!

A esses espíritos nos ligam laços eternos, que força humana nenhuma consegue destruir! São almas que se encontraram em circunstâncias por Deus determinadas, seguindo uma a outra nas consecutivas existências materiais, sustentando-se, apoiando-se mutuamente, realizando juntas o progresso necessário à sua purificação. Sobre o seu amor vela a Providência Divina, para que não se afastem do cumprimento do dever, da justiça e da verdade. Quando para acelerar a marcha desse progresso se torna necessário os separar temporariamente, Deus o faz e então voltam à terra materialmente separados um do outro. Essa separação, porém, é limitada. Novamente se encontrarão no espaço essas almas irmãs e juntas passarão em revista o passado das suas anteriores existências, analisando os seus menores atos, os mais secretos pensamento. . .

Ao fim de múltiplas existências em que o seu amor a Deus tenha sido posto à prova nas diversas condições transitórias do plano material, como sejam, a penúria, o sofrimento físico, os pesares de ordem moral o sacrifício de si mesmos, a abnegação, as tentações da riqueza e glória do mundo, e tantas outras experiências desta vida, essas almas felizes, vitoriosas nas lutas contra os empecilhos do seu progresso, se elevarão juntas para o Eterno, cantando hinos em louvor do seu Deus, prontas a cooperarem com Ele na obra universal da ascensão dos espíritos.

A doutrina espírita, pela lei das reencarnações, nos mostra em seu justo valor a razão de ser das cousas da terra. Graças a ela nos compenetrámos do verdadeiro destino dos nossos espíritos e nos preparamos serenamente para, quando soar nossa hora, penetrarmos tranquilos nas regiões ultra-terrestres, moradas dos espíritos felizes.

Glória a Deus, supremo Criador do Universo, que tudo fez com justiça, amor e sabedoria.

O MUNDO OCULTO

A ação crescente do Espiritismo moderno prepara os corações para o advento da fé universal.

Como um foco poderoso de luz vivificante ele iluminará as consciências despertando-as para uma nova vida.

A figura salvadora do Cristo ressurgirá desse abandono em que a inconsciência do homem a tem mergulhado, oferecendo à humanidade sofredora o pensamento sem véu da sua doutrina grandiosa.

A atenção do homem tende a voltar-se para o Cristo pela atração irresistível dos espíritos superiores agindo em prol da sua salvação.

Debalde ele procura resistir a esse chamamento da consciência que intimamente clama, rebatendo o seu orgulho, mostrando-lhe o perigo a cuja borda se coloca voluntariamente.

A precisão deste movimento progressista já há muito vem sendo feita pelos mensageiros do Senhor que vêm com segurança o tempo em que esta reação se tem de produzir.

O progresso intelectual do homem, até hoje realizado eficientemente, não basta para assegurar a evolução do espírito. Para o garantir é indispensável o aperfeiçoamento moral que opera uma mudança radical de sentimentos no íntimo da criatura. Essa reforma interior poderá ser realizada pela assimilação dos ensinamentos de Jesus, posto por Deus diante dos homens como modelo divino, a quem devemos imitar em todos os atos da presente vida, sabendo muito embora, que nós só poderemos atingir um dia a uma perfeição relativa, — aquela para a qual fomos criados por Deus, conforme nô-lo ensina Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita (Gênesis XI:9).

Os mensageiros do Senhor revivem à nossa memória as palavras do Divino Mestre, tão verdadeiras hoje como no passado, fazendo-nos sentir que elas contêm o pensamento de Deus como base dessa doutrina indestrutível, que encaminha os seres para a felicidade eterna.

Esse mundo oculto, que habita o invisível, do qual recebemos os supremos ensinamentos, rasga para o pensamento humano novos horizontes à fé, destruindo os erros, as falsas interpretações dadas pelo homem à palavra de Jesus e, após essa crise temerosa que atravessa o planeta, surgirá vitorioso o Espiritismo Cristão, em toda a sua singela pureza dos primitivos tempos.

ONTEM, HOJE, AMANHÃ

Cogitam os grandes espíritos, sempre em colaboração constante com o Divino Mestre, de nos fazer participantes da Luz e da Verdade. A sua vontade, orientada pela caridade que lhes é peculiar, nos impele com suavidade para os caminhos que nos podem conduzir para a LUZ e a VERDADE. Missionários devotados ao Bem, seus pensamentos vibram sobre nós, intentando desfazer as brumas da nossa ignorância, procurando abrir os nossos corações às influências

do Alto. Essas vibrações, esses fluxos de vida espiritual constantemente focalizados sobre nós, retemperam os nossos espíritos quando nos sentimos isolados na terra, à mingua de sentimentos simpáticos.

A terra nos dá dias tristes, amargurados, cheios de lutas, pesares, sofrimentos, aos quais fazem jus as nossas culpas do passado. Somos calcetas do pecado: Suportamos HOJE as conseqüências desse ONTEM que se perde na noite dos tempos. Mas a bondade dos nossos amados protetores dulcifica o cálix desta existência, que sustentam em suas caridosas mãos para que o possamos sorver até o fim sem vacilar.

E murmuram docemente aos nossos ouvidos, envolvendo-nos no aura santo do seu amor.

— “Coragem, filho! ONTEM, pecado; HOJE, a expiação... AMANHÃ, a LUZ, a VERDADE!”

(AURA CELESTE)

PALAVRAS ESPÍRITAS

Em torno do ideal cristão,
à luz das novas revelações

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Rio de Janeiro
1924 - 2016

Meus caros amigos e confrades:

A vós é confiada a apreciação deste livro, cuja publicação não visa o meu próprio interesse material, mas o desejo sincero de contribuir com um pequeno óbulo para o patrimônio do Asylo Espírita João Evangelista, recentemente fundado nesta Capital e, cuja direção imerecidamente me foi confiada.

As palavras que ides ler já vô-las disse eu, em público, das tribunas das nossas agremiações espíritas: Federação Espírita Brasileira, Abrigo Thereza de Jesus, União Espírita Suburbana, etc.

As deficiências sensíveis deste trabalho perdoareis, sem dúvida, atendendo à sinceridade da intenção: o desejo ardente de levantar, o mais alto que as minhas possibilidades o permitirem, a causa santa do Espiritismo. E como tenho firme a convicção de que o Espiritismo não é unicamente ciência mas igualmente religião, subordinei o assunto destas modestas palestras ao tema que em verdade as inspirou: O ideal cristão.

Possais vós descobrir nestas humildes palavras a sinceridade dos meus sentimentos para convosco.

AURA CELESTE

Rio, 1924.

Ide por todo o Mundo,
pregai o Evangelho a toda
a criatura. (Jesus)

MARCOS XVI-15

Ninguém pode pôr outro
fundamento senão o que foi
posto, que é Jesus Cristo.

I^a. CORÍNTIOS III-II

AS VITÓRIAS MORAIS

(Em 13 de Agosto de 1922, na Federação Espírita Brasileira.)

Horas de desespero, de angústia, de ansiedade extrema fizeram estalar de dor os corações maternos, os corações das esposas, os corações dos filhos do nosso amado Brasil, quando, em dias proximamente passados, nos encontramos em face dos acontecimentos sangrentos de que foi teatro esta cidade.

Nesses dias de sobressalto geral para as famílias, encontrava-me eu diante de uma provaçãõ dolorosa, uma das mais difíceis em que a misericórdia do Senhor me colocou! Meu pai gravemente enfermo, ia pouco a pouco alcançando o termo de sua peregrinaçãõ terrena, num sofrimento torturante, graças a Deus pacientemente suportado. Nem tempo tinham os meus lábios de balbuciar uma prece... Apenas o pensamento se mantinha em oraçãõ constante... E, diante daquele espetáculo de morte, patente aos meus olhos noite e dia, morte resignada e serena daquele que encara o terminar desta existênciã transitória como o alvorecer da vida real que desponta, eu sentia o meu coraçãõ cerrar-se de dor ao pensar na morte inquietadora e sem esperança dos que perdem a vida no ardor da peleja, cheios de ódio contra o seu semelhante, sedentos de sangue, afastados voluntariamente do amor de Deus!

Lamentava com toda a sinceridade da minha alma a insensatez do homem que, abandonando os privilégios santos do espiritualismo cristão, assim se deixa arrastar na onda impetuosa das paixões do mundo, ambicionando honras, riquezas e glórias que o *ladrão rouba e a ferrugem consume!* E então aos meus olhos, pela misericórdia do Senhor, desenhou-se no ambiente que me rodeava, a vidência clara, nítida e perfeita que passo a vos descrever: —

— Vasto campo verdejante e fresco. Por cima a abobada anilada do firmamento... Nuvens brancas como neve ali e além... Ambiente puro e sossegado convidando à meditaçãõ das cousas santas... Rebanho manso e ordeiro tranqüilamente pastava. Pastores deitados sobre a relva, braços cruzados sob a cabeça, sonolentos entregavam-se à doçura dessa quietude aprazível. Sobre as suas cabeças, pouco a pouco se foi formando um arco, no qual, em letradas de ouro, lia-se nitidamente: "Bem-aventurados os mansos porque eles herdarão a Terra".

Súbito, perturbando aquela paz suave, nuvem escura se foi avolumando do lado do sol poente. Essa nuvem cresceu, bipartindo-se num dado momento. Agora eram dois colossos escuros que, a passo igual se aproximavam do rebanho, que tranqüilamente pastava.

Fixei a visãõ procurando compreendê-la melhor e, — eis que vejo do seio de cada uma dessas colunas tenebrosas surgirem dois monstros, cujas formas medonhas não posso descrever fielmente.

Eram dois de cada coluna, — ao todo quatro monstros hediondos, de fauces escancaradas, formas horríveis, membros agigantados. Dois deles vomitavam sangue e fumo, que engoliam sofregamente, no mesmo instante em que os vomitavam. Sobre as suas cabeças lia-se em letras garrafais: "Egoísmo e Inveja".

Os dois outros lançavam das suas enormes gargantas escancaradas caudais de ouro, que igualmente reabsorviam, sem jamais se saciarem.

Sobre as suas monstruosas cabeças lia-se: “Devassidão e Orgulho”. Esses quatro monstros se encaminhavam, cheios de ódio, para o rebanho, confiado à guarda dos pastores adormecidos, como se aquela paz, inocentemente gozada, lhes acendesse mais o furor. Então, do lado de onde nasce o sol, eis que um toque de alvorada se faz ouvir. Mensageiro Celeste baixa em nuvem purpurina.

As suas vestes diáfanas deixam à mostra as suas esculturais formas. Uma varinha de metal traz e, com ela, toca a fronte dos pastores adormecidos. Hei-los que despertam e vêem o perigo que os ameaça. O mensageiro do Senhor unge-os com a sua graça e, impávido, sereno, com o braço erguido lhes aponta a peleja contra as forças do mal que rugem ameaçadoras... Trava-se a luta, cuja duração não posso precisar com exatidão, porque a fraqueza da minha carne obscureceu por momentos a clarividência do meu espírito.

Ouvi em seguida uma voz suave e doce, que me dizia:

“Acaso temes tu que as forças do mal sobrepujem as do Bem? Abre os teus olhos e vê...”

Fixando então novamente a visão, eis que o vi: — Jaziam por terra, acorrentados, os quatro monstros do mal, impossibilitados por completo de exercerem a sua ação funesta.

O mensageiro do Senhor desfraldava glorioso estandarte, onde em letras de ouro se lia: **“Bem-aventurados os limpos de coração porque eles verão a Deus”**.

— Lentamente, se foi desfazendo esta visão, cuja interpretação muito me tem preocupado e deixo ao vosso amor e cuidado elucidar.

—

Meus amigos, acontece comigo o que certamente acontece com todos aqueles a quem o Senhor tem concedido o dom da mediunidade. Parte da minha vida se desenrola no cenário comum da existência humana, isto é, no mundo físico em que nos encontramos; outra parte se realiza além da Terra... Onde?

— Não posso precisar bem, mas sei que o meu espírito vai, vai e vive por instantes longe, muito longe do nosso mundo terrestre. Nesses momentos felizes, quadros belíssimos me são revelados, paisagens encantadoras, alegorias significativas, que o meu cérebro não sabe compreender e muito menos revelar com exatidão. E, quando, pela misericórdia do nosso Deus, assim nos é permitido penetrar um pouquinho além do véu que mais tarde, um dia, certamente será rasgado aos nossos olhos, como nos sentimos pequeninos, atrasados em nosso progresso espiritual! Como nos sentimos entristecidos ante a pobreza moral que nos circunda! Então toda a miséria humana nos é patente e lamentamos o tempo que deixamos correr sem aplicarmos todas as nossas forças, toda a nossa inteligência à conquista das vitórias morais, aquelas que dignificam o nosso espírito, preparando-o para o conhecimento do verdadeiro, do belo!

— Meus amigos, por que não havemos de lutar para sermos bons? Nossa alma não foi feita só para descobrir a verdade por meio do raciocínio; ela foi feita também para admirar e amar o bem, aproximando-nos, desta forma, do Divino Modelo que o Criador nos pôs diante dos olhos. E, tanto mais pura será a nossa alma, quanto mais visível fôr nela a impressão que deixar essa imagem celeste. Jesus Cristo nos diz: “Amái-vos uns aos outros” — e no entanto, o ódio avassala o coração da humanidade. Ele nos diz: “Que a vossa palavra seja sim, sim, não, não” — isto é, não mintais, — e no entanto, mentem os homens diariamente. Cristo nos diz: “Amái aos vossos inimigos, abençoai aos que vos amaldiçoam” — e no entanto diariamente calcam os homens aos pés este mandamento, tomando vingança daqueles que os ofendem.

E, quantos mandamentos outros do Senhor, cuja observância menosprezamos todos os dias!

Meus amigos, o nosso orgulho o nosso egoísmo são a causa dessa desobediência constante aos preceitos do Divino Mestre.

Torna-se necessário negarmo-nos a nós mesmos, se quisermos segui-lo, obedecendo às suas leis santas. Nada neste plano físico, se obtém sem luta, sem esforço, sem trabalho. As grandes conquistas custam grandes sacrifícios, anos de labor insano.

Como poderemos nós, pois, esperar que as mais difíceis vitórias, as vitórias morais, não nos custem muito a ganhar?

Lutemos conosco mesmo para vencer as nossas inclinações malévolas; o nosso orgulho, o nosso egoísmo, esforcemo-nos por vencer, por aniquilar, custe o que custar. São estes pecados hediondos que nos separam do nosso Deus. O aperfeiçoamento das qualidades boas que em nós existem em gérmen, é um dever sagrado. Nosso espírito tem necessidade de nutrição constante como o nosso corpo físico necessita de alimento material para o seu desenvolvimento. Ele necessita de crescer, evoluir, e, para esse fim deve assimilar o Bem, a Verdade, a Luz, elementos essenciais ao progresso de sua vida superior.

Da mesma maneira que do alimento material expurgamos cuidadosamente tudo quanto é nocivo à saúde do organismo físico, assim também, do alimento espiritual devemos excluir tudo quanto concorrer possa para o envenenamento das qualidades morais, patrimônio do espírito.

A doutrina que abraçamos, o espiritismo, à lua da Nova Revelação, graças ao Senhor ganha terreno dia-a-dia. Pela imprensa, pela pregação inspirada, diariamente se levantam novos obreiros a proclamar as suas verdades. Por seu turno, os nossos Guias do espaço continuamente nos trazem as suas instruções para a boa marcha do trabalho evangelizador. É animador igualmente o esforço material que fazemos para pôr em prática a Caridade Cristã. Sanatórios, asilos, escolas, abrigos para a infância e para a velhice desamparada possuímos, embora alguns ainda em projeto e em pequeno número. Motivos temos portanto para estarmos satisfeitos conosco mesmos, pelo nosso esforço, naquilo que já temos realizado. No entanto, há um desgosto permanente, não quero dizer uma tristeza, no nosso íntimo: — o desacordo de cada um consigo mesmo...

De que provém este pesar?

— Da certeza que temos de não estarmos, conforme o Mestre o ordena, em perfeito estado de caridade e humildade cristã.

Acudimos aos desvalidos na medida das nossas forças, pregamos incessantemente a doutrina que nos salva, exercemos a nossa atividade nos diversos ramos em que essa doutrina se multiplica, mas ainda não vencemos o nosso *Eu*, o inimigo mais terrível que nos ameaça, insuflando-nos sentimentos de orgulho, de inveja e ambição.

— Meus amigos permiti-me que, com a melhor intenção, eu vos concite neste momento a que, com maior dedicação e firmeza de vontade nos dediquemos hoje ao combate decisivo, sem tréguas, aos inimigos que buscam a todo transe destruir a nossa paz interior, o sentimento da fraternidade cristã que nos deve unir uns aos outros, a realização enfim da verdadeira vida que deve distinguir o crente espírita dos seus irmãos de outros credos. Esses inimigos, tão bem assinalados na vidência que vos descrevi há pouco, são como a espada de dois gumes, pois, ferindo ao nosso próximo, igualmente retalham os nossos próprios corações e sentimentos. Nessa batalha incessante da virtude contra o vício, certo não nos faltará o auxílio, o amparo dos nossos protetores do espaço, se com humildade e sincero desejo procurarmos ser fiéis a esses grandes espíritos, cooperando na sua obra de renovação e transformação. Oh! Eles nos mostrarão alguma coisa acima de nós mesmos, dos nossos interesses materiais: a paz da Justiça Divina!

— Como é grandiosa e bela a vitória do homem sobre si mesmo, dominando, pelo poder do Espírito do Senhor, as suas tendências malignas, os vícios que maculam a pureza da sua alma, que Deus criou para o bem, para o amor, para a luz! No dia em que os homens combaterem em si mesmos esses males interiores com o mesmo ardor com que manobram canhões e fabricam instrumentos de morte, destruirão prontamente as barreiras morais que os separam. Contribuamos, meus amigos, quanto em nós couber para que as conquistas do homem no campo espiritual substituam em breve tempo as vitórias fratricidas. Procuremos ganhar esses louros imperecíveis das vitórias morais, esses sim que não maculam a pureza das nossas almas, porque são puros, aceitáveis aos olhos de Deus.

Exerçamos uma vigilância constante sobre nós mesmos, porque a nossa atenção assim dirigida nos fará descobrir o esconderijo onde se ocultam os perniciosos germens do mal, afim de que os possamos exterminar.

Um grande espírito, que viveu na América e que, segundo revelação do Alto, atualmente se encontra encarnado no nosso país, Benjamin Franklin, costumava fazer todos os dias o exame da sua consciência, anotando cuidadosamente cada falta cometida contra as virtudes que desejava cultivar.

Ele seguia, na ordem moral, o exemplo que nos interesses materiais nos dão aos que querem fazer fortuna. Assim como o negociante inteligente procura saber com exatidão o estado dos seus negócios, assim ele procurava saber todos os dias quais as perdas ou os ganhos morais que auferia.

Benjamin Franklin procurou sempre, desde a sua mocidade, aperfeiçoar o seu caráter. Ele nos aconselha a procedermos sempre de tal forma, que os nossos atos possam ser apontados, como regra, a todo o ser racional. Seu exemplo é digno da nossa imitação.

Já que neste momento vos confiei a revelação que me foi feita sobre este grandioso espírito, Benjamin Franklin, consenti que vos dê igualmente uma outra notícia grandemente auspiciosa para o nosso estremecido Brasil: — Permitiu o Senhor que em terra brasileira encarnasse recentemente o esclarecido espírito do maior dos pregadores religiosos, que outrora o nosso mundo ouviu: — o Padre Antonio Vieira.

Tenho sempre presente em memória aquelas suas palavras proferidas em um dos seus eloqüentíssimos sermões:

“Pois se a palavra de Deus é tão poderosa, se ela tem hoje tão grande número de pregadores, por que não vemos nenhum fruto da palavra de Deus? —”

Ele via com tristeza, aquele esclarecido espírito, que, não obstante a constante pregação dos lábios em tempo, e fora de tempo, — o coração dos tais a quem ele se referia, se mantinha estranho, indiferente aqueles arroubos de imaginação. Eles não praticavam a doutrina que pregavam, como ainda hoje nós não praticamos aquela que pregamos com tanto entusiasmo.

O exemplo, o exemplo é tudo!

Vivamos uma vida cristã, consoante os preceitos do Divino Mestre, de acordo com a beleza e a harmonia das teorias santas que pregamos com os nossos lábios e semearmos com proveito, então, a palavra santa do Espiritismo Cristão, porque o povo está ansioso, sedento *da água da vida*. O povo quer a verdade, mas não só pregada dos púlpitos e das tribunas, mas a verdade exemplificada aos seus olhos, clara como a luz do dia, límpida como a água mais pura.

S. Paulo, repreendendo os judeus, na carta escrita aos Romanos, assim se exprimiu:

“Tu, que ensinas os outros, não ensinas a ti mesmo?”

“Tu que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei?”

Com maioria de razão, meus amigos, a nós deve ser aplicada a severidade do Apóstolo, porquanto, depositários das verdades eternas, pela revelação dos espíritos superiores, pregamos com os nossos lábios e publicamos essas mesmas verdades, ao passo que com os atos que praticamos na nossa vida de relação damos um desmentido formal àquelas virtudes que procuramos inculcar nos outros. Todas estas cousas acontecem porque, mau grado todo o nosso bom desejo, ainda moram dentro de nós aqueles monstros malignos — egoísmo e orgulho.

Há uma tendência na família espírita de lançar sobre os desencarnados a culpa dos males que os afligem, dos erros que cometem, mormente quando esses desvarios são praticados por pessoas que lhes são muito queridas.

Eu não pretendo negar a influência que sobre nós exercem os espíritos inferiores, fato muitas vezes comprovado na vida prática, dando causa a deploráveis casos de obsessão, origem de tantos crimes, como suicídios, assassinatos, nos quais o infeliz delinqüente é um mero instrumento do espírito

das trevas, que o faz agir impellido por uma força estranha de que não pode se libertar.

Mas, daí a atribuir aos espíritos inferiores toda a responsabilidade das nossas más ações, há notável diferença. É um grave erro em que muitos dos nossos irmãos incorrem freqüentemente. Este abuso, meus amigos, está se tornando demasiadamente sensível entre nós, para podermos duvidar sinceramente das suas lamentáveis conseqüências.

Muitos pais deixam de corrigir em seus filhos tendências que revelam para o mal, hábitos perniciosos, que mais tarde, certamente darão resultado funesto, porque — no seu modo de entender — essas crianças não agem por conta própria; são induzidas a praticar tal ou qual ação pela influência dos espíritos obsessores.

— Meus amigos, ensinemos aos nossos filhos que Deus está perto deles em todos os instantes da sua vida, testemunhando todas as suas boas e más ações. Enchemos os seus corações, enquanto se acham puros, de bons sentimentos, de amor à virtude, de horror ao vício. Procuremos fazê-los compreender que são eles próprios os responsáveis pelos seus próprios atos, deixando o mau hábito de atenuar-lhes a culpa, repartindo-a sempre com outros.

Não nos esqueçamos de que as faltas leves, desprezadas, ocasionam outras mais sérias; estas, arrastam a outras mais graves, e assim sucessivamente chegará a criança a endurecer o coração de tal forma, que a iniquidade permanente será o seu estado moral habitual — quando se tornar um homem feito.

Ensinemos-lhe desde cedo a sujeitar todas as suas paixões ao domínio da virtude, porque só esta pode deter a vontade, contendo-lhe até os mínimos desejos.

Grande é a nossa responsabilidade perante Deus pela direção que damos às crianças.

Escusado se torna declinar dessa responsabilidade, atirando sobre os nossos pobres irmãos desencarnados a culpa da nossa negligência, da nossa imperdoável fraqueza, quando fugimos ao compromisso que assumimos para com Deus, de dirigir pelo caminho da virtude aqueles que por Ele são confiados ao nosso amor e cuidado. Extinguir o vício, alimentar a virtude — eis a grande vitória moral!

— Evitemos, porém, cuidadosamente o simulacro da virtude para não descermos à hipocrisia.

Procuremos adquirir e praticar a realidade da virtude e não a sua aparência, para que não sejamos do número daqueles a quem o Divino Mestre chamou de "*sepulcros branqueados*".

— De nada vale essa piedade falsa, demonstrada no rosto por uma expressão de beatitude vaidosa, quando o nosso interior está cheio de sentimentos inteiramente opostos àquela humildade que desejamos os outros creiam existir em nós. Sejamos verdadeiros, religiosamente cristãos, dando exemplos de caridade e humildade na nossa vida diária, quer dentro das nossas casas, quer entre os nossos amigos, quer na sociedade em geral.

Trabalhem com enérgico fervor pela destruição do vício, pela vitória da virtude. Sejamos na realidade espíritas cristãos, pautando todos os nossos atos pela moral dos santos evangelhos de Jesus.

Vivamos numa palavra — vida espírita — pela liberdade, pelo direito — pela razão, pela moral do Cristo!

Ajudados por Ele, conquistaremos as mais belas vitórias: As vitórias do espírito! — As vitórias morais!

EXPERIÊNCIAS

(Em 22 de Outubro de 1922, na Federação Espírita Brasileira).

A gentileza e amabilidade do nosso ilustre confrade que preside esta sessão hoje, em convidar-me para ainda uma vez entreter convosco familiar palestra, é a razão de encontrar-me diante de vós neste momento, ocupando indevidamente a vossa atenção. Não venho vos doutrinar, meus amigos; falta-me para isto competência. Venho, sim, trazer-vos as minhas experiências, relatar-vos aquilo que comigo se tem passado no exercício das faculdades mediúnicas que o Senhor, em seus sábios desígnios, ordenou-me pôr em atividade. Pregadores tendes vós, abalizados, devotados, à causa do Evangelho de Cristo, que, ocupando esta tribuna, vos trarão esclarecimentos que ilustrem os vossos espíritos, esclarecimentos esses colhidos no estudo aprofundado da doutrina do espiritismo à luz da Nova Revelação. A eles, pois, o laborioso encargo de dirigir a vossa mente na compreensão exata das cousas transcendentais que desejamos todos aprender.

Mas, como a seara é muito grande e a variedade do trabalho não é menor, há serviço para todos, bem como para cada um em particular. Este, que tem o dom da palavra, dedicará à pregação da doutrina salvadora toda a pujança do seu talento oratório. Aquele, cuja habilidade consiste em manejar com inteligência e critério a arte de escrever, aproveitará esse dom que o Senhor houve por bem conceder-lhe, em divulgar pela imprensa as verdades contidas na Revelação do Espiritismo Cristão. E assim como estes, muitos mais, cada um no limite da sua vocação, exercerá a sua atividade, dentro do círculo das suas possibilidades.

Magnificentíssima bondade do Criador, que permite tomemos parte positiva na execução do plano magistral que Ele concebeu para a evolução dos nossos espíritos!

Assim, àquele a quem faltam os predicados da inteligência concede o Senhor muitas vezes a mediunidade, para que, no exercício dessa faculdade, possa também utilizar o seu esforço, em benefício próprio e dos seus irmãos, em qualquer ponto do Universo.

Devemos, pois, todos nós, concorrer para o maior desenvolvimento e divulgação possíveis, dos santos privilégios que a nossa fé nos revela, contribuindo com toda a boa vontade para o desempenho daquilo que a nossa tarefa nos impõe.

Na obrigação que me cabe de dar cumprimento à pequena parcela que me tocou na distribuição do trabalho da seara do Senhor, apresento-me diante de vós, não como oradora ou conferencista, pois não me acuso desta pretensão, mas como humilde operária dessa seara bendita, trazendo ao vosso conheci-

mento algumas das experiências obtidas no gozo dessa mediunidade que o Senhor me confiou.

Não entrando, portanto, no campo filosófico e doutrinário do Espiritismo, segundo as razões que acabo de vos expor, eu começarei a narrativa dos fatos que desejo trazer ao vosso conhecimento, porque, — “nada há como o fato”, conforme assevera digno e experiente confrade nosso.

Conheceis, meus amigos, por experiências comprovadas, a eficácia dos passes mediúnicos nos casos vários de enfermidades físicas e morais.

Certo tendes testemunhado quantas vezes um pobre enfermo cheio de dores, as sente aliviadas pela simples imposição das mãos de um médium bem assistido.

Múltiplos são os exemplos dos bons efeitos desse passes em casos de paralisias, hemoptises, convulsões, acesso violentos de febre, — e até em cegueira!

O nosso bondoso Guia Thiago, em sua carta intitulada Epístola Universal, diz, no capítulo 5, vers. 14-15, que, estando alguém doente, “reunamo-nos ao pé dele e oremos, porquanto a oração da fé salvará o doente e o Senhor o levantará”. Assim tenho constatado por diversas vezes, meus amigos. Estando eu em visita a amigos enfermos, em estado grave, quando a ciência já tem lançado mão dos últimos recursos para debelar o mal que os consome, eis que vejo, no silêncio que é natural haver ao pé dos leitos mortuários, e na penumbra que circunda o ambiente, destacar-se uma faixa luminosa, que, pouco a pouco, se salienta, do centro da qual surge então a aparição celeste que, aproximando-se da cama, onde jaz o enfermo, sobre ele ergue a destra luminosa, da qual se desprendem os raios vivificadores, que, perpendicularmente atingem o sofredor. Descrever-vos a expressão beatífica do mensageiro do Senhor, quando em prece fervorosa roga ao Divino Mestre lhe conceda o poder de transmitir o fluído regenerador da alma e purificador do corpo ao seu irmão da Terra, que passa talvez o transe último da sua peregrinação, oh! meus amigos, não poderia eu fazê-lo, nem creio que nenhum de nós o pudesse, com exatidão, porque a linguagem humana é diferente para traduzir sentimentos dessa natureza. Quero referir-vos um caso há poucos meses passado na residência de pessoas das minhas particulares relações.

Estava enfermo, em estado gravíssimo, o chefe dessa família, que por longos meses sofria atrozmente, não obstante todo o desvelo dos seus médicos assistentes e de sua devotada esposa. Fomos visitá-lo, em cumprimento ao nosso dever de amigos. Encontramo-lo prostrado no leito, articulando mal a palavra, sem forças, esperando a morte, no seu dizer. Mentalmente elevei o pensamento ao Médico das Almas, invocando a sua caridade infinita em favor do nosso pobre amigo. Em poucos momentos surge a aparição celeste, conforme vos descrevi há pouco, faz a prece santificada, estende a mão sobre o enfermo, que permaneceu calmo, ignorando o que se passava.

Afastamo-nos do seu quarto, e, de uma pequena sala ao pé, o observamos facilmente. Surpreendeu a todos, menos a mim — devo dizê-lo em verdade, vê-lo erguer-se, levantar-se em seguida e sentar-se numa cadeira de balanço a dois passos da cama, e aí permanecer, sentindo-se bem. Soubemos posteriormente que, no dia imediato, ele, o enfermo quase agonizante na véspera, sentira-se com forças bastantes para pedir um automóvel e ir pessoalmente despedir-se de uma pessoa amiga, longe da sua casa. Lá chegan-

do, declarara a essa senhora que sabia perfeitamente que ia morrer, mas que não queria partir sem dizer-lhe o último adeus. Voltou para sua casa e ainda permaneceu neste mundo alguns dias, passados os quais partiu para o Além.

Fatos desta natureza, verificados constantemente no meu modesto trabalho mediúnico, robustecem a minha fé, alentam a minha esperança, trazendo-me a certeza absoluta de que a proteção divina nos assiste, apesar da nossa pobre inferioridade moral; e eu vô-lo trago para que a vossa confiança e amor cristão cada vez mais cresçam e se fortifiquem. São esses exemplos palpantes, essas provas reais do amor de Deus, que o mundo não conhece, mas que Ele se compraz em revelar aos pequeninos e humildes.

Um outro fato, igualmente impressionante e belo contar-vos-ei, para evidenciar mais uma vez pela prática aquilo que a teoria vos tem tantas vezes sabiamente ensinado. Foi-me enviado o nome de um estrangeiro, residente há muito nesta Capital, doente, em estado de grande infiltração e abatimento físico, para que o médico do espaço lhe fizesse a caridade de dar uma receita.

Ele bondosamente, atendeu o seu novo cliente e diagnosticou: — Aneurisma da aorta abdominal.

Obedeci, enviando-lhe a prescrição para o alívio dos seus padecimentos, certa, porém, de que o seu mal era incurável.

À noite, quando todos em casa sossegadamente dormiam, pensava eu no pobre doente e, na minha súplica última daquele dia, apresentei o seu nome ao bondoso Guia que me assiste, sabendo então, nesse momento, que nele se manifestaria o poder de Deus para dar maior firmeza à minha fé.

Dias se passaram, quando tive conhecimento do que sucedera ao feliz sofredor: Repousava ele um pouco dos seus acessos de dispnéia afrontosa, quando, semi-sonolento, viu aproximar-se da sua pessoa alguém, que passando-lhe a mão pelo corpo, parecia querer arrancar o que que fosse. Sobressaltou-se, pensando tratar-se de algum desocupado que lhe quisesse subtrair qualquer coisa de valor e, em mau português, perguntou: — “Quer roubar?” Então pode ver que “era uma moça” (é esta a sua própria expressão) bonita, vestida de branco, que desapareceu misteriosamente, depois de lhe haver passado as mãos pelo corpo inteiro. Sentiu-se bem, e, quando dias depois apresentou-se ao nosso amigo, que me havia recomendado, estava são, bem disposto pronto para o trabalho. Ainda hoje goza excelente saúde. Para vos dar o testemunho da sua confirmação ao fato que vos relato, não tenho dúvida em vos declarar o nome do nosso amigo, se assim o quiserdes. Devo dizer-vos — nem ele, nem o paciente são espíritas.

Posso vos dizer, para melhor compreensão do fato, que essa moça a quem se referiu o enfermo é o espírito de alguém que assiste sob a direção do nosso Guia Thiago, aos necessitados enfermos, a quem, com o favor de Deus, vai ministrando passes, para conforto, alívio e cura, muitas vezes, dos seus padecimentos, como no caso que acabo de vos referir.

Conheci posteriormente esse homem, quando, para me ser apresentado, foi especialmente no Círculo Carita, em Botafogo, onde assistiu a uma sessão.

Meus amigos, vós podeis compreender o prazer inefável que me inunda a alma ao conhecer, e muitas vezes testemunhar eu própria fatos desta natureza, como o primeiro que vos citei e este que acabo de vos referir. São esmolas tão grandes, tão valiosas para a minha insignificante pequenez, são favores de tão alta valia que me causam um prazer até então desconhecido.

É como uma onda de fragrância que me invade o ser, uma centelha de luminosidade celeste, que rompe por momentos a densidade espessa do meu acanhado intelecto. E, como não desejo fazer monopólio dessas jóias benditas que são mais uma prova da caridade e da misericórdia do Senhor para com as suas criaturas, eu vos faço participantes delas, para que, como eu, sintais a alegria suave que me enche o coração, quando recebo para os meus irmãozinhos sofredores a esmola — que é a resposta às minhas orações por eles. Não resisto ao desejo de vos contar mais um fato altamente digno da vossa preciosa atenção. Dignai-vos de ouvi-lo:

Uma senhora distintíssima a todos os respeitos, crente em nossa fé, e que muito me honra com a sua amizade, procurou-me um dia para que obtivesse para um seu sobrinho, gravemente enfermo, uma receita do nosso irmão, o espírito protetor que me faz a graça de utilizar-se das minhas faculdades mediúnicas, para as suas obras de caridade na Terra. Achava-se este doente em lugar muito distante da Capital de S. Paulo. Era uma criancinha de quatro a cinco anos de idade, mais ou menos, cuja vida perigava naquele momento. Atendida imediatamente em seu justo pedido, retirou-se, tratando de mandar por telegrama a resposta à família do seu pequeno sobrinho. Fiquei meditando na aflição enorme dessa família, a quem eu não tinha o prazer de conhecer, e, à noite, conforme o meu costume, intercedi ao bendito Jesus uma benção para aquela gente sofredora.

Sentindo a presença do meu amado Guia, mantive-me em concentração respeitosa, aguardando a sua palavra inspirada.

Eis o que se passou então, meus caros irmãos, — e para este ponto da minha narrativa eu apelo para toda a vossa atenção de espíritas cristãos.

Como numa tela de cinematógrafo que repentinamente surgisse no aposento em que me achava naquele instante, vi delinear-se um quarto, que não era o meu, com outros móveis, diversos dos meus. Nesse quarto, em uma cadeira preguiçosa, um senhor, desconhecido, achava-se reclinado, tendo ambos os braços levantados para o espaldar da cadeira, que nervosamente apertava com os dedos contraídos... Não chorava, mas a sua fisionomia revelava acabrunhamento profundo. A um canto do aposento um pequeno leito, onde jazia o pequenino enfermo, em estado de grande prostração. Ao pé desse leito, uma senhora angustiada, tranzida de dor, olhos fixos naquele pedaço da vida, nem cuidava em enxugar as lágrimas, que silenciosamente lhe rolavam pelas faces... Um quadro de dor, digno do pincel dos grandes artistas! Quando mais absorta me achava eu na contemplação muda daquele espetáculo doloroso, vi surgir ao pé da cama da criancinha moribunda a aparição celeste, na sua brancura luminosa... Ergueu a mão sobre o pequeno enfermo orou, implorou o auxílio divino e desapareceu suavemente... Fugiu dos meus olhos o quadro doloroso. Seria um sonho? pensei eu. — Não, porque eu não tinha ainda terminado a minha prece quando o fato se produziu! Silenciei sobre ele. Dias após, novo pedido de consulta: A criança havia melhorado! Consecutivo tratamento, até que chegou o dia feliz em que o seu restabelecimento me foi participado.

Possuo o retrato dessa criança, que me foi gentilmente oferecido, aliás um lindo e robusto menino, de fisionomia expressiva e interessante.

Meus queridos companheiros, posso eu talvez incorrer na censura de alguns confrades, cuja opinião contrária à divulgação desses fatos, entenda ino-

portuna essa narrativa fiel que estou a vos fazer. Eu, porém, não conto essas cousas senão com o fim de edificar e robustecer mais a vossa fé, para que fiqueis cientes de que as promessas do Cristo estão tendo o seu cumprimento em nossos dias, "porque os tempos são chegados".

Pois se nós nos alegamos tanto ao termos conhecimento do progresso que o Espiritismo vai fazendo em todo os países cultos do mundo, se os nossos irmãos de outras terras nos revelam com tanta satisfação os acontecimentos que por lá se desenrolam, e nós mesmos acompanhamos com tanto interesse a marcha progressiva da santa doutrina — pela leitura dos jornais, em seus comentários sobre revelações, curas de obsedados, materializações e outros chamados "milagres" pelos que desconhecem a causa dos prodigiosos efeitos, por que havemos de ocultar as maravilhas que a vontade do Divino Mestre opera no nosso meio?! Se Deus tem poder e vontade para permitir que tais obras sejam realizadas em outros cantos da Terra, por que não realizará Ele também perto de nós as maravilhas do seu amor?! É necessário que tenhais conhecimento dessas cousas, para que possais bem aquilatar do progresso e adiantamento do Espiritismo entre nós. Direis então como o inspirado poeta português, nos seus incomparáveis versos:

"Oh! Deus é bem maior do que eu julgava!"

Muitos entendem que essas cousas não devem ser divulgadas, certas comunicações não devem ser dadas à luz da publicidade, certos fatos devemos cuidadosamente guardar em sigilo inviolável. Sim: Compreende-se que, quando o Espiritismo desvenda segredos de família, casos que trariam o domínio público a desonra das pessoas neles envolvidas, não devemos confiá-los a pessoa alguma. Nesta classe se encontram os fatos em que tantas vezes a mediunidade receitista se envolve por "dever de ofício", nos quais a inocência, injustamente comprometida, busca um refúgio salvador na caridade do médico do espaço. Nesta classe se encontram também as descobertas, pelo auxílio dos irmãos desencarnados, do autor ou autores de roubos praticados em momentos de fraqueza, por criaturas a quem o médium tem o dever de esclarecer no caminho da retidão e da justiça, não trazendo jamais à luz da publicidade o nome daquele que incidiu em tal falta, isto é, não julgando, para não ser também julgado. Nestes e noutros casos semelhantes é dever do médium guardar para si aquilo que o seu critério e a sua fé cristã lhe ordenam calar. Mas, não assim, entendo eu, no meu fraco modo de pensar, quanto aos fatos que, publicados, concorram para a edificação da fé, comprovando pontos importantes da doutrina, exemplificando as verdades da teoria que abraçamos. Esses, o médium não deve guardar avaramente para o seu próprio proveito: antes, deve referi-los a outros, para que possam também tirar deles instrução e conforto. Não pensais ser de muito proveito para todos vós saber que nosso Pai Celeste se compraz em dar testemunho de Si mesmo, enviando os seus mensageiros a esse vale de lágrimas, para aliviar, consolar e assistir aqueles que padecem? Oh! grande é a missão dos apóstolos do Senhor — Thiago, Paulo, Thereza de Jesus, Vicente de Paulo e tantos outros, que, exercendo a caridade, tal qual o Divino Mestre o ordena, baixam a este hospital de dores, penetrando nas mansardas humildes, nas enfermarias infectas, nos asilos dos lazarentos, nas masmorras dos sentenciados, nos sanatórios dos obsedados, a todos levando a esmola da Caridade do Amor de Deus!

E, quando nosso Pai Celeste, esquecendo a nossa misérrima inferioridade, nos permite testemunhar “com os nossos próprios olhos” fatos desta natureza, não temos nós o dever de contá-los aos nossos irmãos em crença, tal como fez a mulher samaritana, dizendo: — “Vinde e vede, não será este o Cristo?”

Assim devemos nós dizer:

Porventura não estão estes fatos dentro do domínio da teoria que rege a doutrina espírita? Eu não posso penetrar no vosso interior, meus amigos, para surpreender o que conjecturais sobre os exemplos que hoje tenho trazido ao vosso conhecimento. Afirmo-vos, porém, de minha parte, que não me resta a menor dúvida de que Deus opera em nosso meio, enviando até nós os fiéis portadores das suas bênçãos de amor e bondade suprema!

Tenho escolhido entre muitos esses casos que acabo de vos relatar, pois não me chegaria o tempo se vos quisesse citar todos aqueles em que a bondade de Deus me tem envolvido para apurar a minha fé. Faz parte dessa escolha ainda o seguinte fato:

Estava eu própria gravemente enferma, em abril deste ano, sendo obrigada naturalmente a entregar a outrem o meu tratamento. A medicação que me foi ministrada conseguiu pouco a pouco debelar a intensa febre que me devorava as veias, produziu resultado benéfico relativamente ao mal, acertadamente diagnosticado — “angiocolite”, mas, ao mesmo tempo que as melhoras reais se acentuavam, um sintoma estranho não podia sequer ser atenuado, quanto mais desaparecido! Eram umas repentinas ferroadas na base do crânio, a princípio, e depois por todo o cérebro, como se agulhas finíssimas me atravessassem os miolos. Ficava eu sempre assustada, contando a todo o momento receber uma dessas espetadelas, ora de um lado, ora de outro da cabeça, uma fisgada instantânea, mas terrivelmente dolorosa! Nenhum remédio alcançara pôr termo a esse tormento. Não conseguia conciliar o sono, nem por alguns minutos, pois as agulhadas amiudavam-se quando eu queria repousar um pouco. Eu havia suspenso o meu trabalho mediúnico, pela impossibilidade em que me achava de fazer uma concentração perfeita, em razão do estado de abatimento produzido pela moléstia. Um dia, porém, em que esse incomodo redobrou de violência, a ponto de me parecer que me fugira a razão, fazendo um esforço enorme sobre a fraqueza que me esgotava toda a reação física, eu procurei despertar o meu espírito entorpecido sob a influência doentia da matéria. Pensei nos bondosos Guias, sempre solícitos a aliviarem os sofrimentos dos seus pobres irmãos, em qualquer ponto em que se achem, seja na Terra, ou no espaço, ou em qualquer planeta de provação e dores, e supliquei ao Cristo, o Divino Mestre, consolador dos aflitos, que enviasse um dos seus mensageiros a dar-me força no transe por que eu passava. Tão rápido elevou-se o meu pensamento ao Imaculado Cordeiro de Deus, quão célere baixou a resposta do Divino Pastor, na irradiação luminosa do bendito espírito de Thereza de Jesus.

Um eflúvio de celeste ambrosia se espalhou em derredor de mim... Eu sentia a sensação deliciosa do fluído sacrossanto, penetrando em todo o meu ser, ao mesmo tempo que a impressão sutil de uns dedos, que me corressem suavemente por entre os cabelos. Ao mesmo tempo o timbre da sua voz angélica roçou-me os ouvidos... Thereza de Jesus, o Caridoso Espírito, numa prece a que era impossível resistir o espírito mais endurecido, rogava ao seu

amado Jesus — virtude, para afastar de perto de mim o infeliz irmãozinho, que se comprazia em mortificar o meu corpo. E ela o levou consigo, meus prezados amigos, arrancando-o da treva da ignorância em que se encontrava, regozijando-se em fazer mal aos seus irmãos encarnados, para a luz, para o conhecimento das alegrias santas, pela prática do bem e da Caridade. Bem-aventurado espírito de Thereza de Jesus! Chuvas de bênçãos do Altíssimo sejam sobre ti, mensageira bendita do Amor de Deus!

Não raras vezes, meus prezados amigos, os nossos irmãos do espaço, fracos, ignorantes, inveterados na prática de atos condenados pela justiça de Deus, facilmente se aproximam dos seus irmãos da Terra, quando estes se acham abatidos por enfermidades físicas ou morais, e por essa razão não dispendo de energia suficiente para se subtraírem à sua influência funesta. Ao pé do enfermo se comprazem em avivar-lhe o sofrimento, saturando-lhe o ambiente de fluídos nocivos, que prejudicam o sofrimento, tornando-o impaciente, por julgar-se injustamente ferido pela mão da Providência, que os castiga sem dó, nem piedade. Os médiuns, sobretudo, estão sujeitos a esses ataques imprevistos das forças ocultas, imprevistos, para nós, mas previstos pelos nossos Guias Superiores, por fazerem parte da série de provações que muito justamente temos que passar aqui na Terra. Depende muito da força na nossa fé suportarmos com proveito essas experiências, orando pelos espíritos que nos perseguem, em vez de os procurarmos afastar com exorcismos, benzeduras e quejandas babozeiras que têm utilidade, apenas, de provar a nossa pouca confiança nos espíritos superiores que, pelo poder do Divino Mestre nos assistirão com a sua graça nessas angustiosas experiências, se, com absoluta fé nas promessas de Jesus, os chamarmos em nosso auxílio.

A crença dos poucos conhecedores da doutrina de que o médium é um ser privilegiado, sobre quem não podem ter ação as influências dos espíritos infelizes, é errônea. Antes, pelo contrário, o médium, mais do que qualquer outra pessoa, acha-se exposto aos ataques dos invisíveis por se achar de contínuo em contato com eles, pela sua natural faculdade de atração. Quem é que, por absoluta imposição do dever, está à frente do movimento progressivo do Espiritismo? — O médium. — Quem mais exposto se encontra aos golpes dos inimigos da bendita doutrina no mundo em que habitamos? — Ainda o médium. — Quem, no seio da própria doutrina, se torna o alvo da observação de todos os olhares, (os menos caridosos, muitas vezes) suportando o peso da crítica injusta e irrefletida? — Sempre o médium!

Ninguém, meus amigos, ninguém se encontra mais exposto a toda a espécie de perigos, tentações, injustiças e demais torturas morais, do que o médium! E, por efeito de que influência, agem aqueles que, desta ou daquela forma, sacrificam assim o instrumento que o Senhor lhes põe nas mãos para com o seu auxílio, “examinarem tudo e abraçarem o que é bom?!” Certo não o fazem com intenção de desmoralizar a doutrina, paralisando o seu progresso ascendente, pois que, fazendo justiça aos sentimentos nobres do coração brasileiro, não penso que haja em nossa querida pátria que, “conscientemente”, peleje contra a observância fiel dos preceitos exarados no Código Divino, os Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Como, pois, os bem intencionados, que aspiram os altos privilégios da espiritualidade, se comprazem tantas vezes em estorvar, por todos os meios ao seu alcance, a marcha progressiva do Espiritismo, adeptos fervorosos, como são eles, dessa mesma doutrina?! — Ação

iniludível dos espíritos inferiores, pobres irmãozinhos nossos, a quem o brilho da luz ofusca "os fracos olhos"! Procurando atingir o médium, no intuito de o desviarem do cumprimento do seu dever, eles lançam mão de todos os meios para lhe inculquem sentimentos de falso amor próprio, atraindo-lhe a atenção para as injustiças recebidas daqueles de quem era justo esperar a melhor acolhida. E aí! daquele médium que não cuidar de estar constantemente em comunhão íntima com os seus Guias Espirituais! Os médiuns não têm em si a força necessária para se libertarem dos laços traiçoeiros dos seres atrasados do espaço, que, perseguindo-os, julgam poder aniquilar a doutrina, de que eles são meros instrumentos. Essa força de resistência à influência do mal, essa força que nos sustenta a fé em todas as experiências na Terra, essa força que nos dá resignação nos sofrimentos, coragem na luta e intransigência na obediência às prescrições dos amados Guias, essa força não vem de nós mesmos, meus bons amigos, vem do Alto, da fonte inexaurível de amor e bondade, do Cristo Amado, que jamais abandonará aos que procuram servi-LO com simplicidade de coração. Devemos, pois, nós, os médiuns, estar em comunhão contínua com os nossos protetores espirituais, para não cairmos jamais nas tentações que nos cercam. Amparados por eles, fiéis e obedientes às suas sábias instruções, daremos cumprimento à tarefa que o Cristo nos conferiu, mau grado todos os empecilhos e barreiras a transpor.

Graças, infinitas graças, sejam dadas ao Criador, nosso Pai amantíssimo, que ciente da nossa fraqueza, nos alenta a esperança de um dia resgatadas as nossas dívidas, poderemos entrar na realidade de uma existência feliz! Oh! quando a sua bondade suprema nos concede, para conforto das nossas penas, gozarmos, num arrebatamento da alma, as belezas inigualáveis dos mundos que um dia serão a nossa morada, que paz serena, que alegrias suaves trescalam dentro em nós! Recordar-me-ei sempre da primeira vez que passei por essa deliciosa experiência: Foi em uma sessão prática, em Botafogo. Correram os trabalhos normalmente, quando, prestes a encerrar-se a sessão, fui tomada pelo espírito de Thereza de Jesus num arrebatamento.

Levou-me a celeste amiga a paragens muito distantes do planeta em que habitamos... Oh! a frescura dos vergeis floridos, o encanto harmonioso das cascatas, o perfume das flores — jamais vistas por olhar humano, a ambrosia deliciosa que embalsamava o ambiente, — e sobretudo a sinfonia arrebatadora do Infinito, meus queridos amigos, são impressões que jamais desaparecerão para mim!

Eu quisera, naquele arrebatamento de espírito, não mais voltar à prisão da carne; e foi com intensa mágoa, com uma saudade pungente, que senti a necessidade de obedecer à voz do presidente da mesa, que exigia, no cumprimento do dever que o assistia, a minha reclusão ao cárcere em que eu desejava não mais penetrar.

Meus caros irmãos, assaz tenho tomado o vosso precioso tempo, do que vos peço perdão. Permiti, no entanto, que, antes de me despedir de vós, por agora, eu deixe convosco, não um conselho a seguides, pois não tenho autoridade para tanto, mas um voto de amiga, que deseja com sinceridade o vosso progresso espiritual e crescente fé na doutrina que ampara as nossas esperanças: — Nos transe amargos desta existência passageira, nas provações dolorosas que a todos nós afligem neste mundo inferior elevai sempre para Deus

as vossas almas, rogai-lhe fervorosamente que vos revista do verdadeiro espírito do Cristianismo e o senhor dará resposta à vossa súplica.

Temos a promessa do Cristo:

“Se vossos filhos vos pedirem pão, vós não lhes dareis pedras: pois, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará vosso Pai Celestial, o Espírito Santo, aqueles que lhe pedirem!”

VIVER SEGUNDO O ESPÍRITO

(Em 26 de Novembro de 1922, no Grêmio de P. E. Luz e Amor — Bangu).

Grandioso tema, meus amigos! Ideal ambicionado pelos verdadeiros crentes! Meta a que só têm atingido os grandes vultos do Cristianismo!

“Viver segundo o espírito é amar segundo o espírito: é fazer o que a fé, a esperança e a caridade nos ensinam, tanto nas cousas temporais, como nas espirituais” (Imitação de Cristo, pág. 303).

Meditemos um pouco sobre cada uma dessas magníficas sentenças do inspirado livro que, seguramente, todos vós conheceis bem. Vive-se segundo o espírito, amando-se segundo o espírito. Somos nós capazes de compreender com exatidão o que significam estas palavras?

Há, então, duas maneiras distintas de amar? Amar segundo o espírito e amar segundo a matéria? — Sim. E entre elas há notável diferença. Quando nós amamos, levados a esse amor pelo arrastar dos nossos desejos, pela inclinação dos nossos interesses, pelo impelir dos nossos instintos, pela satisfação das nossas paixões, o objeto amado não é, justamente considerado, a causa essencial do nosso afeto. — O egoísmo — é a nascente desse amor.

É pelo prazer de uma satisfação puramente pessoal que nutrimos esse sentimento.

Amamos interessadamente: esse amor não é espiritual, porquanto o amor do espírito exclui a idéia do interesse. Por conseguinte, vivemos assim segundo a carne, amando segundo a carne. Mas, quando o nosso amor se demonstra na prática de atos, palavras ou pensamentos que, desinteressadamente concorram para o bem-estar a felicidade de alguém, — a esse alguém amamos segundo o espírito, vivemos igualmente segundo o espírito.

Para ilustrar essas asserções, quero contar-vos uma pequena história, mediunicamente referida por alguém que se encontra no outro plano da vida, e que vos quis trazer conta da experiência amarga por que passou, amando segundo a carne, quando aqui peregrinou em época remota. São desse espírito desencarnado as palavras que se seguem:

“Fui sempre uma natureza ardente, apaixonada, consagrada inteiramente aos meus afetos. Meus pais, possuidores de alguns haveres e não tendo outros filhos, aspiravam, para mim, uma educação aprimorada. Eu amava estremecidamente ao meu velho progenitor e idolatrava minha santa mãe, jamais pensando em separar-me dela. Chegando aos 14 anos, decidi meu pai internar-me em um Colégio da cidade C., onde havia ele próprio feito, em outros tempos o tirocínio escolar. Não foi sem grande relutância da minha parte que a sua decisão foi cumprida. Eu não me resignei facilmente a separar-me de minha mãe, a quem gostava de amar de perto; e não compreendia como pudesse concordar em me ver privado dos seus carinhos e dos seus cuidados constantes, pois eu era um filho que pesava com todo o peso das minhas necessidades de criança sobre os fracos ombros daquela que me dera o ser. Em verdade eu tinha saudades, grandes saudades dela, mas, o que eu mais sentia, era a falta enorme do seu desvelado amor, manifestado em toda a sorte de infatigáveis cuidados, desde o romper do dia até a hora de dormir.

Amendo muito a minha mãe, eu não a amava como devia. Anos mais tarde, contava eu então 19 primaveras, apaixonei-me por uma criatura que me parecia ideal.

Eu amava os seus olhos, os seus cabelos, os seus lindos braços bem torneados, o seu garbo elegante no andar, o seu todo, enfim! O que essa criatura sofreu por causa do meu amor! Amendo a sua beleza, eu, cioso dela, não a queria ver exposta aos olhos dos outros homens e, daí, a luta constantemente travada entre ambos, na qual eu sempre saía vitorioso, privando-a dos seus inocentes jogos e divertimentos.

Durou esse período de tormentos para ela, perseguida pelo meu insensato amor, seis longos anos! Por fim, sua família, cansada de suportar as minhas intransigências desarrazoadas, partiu para fora do país, quebrando o compromisso do nosso futuro casamento.

— Fiquei só, desesperado de ódio, ferido no meu mal entendido amor próprio... Atirei-me a toda a sorte de paixões. Amei, amei muito, a tantas mulheres quantas pude amar, mas de um amor sempre egoísta, sempre exigente, sempre desconfiado e descomedido. Salvou-me desse despenhadeiro de paixões impuras o braço de um amigo, antigo companheiro dos tempos de internato. Ele era bom, ajuizado. Vivemos amistosamente ligados um ao outro alguns meses e para logo me apresentou ele à sua noiva, uma gentil morena, tão bela quão inexperiente... Prestou-me a atenção devida ao amigo do seu noivo, mas em breve teve que se arrepender da sua simplicidade e confiança, porque eu fiquei loucamente enamorado da sua beleza. E, tais foram as imprudências que cometi, que o meu amigo sentiu-se na imperiosa obrigação de me pedir uma satisfação pelas armas.

Batemo-nos à pistola e eu fui infeliz. Matei o meu pobre amigo a dez passos de distância. A sua noiva, causa inocente do meu ato de loucura, não mais me quis ver e, daí começou a minha expiação. Tudo fiz para conquistar o seu amor, de balde.

Entre mim e ela havia o abismo do crime... Desgostoso, ralado de penar, cheio de desejos irrealizáveis, preso de ciúmes e remorsos — não sabendo amar de outra maneira — pus termo à minha vida terrena sob as rodas de um *tramway*. No espaço, meus amigos, torturas horríveis sofri, tendo sob as vistas constantemente o cadáver do meu amigo a clamar vingança, os rostos

macilentos das pobres virgens que eu atirara à perdição, a palidez moribunda da infeliz noiva do meu amigo, e, sobretudo, superando todas essas tristes imagens, a expressão dolorosa do semblante de minha pobre mãe que não retirava de mim o seu olhar magoado! Sofrer intérimo! Amargo padecer!

Mas foi a conseqüência lógica do meu proceder insensato. Eu muito amei, e todavia não soube amar!

Oh! quão diverso o sentir da pobre pecadora, a quem o Salvador perdoou os inúmeros pecados, porque muito amou.”

.....

Esta pequena história, como já vos disse, me foi contada por um ser desencarnado, que deseja resgatar as suas faltas em futuras encarnações, e que, contando-me os seus desvarios de amor, teve em mira provar-vos com a sua experiência, a quanto arrasta o homem o viver amando segundo a carne.

Continuando, diz o trecho da Imitação de Cristo, a que me reporto, sobre viver segundo o espírito: “É fazer o que a fé, a esperança e a caridade nos ensinam, tanto nas cousas temporais, como nas espirituais.” Fazer o que a fé ensina! Meus amigos, as nossas obras serão a conseqüência da nossa fé.

Assim como for a nossa fé, assim serão as nossas obras. Cremos nós em Deus? Cremos em Nosso Senhor Jesus Cristo? Cremos nas suas promessas de vida eterna?

As nossas obras, a nossa vida — responderão a este questionário, tanto no que diz respeito às cousas temporais, como ao que pertence às essencialmente espirituais.

Que nos ensina a nossa fé? Que os atributos de Deus são ilimitados, seu poder, sua sabedoria, sua justiça, sua caridade, sua misericórdia, sua bondade, seu amor — infinitos! — Que Nosso Senhor Jesus Cristo, o Verbo Divino, é um, com o Pai, segundo a sua própria palavra. Que o Espírito Santo, procedente do amor de entre ambos, é o Consolador prometido, que diariamente nos visita, segundo a promessa do Cristo.

Quem possui esta fé firme, inabalável, no seu coração, certamente pode viver segundo o espírito, fazendo as cousas que esta fé ensina. E o que aprendemos nós da esperança e da caridade, meus amigos?

A esperança! S. Paulo, aconselhando aos Hebreus lhes diz: “Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, porque fiel é o que prometeu.”

É-nos lícito esperar, meus amigos a nossa completa reabilitação, suportando com resignação e paciência as provações necessárias à lapidação do nosso caráter, porque, assim fazendo, elas produzirão fruto sazonado para o futuro, frutos da justiça e amor.

A caridade, prezados confrades meus, a caridade é, a meu ver, o vínculo mais sagrado que nos prende ao Criador! Dessa virtude excelsa fala o Apóstolo inspirado, em carta escrita aos Coríntios, dizendo: “Agora permanecem estas três — a fé, a esperança e a caridade: porém, a maior destas é a caridade.” Mas é este mesmo apóstolo quem afirma igualmente que *embora distribuísse toda a sua fortuna para o sustento dos pobres e não tivesse caridade, nada lhe aproveitaria*. Que nos ensina portanto a caridade? — O ensino principal dessa virtude, maior entre todas as virtudes é a prática constante do amor cristão para o nosso próximo, não suspeitando mal dele, não tendo prazer na

injustiça, não buscando os próprio interesses, nem ensoberbecendo-nos, ou tornando-nos invejosos, irritando-nos; antes, pelo contrário, tudo suportando, sempre benignos, sempre pacientes, sempre amantes da justiça e da verdade.

Meus caros irmãos, devemos nós todos, que nos declaramos espíritas, estudar conscientemente, na nossa própria vida, os efeitos que nela produz a doutrina que abraçamos. Ser espírita não é simplesmente assistir às sessões regulares do nosso grupo ou ainda de vários centros, ajudando a sua manutenção e concorrendo com o nosso trabalho para o aumento efetivo dos seus sócios; não é unicamente discutir em tempo e fora de tempo certos e determinados pontos de diferentes religiões; ser espírita não é ser médium, presidente ou qualquer figura de destaque, neste ou naquele centro, redator de jornal ou de revista importante, etc.

Ser espírita *é viver vida espírita*, ou melhor, como disse no começo desta nossa palestra, *é viver segundo o espírito, amando segundo o espírito*.

Esta é a suprema excelência da caridade, virtude básica do amor cristão!

Os Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo estão repletos de ensinamentos proveitosos à nossa aprendizagem, e que nem sempre lemos com a devida atenção. Todavia, se cada dia tomássemos um pequeno trecho de qualquer dos evangelistas, lêssemos atenta e religiosamente, assimilando com cuidado a lição que ele nos induz a aprender, grande proveito tiraríamos para as nossas almas, do tempo assim empregado.

Para exemplo lembro-vos a parábola do bom samaritano (**Luc. 10: 25-37**).

Que lição Jesus nos ensina naquela resposta simples, singela, formulada de maneira a não admitir réplica: —

"Vai e faze da mesma maneira." Aquele doutor da lei bem conhecia o mandamento dessa mesma lei que lhe ordenava amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Mas, para fugir ao cumprimento dela, fingiu ignorar quem era o seu próximo...

E, o Divino Mestre, pela parábola a que me refiro, obriga-o ao conhecimento da verdade que ele procurava encobrir. *"Vai e faze da mesma maneira."* Tomemos para nós, meus queridos confrades, o ensino profundo dessa lição de Jesus. Sejam quais forem as condições sociais que nos separem do nosso próximo, seja qual for a religião que uns e outros professemos, sejam quais forem os laços de sangue que nos unam ou nos apartem, seja qual for a nossa queixa por esta ou aquela injúria ou afronta recebidas, procedamos para com o nosso próximo sempre com a caridade que naquela belíssima parábola pregou o Divino Mestre. Aquele homem caído na estrada de Jerusalém para Jericó representa aos nossos olhos o necessitado, despojado de todos os bens da fortuna, desfalecido à mingua do socorro.

Por ele passaram impassíveis dois homens, um após o outro — o primeiro, um sacerdote da igreja — o segundo, um levita... Ambos conhecedores da lei, de cujo cumprimento se ufanavam ser executores...

Um terceiro aconteceu descer a mesma estrada... Era um samaritano — raça desprezível aos olhos dos judeus e a quem, de certo, pouco interessava a letra da lei. Movido de íntima compaixão, apeou-se, atou as feridas ao pobre necessitado, pensou-as, e, tomando-o nos braços, o pôs sobre a alimaria e o

conduziu até uma estalagem, onde o recomendou, comprometendo-se a pagar toda a despesa que com aquele homem fosse feita. Não conhecia aquele samaritano, certamente, o mandamento que o doutor da lei e o sacerdote sabiam de cor; mas o seu coração bondoso se compadeceu do seu semelhante, sem indagar quem ele era, a que nação pertencia, nem qual a sua religião.

É desta maneira, meus amigos, que Deus entende a caridade e é desta forma que nós a devemos praticar: pelo impulso natural do nosso coração! É assim que se vive segundo o espírito, amando segundo o espírito.

Por nós estas meditações são de grande importância. A nossa religião é uma religião de fatos, muito mais do que de palavras. Enquanto as crenças de outras igrejas têm os seus ritos especiais, as suas formalidades, as suas fórmulas distintas uma das outras pelo grau relativo da imponência que revestem, o Espiritismo prima pela ausência completa deste formalismo ritualístico, aparecendo aos olhos dos crentes na sua realidade singela e despida de qualquer atavio exterior. Nós não temos cerimoniais algum especial para batismos, casamentos, funerais, etc., nem tampouco o aparato que afetam as sociedades religiosas nos seus templos revestidos de ouro e pedrarias ricas. O nosso culto a Deus é consagrado no recesso da nossa consciência, no íntimo do nosso coração, esclarecido pelo facho esplendoroso da Fé, raciocinada e livre.

E essa adoração constante ao Criador deve se mostrar aos olhos do mundo pela demonstração dos nossos atos, das nossas obras de Caridade, pelo exemplo da nossa vida pura, pelo nosso viver segundo o espírito, amando segundo o espírito. Que outros possam viver segundo a carne, amando segundo a carne, compreende-se, embora seja para desejar que assim não fora; mas nós, que, graças ao Céu, fomos chamados para um conhecimento, não direi mais perfeito, (longe, bem longe estamos nós da perfeição!), mas um conhecimento mais aproximado do espiritualismo e seus transcendentais privilégios, nós, não podemos deixar de aspirar uma vida mais pura, mais coerente com os princípios que formam a base da doutrina cristã: humildade, caridade, misericórdia e justiça!

Que espetáculo desolador nos apresenta o mundo nas manifestações ruidosas da sua suposta fé! Quantas vezes me tenho eu própria sentido desconsolada, abatida no meu espírito, ante a prova cabal da ignorância do nosso povo, sobre os preceitos mezinhos da sua pretensa religião! Fazem aqueles atos de contrição, aqueles sinais exteriores, símbolos da fé, que imaginam ter, por uma obediência a ordens impostas por aqueles que a si arrogaram o direito de lhes dirigir as consciências, sufocando-lhes a revolta da razão ludibriada em seus direitos. Ainda há poucos dias tive ocasião de presenciar o seguinte episódio: Uma senhora, encarregada do preparo espiritual de algumas crianças, lhes explicava, não sem grande dificuldade, pois lidava com crianças inteligentes, habituadas a dizer com franqueza aquilo que lhes passa no pensamento, — lhes explicava, ia dizendo, o *Mistério do Cristo transformado em hóstia ou da hóstia transformada em Cristo*, não sei bem como se diz isto. Ela esforçava-se por convencê-los da necessidade da comunhão, e da fé com que ela deve ser feita.

“— A hóstia é o corpo de Cristo, que nós comemos”, disse ela.

Eis senão quando, uma menina, que antes assistira em um Colégio protestante, e, por essa razão, conhecia pela leitura os evangelhos, pois os protestantes — justiça lhes seja feita — põem os evangelhos nas mãos de todos,

homens, mulheres e crianças — essa menina perguntou à sua professora: “Por que não tomamos nós também o vinho, que é na comunhão o sangue de Cristo, como o pão é a carne?!”

É claro que a sua pergunta ficou sem resposta.

E assim é, em tudo mais, a fé inconsciente!

Aparência, exterioridades, conveniência social, hábitos adquiridos na infância — e, mais do que tudo isso — interesse material, — eis em que se resume a religião do mundo! Não é isto viver segundo a carne? Fazer as obras de carne?

Em um colégio onde trabalhei, há tempos, tive eu uma companheira, que não professava a religião católica. Eu o sabia, porque ela me havia confiado, em segredo. Mas, quando foi determinado que todo o colégio se confessasse e se preparasse para a comunhão, num certo dia marcado, ela fez a sua confissão e comungou com todos! Perguntando-lhe eu como assim fizera, ela, que não seguia aquela religião, respondeu-me que o fizera *porque precisava do seu emprego, e não desejava aborrecer a diretora, contrariando as suas ordens como eu fizera...* Por essa razão, pelo seu interesse material, calcou aos pés, os escrúpulos da sua própria consciência!

É assim que o mundo procede, meus amigos! A religião é um adorno para alguns, um passaporte para outros, um meio fácil de ganhar dinheiro para muitos! Mas, essa religião eivada de tais prejuízos, é a religião que Jesus implantou na Terra? Essa religião é aquela que Paulo de Tarso defendeu ousadamente perante os maiores do seu tempo? Essa religião é aquela, por amor da qual, centenas de mártires sacrificaram a vida nas fogueiras e outros tantos gostosamente deixaram que os seus corpos fossem despedaçados e devorados pelas feras nos anfiteatros de Roma? Essa religião é aquela que Estevão, o protomártir do Cristianismo exaltou até o último instante da sua vida terrena? Não, meus amigos, nunca!

A religião que alentou a chama da fé avivando-a cada vez mais nos corações daqueles batalhadores intrépidos da era cristã, foi a religião do “Espírito de Verdade” — a religião do “Amor”, a religião da “Caridade”, porque Deus é “Amor”, Deus é “Caridade” — e importa ser adorado em espírito e verdade.

Assim o adoravam aqueles servos fiéis dos primeiros tempos do Cristianismo, *vivendo e amando segundo o espírito*. E, por essa razão, o Espírito do Senhor, lhes dava o testemunho de Si próprio, visitando-os nos momentos de perigo, para lhes trazer a força indispensável para suportarem as duras provas necessárias à experiência da sua fé. Estevão teve a manifestação da Glória do Senhor, enquanto os inimigos da fé, o apedrejavam. Sidrach, Misac e Abdenago lançados no forno do fogo ardente, por ordem de Nabucodonozor, rei de Babilônia, receberam a visita do mensageiro do Senhor, que com eles andava dentro do fogo, impedindo-os de sofrer, lesão alguma.

O anjo do Senhor visitou a Daniel, na cova dos leões, onde havia sido lançado, por ordem do rei Dario. O anjo do Senhor visitou, ainda, Pedro o apóstolo, encarcerado numa prisão por ordem de Herodes, livrando-o das cadeias que o prendiam, e o conduzindo a salvo, segundo reza o livro dos Atos dos Apóstolos, passando a primeira e a segunda guarda, chegando à porta de ferro, que dá para a cidade, a qual se abriu por si mesma e, saindo com ele, andou uma rua e desapareceu.

Esses e muitos outros atletas do Cristianismo, *viveram segundo o espírito*, fazendo as obras do espírito, e, jamais lhes faltou socorro do Espírito do Senhor nas aflições e nos perigos.

Por conseguinte, não erro absolutamente, afirmando que, se nós desprendendo-nos das peias que prendem as nossas potências espirituais, consagrarmos de todo o nosso coração, a nossa alma, o nosso entendimento, as nossas forças à cultura santa dos predicados do espírito, gozaremos, infalivelmente, dos privilégios que gozaram aqueles que nos tempos antigos fruíram o gozo da presença do Senhor.

Deus é hoje o mesmo de ontem e será o mesmo amanhã. Os seus atributos são imutáveis, não sendo por isso sujeitos a aumento nem a diminuição. Esforcemo-nos, portanto, queridos confrades meus, a viver uma vida consoante os preceitos do Divino Mestre, vivendo no mundo, porque assim é necessário para o cumprimento das nossas provações, imprescindíveis à purificação do nosso caráter, mas não vivendo com o mundo, envolvidos nos seus erros, nos seus prejuízos, nas suas vaidades, no seu insensato orgulho, contaminando o nosso moral no lamaçal dos seus vícios. Vivamos no mundo para, obedecendo às ordens do Mestre Santo, empregarmos todo o nosso esforço afim de fazer brilhar diante dos seus olhos a luz bendita dos Evangelhos de Jesus, manancial inesgotável de vida e amor. Compenetremo-nos de que só nos ensinamentos de Cristo está a chave que abre a porta à verdadeira ciência do espírito, aquela que nos conduzirá um dia à perfeição, ao gozo eterno de uma felicidade perene.

Meus amigos, ajudemos, em nosso próprio benefício, o trabalho incessante dos nossos Guias, que a todo o instante buscam inspirar-nos para o bem, instruindo-nos nos preceitos do Senhor.

O Espiritismo atravessa uma época sensacional na sua história, uma época positiva de fatos, contra os quais são baldados todos os argumentos adversários. Ele pode se apresentar glorioso perante as ciências — porque é também uma ciência, sobejamente o tem provado — contando em seu seio nomes respeitabilíssimos pelo seu saber e valor. Mas o Espiritismo é igualmente uma religião e é sob este aspecto que me apraz considerá-lo melhor, porque, se pelo saber, pela ciência, ele nos aproxima de Deus pela inteligência, como religião, ele nos aproxima do Pai pelo coração — pelo amor, pelas obras de caridade, que o seu Filho Amado nos veio ensinar a praticar.

Meus queridos confrades, não nos esqueçamos de que sem Cristo, de nada nos vale o sermos espíritas. Crer na imortalidade da alma, que nos aproveita sem o amor de Jesus? Crer na comunicação dos espíritos conosco, que nos aproveita, se essas comunicações não nos trazem uma palavra inspirada pelo Divino Mestre? Como poderemos nós realizar uma vida agradável aos olhos de Deus, *amando segundo o espírito*, se Jesus não estiver conosco, ensinando-nos como se pode assim viver e assim amar? Daí decorre o dever imprescindível que nos assiste de fazermos chegar aos ouvidos de todos quantos os têm para ouvir o estudo dos Evangelhos do Mestre, infelizmente ainda muito descurado pelo povo.

É preciso que todos os interessados conheçam o Espiritismo à luz dos ensinamentos evangélicos, base essencial do verdadeiro espiritismo.

A uma senhora, que se mostrava um dia interessadíssima na doutrina espírita, apreciando fatos enaltecendo a sua crença nas manifestações espíritas,

reverenciando o Codificador do Espiritismo, a quem qualificava *do maior espírito que baixara à Terra*, perguntei eu, com intenção: “Minha senhora, em tudo isto quanto acabastes de referir e que tanto vos entusiasma, que papel representa a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo?” E ela confessou-me que jamais pensara em ligar, um ao outro, esses dois nomes — *Cristo e Espiritismo* — porque também nunca imaginara que entre os dois houvesse qualquer relação. E é assim que muita gente encara o Espiritismo. Apreciando os fenômenos físicos, aceitando os passes e as receitas mediúnicas, entretendo-se, nas sessões práticas, a ver trabalhar os médiuns de incorporação, procurando saber, por meio deles, respostas relativas a assuntos pessoais, que lhes dizem respeito, tais como colocações, empregos, arranjos de negócios, acontecimentos futuros, etc., etc., mas tudo isso sem a menor idéia religiosa, sem a menor preocupação das conseqüências do seu proceder. Oh! meus amigos, quanto trabalho há ainda por fazer, no sentido de esclarecer os homens sobre o que é na realidade o Espiritismo! A nós, como crentes fervorosos, adeptos da doutrina de regeneração da alma pelo amor, pelo humildade, pelo sacrifício, pela abnegação, grande tarefa nos cabe em esclarecer os nossos irmãos, que desconhecem os fundamentos dessa doutrina! Não poupemos esforços, meus amigos, para transmitir aos outros o conhecimento das nossas crenças, procurando sempre esclarecer perante eles, não só os efeitos da nossa fé, mas especialmente a causa, a origem dela. Somos repudiados, mal vistos, por muitos, porque ignoram a santidade de que se acha revestida a doutrina que abraçamos.

Lidamos com espíritos, somos por isto espíritas, pensam eles. Mas é necessário que lhes digamos abertamente: Somos espíritas, porque o Espiritismo é a única religião que nos apresenta o Criador em toda a plenitude dos seus atributos eternos! Somos espíritas, porque só o Espiritismo nos explica satisfatoriamente todos os fatos que diariamente se sucedem na nossa vida terrestre, sem cuja explicação seríamos fatalmente arrastados a duvidar da clemência e da justiça divinas. Somos espíritas, porque no Espiritismo se encontra a doutrina das vidas sucessivas, a única que se conforma com a eterna perfeição do Criador. Somos espíritas, porque só a Gênese espírita nos revela em todo o seu esplendor a glória do Onipotente Criador dos infinitos mundos, que povoam o Universo sem limites, mundos que um dia habitaremos, quando tivermos alcançado saber e virtude compatíveis com o grau de sua grandeza e progresso. Somos espíritas, porque só o Espiritismo nos dá a chave do mistério que envolve a personalidade do Cristo, homem natural para alguns, homem-Deus, para muitos, nô-LO apresentando como Ele realmente o é — O Verbo de Deus manifestado ao homem, espírito puro por excelência, partido do Criador com o fim de presidir à evolução de todos os espíritos, em qualquer ponto do Universo, segundo a revelação do Apóstolo Thiago, em suas recentes e sucessivas comunicações, por estes dias dadas à publicidade no segundo fascículo “Do Além”. Somos espíritas enfim, porque o Espiritismo é a única religião que nos consola nas grandes dores, nos sustenta nas duras provações, nos ensina a *viver segundo o espírito*, amando segundo o espírito fazendo as obras do espírito.

O REINO DOS ESPÍRITOS FIRMA-SE, ENTRE NÓS

(Em 11 de Março de 1923, no Abrigo Tereza de Jesus).

Mau grado a conveniência da incredulidade, a ironia dos materialistas, a intransigência dos fanáticos e dos sectaristas, a “vida dos mortos” e a sua intervenção nas cousas do nosso meio, torna-se, dia-a-dia, mais patente e irrefutável. Os vivos do “Além”, na atualidade, como em todos os tempos, continuam a dar testemunho inequívoco da sua existência e, a não ser um propósito intencionalmente injusto de negar a evidência e clareza dos fatos, ninguém poderá hoje em dia duvidar do que afirmamos acima: O reino dos espíritos firma-se entre os homens. De todas as partes do mundo nos chegam provas indubitáveis que vêm robustecer a verdade desta asserção.

Há cerca de um ano, se me não falha a memória, em uma das cidades do México, uma senhora, desenganada por diversos médicos e cirurgições distintos, foi operada e radicalmente curada pelos protetores do “Além”, fato miraculoso para os leigos na doutrina espírita, mas, para nós — muito simples — habituados como estamos a apreciar por vidência e audição a maneira de agir dos nossos queridos amigos do espaço. Lembro-me do meu desejo de então, expresso, unicamente por pensamento, ao bondoso Guia: Ah! se na minha pátria se produzisse um fato igual, como seria isso proveitoso para o adiantamento do espiritismo! Eis que, em dias do mês de janeiro último, estando eu em Sete Lagoas, Estado de Minas, li, com entusiasmo e intenso júbilo, a notícia que o “Reformador” do dia 1º do ano estampou em suas colunas, transcrita da “Revista Espírita”, de 25 de novembro, notícia, firmada sob a assinatura do Dr. Matta Bacellar. Vós, que lestes essa transcrição feita pelo órgão da Federação Espírita Brasileira, deveis conhecer o fato a que me refiro: — Uma criança de onze meses de idade, apresentando um tumor na axila esquerda, foi operada pelos espíritos, em plena sessão, segundo o testemunho insuspeito do ilustre médico que, sob a responsabilidade do seu nome e profissão nobilíssima, assevera a veracidade do acontecimento.

Para os que têm dedicado todas as energias de sua alma e atividades do seu corpo material à divulgação científico-religiosa do espiritismo, testemunhos de tal ordem são de um valor inestimável!

A autoridade do abalizado médico que nos afirma ter presenciado o fato extraordinário, não permite que se lhe atribua intenção de enganar com falsos propósitos. E, como tal, a Federação Espírita Brasileira, bem orientada pela influência dos seus Guias invisíveis, não só acatou como verdadeiro esse notável acontecimento, como lhe deu publicidade, segura da veracidade do mesmo.

Em verdade, meus amigos, o reino dos espíritos firma-se entre nós. Caminhamos apressadamente para o tempo em que não mais será preciso recorrermos a determinados médiuns para obtermos instruções do Alto, porque todos teremos facilidade em fazê-lo, porquanto os espíritos encontrarão meios e modos de se fazerem compreender por todos. Eles não hão de parar em meio caminho andado. Não desanimarão, prosseguirão avante, até que, por manifestações reconhecidamente positivas, hão de chegar a reduzir a nada quaisquer dúvidas contra a sua existência e conseqüentes manifestações de vida. Esta é a minha convicção, baseada em afirmativa segura dos nossos irmãos do

espaço, mais interessados ainda do que nós em convencer a humanidade da realidade da vida além-túmulo, sob o aspecto que nô-la apresenta a doutrina abençoada do Espiritismo. Ainda há bem pouco tempo, em meados do mês de janeiro do corrente ano, tive a visita de um desencarnado em Sete Lagoas, onde repousava um pouco, procurando restaurar às forças físicas, seriamente enfraquecidas então. Esse vido do "Além", que foi médico notável nesta Capital, realizando curas admiráveis, brilhando sempre pelo talento entre os seus pares, sendo também doutor em Direito e professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, era católico apostólico-romano, praticante. De contínuo assistia à missa, piedosamente de joelhos, confessava-se, comungava e tomava opa. Era, porém, uma alma simples e boa, que não praticava aquelas ordenanças da sua igreja por hipocrisia ou ostentação, mas com singeleza. Essa sinceridade, essa fé simples da sua alma pura, teve a sua recompensa "além do véu", quando o seu espírito adormecendo na terra foi despertar no esplendor do espaço... Ali, iluminado o seu entendimento, esclarecida a sua inquebrantável fé, ei-lo que, voluntariamente, espontaneamente, veio trazer ao mundo em que habitou a sua "profissão de fé", conforme as suas próprias expressões, testificando a verdade do espiritismo.

São suas as seguintes palavras, para as quais reclamo a vossa atenção: — "São absolutamente verdadeiros os princípios básicos do espiritismo. Formados por Deus para atingirem a perfectibilidade, os espíritos trabalham, pelo seu próprio esforço, para alcançarem mais luz, na marcha progressiva da sua evolução. A vida corpórea, na terra, ou noutra, qualquer mundo de condição inferior, serve para que, pondo em exercício as suas faculdades intuitivas, desenvolva ele maior soma de atividade, relativamente ao meio em que se encontra, de forma a granjear a verdadeira virtude, pela prática do bem que possa realizar em cada uma dessas periódicas paradas que vai fazendo, paradas essas que são as sucessivas encarnações neste ou naquele mundo de provações. Pois que deixei o mundo em que habitais presentemente, inteiramente persuadido de idéias absolutamente contrárias a esses princípios de verdade de que hoje estou, graças a Deus, de posse, sinto a necessidade imperiosa de vos transmitir estas minhas convicções, por serem elas a expressão da verdade, que urge entreguemos aos homens, nossos irmãos, os quais, como eu em outros tempos, labutam cegamente por obscurecê-las, muito embora o seu intento não possa atingir o fim a que se propõem, porquanto o plano do Criador não pode ser ludibriado. A humanidade não é exclusivamente terrestre, nem completará na terra o curso da sua evolução. Cuidai, pois, do vosso aperfeiçoamento moral e intelectual, afim de mais rapidamente chegardes ao termo da vossa nobilíssima carreira. Quanto mais lentamente realizardes essa trajetória, mais dolorosa vos será ela. Sois senhores da vossa liberdade, responsáveis, por conseguinte, pelo bom ou mau uso que dela fizerdes. Podes fazer, minha irmã, destas minhas palavras o uso que melhor entenderes, contanto que dêis publicidade a esta minha profissão de fé. — Nerval de Gouvea (Oscar)."

Vêdes, meus queridos amigos, o quanto se acham empenhados os vivos do "Além", na divulgação dos ideais espíritas no nosso meio! Espontaneamente eles nos vêm trazer o seu concurso, documentando desta forma, com o valor incontestável das suas responsabilidades, a obra que tomamos a peito realizar, com o favor de Deus! Quanto maior for o nosso desejo de contribuir para a extensão e divulgação do espiritismo entre os homens, maior auxílio receber-

mos do Alto, na luta pela liberação da verdade, que os inimigos da luz se esforçam por trazer encarceradas, essa verdade sublime pregada pelo Divino Mestre, essa verdade que nos desvenda o futuro, que nos espera quando libertos do cárcere da matéria, essa verdade que ressuscita os mortos, essa verdade que se eterniza pelos séculos dos séculos, porque, sendo como é, obra de Deus, jamais perecerá! E nós, povo brasileiro, que conseguimos vitoriosos a emancipação dos nossos corpos, lutaremos acaso com menos esforço pela liberdade dos ideais espiritualistas, que nos trarão a alforria dos nossos espíritos? Sim, meus queridos companheiros: A emancipação do espírito só a doutrina espírita nos dá. O estudo atento dessa preciosa doutrina atestará àquele que o quiser de boa vontade fazer, a veracidade do que afirmo. Verá o estudante bem intencionado que só no Espiritismo encontrará bem definida a parte espiritual do homem, suas propriedades inerentes, suas funções peculiares, sua verdadeira vida enfim. O ponto principal do espiritualismo não é simplesmente o saber que a alma sobrevive ao corpo. É necessário, é imprescindível, ter a certeza absoluta de que essa continua a existir depois da morte do corpo — com a perfeita consciência da sua individualidade e a memória perfeitamente lúcida de quanto praticou na vida corpórea. As provas dessa verdade se avolumam todos os dias umas sobre as outras, claras, positivas, de forma a desvanecer quaisquer dúvidas a esse respeito. Os nossos irmãos do “Além”, vivem, raciocinam, resolvem, assistem e acompanham com interesse os atos da nossa vida, neste e noutros planetas, influenciando em nossas decisões, contribuindo para o bem ou mau êxito dos nossos planos, conforme o grau da sua elevação moral. É sua preocupação constante, muito mais do que nossa, facilitar os meios de estabelecer francamente a comunicação contínua entre os mundos do espaço “invisíveis”, e o nosso. É do nosso dever, acredito, contribuir para o bom êxito dessas relações fraternais entre o mundo “visível” e os mundos “invisíveis”, favorecendo, cada um de nós, a sua própria atmosfera moral, no sentido de atrair à nossa intimidade, pela ação dos elementos são que nos cerquem, os espíritos elevados e puros dos mundos siderais.

Sabemos que é por meio do fluído que envolve o nosso espírito que os habitantes do invisível conseguem aproximar-se de nós. Segue-se, portanto, que, quanto mais elevada for a nossa atmosfera moral, mais segura será a nossa relação com os espíritos superiores; e, vice-versa, quanto mais impuro for o “aura” que cerca o nosso espírito, tanto mais fácil será, para os espíritos inferiores, a sua aproximação de nós.

Estes estudos são demasiado profundos para neles poder penetrar desassombradamente a minha fraca inteligência. Apenas superficialmente ousei nele tocar, no decorrer desta modesta palestra. O meu intento é, tão-somente, manifestar-vos a minha convicção de que o “reino dos espíritos firma-se entre nós”, apelando para as vossas crenças espiritualistas no sentido de facilitarmos todos, quanto possível, a realização desse ideal. Aqueles que são *exclusivamente da matéria*, nada interessam estes assuntos... Tampouco lhes ligam importância os *fanáticos intransigentes*, ajuizados à superstição e a ignorância em que, *cuidadosamente*, os conservam as suas igrejas... Mas nós, que, pela graça do Senhor despertamos para a verdadeira fé, a fé salvadora que nos assegura a pré-existência do nosso espírito e a pluralidade das suas encarnações corporais, muito interessam essas meditações sobre os variados pontos da doutrina que abraçamos.

O espiritismo cristão segue a sua marcha triunfante e, hoje mais do que nunca, resplandece aos olhos dos homens, com o brilho inigualável da Verdade imanente que pregou o Nazareno.

“O reino dos espíritos firma-se entre nós”.

Quero chamar a vossa atenção para o número do “Reformador”, de 16 de fevereiro, proximamente passado, que na página 89 nos traz três casos muito interessantes de fenomenologia espírita. O primeiro transcrito do jornal inglês “Sunday Express”, número de maio de 1922, relata o fato da aparição de um espectro que, torcendo as mãos, em desespero, surgia em uma creche de Hyde-Park, em Londres, gemendo... Essa fantasma, que houvera sido visto por enfermeiras e criados, supunham ser o *espírito de uma criada que matara sua própria filha*.

Penalizada pelo sofrer dessa criatura, procurei, quanto em mim coubesse, suavizar as suas penas, atraindo-a por meio de preces e pensamentos de arrependimento e esperança. Cheguei a conhecer a verdadeira causa do seu agro sofrimento.

Esse espírito expia o remorso de uma *grande falta da máxima gravidade!* Eu não julgo, meus amigos; longe de mim a tentação de me fazer juiz das culpas alheias, bem mais leves, sem dúvida, do que as que acarreto sobre mim, desde longínquos tempos...

Esta expressão — *grande falta, de mais alta gravidade* é do próprio espírito, que a usou quando, atraído pela simpatia dos meus pensamentos, derramou no meu coração a mágoa indefinível que perturba o repouso da sua consciência atribulada...

Miss Kathleen Wellington, pessoa de confiança de uma importante família belga, por ocasião da grande guerra que conflagrou a Europa, há bem poucos anos, e cujas terríveis conseqüências ainda hoje se fazem sentir em todo o mundo, sabedora do esconderijo onde se refugiara a mãe dessa família, com um netinho de menos de 4 anos de idade, a quem o inimigo procurava a todo o custo, caiu na tentação e na fraqueza de o revelar aos perseguidores, que, diante dos seus próprios olhos, mataram essa criancinha, a qual, na inocência e confiança dos seus poucos anos, lhe estendia os bracinhos, pedindo proteção contra os seus terríveis algozes...

A velha senhora, avó do pequeno Baby, sucumbiu no próprio instante, à ruptura dum aneurisma à vista do quadro horroroso do massacre do seu querido netinho a quem os soldados inimigos, vagorosamente, foram decepando dedos, mãos, pés, vazando olhos, partindo ossos, para gozarem mais demoradamente a sua alegria feroz de canibais inconscientes!

E ela, que, para fugir à morte, havia traído a confiança dos seus bons amigos, louca de remorsos e de dor ante aquele quadro horroroso, corria pelos campos em fora, arrancando os cabelos, em desespero, até alcançar o alojamento inimigo, onde, presa dos mais angustiosos remorsos pediu a morte, *porque não queria mais viver...*

Não queria mais viver! Ah! meus amigos! Pensava aquela infeliz poder deixar de viver, para escapar a ânsia do sofrimento atroz que a torturava!

Mas eis que, ao transpor os umbrais da eternidade, pode constatar com horror, que, não obstante ter passado *pelo vale da sombra da morte*, vivia ainda!

Vivia, para a dor, para o remorso, para o sofrimento intérmino!!

Desde então, vagueia pela terra, buscando os lugares onde se encontram as criancinhas animadas por almas caridosas, que levam até o sacrifício a missão de as proteger, desejosa de também prestar o seu concurso à obra benemerita que essas almas piedosas, procuram realizar, com favor do Céu!...

Não é somente a creche de Hyde-Park, em Londres, que Miss Katheleen Wellington visita. Ela faz essa romaria expiatória a todos os asilos, todos os hospitais, todas as creches, todos os estabelecimentos de ensino, todos os ajuntamentos de crianças... Sua alma sofredora deseja acariciar essas inocentes criaturinhas, prodigalizar-lhes toda a ternura e cuidado amoroso, para diminuir a tortura do suplício que a aflige incessantemente pela visão ininterrupta do martírio do seu fiel amiguinho, a quem entregou nas mãos dos algozes impiedosos! Quantas vezes, quem o sabe! terá ela vagado pelos refeitórios, pelos dormitórios, pelos salões de estudo, pelos recreios e demais dependências deste piedoso estabelecimento em que nos encontramos neste momento! Quantas vezes, quem o sabe!

Oh! meus queridos amigos, e sobretudo minhas caridosas irmãs, se vos fôr dado pressentir, no silêncio da noite, a sua sombra, a vagar no interior desta casa, a casa abençoada de Thereza de Jesus, elevai o vosso espírito em prece ao Mestre Divino, Jesus, rogando a presença da sua serva amada, a cuja caridade, tantas vezes comprovada, Ele vos permita entregar a causa da nossa pobre irmãzinha.

E o meigo Nazareno, a cujos pés, outrora Maria Magdalena, em prantos, derramou sua alma pecadora, receberá em seu seio amantíssimo a súplica confiante do santificado espírito de Thereza de Jesus.

Meus amigos, casos como este de que me ocupei convosco neste momento, há muitos e de vários aspectos. Deles têm sido testemunhas pessoas, de cujo caráter e competência, na matéria não nos é lícito duvidar.

Não há dúvida alguma, os nossos irmãos do espaço sentem a necessidade de se aproximarem de nós e envidam todos os meios par o fazerem.

Corramos em seu auxílio, facilitando-lhes o ensejo de poderem realizar suas boas intenções. Para isso, no entanto, o que é mister fazer?

Será de bom aviso entregarmo-nos dia e noite à prática de sessões experimentais, sem preparo algum, com a preocupação curiosa, *apenas*, de ouvir o que dizem e presenciar o que fazem os espíritos, por intermédio dos médiuns sonambulizados? Será proveitoso o interesse que muitos de nós tomam nesses ajuntamentos ou reuniões, cujo único fito é atrair os entes queridos de certas ou determinadas pessoas presentes, provocando um encontro, ou melhor, uma entrevista, entre essas pessoas e aqueles seus amados do "mundo Além", ignorando, na maioria dos casos, a condição espiritual em que se encontram essas criaturas, no invisível? Não, meus amigos, bem compreendeis que não. Devemos facilitar a comunicação dos nossos irmãos desencarnados com o nosso mundo, pela doce atração de uma simpatia verdadeira, desejosos de os ajudar naquilo em que a nossa caridade lhes possa ser útil e prontos a aceitar, daqueles que os possuírem, os conhecimentos que nos faltam para o bom desempenho das nossas responsabilidades. Penso que, a orientação melhor a seguir nesse

delicado tentame, será sempre aquela que tiver por objetivo único e imediato, a caridade, com exclusão completa de todo o interesse material e pessoal. Essa virtude, maior entre todas, no dizer do apóstolo Paulo, seja o farol que alumie e guie os nossos passos, apontando-nos os escolhos, os perigos, com que certamente teremos de nos encontrar, afim de que deles nos possamos livrar em tempo.

Para isso, no entanto, o que é mister fazer?

Sofre no corpo, ou no espírito, uma criatura humana, seja ela quem fôr, perto ou distante de nós, grata ao nosso coração, ou, pelo contrário, antipática aos nossos sentimentos afetivos, rica de bens materiais, ou tão pobre que coisa alguma possua de seu, — o nosso coração se comove com esse sofrimento, sentimos dentro de nós o desejo sincero de mitigar essa dor, então façamos por essa criatura aquilo a que a nossa caridade nos impele. Não nos arreceemos de atrair os espíritos benfeitores do espaço afim de lhes suplicarmos os bons fluídos sobre ela. Não temamos, meus amigos, ser ludibriados em nossas boas intenções. Deus não permitirá que os espíritos mal intencionados venham perturbar o ambiente que nos cerca, porquanto o móvel da nossa ação é verdadeiramente justo e aceitável aos seus santos olhos. Tudo quanto pedirmos em tal estado de consciência, será aceito por nosso Pai Celeste, porquanto está baseado na lei que Ele próprio decretou em sua alta sabedoria: **"Amarás ao teu próximo como a ti mesmo"**. Se estivermos em amor para com nosso Deus e em caridade para com os nossos irmãos da terra e do espaço, podemos estar seguros de que os bondosos espíritos dos nossos Guias e protetores do "Além" correrão em nosso socorro em todas as contingências da nossa vida, porque são nossos verdadeiros amigos, atendendo solícitos ao nosso apelo, para nos ajudarem em todos os momentos difíceis da nossa existência. O preparo essencial, queridos confrades, para entrarmos, sem perigo, no campo físico-científico do Cristianismo, é, a meu ver, um coração cheio de amor fraternal por *todos os seres* que Deus tem criado, e uma consagração pessoal ao serviço do Divino Mestre.

Sempre que tivermos necessidade de recorrer aos nossos Guias, façamos, previamente, um exame de consciência, a ver se estamos convenientemente preparados para os recebermos e lhes pedirmos os favores que almejamos receber do Céu. Roguemos ao Pai que nos encha o coração de bons sentimentos, e a razão da lucidez imprescindível para distinguir os bons dos maus pensamentos, supliquemos o seu perdão para as grandes faltas que a todos os instantes cometemos, oriundas da nossa imperfeição e maldade, e, humildes, reverentes, confiantes no amor infinito do Divino Mestre, peçamos-lhe que nos ponha na presença do nosso Amado Guia...

Nesse estado de consciência, convencidos da nossa nenhuma valia para adquirir os favores do Alto, mas certos do poder infinito do Pai e da intercessão piedosa do amado Jesus, podereis vós crer que um espírito mal intencionado consiga aproximar-se de nós, perturbando a concentração profunda do nosso espírito, interrompendo a irradiação amorosa que dele parte para o seio do Eterno?! Eu não o posso crer, meus amigos, e vô-los digo com toda a sinceridade da minha fé. Alguém me perguntou ingenuamente como faço para "merecer" a visita contínua dos bondosos espíritos que se têm servido de mim como instrumento das suas ordenanças...

Vêde bem, meus amigos, a pergunta era — o que eu faço para “merecer” uma palavra dos nossos Guias! — Quem, por merecimento próprio, por virtude sua, poderá alcançar esmola de tal valor?!

Não, meu amigo, respondi-lhe, Deus em seus sábios desígnios dá a cada um aquilo que lhe é necessário receber. É do nosso dever aceitar e transmitir aos outros aquilo que Ele nos ordena receber e transmitir. Saibamos, no entanto, que a maravilha, a grandeza da obra é do Criador e lhe rendamos graças porque, na sua misericórdia infinita, nos concede dádivas tão valiosas.

Há quem descreia da presença contínua dos espíritos elevados no nosso meio, atribuindo a uma fascinação do médium a certeza com que ele afirma a presença do seu Guia. Possuímos a prova mais completa, cabal, irrefutável, de que os espíritos superiores se dignam baixar até nós, dirigindo os nossos trabalhos, corrigindo os nossos erros, afastando os empecilhos que embaraçam o nosso caminho na prática do bem e da caridade.

Vós, confrades meus, aqui presentes, podeis, em grande maioria dar testemunho do que afirmo: — Quem concebeu o plano deste Abrigo da Infância, em cujo seio nos achamos nesta hora?

Quem inspirou os meios de levar a efeito esta grande obra, aplainando dificuldades, afastando óbices, sugerindo métodos, incutindo ânimo àqueles que têm o dever de nela tomarem parte direta? Quem, meus amigos? — O espírito abençoado de Thereza de Jesus...

É sua esta casa, são suas as criancinhas aqui abrigadas, é sua esta grande obra! Thereza de Jesus assiste neste estabelecimento, inspirando a uns, ajudando a outros, encorajando a todos...

Apelo para aqueles que são médiuns videntes, quantas vezes a terão visto majestosa e bela, irradiando luz e amor sobre as nossas cabeças...

Apelo também para os sensitivos, intuitivos, os quais sentem a sua aproximação, que se anuncia por uma onda de bem-estar indefinível!

É certo, meus amigos, tais sejam os motivos, os sentimentos íntimos que nos levem à prática deste ou daquele ato, quais serão as influências do espaço que atrairemos sobre nós.

Amemos o Bem, pois; rejeitemos, não só o mal, como toda a aparência do mal; e não receemos as ciladas dos espíritos inferiores, a quem devemos perdoar amando muito, afim que a influência do nosso amor vá amenizando a dureza dos seus sentimentos.

Não desanimemos, meus irmãos. Num futuro breve, muito breve, havemos de ter a glória de ver firmado definitivamente na terra o “reino dos espíritos”, isto é, o reino da justiça, do amor e da verdade.

O VERDADEIRO ESPÍRITO DA VIDA CRISTÃ

(Em 29 de Abril de 1923, na Federação Espírita Brasileira).

A história da nossa Pátria está cheia de episódios comoventes, trágicos e heróicos, páginas de ouro, que nos permitem conhecer os grandes vultos do Cristianismo no passado. Lições grandiosas de virtude, de abnegação, de altruísmo, em que a fé cristã se sublimou até o martírio. Vultos como Anchieta, o grande taumaturgo, cujos serviços inestimáveis à causa da evangelização indígena permanecem gravados indelevelmente em nossa memória, Antonio Vieira, cujo maior gozo era a pacificação dos silvícolas e conseqüentes submissão e conversão religiosa, João de Almeida, cuja pureza de vida lhe valeu o ser considerado um santo, no seu tempo, Aspilcueta Navarro, o devotado amigo dos índios, que, para lhes tornar fácil a compreensão dos Evangelhos, deu-se ao trabalho de os verter para a língua tupy, todos esses e muitos outros, foram, incontestavelmente, exemplos vivos de fé Cristã para os quais o *Viver era Cristo e o morrer glória!* Obstinaos na prática do bem e do amor ao próximo, não desanimavam no meio dos perigos assustadores em que estiveram envolvidos a todos os instantes, face a face com a miséria, a fome, o frio, a nudez, as intempéries, a morte! Trabalhadores infatigáveis, dotados de irresistível força de vontade e do verdadeiro espírito do Cristianismo, abroquelados no escudo invencível da fé, destruíram as mais fortes barreiras, desceram aos abismos mais profundos das consciências, num trabalho incessante e pertinaz, amparados, sem dúvida, do "Alto", pelo estímulo e conforto dos espíritos prepostos por Deus para seus Guias.

Relendo a história desses grandes homens, queridos confrades, não sabemos que mais admirar, se a sua indômita coragem jamais desmentida, se a força moral que nos assombra!! Onde foram eles buscar esse heroísmo, caros amigos, toda essa força sobre-humana, de que dispunham nas emergências decisivas, toda essa invencível energia, que lhes assegurava a certeza de vencerem sempre, debelando perigos, quebrando resistências formidáveis, para a realização dessa epopéia grandiosa de fatos extraordinários, humilhando-se até o sacrifício, quando isso era necessário para exemplo da sua fé inquebrantável?

Quereis saber onde, meus prezados amigos? Quereis saber o segredo de todo esse valor que nos maravilha? — Esses varões, que tais feitos puderam realizar naqueles tempos longínquos, possuíam o verdadeiro espírito da vida cristã! Eis tudo! A sua grandeza espiritual não deriva simplesmente da posse de dons excepcionais, outorgados pela Divina Providência, como erradamente muitos lhe atribuem. Deus não é injusto, prodigalizando a uns maior soma de qualidades morais do que a outros. Ele a todos concede a vida, com as faculdades necessárias para crescerem e progredirem.

Depende de nós o pormos em ação os dotes preciosos com que nosso Pai Celeste nos presenteou, cuidando de aperfeiçoar e enriquecer de virtudes o nosso espírito, pautando na realidade o nosso viver pela norma apontada, pelo verdadeiro espírito de uma vida cristã. Só o espírito do Cristo, meus amigos, inspira e sustenta o homem nas grandes lutas pelo Bem!

Tenho lido ultimamente comunicações, apanhadas por diversos médiuns, que nos pressagiam grandes dores, acerbos sofrimentos, provações angustiosas. Acordam todas elas, em que este ano será farto em lágrimas e grandes pesares. Onde buscar a força, a coragem necessária para resistir pacientes e conformados às provocações que nos reserva o futuro, queridos confrades? Os mais devotados e fiéis cristãos têm sido, em todos os tempos os mais perseguidos, os mais sofredores e, todavia, a sua fé jamais desfaleceu! É que eles possuem, dentro de si mesmos, o verdadeiro espírito da vida Cristã!

Tenhamos nós, igualmente, esse espírito e seremos vencedores, pela fé!

Sabemos que a vida neste planeta é o sofrimento, é a luta, procuremos atenuar a dor santificando-a pela resignação, mantendo serena a nossa razão nas situações as mais aflitivas em que nos encontrarmos e, na luta sejamos corajosos, evitando o desalento, causa dos maiores males.

Conhecer o Espiritismo pelo estudo aprofundado e atento da Nova Revelação é dever imprescindível do crente. Buscar penetrar os ideais sublimes, que apenas vislumbramos através das revelações dos bondosos espíritos que nos visitam amoravelmente, é justo e, sobretudo, é agradabilíssimo ao nosso entendimento. Nem devemos esquecer o estudo atento da doutrina que professamos, para que, baseados solidamente nos princípios fundamentais da nossa fé, possamos com critério e dignidade, explicar, aos que nô-lo perguntarem, a razão judiciosa das nossas crenças.

Mas o essencial, o indispensável, o mais proveitoso ao crente espírita é — possuir o verdadeiro espírito da vida cristã.

Lembre-mo-nos, a propósito, do episódio que do púlpito nos foi contado por distinto confrade nosso.

Falava-nos ele de Boa-ventura, o santo, de quem havíamos recebido a comunicação inicial em nossa reunião, naquela noite. Dele se acercara frei Gil e lhe falara, dizia o nosso pregador, por estas palavras, que eu cuidadosamente, anotei então: “Ah” quanto sois felizes, vós, os doutos, porque, melhor do que nós, pobres ignorantes, podeis louvar a Deus!” Ao que retorquiu Boaventura: “Basta-vos a graça de amar a Deus; e, digo-vos, pode o ignorante e até uma simples mulher, amar a Deus tanto como um doutor em teologia”.

Não há dúvida que assim é, meus amigos. O espírito de Cristo deve reinar em nossa vida, se quisermos fazer obra agradável ao Senhor.

Todos nós, crentes e adeptos da doutrina espírita, nos esforçamos pela divulgação dessa doutrina que abraçamos, ansiosos de levar ao conhecimento dos nossos irmãos, em toda a parte, o conforto, a alegria, a paz, que ela derrama em nossos corações. Porfiemos todos nessa obra de propaganda sagrada, nos afadigamos em pregar, espalhando as belezas da nova vida, ou melhor da ressurreição para uma nova vida, que em todos desperta o conhecimento do Espiritismo. É certo, porém, meus amigos, que, embora desejosos de fazer muito, fazemos ainda muito pouco. Isso atribuo eu, refletindo insistentemente sobre o fato, à falta de consagração íntima do nosso eu ao serviço do senhor. Nem tanto nos faltam os recursos pecuniários para re-

mover dificuldades materiais que delas dependam. As obras pias em nosso País encontram sempre no coração brasileiro acolhida generosa e boa.

Por que não fazemos mais, então, nós que temos tantas cousas para fazer e por fazer? Esperamos?!

Mas esperamos o quê?! Não sabemos que os dias correm céleres e com eles céleres desaparecem os anos? Porque então, demoramos tanto a tornar em realidade palpável os planos que temos em mente levar a efeito para o engrandecimento da propaganda espírita, planos esses delineados sob os moldes da Caridade Cristã? Será que inutilmente batem às portas dos nossos ouvidos os nossos Guias do espaço, despertando-nos para o trabalho do Senhor, apelando para os nossos sentimentos cristãos de amor à humanidade, desapego ao interesse pessoal, dedicação ao serviço do Divino Mestre? Ah! meus prezados amigos, a verdade é que, não nos faltando os meios, não nos faltando braços para o trabalho, nem cérebros para o dirigirem com eficiência, falta-nos, todavia, em cada um de nós, particularmente, o verdadeiro espírito da vida cristã, isto é, o amor de Cristo dentro de nós mesmos! Possuíssemos nós esse espírito em verdade, e, então os sentimentos puros que dele decorrem, a virtude, a caridade, o amor ao próximo, a justiça, se manifestariam na realização positiva do trabalho ativo e incessante em prol do Espiritismo.

É tempo, meus amigos, de fazermos um pouco mais do que temos feito até aqui.

No interior do nosso país, relativamente, se faz mais do que fazemos!

Tive oportunidade de ver e apreciar em Minas, há bem pouco tempo, o esforço que despendem alguns confrades nossos, as dificuldades enormes com que lutam, e a boa vontade com que se dedicam à causa do Espiritismo.

Esse punhado de crentes, empenhados na divulgação da santa doutrina, não descarta as suas obrigações para com o próximo. Eles organizaram um pequeno centro, a cujas reuniões comparecem regularmente, mantêm uma farmacinha para socorro dos necessitados e fazem diversos trabalhos outros de caridade, em proveito do próximo. São criaturas pobres, na sua maioria, incultos muitos deles, não contando, a maior parte, nem com o apoio das suas próprias famílias. E, todavia, devotados ao trabalho do Senhor, desejam e procuram realizar a maior soma de bens ao seu alcance. Mais de uma vez estive com eles, animando o seu zelo e, de mim para mim mesma, louvando a sua iniciativa. Como seria apreciável e proveitoso que, levássemos a efeito um serviço constante de propaganda itinerante, com o intuito de ajudar esses centros humildes no interior do Brasil, levando-lhes as instruções de que necessitam e tanto desejam, para o bem encaminhamento dos seus trabalhos?! De quando em quando a visita de um dos nossos companheiros aos nossos irmãos do interior, portador de leituras instrutivas, jornais, revistas, etc., que muitos deles não podem comprar, mas que nós lhes podemos, sem sacrifício, algum, oferecer, seria de grande utilidade para esses centros afastados da nossa Capital. Estabeleceríamos assim uma solidariedade mais perfeita, em tudo compatível com o amor fraternal que deve reinar entre os espíritas.

Em Sete Lagoas, onde estive de Dezembro último até Fevereiro deste ano, tive oportunidade de conhecer um certo ramo de atividade comercial, para mim até então quase desconhecido. Refiro-me ao trabalho dos "viajantes", empregados das grandes firmas de negócios vários os quais "fazem as praças"

(como eles dizem) não só do interior do nosso país como dos Estados mais afastados do Norte e Sul.

Que atividade, meus amigos!

Que ânsia de fazer mais, e no menor espaço de tempo possível!

Diariamente os trens conduzem às diversas estações grande número deles, ativos, alegres, dedicados e tão identificados ao trabalho, que dá gosto os ver. Parecem não sentir a dureza da vida a que se entregaram, tão habituados, tão afeitos estão a ela. E eu os vendo assim tão diligentes e tão contentes no cumprimento do seu dever, lamentava que nem um só de todos quantos vi (e não foram poucos) fosse o “viajante” do Espiritismo...

E alimentei a idéia que hoje entrego no seio da Federação Espírita Brasileira, a quem respeito e amor com a sinceridade do meu coração, de criarmos o nosso “viajante”, o representante da Federação, que, viajando por conta dela, como os do comércio por conta das suas casas, faça as diferentes praças do nosso sertão, conduzindo o material ambulante, necessário à divulgação da doutrina espírita, como eles, os outros, conduzem as amostras das diversas mercadorias que as suas casas possuem.

E que notável diferença, meus amigos! Eles, os “viajantes” do comércio, trabalhando, aliás muito honradamente, pelo lucro e progresso material das casas que representam; o nosso viajante, dedicando todo o seu esforço à causa santa do Espiritismo Cristão! O primeiro à busca da maior soma de dinheiro, na ânsia insaciável de fazer mais; o segundo, dando de graça a todos, aquilo que de graça recebe do seu Senhor e Pai!

Alimentei e continuo a alimentar esse sonho dourado, meus amigos, precursor de verde-louras esperanças, que vós podeis tornar em pouco tempo uma realidade auspiciosa. Compete à Federação Espírita Brasileira animar, auxiliar e proteger os pequenos núcleos do Espiritismo que se vão formando aqui, ali ou além, os quais outra cousa não aspiram senão o glorioso progresso da mesma causa que nós aqui defendemos, pelo amor da qual lhes palpita o coração de um sentimento irresistível. Todos nós, espíritas, em qualquer parte do globo e oxalá em qualquer ponto do Universo, devemos formar uma cadeia suave, e fortemente unida, cujo objetivo seja amar, servir e glorificar a Deus, praticando atos que demonstrem possuímos o verdadeiro espírito, da vida cristã.

Falei-vos há pouco de haver lido diversas comunicações, tomadas por vários médiuns e em diferentes lugares, as quais nos anunciam grandes dores, provações acerbadas. Eu tenho lido algumas e de outras tenho sabido por intermédio de confrades nossos.

Devo dizer-vos, de minha parte, não me sinto perturbada com essas revelações, embora as julgue fiéis e verdadeiras.

Se a hora se aproxima em que devemos redimir as nossas grandes culpas, salvando pelo sofrimento presente um passado cheio de iniquidades, por que nos entristecemos ante a possibilidade breve de reparar os nossos crimes?

Antes devemos sondar o nosso íntimo, a ver se mantemos inquebrantável a nossa fé, sob cuja égide seremos fortes na luta, confiantes no perigo, resignados na dor! Ponhamos os nossos sentimentos íntimos na altura

da fé imarcescível que fortaleceu os primeiros cristãos na antigüidade, e os raios dessa fé viva, atravessando o infinito, se irão confundir com aqueles que do infinito partem em busca da irradiação igual à sua!

Estabeleçamos assim, uma corrente contínua de energias vivificantes que robusteçam a nossa fraqueza física, porquanto, é certo, as forças do espírito dominarão a fragilidade da matéria.

Tenhamos, meus queridos ouvintes, o verdadeiro espírito da vida cristã. Não seja em vão que os nossos queridos irmãos do espaço clamem todos os dias, despertando a nossa energia, o nosso amor, o nosso fervor em bem da causa que eles e nós abraçamos, para a felicidade da humanidade em geral. Quanto impressiona, meus irmãos, ouvir a constância com que eles em suas mensagens nos bradam: ***é tempo, vigiai, orai, sede fervorosos no cuidado, amai ao vosso próximo como a vós mesmos, pois que os tempos são chegados...***

Estas e outras significativas expressões soam aos nossos ouvidos quotidianamente, em nossas sessões ordinárias, ora como uma súplica dolorosa partida dos alcandorados espíritos de Thereza de Jesus, Vicente de Paulo, João, ora como um toque de clarim, chamando-nos a postos, pelas vozes do comando de Paulo de Tarso e Thiago, batalhadores incansáveis do exército cristão!

Urge, pois, que, sem demora, cuidemos de pôr em prática os seus prudentes conselhos, realizando em nossas vidas o verdadeiro espírito da vida cristã. Peçamos contas às nossas consciências dos atos que praticamos levemente, gastando sem proveito o tempo precioso de que dispomos para a prática de ações boas, de conformidade com a lei do amor, categoricamente expressa e demonstrada nos Evangelhos de Jesus. Analisemos cuidadosamente cada uma das nossas ações, cada um dos nossos desejos, cada um dos nossos pensamentos, cada uma das nossas intenções.

Quantas vezes, com a alma cheia de ambições indignas, com o coração maculado por sentimentos impuros, com a mente intoxicada por pensamentos nada sãos, nos arvoramos em juizes das fraquezas dos nossos irmãos, atribuindo-lhes intenções que eles não possuem, censurando-lhes tais ou quais atos, que no nosso "alto critério", qualificamos implicitamente de falta de fé! Somos todos espíritos imperfeitos, porque todos temos falido inúmeras vezes, e é essa justamente a razão porque ainda neste planeta nos encontramos. Procuremos, pois, todos juntos e cada um em particular, ser severos conosco próprios, expurgando do nosso interior a tendência para o mal, enérgicos e intransigentes cada um consigo mesmo e caridosos e benevolente para com os nossos irmãos.

Cada um de nós tem um passado longo, cheio de grandes erros, crimes horrendos, faltas que jogaram sobre nós, responsabilidades tremendas, que a misericórdia Divina ocultou caridosamente à nossa percepção neste mundo... Compenetremo-nos dessa verdade e, enquanto é dia, cuidemos em recuperar o tempo perdido, resgatando com paciência, constância e longanimidade, esse passado tenebroso da nossa existência através milênios. O Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo é o padrão pelo qual devemos aferir todos os nossos atos,

afim de podermos realizar no meio em que habitamos, o verdadeiro espírito da vida cristã.

Meus amigos, perdoai-me o cansar a vossa paciência com estas exortações que, todavia, são a manifestação sincera do desejo ardente, que alimenta o meu coração, de ver o Espiritismo não só bem compreendido pelos seus adeptos, como realizado, em toda a inteireza da sua doutrina de amor e caridade, na vida prática desses mesmos que, com tanto ardor e entusiasmo, defendem, propagam e exaltam as suas teorias e ideais.

Contando antecipadamente com a vossa habitual benevolência, vos trouxe, confiante, o produto das minhas cogitações incessantes, cujos defeitos o vosso critério e competência saberão suprir, corrigindo-os.

.....

Ia eu concluir neste ponto estas modestas reflexões, quando senti que alguém do espaço se mostrava desejoso de adiantar algumas considerações suas, ao meu despretençioso trabalho.

Retomei o lápis e eis o que recebi: “O bem que praticamos durará eternamente, porquanto dele Deus guardará eterna memória. Feliz o homem que, consciente do mal que nesta ou noutras encarnações tem feito, procura remediá-lo. Cada minuto de demora na realização das boas obras traz, como conseqüência direta, o retardamento da benção do Senhor correspondente àquele ato. Compenetrando-vos, pois, das responsabilidades que sobre vós acumulastes em sucessivas e sucessivas encarnações, sede diligentes na prática das boas obras, que serão o penhor do vosso arrependimento e satisfação dos compromissos tomados no espaço quando, livres da matéria analisastes com imparcial critério os vossos atos anteriores. Fazei, pois, queridos irmãos, o bem! Uni-vos fortemente nessa intenção firme: — repelir o mal, praticar o bem!

Todos os espíritos são dotados de vontade e razão. Aplicai-os com justiça e fareis, sem dúvida, boas obras. Cada um benefício que caridosamente praticardes, encurtará a distância que vos separa de Deus.

Caminhai, pois, para Ele, envidando esforços para serdes bons, pela Caridade, pela realização de obras pias.

A dulcíssima paz do Cristo fique convosco. Adeus!”

ORNELLAS

—————

Agora, meus prezados amigos, após esta manifestação espontaneamente trazida pelo nosso querido companheiro de lutas, consenti que vos dê conhecimento do mimo que do Céu nos envia o nosso querido amigo Dr. Bezerra de Menezes, sob cujo pseudônimo, Max, acha-se firmada a seguinte comunicação.

Rogo encarecidamente a vossa preciosa atenção.

“É um legítimo desejo vosso possuir nesta vida o verdadeiro espírito Cristão, sem o qual não lograreis atingir a perfeição moral, aspiração justa de todo homem de boa fé!

Um pouco de boa vontade, meus irmãos, e avançareis muito na luminosa estrada que tendes diante de vós. A ciência que mais rápido nos aproxima do Criador é aquela que nos ensina o cumprimento dos nossos deveres para com Deus, para com os nossos semelhantes e para conosco próprios. Ela é de todas a mais importante, porque vos dá a conhecer o vosso próprio interior, habituando-vos a dirigir os vossos sentimentos para o que é bom, reto e digno. Essa ciência é a Moral.

Pautai por ela os vossos atos e tereis conseguido realizar os preceitos de Cristo. Ela pertence ao domínio das ciências do espírito e é a expressão justa das leis naturais da justiça, princípio latente na consciência humana. Cultivando-a, amados meus, chegareis à certeza de que a verdadeira felicidade não vem do exterior e sim do íntimo da nossa alma, da paz interior que nos dá a consciência do dever cumprido.

Lançai os vossos olhos ao redor do que vos cerca. Um pouco mais... mais além... fixai a vossa atenção além... mais além, onde só o vosso pensamento alcança... Que vêdes, meus caros irmãos? Fome, miséria, sangue, dor! É a manifestação do sofrimento atingindo a culminância! Qual é o sentimento que nos inspira tanta desolação, tanta amargura? Mulheres sem pão, velhos sem abrigo, crianças sem ar nem luz...

Que fazeis meus amigos? Não sentis que tendes o dever de aliviar o sofrimento dos pobres?

Vossa alma, não se confrange em adiar para amanhã aquilo que hoje é uma necessidade premente? Eia, avante, obreiros do Senhor! O sofrimento é o laço que liga os homens entre si. Ele desperta na criatura o que de mais belo e precioso existe na terra e no infinito: a bondade, a caridade!

Mãos à obra, obreiros do Senhor! O mais belo patrimônio que podeis edificar em benefício dos vossos espíritos é o bem que façais ao vosso semelhante. — Eis a verdadeira síntese do verdadeiro espírito da vida cristã.”

MAX

Tenho concluído.

CONCÓRDIA

(Em 27 de Maio de 1923, na "União Espírita Suburbana".

Vastíssimo é o campo que ao nosso senso analítico oferece a doutrina do Espiritismo. O nosso acanhado entendimento se reconhece impotente para abranger essa amplitude ilimitada de conceitos magníficos, profundos, multiformes, que a nossa inteligência vislumbra apenas.

Incomparáveis tesouros de mora, de sabedoria, de virtude, de consolação, de esperança e de amor, contém essa revelação abençoada, que Deus, por sua imensa bondade, permitiu fosse manifestada ao homem. Quanto

mais nos consagramos ao estudo religioso-científico das responsabilidades e privilégios da alma, mais sentimos a inteligência e a justiça da Providência Divina, que nos sustenta e defende, ao mesmo que nos conforta e enche de esperança! À medida que religiosamente penetramos no seio augusto dessa auspiciosa doutrina, se vão duplicando as potências de nossa alma, as faculdades latentes do nosso ser e um desejo sincero de ser realmente bom invade o nosso íntimo, fazendo-nos amar melhor, por melhor os entendermos — homens, animais, plantas, minerais, mares, terra, sol, estrelas, chuvas, ventos, montanhas, rios, — a natureza enfim! Como deve ser agradável o ser bom! Como Deus é magnânimo em ter dotado o nosso espírito de capacidade suficiente para aprender o belo, o sublime da natureza, as doçuras do amor, as sutilezas da caridade, a grandeza imensa do infinito!

Foi pensando nestes incomparáveis privilégios do espírito que elaborei o plano de entreter-me convosco hoje, em fraternal palestra, sobre o tema que vos foi anunciado: *Concórdia*.

Para o bom êxito dos nosso trabalhos espíritas, meus caros confrades, sob qualquer dos múltiplos aspectos que encaremos a prática da nossa doutrina, nenhum fator é tão indispensável quanto a união perfeita de vontades, a concórdia entre todos!

É pela igualdade e fraternidade cristã que conseguiremos alcançar a realização dos nossos desejos, apressando a divulgação da religião que professamos; é demonstrando pelos nossos atos quotidianos, decorrentes do amor fraternal que nos une, que, chegaremos a *luzir diante dos homens*, os quais, vendo as nossas obras, crerão na verdade do que pregamos. Mas, como poderão eles crer, se o que atestamos com o nosso proceder estiver em desacordo com os ensinamentos que lhes procuramos incutir pela palavra escrita ou falada?

A nossa religião não tem enfeites. Ela é simples, pura e verdadeira, como é simples, verdadeiro e puro tudo quanto partiu dos lábios do Divino Mestre.

Ela nos ensina como poderemos suportar resignados, as grandes dores que, sem o apoio da fé, fariam vacilar a nossa razão. Ela nos aponta a conduta a seguir nas lutas indispensáveis, ao aperfeiçoamento do nosso caráter. Ela nos dá mão forte nos imprevistos ataques das forças ocultas, que nos procuram desorientar, desviando-nos da rota que a nós mesmos temos traçado, em demanda dos altos destinos que nos esperam. Ela nos ministra a paz da consciência, pela certeza da vitória, no fim da batalha incessante, em que figuramos na terra — como defensores do Evangelho bendito de Nosso Senhor Jesus Cristo, vituperado, e deturpado pela impiedade e inconsciência dos homens. Devotados a essa religião excelsa que faz nascer o paraíso dentro de nós mesmos, pelas intuições seguras que nos inspira, pelo bálsamo consolador que derrama nas chagas da nossa alma, pela esperança bem fundada que nos promete melhores dias num futuro auspicioso, ao lado dos nossos queridos, que nos precederam na vida do "Além", temos o dever de esmerarmo-nos na nossa conduta nesta vida, *brilhando aos olhos do mundo, para que eles, vendo as nossas obras, creiam realmente que somos cristãos*.

É para lamentar que, esquecendo os gozos espirituais com que a Providência Divina fartamente compensa as amarguras desta vida temporária, nós nos afadiguemos tanto em discussões estéreis, práticas inúteis ao nosso

progresso moral, polêmicas sobre assuntos de importância duvidosa, entretendo o nosso tempo em contentar o nosso egoísmo — ocupando-nos de nós mesmos, enxergando sempre o lado mau dos homens e das cousas, enquanto, como que propositalmente fechamos os olhos, para não ver o melhor.

Como é triste que assim procedamos de contínuo, desobedecendo ao preceito do Divino Mestre, que nos manda amar, até o nosso inimigo! Como estamos longe dessa perfeição, nós que nem sabemos amar os nosso próprios irmãos em crença!

O espírito de concórdia, meus amigos, deve viver conosco, para, que possamos fazer um trabalho proveitoso à humanidade e agradável aos olhos do Senhor. Quanto mais os homens se afastarem do seu Deus, maior seja o nosso esforço, em atraí-los ao bom caminho. Não nos esqueçamos de que a lei do amor e da caridade é a única que pode aproximar o homem de Deus. E como poderemos nós executar a obra do bem, em prol dos desviados, senão dando-lhes, a par com os meios de se ilustrarem no conhecimento real do Espiritismo, o exemplo vivificante de uma perfeita união de sentimentos, de reciprocidade de afetos e fraterna solidariedade? Unamos as nossas vontades, meus amigos, na intenção de praticarmos o bem, educando o nosso caráter, cultivando diariamente a faculdade de dominarmos as nossas tendências culposas, constituindo, dentro de nós mesmos, um todo de princípios honestos e bons. Este esforço heróico de subjugar os maus instintos da nossa índole pecaminosa, muito contribuirá para a limpeza e ilustração da nossa alma. Unamos as nossas vontades, procurando conquistar, pelo nosso próprio esforço, a regeneração dos nossos espíritos. Ah! se o espírito de concórdia reinasse em nossos centros e agremiações espíritas, quanto poderíamos nós realizar em pouco tempo! Se esse espírito fosse o laço que nos unisse real e fraternalmente uns aos outros, outros seriam os resultados que em breve tempo colheríamos do nosso labor em prol das doutrinas espiritualistas. Como se modificaria o nosso feitio moral, pela compreensão exata dos nossos deveres fraternos! Uns, pelo fulgor da inteligência, outros, pelo dom da mediunidade, sob qualquer das suas múltiplas formas, estes pelo poder da sua influência pessoal, aqueles, pelos dotes naturais de uma alma compassiva, todos solidários, concordes, olhos fitos no Mestre — Jesus, — esquecidos de si mesmos, dedicados amorosamente à pregação viva da doutrina salvadora que o Cristo nos tem revelado!

Meus amigos, o Espiritismo tem poder para regenerar o homem pelos conhecimentos de moral, pureza, sabedoria e piedade que lhe revela.

Ainda é tempo, meus caros confrades, nada está perdido. Apelemos para as reservas de força, que ocultas se acham no íntimo do nosso ser, expurguemos, pela energia da nossa vontade, os sentimentos pecaminosos que perturbam a tranqüilidade das nossas consciências e sejamos todos unidos, forte e docemente, afim de que o mundo veja que realmente a paz e a concórdia reinam nas nossas associações.

Deus nos tem dado todos os recursos, saibamos nos aproveitar deles. Travemos a luta, companheiros, luta sem tréguas.

Mas essa luta não seja com os homens, nossos irmãos, seja convosco mesmos. Nós somos o nosso maior inimigo; sejamos o nosso maior amigo. A nossa religião merece esse esforço da nossa parte; resistir às tendências egoístas, e cultivar os nossos impulsos para o bem. O Criador confiou esta

tarefa às suas criaturas.

Tem sido motivo de sérias cogitações minhas a solução deste problema — indiscutivelmente importantíssimo para a boa marcha das nossas várias associações espíritas: a concórdia que deve reinar no seio de cada uma particularmente, e o apoio moral que se devem prestar reciprocamente umas às outras. Unidos, fortes, fraternos, muito conseguiremos do nosso trabalho, nós que recebemos de Deus uma alma inteligente, amante e livre!

Por mais aprimorada que seja, entretanto, essa inteligência, ela pouco pode realizar *só!* Por essa razão Deus nos deu o gosto, a inclinação que nos induz a procurarmos o convívio dos nossos semelhantes, com o auxílio dos quais maior trabalho podemos realizar, em bem do Cristianismo na Terra. Que há de mais belo do que essa solidariedade cristã, que nos faz esquecer a nossa insignificante pequenez em face do Universo, e nos torna capazes de realizar as grandezas da caridade cristã no nosso pequeno mundo cheio de fé, de zelo e de verdadeiro amor fraternal?

Há dificuldades a vencer? Dividindo-as entre todos nós, as removeremos mais suavemente. Tomemos o exemplo que nos dá a própria natureza, onde nada é feito solitariamente, mas pela combinação das inúmeras forças de que dispõe, para chegar aos resultados os mais belos!

O futuro do Espiritismo é magnífico! O presente, está diante de nós e dele depende em grande parte a realização mais rápida do nosso progresso espiritual, garantia segura desse auspicioso futuro, que entrevemos com os olhos da alma. Para que triunfemos e conosco triunfem as idéias espiritualistas, temos necessidade rigorosa de que as nossas associações espíritas sejam um exemplo vivo de moral e de boa harmonia, onde a prática do Espiritismo seja, ao mesmo tempo, um culto e uma escola. Que essas associações cooperem com o mesmo zelo e amor pela divulgação da doutrina espírita, ao mesmo tempo que difundam criteriosamente, fraternalmente, a caridade aos necessitados da Terra e do espaço.

O Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, nascente de onde bebemos a *água que sacia toda a sede*, luz que ilumina a estrada de nossa vida em direitura aos mundos superiores, tem por fim principal estabelecer um laço de paz, amor e concórdia entre todos os homens. A verdade que partindo de Deus, sua verdadeira origem, se personificou no Cristo, Dele se reflete nessas luminosas páginas, concitando os homens a se amarem fraternalmente, como verdadeiros irmãos. Como dar cumprimento a esse mandamento do Divino Mestre, amigos meus, se o espírito de separatividade, existir entre nós, se a discórdia, em lugar da virtude que lhe é oposta, penetrar nos nossos centros de propaganda?

Não, meus amigos; está no nosso dever impedirmos a todo custo que seja perturbada a harmonia que é justo reinar entre nós todos, não nos esquecendo jamais de que, vontades simultaneamente enérgicas, inteligentes e harmônicas, são fatores indispensáveis à realização da grande obra que temos em mira realizar, com o favor de Deus: — A cristianização dos homens!

Neste ponto desta desprezenciosa palestra convosco, meus queridos confrades, parei. Li o que havia escrito, e, como de costume, imperfeito achei o meu trabalho...

Que fazer? Se eu mais não vos posso dar, vós sereis assaz benevolentes para tolerar a minha insuficiente dissertação.

Busquei atrair pela concentração do meu pensamento algum dos bondosos amigos do espaço, afim de lhe pedir auxílio, em vosso e meu proveito. O mensageiro do bem não se fez esperar e eu apanhei a seguinte comunicação:.

“Deus vos salve! É sempre no campo da moral evangélica que deveis buscar resolver os mais sérios problemas da consciência, quer considerada individual, quer coletivamente.

A visão retrospectiva do passado nos permite, a nós os desencarnados, revêr as injustiças, as mentiras, as maldades, que deram causa a tantas perfídias e perdição. Não imagineis que caminhais para trás, que é nulo o vosso progresso. Julgais pelas aparências e estas nem sempre são verdadeiras. Vós, graças a Deus, progredis. Não vos digo isto por lisonja. O verdadeiro amigo não é aquele que incensa, mas aquele que admoesta, que adverte; com este podeis contar nas tristes horas da adversidade. Se vos digo que progredis é porque o vosso desejo de melhorar é sensível ao nosso *olhar-espírito!* Não desanimeis porque o balanço da vossa vida deixa muito a desejar, no que diz respeito ao bom emprego do vosso tempo... Tende, ao menos uma vez em cada dia, um pensamento, senão uma ação cristã e melhorareis consideravelmente o vosso feitio moral. Concórdia! Palavra santa que traduz o que de mais belo o espírito possa conceber para a realização da Caridade, num ambiente de constante solidariedade e fraternidade cristã!

Talismã poderoso que tudo resolve! Expressão suave que tudo dulcifica! Resignação sensata que tudo perdoa! Sentimento altruísta que todo egoísmo afasta! Seqüência de amor, que todas as paixões apazigua! Energia convincente que harmoniza, que persuade, que semeia e colhe ações piedosas e honestas! Fazei a apologia desta virtude excelsa, irmãos bem amados, cultivai-a em vossos centros de costumada assistência, cultivai-a também no seio das vossas famílias. Dentro dela cabe tudo quanto de grande, sublime e religioso se pode conceber, inclusive o verdadeiro amor cristão que nela se exterioriza!

Essa virtude vos guardará da tentação, de injustiça, da deslealdade, crimes horrendos, que sobejas vezes pratica o homem contra os seus próprios companheiros de trabalho e de todas as horas.

Apresentai as vossas almas a Deus, limpas do egoísmo, da inveja, da intriga, do orgulho, da ambição, da concupiscência, elevadas à dignidade de seus filhos, pela concórdia dos vossos sentimentos, do vosso zelo, do vosso devotamento à causa do seu Bendito Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo!

Assim fazendo, ascendereis rapidamente às regiões onde reina a paz, a harmonia, pela expansão onipotente de força e graça que irradia sobre o Universo — o espírito potente, que, um dia, na Terra, tomou aparência humana: Nosso Senhor Jesus Cristo, o Verbo de Deus revelado ao homem!

Na sua santa paz possui as vossas almas, em doce concórdia praticai o bem na terra!

JOÃO DE DEUS (O poeta).

Terminaria eu aqui, meus queridos companheiros, agradecendo a esse abençoado espírito, que com a sua palavra luminosa veio emprestar valor à minha humilde dissertação. Que poderia eu mais adiantar a esse tema, após este belíssimo e inspirado discurso, cujos ensinamentos maravilhosos enchem de esperanças os nossos corações e de entusiasmo os nossos espíritos, avivando a nossa fé na doutrina que professamos?

Terminaria, ia eu vos dizendo, mas fui levada a conservar entre os dedos o meu lápis, pois que outra entidade invisível quis, por sua vez, vos dirigir a palavra. Ouvi o que recebi: "Sede unidos, irmãos meus. A união faz a força. A intensidade, a direção e a harmonia de forças que juntos encaminhardes a um certo e determinado fim, produzirão, infalivelmente, o efeito desejado. Os vossos espíritos possuem energias fecundas e conscientes. Disseminadas essas energias, dispersadas, cada uma para diferente lado, em direções contrárias, pouco poderão produzir, contrariando-se umas às outras. Eis porque desmoronam tantos castelos, firmados nas melhores intenções, mas sem concordância absoluta de todos os interessados na sua construção. Cada um tem seu plano, sua idéia, e a execução de tantos traçados diversos fracassa. Se, ao contrário disso, essas energias todas se concentrassem num só plano, amadurecido pela reflexão, ponderado pelo bom senso e baseado numa solidariedade comum de todos os membros dessa organização em projeto, salutares, seriam os seus efeitos, real seria a sua solidez.

Quando a onda invasora do egoísmo ameaçar irromper em uma dessas agremiações pequenas, onde trabalhais pela divulgação do Espiritismo, permaneçei serenos e calmos, confiantes em Deus. Aquilo que é baixo e vil pode agitar-se, revoltar-se, mas nunca vencer! Permaneçam os elementos sãos, fiéis e firmes, não cedendo uma polegada à onda invasora, pois que, fazê-lo, será subverter-se com ela.

O maior segredo da prosperidade crescente dos vossos centros espíritas, consiste no espírito cristão que os deve dirigir, na harmonia e concórdia de todos os seus membros. Que o pensamento de todos os associados tenha uma direção firme, uma vontade decidida, e o resultado será, certamente bom. Seja o vosso ideal alcançar em vossos grêmios espíritas uma conduta harmônica, sem pendor para o servilismo ou bajulação, mas também isenta de porfias e questões que, cedo ou tarde, refletirão fora dos vossos arraiais, prejudicando imenso o bom andamento do trabalho em geral. O Espiritismo não comporta fanatismo, sectarismo ou carolismo de qualquer espécie em seu seio augusto. A sua verdadeira beleza consiste na pureza e singeleza de costumes, a par com os ideais mais nobres elevados, por objetivo. Ele tem o seu fundamento nos princípios evangélicos dados ao mundo pelo Divino Mestre, princípios de vida, de poder, que nos asseguram um futuro radioso e belo, em plena luz, perfeita harmonia e concórdia no seio do Universo!

Robustecei, pois, a vossa fé, sede fraternalmente amigos uns dos outros e que a concórdia reine sempre em vosso meio.

Agora sim, irmãos e amigos; estou satisfeita e acredito que vós estejais também.

Os sábios conselhos que nos fez a caridade de conceder o nosso bondoso amigo do espaço, as suas apreciações sublimes sobre o assunto que motivou a nossa palestra de hoje, devem perdurar no nosso coração e em nossa memória, com um sentimento de gratidão e reconhecimento a esse piedoso espírito, que incessantemente trabalha pelo nosso adiantamento moral, apontando-nos, sereno e bom, a rota a seguirmos em busca do ideal sacrossanto que todos nós almejamos alcançar um dia: *Um com Cristo, como Ele é um com o Pai.*

Não quero concluir, entretanto, sem felicitar-vos pelo bom andamento que vão tendo os vossos trabalhos na União Espírita Suburbana, por cujo crescente progresso faço votos sinceros ao Altíssimo!

Paz, atividade e concórdia vos desejo, de coração.

ESPÍRITOS FAMILIARES

(Na Federação Espírita Brasileira, a 17 de Junho de 1923)

“Há muitas graduações na proteção e na simpatia dos espíritos; dai-lhes o nome que quizerdes. O espírito familiar é antes o amigo da casa.” Resposta dada a Allan Kardec pelos espíritos, no “Livro dos Espíritos”, parte II, cap. IX nº 514, à pergunta feita nestes termos: “Os espíritos familiares são os mesmos a que chamamos espíritos simpáticos e protetores?”

No comentário correspondente a esta resposta, diz ainda Allan Kardec: “Os espíritos familiares ligam-se a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis, com o fim de lhes serem úteis dentro dos limites do poder, quase sempre muito restrito, de que dispõem. São bons, porém, muitas vezes, pouco adiantados e mesmo um tanto levianos. Ocupam-se de boamente com as particularidades da vida íntima e só atuam por ordem, ou com permissão dos espíritos protetores.”

O assunto de que nos ocuparemos nesta hora, hoje, caros amigos, é sumamente interessante. Sabemos que os espíritos exercem no plano físico ação constante, influenciando sobre o pensamento e sobre a matéria, de forma inegável e só explicada satisfatoriamente pelo próprio Espiritismo. As suas manifestações se produzem, ora de maneira oculta, impercebível para os desconhecedores das regras que dirigem os fenômenos inexplicados pelos leigos na doutrina, ou de uma forma ostensiva as mais das vezes, segundo Allan Kardec, com o auxílio de médiuns.

Não me tenho dedicado particularmente a sessões experimentais, gênero de Espiritismo pelo qual não tenho predileção. Para mim a parte filosófica do Espiritismo tem mais elevada importância, porque ela nos ensina o caminho a seguir para atingirmos o progresso individual e coletivo da humanidade. Ela é que reanima as nossas esperanças, esclarecendo-nos a respeito do futuro que nos espera, conforme o bem ou o mal que houvermos praticado. Esta minha

apreciação, entretanto, não me impede de reconhecer a utilidade das sessões experimentais, que, bem dirigidas, contribuirão grandemente para o crescimento da propagação das verdades espíritas.

Elas prestam um grande serviço à causa do Espiritismo, porquanto atraem muitas vezes à verdade aqueles que, sem provas evidentes e positivas da presença dos desencarnados entre nós, não podem crer. O movimento de objetos é um fato bastante vezes provado entre nós. A levitação das mesas, etc., desde os tempos de Allan Kardec, ficou explicitamente aceito. O uso da cestinha ou prancheta, tudo isso está sobejamente discutido e verificado. As respostas inteligentes, que, pela sua natureza, na maioria dos casos estão muito acima do alcance intelectual dos médiuns, tudo isso já foi escrupulosamente examinado. Os espíritos não pararam aí nas suas manifestações ostensivas.

Sabeis como hoje está desenvolvida a mediunidade em nosso mundo. A variedade de médiuns é enorme: falantes, sonâmbulos conscientes, receitistas, audientes, videntes, clarividentes, de transporte e muitos outros. De todos esses aparelhos se servem os espíritos para darem testemunho da sua sobrevivência à morte do corpo físico, que deixaram na sepultura. E como esses seres invisíveis se encontram por toda parte, observando-nos, criticando-nos, não é para admirar que tantas e tão amiudadas vezes dêem sinal de que se acham presentes neste ou naquele lugar. Nos nossos dias, as manifestações dos espíritos se têm tornado verdadeiramente insistentes, adquirindo um cunho de autenticidade de que não nos é lícito duvidar. Quero relatar-vos alguns dos casos interessantes que comigo se têm passado. Possuo um número não pequeno de amiguinhos, no invisível; espíritos familiares que me procuram quase diariamente, alguns para confabularem comigo sobre este ou aquele motivo e outros por mero passatempo. Entre eles há um espírito que deseja ser chamado simplesmente Manoel — o qual emite opinião sobre os acontecimentos que no momento se desenrolam na Terra, algumas vezes com critério, outras com certa parcialidade, conforme o grau de apreço que lhe merecem as pessoas no caso envolvidas. Esse espírito entretém-se gostosamente a ver as crianças brincarem, assiste aos seus jogos e não poucas vezes se tem neles intrometido.

Lembro-me que uma vez as crianças jogavam adivinhações, paciências interessantes com um baralho, e ele me foi dizendo uma por uma todas as cartas do baralho, sem que eu as visse. Eu em voz alta ia repetindo o nome das cartas que ele me soprava no ouvido, o que deu causa a grande alegria nos meninos, que se divertiam à custa do Manoel...

É um espírito amigo e muito familiar em nossa casa. Tornou-se um *habitué* em nosso meio, tanto assim que as crianças, quando querem saber como vai acontecer tal ou qual cousa inocente em seus brinquedos, me pedem *logo para perguntar ao Manoel...* É claro que procedo nesses casos com o critério devido, afim de não os habituar a tratar levemente com os desencarnados. Dá-se com esse espírito uma cousa interessante.

Ele me tem grande estima e não quer saber se eu tenho ou não razão em tal ou qual questão; é incondicionalmente do meu lado...

Tenho trabalhado por lhe fazer compreender que deve examinar os fatos com justiça e imparcialidade. Não muda de pensar nesse ponto: está positivamente e sempre de acordo comigo, quer eu tenha, ou não, razão. Manoel se me torna perfeitamente visível.

Representa um moço alto, louro, de olhos azuis, mãos bem cuidadas, fronte espaçosa, um todo simpático.

Há um espírito que a miúde visita a nossa casa. É um frade e se nomeia por frei Carmello. As suas maneiras ainda deixam muito a desejar. Está muito preso à Terra, imiscuindo-se demais nas cousas desta vida. Gosta de assistir às reuniões onde se apresentam mesas lautas, vinhos capitosos, prazeres mundanos... Dá mostras de querer beber e comer como os que cá vivem e às vezes chego a crer que ele tem a sensação de haver comido ou bebido, porque a expressão da sua fisionomia dá a idéia de que experimenta o prazer da gula. Não admite conselhos nesse sentido. Entende que esta vida tem de ser levada assim: Comer a fartar, beber outro tanto, divertir-se como melhor entender. Procura incutir no ânimo daqueles a quem distingue com a sua amizade os mesmos gostos, a mesma disposição. Tenho trabalhado muito com ele, mostrando-lhe o mal que faz a si mesmo, pensando e procedendo desta forma. Reconheço que alguma coisa já vou conseguindo, mas muito lentamente. Não desanimo, porém, e espero em breve que este pobre amigo se converta ao bom caminho, pelo auxílio e exemplo dos bons espíritos.

Tenho travado conhecimento estes últimos tempos com entidades do espaço, que se apresentam como índios. Quatro deles conheço pelos nomes: *Cacigoré*, *Ynhanduty*, *Yapotyguassú* e *Cabussú*. *Cacigoré* é o companheiro quase inseparável de um dos nossos confrades, que nos honra com a sua amizade. Acompanha-o quando em visita à nossa casa e por essa razão se tornou um dos meus amigos.

Ynhanduty é um amiguinho dedicado de um dos nossos particulares amigos, espírita também.

Representa uns 15 a 16 anos, mais ou menos; é forte, cabelos escorridos e luzidíos, face bronzeada. Em comunicação particular que deu ao seu amigo, revelou a razão da sua estima por ele. Penso não proceder mal dando ao vosso conhecimento o conteúdo dessa missiva:

Reza assim:

“Tu queres saber porque te ama *Ynhanduty*? Pois sim.

Ynhanduty tem contigo uma dívida sagrada. Nos primeiros tempos, a mãe de *Ynhanduty* vagava nas selvas, perseguida pelos brancos que, encantados das sua beleza selvagem, a queriam por amante.

Ynhanduty tinha então visto passar um lustro da sua existência. Noites tempestuosas a pobre *Ygára* ocultou-se nas matas úmidas dos sertões de S. Salvador, hoje Bahia, para fugir à sanha dos seus perseguidores. *Ygára* era honesta e boa e não tinha defensor, pois o valente *Yngapotú* tinha partido para o espaço, mal tinha *Ynhanduty* visto passar três sois.

Um dia, morta de sede e fadiga caiu extenuada à porta de uma “Vila”, como hoje se chama, onde morava um fidalgo rico, que a mandou enxotar por seus lacaios. Sua ordem ia ser cumprida quando, repentinamente, vem chegando o filho primogênito do fidalgo, que, condoído da pobre *Ygára*, a tomou sob sua guarda, interpondo o seu corpo entre os lacaios, que iam obedecer à terrível ordem, e a minha santa mãe. Graças a esse mancebo, que desde então honestamente a tomou sob sua proteção, *Ygára* teve dias mais tranqüilos, podendo apanhar os frutos silvestres e o doce mel da abelha, pois nenhum homem mais ousou insultá-la, porque contava com a proteção do jovem fidalgo,

que eras tu.

Eis porque te ama Ynhanduty e aproveita todos os momentos de que pode dispor para estar ao pé de ti. Tu foste honesto e bom e protegeste a pobre Igára, ajudando-a a criar com amor e sossego Ynhanduty. Deus te abençoe e te proteja. — *Ynhanduty.*”

Comigo e este espírito deu-se um fato muito interessante, que desejo vos relatar. Havia muito tempo, estava enferma, em penosíssimo sofrimento, a mãe desse nosso amigo. Uma noite, estando eu em Sete Lagoas e essa senhora aqui no Rio, já me tendo recolhido para dormir, senti que alguém penetrara no meu aposento.

Prestando toda atenção, percebi um rumor insólito. Estando a porta fechada à chave, nada havia a recear. Esperei. O rumor repetiu-se. Súbito, surgiu Ynhanduty diante de mim, trazendo alguém consigo.

Não reconheci esse alguém. O espírito deu-se a conhecer, declarando haver desencarnado na véspera. Era a mãe do nosso amigo, cujo falecimento se dera efetivamente no dia indicado, segundo comunicação posterior, que tive de casa. No dia seguinte, escrevi para o Rio narrando o fato tal qual se produzira e tive como resposta que a referida senhora mostrara um desejo insistente de me ver (pois não nos conhecíamos pessoalmente uma à outra) e, até morrer, chamara pelo meu nome. Ynhanduty conheceu o seu desejo e, tão depressa quanto possível, lhe foi mostrar onde eu me achava.

Este índio se tem mostrado muito familiar comigo. Quando estou só, meditando ou trabalhando sobre assunto espírita, ele vem e demora-se ao pé de mim longo tempo, sem perturbar, nem de leve, as minhas ocupações.

Gosta muito de música. Fica ao pé do piano, notando-se o desejo que tem de mexer nas teclas. Experimento fazê-lo bater no teclado, mas não o consegui ainda. Outro dia, anunciou que ia trazer consigo um companheiro: Yapotyguassú — para andar também com o seu amigo, a quem me referi há pouco. Mas o que revela bem a sua condição moral é a seguinte observação que nos fez, com grande ênfase nas palavras: “Quem mexer com Yapotyguassú, mexe com Ynhanduty!”

Como que receava que nós fizéssemos qualquer mal ao seu companheiro, a quem protege com carinho e amor. Trouxe de fato Yapotyguassú. É este um pequeno rapazinho, aparentando nove anos de idade, assustado, olhar inquieto, desconfiado, trigueiro como o seu amigo e com idêntico cabelos negros. Mostra-se receoso de tudo e de todos. Nos primeiros dias, nunca riu. Agora já ri, olhando curioso para os objetos que lhe despertam admiração, verdadeiramente infantil. Pouco tenho conseguido deste espírito. Ynhanduty prometeu-me trazer outros companheiros, que se encontram no mesmo plano em que ele vive.

Cabussú é o último desses amigos, com quem travei conhecimento. A sua aparência é de um homem robusto, de olhar penetrante, musculatura forte, altura acima do comum, revelando as suas atitudes um espírito audaz e resoluto, ao mesmo tempo que um certo ar de bondade transparece do seu semblante. Este espírito tem vontade de fazer o bem aos seus semelhantes na Terra e no espaço. Exerce uma acentuada influência sobre os irmãos que ainda não compreendem os deveres de caridade e solidariedade fraternas que devem existir entre todos os espíritos no Universo. Ele os arrasta consigo para longe

daqueles a quem perseguem, ora ao seu Guia, pedindo forças para lhes incutir o bem e assim está fazendo um grande trabalho em prol dos encarnados perseguidos pelos espíritos inferiores.

Cabussú se diz muito culpado perante a Justiça Divina, pela infração dos seus sábios mandamentos. Praticou muitas maldades, diz ele, e tem hoje na alma a dor profunda de as haver praticado. O seu maior desejo é fazer cem benefícios em troca de cada uma das maldades que perpetrou.

“Podes confiar em Cabussú disse-me ele. O teu irmão índio quer te ajudar, ele é fiel, podes chamá-lo quando precisares dos seus serviços.”

Impressionada com a insistência com que me visitam esses pobres irmãos ainda tão ignorantes da sua própria condição e no interesse de saber de que maneira devo proceder para com eles, afim de lhes fazer algum bem, procurei os conselhos do nosso bom amigo do espaço Dr. Bezerra de Menezes, a quem com freqüência consulto nas grandes dificuldades e embaraços em que de contínuo me vejo. O meu querido amigo, com aquela paciência evangélica, que é o distintivo do seu caráter sem jaça, explicou-me:

“Aqueles espíritos e muitos outros formam o que podeis chamar um núcleo, que habita em paragem adequada ao seu estado moral — lugar esse figurando o que chamais uma planície. Eles aí têm os elementos necessários ao seu desenvolvimento: luz, ar apropriado à sua natureza, flores, vegetação, água e música, de que muito gostam. Estão a cargo do alto espírito Guia, que, com solicitude incansável, vai auxiliando o seu progresso e a quem chamam *papai de cima*. Esse espírito protetor é o mesmo que na Terra se chamou Manoel Bernardes, gigantesco vulto do Cristianismo. Eles nada fazem sem anuência do seu preclaro Guia, que certamente traçou o plano que têm em mira executar baixando a este mundo”.

Vêde bem, meus amigos, que maravilha, que portento! O mundo invisível trabalha, desde o mais sublimado espírito — Jesus, o Cristo — até os pequenos, humildes, ignorantes, que nada ainda podem produzir de seu. Todos trabalham, todos estudam, todos aprendem, todos buscam aperfeiçoar-se! Aí, onde se encontram nossos irmãos indígenas desencarnados, há o necessário para seu adiantamento e seu progresso. É uma verdadeira escola, onde o preceptor ensina e os pequenos aprendem. E, quando entra nos planos do espírito Guia a visita deles ao nosso mundo, vêm, trazidos uns pelos outros, afim de se instruírem no princípio de caridade e solidariedade cristãs, que Deus quer que exista entre o nosso mundo e os milhões e milhões de mundos que povoam o espaço infinito!

Quanta beleza, quanta sabedoria e quanta magnificência encerram os desígnios do Criador!

Não vos causem admiração, amados irmãos, estas revelações que vos estou fazendo hoje. O mundo invisível não tem vazio...

Os seres que povoam a imensidade infinita, que a nossa imaginação não pode calcular, porquanto aquilo que é infinito é eterno, ilimitado e, por conseguinte, incomensurável, esses seres não têm todos o mesmo grau de moralidade, inteligência e adiantamento. Lá se encontram, como na Terra, espí-

ritos de todos os feitios e modalidades morais: sábios, filósofos, prudentes, caridosos, benignos, assim como ignorantes, teimosos, rancorosos, incrédulos, charlatães, odientos, vingativos, etc.

Nós, pela experiência, temos o dever de compreender qual o grau de confiança que nos é lícito conceder-lhes. Erro grave é supôr que todos os espíritos, pelo fato de estarem desencarnados, sabem tudo, conhecem a origem e a causa de todas as cousas.

Eis porque as reuniões frívolas são altamente prejudiciais, grandemente inconvenientes, ocasionando não poucas vezes graves desastres. Aqueles que se habituam a elas não imaginam o alcance que podem atingir as manifestações espíritas, inteligente e prudentemente dirigidas!

Nestas, a luz da imortalidade se expande com o poder da sua plenitude eterna, sobre o coração do homem, inundando-o dessa carícia imorredoura e harmoniosa, a cujo contato despertam os sentimentos puros da nossa alma, agradecia a Deus pelo privilégio de vida eterna, que concedeu a todas as criaturas.

Para mim, é indizível prazer e encantamento a comunicação assídua com as entidades que me visitam, a ponto de sentir saudades, quando interrompem por alguns dias essas interessantes visitas, o que raro acontece.

Desejo falar-vos agora sobre um espírito a quem sou particularmente afeiçoada, o qual tem corrido em meu auxílio, em situações aflitivas da minha vida, suavizando as minhas provas e não poucas vezes tirando-me de sérios apuros. Pouco sei do seu passado, e nem seria conveniente me ocupar dele no decorrer desta palestra. Esse espírito se apresenta como uma jovem de 19 a 20 anos, clara, loura, de olhos azuis e meigos, nos quais transparecem a doçura e a bondade da sua alma simples e boa. Disse-me que lhe chamasse Celia. Não a vejo em ocasiões de prazer ou de festa... Mas, se a dor entra em meu lar, se a moléstia prostra no leito qualquer dos meus queridos, se uma aflição grande me empolga, se uma dificuldade enorme me assoberba, se o sofrimento por qualquer fórmula punge o meu coração, ei-la que me aparece... Celia, o espírito amigo que o Senhor permite me console e anime, me encoraje e conforte! Esse espírito, como todos os que desejam progredir, coopera com os espíritos superiores na grande obra da solidariedade universal. A sua tarefa é assistir aos aflitos do corpo ou da alma, prodigalizando-lhes amor e carinho, para cumprirem com menos dureza as provações que se impuseram, quando decidiram voltar ao cárcere da expiação.

É assim que Celia tem uma dedicação especial aos fracos, doentes, necessitados de qualquer classe social.

Ela os fortalece, lhes inspira o cumprimento do dever, os consola nas grandes dores, os alenta e encoraja. Sinto a presença de Celia quando tenho motivo de tristeza em minha alma. Ela se anuncia como um eflúvio suave, que me bafeja a fronte sofredora, qual o roçar ligeiro da asa delicada de uma avezinha do Céu...

Deus te ilumine, espírito de Celia, que tanta doçura derramas em meu coração, nas horas silenciosas do meu recolhimento!...

Porque não vos falar agora, se o coração está a me pedir, do espírito que todos nós temos o prazer de conhecer direta ou indiretamente, aquele que é o anjo tutelar das almas pias no Espiritismo, o espírito que na Terra se chamou Adolfo Bezerra de Menezes?!

Ah! quantas vezes, desse abençoado espírito, me tem vindo o apoio moral, as consolações supremas! Conheci-o em vida, aqui no Rio de Janeiro.

Foi ele quem me pôs nas mãos o abecedário do Espiritismo. Sempre bom, meigo e indulgente, nunca pode ler naquele olhar de santo uma censura mais áspera; jamais escutei daqueles lábios uma palavra mais dura, uma expressão menos caridosa. Ele via com uma precisão e uma clareza extraordinárias as coisas que se dariam no futuro e, mais de uma vez, me anunciou o desenvolvimento da mediunidade, que o Senhor permitiu mais tarde se desenvolvesse em mim.

Hoje, no gozo das delícias celestiais, o seu espírito desce constantemente à Terra, para trazer aos homens, seus irmãos, os tesouros de sabedoria e caridade inesgotáveis do infinito, voluntária e generosamente facilitando, desta forma, o nosso progresso espiritual!

Oh! meus amigos, quanta consolação nos traz a doutrina do Espiritismo, pelo bem que derrama em nossa alma, pelas provas patentes que nos dá da vida futura, pelo privilégio que nos assegura de podermos manter com os nossos queridos desencarnados as mesmas relações de amizade e estima que mantivemos na existência material, dando-nos a certeza de os termos de vez em quando ao nosso lado lenindo as saudades que a sua separação nos causa!

Ter a certeza de que aqueles que amamos mais extremamente e que partiram antes de nós para o "Além", nossos filhos, nossos pais, nossos parentes e amigos mais chegados, vivem, se aproximam de nós, ouvem-nos, amam-nos tanto ou mais do que quando aqui estavam, que há de mais consolador do que isto, amigos meus?

Companheiros, esforcemo-nos por propagar a doutrina espírita e atenuaremos grandemente os grandes males que afligem a humanidade, oriundos — alguns — da falta de fé e — outros — da concepção errônea dos princípios básicos do espiritualismo. Aproxima-se o tempo em que aquilo que está encoberto será manifestado em toda parte. Então desaparecerá o sobrenatural e com ele todos os terrores que a idéia da morte inspira aos supersticiosos. Compreenderá então o homem que, para além do túmulo, se lhe abre uma nova fase de vida, mais rica de sensações e gozos espirituais, que irão proporcionalmente aumentando, segundo o progresso que a alma fôr realizando em amor, em sabedoria e em caridade!

Esforcemo-nos, pois, queridos irmãos, por alcançar o nível moral dos bons espíritos, cooperando voluntariamente na obra de solidariedade universal, como gostosamente o fazem, no espaço, os nossos queridos amigos Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Celia e tantos outros!

Paz às suas almas iluminadas pelo Espírito da Verdade e a nós prisioneiros ainda da carne, luz que esclareça os nossos entendimentos!

Glória a Deus!

ESPERANÇA

(Em 24 de Junho de 1923, na Casa de Correção do Distrito Federal).

“Vive sobre a Terra como hóspede e peregrino, que nada tem com os mundanos negócios. Conserva livre teu coração e a Deus erguido, que não tens aqui morada permanente”.

Imitação de Cristo pág. 70 vers. 9.

Pensando em vós, meus caros irmãos, julguei acertado vos trazer este versículo do excelente livro que é a Imitação de Cristo, sobre o qual versará a palestra que tenho o gozo de entreter convosco hoje.

Vivemos na Terra peregrinos... tal nos afirma o inspirado autor. Assim sendo, para que aqui nos encontramos?

Qual o fim que tem em vista a Divina Providência nos concedendo esta existência transitória? Deus, que é a Sabedoria Absoluta, não poderia tê-lo assim determinado, se isso não estivesse perfeitamente de acordo com o plano infalível da sua imutável Justiça. Deus, que é também o princípio eterno da Caridade, assim o permite porque, sem dúvida alguma, temos necessidade dessa peregrinação neste planeta.

Assim raciocina o homem de boa fé, mesmo quando ainda não tem o conhecimento real da doutrina que rege a evolução dos espíritos. À luz do Espiritismo, porém, esse mesmo homem descobre o segredo de todas as cousas; seus olhos se apuram para ver melhor, seu entendimento se abre à revelação das leis que regem os planos do Criador.

Meus amigos, as consecutivas e transitórias encarnações que realizamos na Terra efetivam a grandiosa obra da nossa educação. Nunca devemos pensar que as existências obscuras, de trabalhos, de provas, não têm sua utilidade. Elas servem para apurar a nossa paciência, a nossa resignação, a conformidade ao sofrimento.

Na dor, nas amarguras íntimas, os nossos espíritos se retemperam e se purificam. Para que eles avancem no progresso é necessário que, encerrados num corpo material, façam esforços por triunfar de todos os obstáculos que retardam a sua evolução. Esses obstáculos são as nossas paixões, causa única dos nossos arrebatamentos, motivo das nossas culpas.

Vós sois de contínuo visitado, eu sei, por amigos que vos trazem caridosos o conforto das religiões que professam. Alguns vos prometerão o Céu, se arrependidos vos entregardes confiantes à mediação do Divino Mestre.

Outros vos exigirão a confissão completa das vossas culpas e vos concederão uma absolvição sem valor, — pois que homem nenhum tem a graça de perdoar pecados, prerrogativa exclusiva do Criador. Nós, os espíritas não nos consideramos com o direito de vos interrogar. Somos vossos irmãos. O Divino Mestre nos ordena que amemos e, tanto quanto possível, façamos o bem a todos os homens. Pecadores, como vós, temos um passado que se perde na noite dos tempos e Deus sabe quantos erros, quantas faltas praticamos! A palavra que

vos trazemos hoje é esta, colhida nas luminosas páginas da Imitação de Cristo: — “Conservai livres os vossos corações, a Deus erguidos, que não tendes aqui morada permanente.”

Ingressareis um dia, num espaço de tempo mais breve ou mais demorado, segundo o esforço moral de cada um, nessa região da Luz, onde reinam o Amor e a Virtude, pátria eterna da Bondade, da Santidade da Justiça e da Caridade!

Edificai os vossos sentimentos, amados irmãos meus, na imaculada moral do Cristo, que a todos ensina o perdão em troca da vingança, a humildade em vez do orgulho, a esperança em lugar do desespero, o amor substituindo o ódio, a caridade aniquilando o egoísmo! A hora chegará para nós todos, em que os nossos defeitos serão eliminados, e as chagas apodrecidas das nossas almas cicatrizadas. Este será, sem dúvida alguma, o resultado das nossas constantes reencarnações, trabalho incessante do nosso aperfeiçoamento, nestas vidas sucessivas de provações, imprescindíveis para o nosso progresso espiritual. E então, depois de concluída a grandiosa obra dessas existências terrenas, tantas vezes repetidas, transformadas em pureza as nossas almas hoje tenebrosas, teremos conquistado pelo nosso próprio esforço todos os atributos necessários para uma felicidade perfeita e eterna!

Meus amigos, como é consoladora esta verdade da nossa doutrina! E nem poderia deixar de o ser, sendo, como o é, uma revelação do Divino Mestre. A justiça de Deus se manifesta aos nossos olhos em toda a sua inteireza e evidência!

Nenhum de nós é um réprobo aos olhos da Divina Providência, nenhum de nós é um condenado... Todos reparamos faltas, todos evoluímos vagarosa, mas progressivamente, até alcançarmos a plenitude do ideal cristão! Não consintamos que os nossos espíritos vacilem, abatidos pela dúvida ou pelo desânimo. Procuremos elevar incessantemente o nosso ser íntimo, graduando os vãos da nossa imaginação, das cousas relativas até às cousas superiores, dirigindo desta forma os nossos espíritos rumo ao mundo espiritual. E, mais tarde, amigos meus, quando pela graça de Jesus amparado o nosso esforço, as nossas forças, tiverem atingido capacidade bastante para vivermos em outros mundos, então nos será dado o gozo de contemplarmos de perto, em toda a sua majestade, a beleza sublime do Universo.

O que nos cumpre fazer, pois, para que apressemos essa aurora auspiciosa de bênçãos para os nossos espíritos? Instruirmo-nos, caros companheiros, buscando no estudo das ciências, a instrução para os nossos entendimentos. Estudar é se aproximar de Deus. O que procura o homem que estuda? A verdade de todas as cousas.

Sendo Deus a própria verdade é Dele que nos aproximamos quando buscamos a verdade.

Estudemos, pois, o Criador pelas luzes naturais da razão, buscando-o na revelação bendita dos Santos Evangelhos e esse estudo elevará a nossa alma acima de quanto é transitória e limitado. É certo que jamais poderemos ter a ciência em grau infinito — onisciente só Deus — nascente inesgotável de toda a sabedoria; mas acercando-nos dela beberemos a fartar da água que sacia toda a sede, aumentando assim, sem descontinuação, o cabedal dos nossos conhecimentos.

Assim como o pão é sustento para o nosso corpo, a instrução é alimento para o nosso espírito. Da mesma forma que a um corpo fraco, privado da alimentação necessária, falta energia para realizar um trabalho pesado, assim também a uma alma desprovida do alimento espiritual faltam os elementos indispensáveis à realização de boas obras. Estudar, trabalhar, meditar nas cousas santas, é chegar mais perto de Deus.

Escolhamos, no entanto, cuidadosamente, o sustento que fornecemos às nossas almas, com igual ou maior cuidado ainda, do que o fazemos com a alimentação que ingerimos, para manter as forças do nosso corpo. São Paulo no ensina: "Examinai tudo, escolhei o que é bom".

A doutrina espírita, meus amigos, a todos oferece de graça o manancial de sabedoria, caridade e justiça, de que se acham sedentos os vossos espíritos. Abri-lhe os vossos corações e inteligências, e neles penetrando essa doutrina regeneradora, derramará em vosso seio a confiança na Providência Divina, a esperança num futuro melhor, o sentimento de amor e caridade fraterna que a todos nós deve unir mutuamente.

Preparados assim, meus caros irmãos, na crença sincera de um Ser infinitamente bom, poderoso, misericordioso e justo, compreendendo a razão de todas as cousas, encarareis as provações desta vida transitória como sofrimentos necessários à purificação do vosso espírito, e, recordando o exemplo do Amado Mestre, o Divino Jesus, que foi manso e humilde de coração, sentireis renascer dentro de vós mesmos o "novo homem" de que nos fala a Sagrada Escritura, humilde, sereno, confiante em Deus e a mente do seu próximo! Compenetrados da magnificente grandeza dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus-Cristo, consagrai a Ele as vossas almas, por pensamentos, palavras e ações e Ele, o Cordeiro Imaculado do Senhor, cujo olhar penetra até o mais recôndito de todas as consciências, acolherá, sereno e bom, a oferta singela do vosso coração contrito. *"Conserva livre teu coração, a Deus erguido, que não tens aqui morada permanente"*.

Terminando aqui, meus caros amigos, faço votos sinceros para que o gérmen da doutrina salvadora que procuramos de boa fé lançar em vossas almas, floresça e frutifique; e que, num futuro breve, vejamos todos, com alegria, realizada em vós a vontade de nosso Pai que está nos Céus.

Daqui até lá, coragem, resignação e fé.

RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

(Na Federação Espírita Brasileira, a 29 de Julho de 1923).

Uma grande renovação espiritual e científica vem se produzindo em nosso mundo, asseveram os espíritos superiores em suas mensagens. A educação do homem não tarda em ser remodelada, afirmam os sábios invisíveis. A humanidade despertará, num espaço de tempo relativamente breve, para a concepção verdadeira da vida em todas as modalidades, sobre o fundamento se-

guro dos fatos científicos que quotidianamente se reproduzem. A ciência não mais se contenta em analisar o mundo exterior. Ela procura descortinar o que se passa no mundo invisível, penetrando, sequiosa de luz e sabedoria, nos esplendores do mundo espiritual, seu mais alto objetivo. Ao influxo do “Alto” se esclarecerão para os *sábios* da Terra, os mistérios do Infinito, a consciência da Vida eterna — em toda a sua grandeza — se firmará, e o homem que estuda aprenderá a buscar ciência e luz no grande livro do Universo, onde tudo é saber, tudo é ciência, tudo é revelação!

O destino humano está fora desta vida, não há dúvida alguma, nós sentimos esta verdade consultando-nos a nós mesmos.

Uma voz interior nô-lo assevera. A idéia do acabamento do ser não concorda, em absoluta, com a lei do progresso universal. Sendo o homem essencialmente perfectível, como realizaria o seu ideal, se a morte o conduzisse ao desaparecimento eterno?

Para que serviria, então, o estudo a que se dedica grande parte da humanidade, na ânsia por adquirir sabedoria, se, afinal de conta, toda essa ciência, alcançada à custa de tantos esforços, tantas lutas, tantos sacrifícios fosse se extinguir na tumba?!

Se o nosso destino está fora desta vida, para onde vamos nós quando terminarmos os nossos dias aqui? O Espiritismo nô-lo responde.

Segundo o progresso moral que formos realizando em cada uma das repetidas encarnações nos mundos inferiores, irão os nossos espíritos subindo de categoria, evoluindo, até alcançarmos gradativamente aquelas moradas que o Cristo nos foi preparar. Essas moradas são os milhares de mundos que povoam o Universo, planetas subordinados a outros tantos sistemas solares, onde a vida se realiza em condições muito diversas daquelas que regem o nosso minúsculo mundo.

Que verdade magnífica e consoladora sabermos que é nosso o Universo inteiro, que em cada um desses mundos, sem conta, por ele espalhados, habitam seres nossos irmãos, perto dos quais um dia estaremos, porque para lá caminhamos todos, nessa ascensão constante, sabiamente determinada pela Providência.

Com que fé, com que ardor devemos nós lutar para mais rapidamente ascendermos a esses mundos adiantados, onde vivem aqueles que velam por nós, ansiosos por abrirem os nossos olhos aos perigos que nos cercam, incitando-nos à coragem, à fé, à perseverança, no combate sem tréguas aos empecilhos do nosso progresso! Deles, desses bons espíritos, é que nos vêm as boas intuições, as revelações mediúnicas.

Para que as recebamos, porém, necessário é que preparemos os nossos espíritos em recolhimento e prece. Então, sob o influxo das entidades que nos guiam, dilatar-se-ão nossas faculdades, iluminar-se-á o nosso ser íntimo, as cousas da Terra desaparecerão da nossa percepção, aclarar-se-á o horizonte moral que nos cerca e nós receberemos a esmola que do Infinito descerá até a nossa inferioridade, envolta na misericórdia e caridade do Divino Mestre! É assim que nascem as mais altas inspirações do gênio... De Deus emanam...

Assim, de existência em existência, pouco a pouco se apartando das imperfeições da carne vão os nossos espíritos caminhando, de planeta em planeta, de morada em morada, até alcançarem um dia a posse da ciência e da verdade! Para a transformação dos nossos espíritos tenebrosos em espíritos de luz, temos diante de nós a eternidade...

Oh! quanto me pesa que a humanidade inteira não se entregue, confiante e sincera, ao estudo consciencioso do Universo físico, das manifestações de vida nos planos superiores, das grandes leis que regem a ascensão dos espíritos, a evolução dos seres! Como é triste que essa humanidade assim se afaste do cumprimento do seu maior dever, embebida no gozo dos apetites materiais, dando asas ao seu orgulho, às suas paixões, abandonando criminosamente o estudo das forças do espaço, do poder misterioso que dirige as leis do Universo!

Oh! felizes os corações puros, porque verão a Deus!

.....

Todavia não devemos desanimar. Os espíritos reveladores nos asseguram que uma grande renovação espiritual e científica vem se produzindo em nosso planeta. O Espiritismo esclarecerá gradualmente os problemas mais profundos do Universo. Ele realizará o consórcio majestoso da Ciência com a Religião do qual nascerá o fruto gêmeo — Sabedoria e Humildade! Não podem continuar separadas como se encontram, essas duas potências — Ciência e Religião. Deus é inteligência, sabedoria, onisciência; Deus é também misericórdia, caridade e justiça!

O espírito de religião já completou o seu ciclo inferior, sem o auxílio da ciência; com ela de mãos dadas, descortinará horizontes mais adiantados, planetas de espiritualidade mais elevada, radiações mais transcendentais de Verdade!

É justo, pois, meus caros amigos, que trabalhem, na esfera social em que nos encontramos, por aproximar essas duas poderosas forças do espiritualismo moderno: Ciência e Religião. Eu considero como um dever da nossa parte contribuir para esse majestoso consórcio, de que há pouco vos falei.

Demonstremos aos nossos homens doutos que o Espiritismo Cristão tem o característico incontestável da superioridade moral, o esplendor inconfundível da verdade. Seu estudo ensina o homem a elevar os seus pensamentos além túmulo, adquirindo o conhecimento positivo da realidade e das condições da vida no mundo invisível.

"Nascer, morrer, renascer e progredir sempre, tal é a lei", disse Allan Kardec, o fundador da escola espírita. Nossas existências passam-se pelos séculos, sucedendo-se, renovando-se, aperfeiçoando-se; e é na execução dessa lei divina que se resume todo o mistério da alma.

A evolução é a lei que rege o Infinito, à qual estamos nós eternamente sujeitos, porque, embora minúsculos em face do Universo, dele fazemos parte.

Frederico Myers, professor de Cambridge durante muitos anos em sua obra —, *La Personalité Humaine, sa survivance*, escreveu: "*Pretendo que existe um método para chegarmos ao conhecimento das cousas divinas, com a mesma certeza com que temos alcançado os progressos no conhecimento das cousas terrenas.*"

Sim, é bem verdade, que sem um método, um critério bem orientado, nada de real se poderá colher nessa busca de conhecimento *além do véu*.

E a esse respeito transporto para aqui as palavras de Leon Dénis em seu portentoso livro — O Problema do Ser e do Destino, página 16: — *Todos os experimentadores sérios sabem que existem duas espécies de Espiritismo; um, praticado a torto e a direito, sem método, sem elevação de pensamento, atrai para nós os basbaques do espaço, os espíritos levianos e zombeteiros, que são numerosos na esfera terrestre; o outro de maior circunspeção, praticado com seriedade, com sentimento respeitoso, nos põe em relação com os espíritos adiantados, desejosos de socorrer e esclarecer aqueles que os chamam com fervor de coração. É o que as religiões tem conhecido e designado com o nome de comunicação dos santos”.*

É esse Espiritismo, inteligente e racionalmente praticado, que conduz o homem ao conhecimento das leis que regem o mundo espiritual. Nele não há rigidez e a estreiteza do dogma; cada uma das suas asserções pode ser submetida ao critério da razão, cada um dos seus problemas discutido. É ao estudo desse Espiritismo que devemos convidar os nossos homens ilustres, em seu próprio benefício. Temos o hábito, e aqui vem a propósito dizê-lo de fazermos uma *celeuma* enorme quando alguém do nosso mundo científico, literário ou artístico, revela simpatia pela doutrina espírita, mostrando talvez a possibilidade de abraçar os mesmos ideais que nós...

Como que nos orgulhamos e nos envaidecemos diante da perspectiva de acolhermos em nossas fileiras os homens de reconhecido mérito na sociedade culta do nosso país. Meus amigos, eu entendo (e perdoai-me a franqueza de vô-lo declarar) que, em virem para o seio do Espiritismo esses homens de alta cultura intelectual, são eles próprios os principais beneficiados. Dentro do Espiritismo aprenderão a compreender os problemas da vida futura, perceberão a solidariedade admirável do Infinito, onde, à cada vibração do seu ser responde a vibração simpática dos entes amados que antes deles partiram para o Além. Poderão tranquilos esperar o fim dos seus dias terrenos, eles os obreiros da ciência, porque a fé espírita lhes renovará por completo as teorias, convencendo-os de que, acima da sabedoria humana está a Ciência de Deus!

Começarão a distinguir o lado divino dos seres e das cousas, vendo desta forma resolvido, plena e satisfatoriamente, o problema da dor e o problema da morte, que só no Espiritismo encontram solução racional e lógica.

Oh! a dor! Como de preferência escolhe aqueles que mais preparados se acham para conhecer o seu valor!

Aos ouvidos de uma mãe lacrimosa ante o corpo sem vida de seu filho estremecido, ou a aflição de um esposo amante, contemplando inanimada aquela que foi sua devotada companheira, que consolação será possível fazer chegar?! Enquanto aquele corpo querido dessa família — hoje em pranto — teve um átomo de vida, ele, o homem da ciência, lutou, trabalhou, esgotou a última parcela do seu saber, afim de o arrancar à morte! No instante, porém, em que o espírito, vitorioso, rompeu o cárcere da matéria para se alar às regiões do espaço, *nada mais lhe restando fazer*, em cumprimento do seu último(?) dever, atesta o óbito — e, voltando as costas ao lar, enlutado, afasta-se...

Até aí chega a ciência, por não dispor de elementos para ir adiante...

Confessa a tua impotência, sabedoria humana!... Deixa que no santuário do coração materno o Espiritismo realize a sua obra consoladora, de resignação e conformidade à justiça Divina que se executa!

A esse que viu baixar à sepultura os despojos mortais dos entes queridos, fala a revelação espírita palavras de consolação e verdade. “Aquele a quem tu amas não se acabou. Ele deixou o invólucro carnal que o revestia e passou a viver mais livre no espaço azul que vês sobre tua cabeça. O espírito não é, como pensas, um ser vago, um fantasma... É bem ao contrário, um corpo, fluídico, sim, mas um corpo consciente, raciocinando, suscetível de se unir a outros pelos laços de simpatia e amor — vivendo, enfim, perfeita e realmente.

Terminado, o prazo de sua vida terrena, a alma desse indivíduo a quem amavas, abandonou o corpo, cuja missão findara, e alou-se ao mundo invisível, a buscar luz e sabedoria para continuar a execução do plano de evolução traçado pela mão sábia da Providência. Oh! não te entristeças, não chores porque esse espírito, ansioso de alcançar a altura dos grandes mundos, partiu em demanda daquelas moradas de que Jesus falou...”

Meus amigos pensemos na vida imortal, estudemos a ciência do Céu, farol que alumia o nosso futuro! Creio na renovação espiritual que anunciam os grandes espíritos. O Espiritismo é uma manancial inesgotável de luz e verdade. Dele irradia a crença inabalável em Deus, cuja justiça e caridade garantem a salvação de todos os seres por Ele criados, em espaço de tempo mais ou menos demorado, segundo o esforço de cada um. O Espiritismo derribará as velhas superstições, destruirá o materialismo atualmente em plena decadência, provando-lhe com fatos e documentos irrefutáveis que *a morte extingue o corpo material e desperta o corpo psíquico*, segundo a expressão do Dr. Carl du Prel, de Munich.

Nós, os que acreditamos nas *cousas do outro mundo*, a despeito dos gracejos malignos com que julgam nos ferir aqueles que não *ousam* crer, não percamos tempo em discutir com pessoas que emitem opiniões sem valor, olhando-nos com desdém e gratuitamente malsinando as nossas crenças, muitas vezes a nossa reputação. Temos a nosso favor os fatos a comprovarem as teorias espíritas. O Espiritismo vai tomando um impulso extraordinário, não já somente entre os pobres de espírito, *porque deles é o reino do Céu*, mas no seio da sociedade culta do nosso país. Há, certamente, alguns recalcitrantes, é certo, mas esses fazem parte daquele número que, no passado, prendeu Fulton por maluco...

A renovação espiritual vem se fazendo. As verdades ensinadas pelo Cristo revivem. Os fatos e as demonstrações científicas modernas asseguram o triunfo do Espiritismo, que é também a vitória da Verdade e da Justiça, base sobre que repousa a tranqüilidade da humanidade no presente e sua felicidade no futuro.

É muito grande, meus caros confrades, o trabalho que temos diante de nós. Essa renovação espiritual que anunciam os bons espíritos, é obra do poder do Alto, como resposta às orações constantes que os bem intencionados da Terra elevam ao Céu, rogando saber e virtude para a humanidade descrente. É indispensável que mantenhamos serenos os nossos espíritos em comunhão com os Guias invisíveis, suplicando o seu auxílio e influência, afim de que o mais breve possível seja realizada a almejada união da Ciência com a Religião, para que aos olhos de todos se possa revelar o plano divino da evolução universal.

Pitágoras, um dos espíritos mais luminosos que baixou à Terra, e cuja influência ainda em nossos dias se faz sentir, visava o ideal que tenho em mira: — Unir a Ciência à Religião. O Dr. Paul Carton, referindo-se a esse poderoso gênio da antigüidade, assim se exprimiu, no seu livro intitulado "Vida Perfeita", comentando os Versos de Ouro de Pitágoras:

"Havia se persuadido de que, no dia em que a humanidade se tornasse clarividente das suas origens e do seu destino, cônica das suas obrigações de vida são e harmoniosa, respeitosa das suas leis vitais marcharia no caminho do progresso sofrendo menos entraves dolorosos e cataclismos reparadores. A idéia de Deus dominava, guiava e coroava toda a sua obra. Fazia da Religião uma Ciência e da Ciência uma Religião". A influência de Pitágoras foi extraordinária! Pelo seu constante cuidado de aperfeiçoamento moral, pela sua elevação de pensamento, o sistema de educação que implantou rapidamente se desenvolveu e logrou êxito nunca visto até então.

Pitágoras viveu 580 antes de Cristo, mais ou menos.

A vinda do Filho de Deus ao mundo veio estabelecer o triunfo do espírito! A cegueira dos homens, naquela época lhes perturbou a inteligência. Ela os fez rejeitar o enviado de Deus, portador da Sabedoria e da Justiça, que aprovou ao Criador lhes revelar. Ele próprio, o Cristo do Senhor, assim falou: *"Muitas cousas vos tenho ainda a dizer, mas vós não as podeis suportar agora."*

Os tempos são chegados, em que essas verdades a que Jesus aludiu há 2.000 anos, nos são reveladas. Os espíritos reveladores vêm em nosso auxílio e o "Consolador" prometido cumpre a sua promessa.

O materialismo está nos seus últimos dias... A ciência no seu evoluir incessante já não tolera a afirmativa irrisória de que *o pensamento é um secreção do cérebro e a alma uma função necessária dos centros nervosos...*

Ela começa a ver que a alma humana é uma realidade demonstrável e grandiosa, obediente às leis que regem o progresso Universal.

Aí vem a renovação espiritual, meus amigos!

Confiemos na palavra autorizada dos nossos Guias.

O ESPIRITISMO NO LAR

(Em 26 de Agosto de 1923, no Abrigo Thereza de Jesus).

Muito se tem falado e muito se continua a falar acerca dos defeitos da nossa organização social, da reforma por que urge passar a educação do povo, da decadência da moral nestes últimos tempos, do incremento que nos parecem tomar dia a dia as más paixões, o egoísmo, a má vontade e, sobretudo, a sensualidade e a ambição do dinheiro... O queixume é geral! Acusa-se o desleixo dos pais quanto aos seus deveres relativos à família, o desamor e a desobediência dos moços aos prudentes conselhos dos mais velhos, os quais

afirmam, do alto da sua longa experiência, *jamais terem visto no seu tempo a desenvoltura de costumes que hoje presenciaram*.

Esta desordenada maneira de viver, tão em evidência na atualidade, provém, sem dúvida alguma, da má educação que predomina na maioria das nossas casas, onde cada membro da família se arroga o direito de conhecer todas as coisas, saber melhor do que todos os restantes. Cada um procura impor a sua vontade, tratando com interesse secundário os direitos e desejos dos outros. Esta desarmonia de vontades, sempre em luta umas com as outras, não está absolutamente de acordo com a moral espírita que nos ensinam os Evangelhos do Divino Mestre.

Bem ao contrário disso, o que aprendemos naquelas inspiradas páginas é o respeito à justiça, o amor à caridade. Pela justiça devemos nos abster de toda a ação que possa prejudicar os nossos semelhantes e até procurar remediar o mal que por acaso lhes tenhamos causado. Pela caridade não nos devemos contentar em respeitar-lhes os direitos e reparar todos os prejuízos que lhes houvermos causado, mas ainda somos levados a lhes fazer todo o bem que pudermos, dando-lhes voluntariamente a maior porção de amor e dedicação que houver dentro de nós. Ora, sendo este mandamento do Divino Mestre, a quem amorosa e voluntariamente desejamos servir e agradar, como poderemos nós, ostensivamente quebrarmos esse preceito, viver em constante mau humor em nossos lares, uns com os outros discutindo, a propósito de qualquer insignificância, altercando por motivos de somenos importância, intolerantes, exigentes, impacientes, fazendo um tão mau uso da liberdade e do livre arbítrio que o Pai nos concedeu, esquecendo as grandes responsabilidades que dessas prerrogativas decorrem para nós?! Dentro dos nossos lares, temos, cada um, deveres a cumprir, limitados à posição relativa que neles ocupamos como pais, filhos, agregados, servos, etc.

Cada um de nós, na esfera das suas atribuições, deve se esforçar por demonstrar aos outros a verdade da sua fé, o cristianismo da sua alma. Pelo exemplo poderoso das suas virtudes, cada um em particular e todos coletivamente, chegaremos a desenvolver no seio das nossas próprias famílias uma atmosfera de paz e doçura, que contribuirá grandemente para o progresso espiritual de todos os seus membros. O nosso lar é o laboratório onde se elaboram e se combinam todos os bons elementos característicos da vida cristã, os quais, nele aperfeiçoados, por exercício constante e ininterrupto, se refletirão indubitavelmente em nossas relações sociais, demonstrando, aos de fora, os sentimentos de que nos achamos possuídos.

É triste, mas nem por isso é menos real, saber que há criaturas, cujo trato social é impecável pela distinção e cortesia, e que, no convívio doméstico perdem toda a compostura, revelando sentimentos grosseiros e pouco elevados, tornando-se um exemplo pernicioso para a família! E muitos desses que assim procedem são adeptos do Espiritismo!

Um lar assim organizado torna-se o suplício dos que nele habitam, porquanto dele foge a paz, a tranqüilidade de espírito, a confiança recíproca que deve existir entre todos os seus membros, dando lugar à desconfiança, que os vai afastando uns dos outros, e, finalmente, à deslealdade e ao desamor!

Mesmo que não tenhamos atingido ainda um certo grau de elevação moral que outros mais adiantados do que nós têm atingido, temos o dever de ir

treinando o nosso espírito na prática das virtudes cristãs, que tão bem soam aos nossos ouvidos quando pregadas, mas que tanto nos custam a pôr em prática! Esforcemo-nos, aqueles que ainda não temos a felicidade de os possuir, por tornar cristãos os nossos lares.

Cuidemos, cada uma de nós — mulheres — criaturas talhadas para o sofrimento, de nos tornarmos esposas desveladas, amantes, pacientes e resignadas, mães devotadas aos nossos filhos, espíritos que Deus confiou particularmente ao nosso amor e carinho, irmãs amorosas e conselheiras, unidas fraternalmente até o sacrifício!

Vós homens, sede em vossas casas ministros verdadeiros dessa religião que professais, procurando impressionar a todos os que sob a vossa dependência se encontram pela justiça dos vossos atos, pela nobreza dos vossos sentimentos, pela caridade do vosso proceder.

Vós filhos e filhas, que constituís os elos dessa corrente amorosa que deve ligar forte e suavemente os vossos pais, sede dóceis, amáveis, obedientes e cordatos às admoestações que eles julgarem acertado vos fazerem, fraternos na realidade entre vós mesmos, lembrando-vos de que todos nós, pais e filhos, esposos e esposas, irmãos e irmãs temos de prestar contas um dia de todas as nossas ações, quer boas, quer más. Cada um pensamento nosso, cada um ato, é imediatamente registrado no grande *Livro da Vida*.

Esforçai-vos por imprimir nele ações e pensamentos honestos, caridosos e bons.

Tenho lido com especial interesse as diversas respostas dadas pelos nossos intelectuais, na *enquete* sensacional da "Vanguarda", sobre o Espiritismo. Entre todas agradou-me particularmente a de Hermes Fontes, que entende o Espiritismo como a revelação da alma às almas e tem esta frase feliz: "O Espiritismo precisa mais de bons exemplos que de boas palavras".

É a mais real expressão da verdade. A prática, meus amigos, a realização daquilo que se prega, — é disso que nós precisamos: o Espiritismo dentro dos nossos lares.

E para que não vá alguém supor que, dizendo isto eu quero dizer que devemos ter de contínuo sessões práticas em nossas *afim de podermos ter o Espiritismo dentro delas, eu declaro*: Absolutamente não é esta a minha idéia; bem ao contrário disto, eu sempre me tenho revelado contra essas reuniões mal orientadas, onde qualquer adepto se arvora em presidente de mesa cerca-se de seis, oito, dez, ou mais médiuns e, com uma facilidade leviana, que inspira dó, constitui as suas sessões práticas, cujos tristes resultados cedo ou tarde se fazem sentir, causando males físicos e morais aos pobres inexperientes que a elas se entregam de corpo e alma!

No meu modesto trabalho espírita, dentro do qual procuro servir a Deus com sinceridade, e auxiliar o meu próximo na limitada medida das minhas forças, não têm sido poucas as vezes que me tenho encontrado em sérios apuros para destruir os efeitos resultantes dessas práticas nocivas. Ora é um pai aflito, que me procura a ver se consigo trazer ao bom caminho o seu filho ou a sua filha, que não mais lhe quer obedecer, por ter ouvido em uma *sessão* um espírito dizer que *não é digno de ser espírita aquele que obedece mais aos pais do que a ele (espírito), porquanto lhes é superior...*

Ora é a *infallibilidade* do médium que proclamam e à qual se submetem todos os da família, pais, irmãos, filhos, cunhados, servos, todos enfim que convivem com ele!

Já fui procurada por alguém, muito aflito, que me pediu para interceder em seu favor, aos bons espíritos, porque seu filho, criança de 10 anos, havia profetizado que, *em tal dia e a tantas horas*, seu pai *infallivelmente* morreria! E acrescentou: — “Quando este menino fala uma coisa é um Evangelho!”

Este menino em questão, seja dito para elucidação dos que me ouvem, nada tem de particular.

Não prima pela inteligência e nem demonstra nenhum característico de superioridade moral que impressione a quem o vê. É uma criança que não gosta da escola... Mas os seus estão fanáticos por ele, o escutam com religiosa atenção e obediência a todos os seus desejos. Soube, por exemplo, que, um dia, sem qualquer razão disse *que o apóstolo Pedro não queria que seu pai saísse de casa naquele dia...* E o pai não pensou em fazer mais nada do que ficar em casa e... ficou!

Perdeu o dia de trabalho, mas *era preciso obedecer ao "médium"*, e obedeceu! Ora, meus amigos, isto é uma coisa até ridícula!

Homens, mulheres, moças, rapazes, toda uma família sujeita aos caprichos de uma criança!

Sei de outra gente que também tem tido prejuízos sérios, ocasionados pela mediunidade de uma moça. Esta família faz Espiritismo prático o dia inteiro. Tem havido ocasiões em que o chefe da casa chega e não encontra jantar pronto!

Todos têm gasto o seu tempo entretidos com a tal moça, que permanece *mediunizada* 10, 12 horas a fio!...

Procurando orientar melhor essas pessoas, eu as convido ao estudo do Espiritismo como doutrina, aconselhando-as a freqüentarem as sessões públicas da Federação, do Carita, do Abrigo Thereza de Jesus, da União Suburbana, conforme lhes ficar mais fácil pela localização das suas residências e, é certo eles me responderem que *nesses centros não há manifestações de irmãos desencarnados e nem dão trabalho ao seu médium; de forma que, não servem...*

É muito lamentável, não vos parece, amigos meus? — que haja quem adote um Espiritismo assim tão mal conduzido, ignorante das leis fundamentais que regem as manifestações espíritas, contrário aos princípios básicos da moral cristã, princípios esses que, desenvolvidos, estudados à luz da razão e da inteligência, encaminham as nossas almas para a felicidade eterna, pelo conhecimento gradual e progressivo da Verdade, da Justiça e do Amor, pedestal, sublime sobre que se firma a doutrina do Espiritismo.

Para que possamos dar uma expansão mais dilatada à propaganda dos ideais que abraçamos se faz mister que abramos as nossas inteligências àquilo que as sessões de estudo nos procuram demonstrar com clareza e exatidão. Para esse fim devemos freqüentá-las com assiduidade, aprendendo com gosto e perseverança a compreender as leis divinas, que, cuidadosamente, procuraremos então pôr em prática nos nossos lares. O que prejudica grandemente o êxito dos nossos bons desejos em favor da propaganda do Espiritismo é essa concepção falsa que lhes emprestam os adeptos que menosprezam o seu estudo consciencioso e entendem, e propalam pelo seu exemplo que, *ser espírita é simples e unicamente falar com os desencarnados...*

Nós, meus amigos, temos o dever de lhes dizer clara e positivamente:
— Pensais erradamente.

O Espiritismo visa ideais mais adiantados, mais nobres.

Ele nos fornece os meios de conhecermos melhor a Deus e a sua obra pelas revelações extraordinárias, que nos patenteia todos os dias. Estudando-o com dedicação e boa vontade, compreenderemos a vida na Terra tal como ela na realidade o é, — a estrada tortuosa e difícil que temos todos de percorrer, em caminho para as moradas superiores que Jesus nos prometeu. Essa estrada é cheia de acidentes, de perigos, de tentações de toda a espécie, dores, angústias, sofrimentos físicos e morais, lutas incessantes em que facilmente sucumbiremos, se não estivermos convenientemente aparelhados para as suportar e vencer. O Espiritismo nos ministra a força da alma necessária para sairmos triunfantes nesses transes angustiosos, nesses revezes de todos os dias, nesses desfalecimentos que nos arrastam ao desespero, se a energia salvadora da fé não vem em nosso auxílio! Esse é o Espiritismo que nos legou o Divino Mestre naquela promessa, um dia:

"E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre". Evangelho de S. João, cap. 14:16.

E mais adiante, no mesmo cap. ver. 26 — *"Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas que vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito".*

É a esse Espiritismo que devemos abrir as portas dos nossos lares, para que, neles penetrando, eduque os nossos filhos nos princípios de Verdade e Amor que Jesus Cristo lhes veio incutir, quando pregava: "Deixai vir a mim os meninos e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus" — Marcos 10:14.

"E tomando-os nos seus braços e impondo-lhes as mãos os abençoou".
— Marcos 10:6.

É a esse Espiritismo que os pais devem dar morada dentro de si mesmos, para que possam exemplificar no seio das suas famílias as virtudes do Cristianismo, infelizmente tão descuradas em nosso meio. Então, as nossas casas não apresentarão mais o aspecto desolador que manifestam, porque nelas reinarão — o Amor, a Justiça, a Resignação, a Doçura, a Piedade, a Misericórdia, a Caridade, virtudes essas adquiridas na meditação religiosa dos ensinamentos de Jesus Cristo, esclarecidos pelo estudo científico da doutrina Espírita.

É desse Espiritismo que temos necessidade e é dele que devemos fazer propaganda constante, meus amigos. Ele é que operará a regeneração individual de cada um de nós, pondo diante dos nossos olhos o modelo de absoluta perfeição que Deus enviou ao mundo, na pessoa imaculada de Nosso Senhor Jesus Cristo. Essa obra de transformação espiritual o Espiritismo, pode realizar, meus amigos, em cada um de nós, em cada membro da nossa família.

Então, e só então a paz reinará em nossas casas, cessarão os desgostos, as injúrias, as grosserias, os motivos de constantes discussões prejudiciais à evolução natural dos nossos espíritos.

Não estamos na Terra para nos apegarmos aos erros e tentações do mundo, misturando-nos ao pó das suas ruínas morais, que asfixiam os sentimentos nobres, as aspirações justas. Buscamos, aqui vindo, remediar o mal que praticamos em encarnações anteriores, abençoando as dores, bendizendo as provações que realizam a obra da nossa reabilitação moral. Para amenizar as

durezas desta existência transitória, onde nos prendem deveres, sagrados pelas promessas voluntariamente tomadas no espaço, quando desencarnados, Deus tem concedido a cada um de nós esse abrigo abençoado, o nosso lar, verdadeiro oásis em meio à existência tormentosa que atravessamos, no qual não devemos permitir que penetre a atmosfera sufocante que se respira lá fora...

Deixemos que lá fiquem, fora das nossas portas, as perturbações, as lutas, o chocar violento dos interesses materiais, tudo quanto perturba a paz interior dos nossos espíritos. Conservemos puros os nossos lares, isentos das paixões desordenadas que agitam o mundo, em cuja corrente arrebatadora perecem os incautos.

Para tal conseguirmos, meus amigos, só há um caminho, um meio seguro: Desenvolver em nossos corações a semente preciosa do Espiritismo, síntese perfeita das virtudes que precisamos adquirir! Só ele pode emancipar as nossas almas dos sentimentos baixos e grosseiros, só ele poder realizar em nosso interior o paraíso de que nos falou o Cristo, só ele pode santificar os nossos lares!

Uma palavra agora, amigos, antes de concluir esta palestra convosco e esta palavra desejo endereçar aqueles que, como eu, trabalham no exercício da mediunidade.

Grandes benefícios vêm ao mundo por nosso intermédio, companheiros, mas, igualmente, de grande soma de males somos responsáveis! Espinhosíssima é a nossa tarefa e, para bem cumpri-la, temos imprescindível necessidade de toda a vigilância e fé. Não nos devemos deixar embalar pelos elogios que nos prodigalizam aqueles com quem entretemos relações neste mundo ou no outro plano da vida. Evitemos, tanto quanto pudermos, o espírito de parcialidade, sumamente prejudicial ao bom encaminhamento dos nossos trabalhos. A ninguém retenhamos preso ao nosso critério e deliberação, com prejuízo dos verdadeiros dirigentes dessa pessoa.

É perniciosa, injusta e contraproducente a influência que alguns companheiros mal orientados, exercem no ânimo de algumas pessoas de espírito fraco, a ponto de as fazerem abdicar por completo o seu próprio raciocínio e só procederem por obediência às ordens desse médium em quem confiam cegamente...

Conheço diversos casos de verdadeiro fanatismo!

Pessoas que se entregam à direção dos médiuns — absolutamente, incapazes de opor uma objeção às ordens recebidas, nada resolvendo sem os consultarem, não dando um passo na vida sem o seu consentimento, dispostos a irem até de encontro à vontade de seus próprios pais e esposos, contanto que prestem obediência à *infalibilidade* do seu médium predileto! Meus amigos, eu lastimo a responsabilidade enorme que sobre seus ombros tomam esses pobres companheiros, que assim ousadamente penetram no domínio das consciências!

Não permitamos que assim aconteça conosco.

Sejamos humildes e saibamos que somos suscetíveis de errar a cada passo, porquanto a nossa fragilidade é igual à de todas as outras criaturas na Terra.

Terminando, meus amigos, minha oração é que Deus prepare os vossos corações e entendimentos para que recebais com amor e carinho a preciosa semente que o Divino Semeador busca plantar em vosso seio; e que essa semente, em vossos lares se desenvolva, cresça e frutifique para honra do Espiritismo na Terra!

PROVAS

(Em 28 de Outubro de 1923, na Federação Espírita Brasileira)

De certo tempo a esta parte o impulso que o Espiritismo vai tomando é notável. Dia a dia aumenta o número das adesões em todo o mundo às suas teorias científicas e religiosas.

Sábios ilustres, antigamente céticos, formam hoje uma opinião séria do Espiritismo, baseada em estudos e observações criteriosas.

No entanto, o Espiritismo é tão antigo como a luz do sol...

Bem o afirma o Eclesiastes:

"Não há nada que seja novo debaixo do sol e ninguém pode dizer — eis aqui uma coisa nova, porque ela já houve nos tempos que passaram antes de nós"

Mas, como cada coisa requer tempo apropriado, é ainda o mesmo livro que nos ensina: **"Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; há tempo de matar e tempo de sarar; tempo de destruir e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de se afligir e tempo de saltar de gosto; tempo de espalhar pedras e tempo de as ajuntar; tempo de dar abraços e tempo de se por longe deles; tempo de adquirir e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de lançar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de calar e tempo de falar; tempo de amor e tempo de ódio; tempo de guerra e tempo de paz"**. Cada coisa tem seu tempo. O Espiritismo, que é tão antigo como a eternidade tem percorrido todas as fases necessárias à sua evolução consoante às épocas que vai atravessando. É assim que o temos visto vilipendiado, rejeitado, ridicularizado, adulterado, amaldiçoado e, posteriormente, estudado, analisado e discutido pelos sábios da Terra! Atualmente, na Europa, na América e em outras partes do mundo, já se dá o desprezo pelo ridículo a que antigamente se procurava lançar aqueles que se ocupavam dos estudos espiritualistas.

Sábios italianos, alemães, russos, ingleses e americanos, aumentam todos os dias a lista dos que, intemeratos, lançam-se ao estudo dos fenômenos físicos. Para esses se rasgam horizontes de luz que lhes permite descobrir a "Verdade", até então oculta ao seu saber.

É como bem disse o Cristo: **"Buscai e achareis"**.

"Encontrei a Verdade! Ela será também a vossa recompensa, se a buscardes com perseverança, humildade e seriedade." É este o voto final de Mrs. E. D'Esperance, ao concluir o seu livro intitulado "No país das Sombras" ou "Luz de Além Túmulo".

Depois de uma longa série de experiências, coroadas de feliz êxito na sua maioria, ansiosa por descobrir a realidade em meio às dúvidas que se debatiam em sua própria consciência, com o receio de, enganando-se a si mêm-

ma, ludibriar aos outros, ela, o notável médium, que tantas vezes se achou até em perigo de vida, nas graves experiências a que se submeteu e que tantos desgostos e decepções amargas encontrou, no evoluir crescente da sua prodigiosa mediunidade, conclui a narração dos fatos extraordinários em que tomou parte saliente, confessando haver encontrado a Verdade.

Sábios notáveis têm aderido ao Espiritismo, certos de haverem nele encontrado a Verdade.

Nos tempos passados, Cezar Lombroso, o grande antropólogo italiano, em: primeiro adversário rigorista do Espiritismo, após haver assistido uma longa série de experiências com a não menos notável médium Eusápia Paladino, abraçou, aceitando como Verdade, as teorias espíritas, sobre as quais escreveu e publicou importante livro. Miss Florence Cook, aliás Mme. Corner, nome que adotou depois do seu casamento sobre quem pairou a princípio a suspeita de que, com Kate King, o espírito que se materializava, fosse uma só pessoa, foi o médium com quem o eminente astrônomo inglês Sir William Crookes fez estudos importantíssimos sobre o Espiritismo, chegando a conclusões as mais positivas e demonstrações as mais evidentes da existência da Verdade.

Mas, que verdade é esta que sábios, filósofos, astrônomos, químicos, cientistas de toda a espécie, confirmam e atestam com suas conversões ao Espiritismo?

É a verdade de maior importância para o homem, porque é eterna, indestrutível, grandiosa!

Essa verdade lhe dará a demonstração mais perfeita da imortalidade do espírito, provando-lhe, com as provas mais positivas, que a existência passageira que vive na terra é tão-somente uma época limitada de expiação; e que a morte é a aurora de uma outra vida, mais livre, mais lúcida, mais perfeita, em tudo superior à existência presa à matéria.

Essa verdade ensina ao homem que o mundo material é apenas a oficina do aperfeiçoamento dos espíritos. Eles para aqui vêm, tomam um corpo de carne, com plena liberdade de ação, para escolherem entre os dois caminhos — o do bem, pelo exercício contínuo da virtude, — ou o do mal pela escolha dos desvios tenebrosos da maldade. Desta forma, cada um senhor do seu próprio destino, pela boa ou má direção que dá à sua vida, apressa ou retarda o tempo em que há de alcançar o grau relativo de perfeição moral a que nos é lícito esperar atingir um dia. Esta é a verdade que os mais adiantados nas cousas transcendentais, concernentes à alma, nos revelam, para que, as conhecendo, possamos também, como eles, abrir os nossos olhos, enxergar e conhecer melhor os privilégios do espírito.

Quando os médiuns de alta capacidade nos vêm contar as suas experiências extraordinárias, tais como aquelas em que, involuntariamente, muitas vezes se têm envolvido, não devemos pensar que é pelo sentimento baixo de vaidade que assim o fazem, ambicionando as glórias vãs do mundo em que provisoriamente se encontram, não! Eles sabem que no momento em que tal sentimento penetrasse no seu interior, nulificaria por completo a capacidade do seu esforço.

Contam tais fatos com a intenção pura de, divulgando-os, chamarem outros ao conhecimento dessa verdade libertadora que o Espiritismo revela ao homem: É o espírito de caridade, meus amigos, que os impele a propalarem es-

ses fatos, que tanto têm concorrido para a conversão de homens ilustres, até então materialistas intransigentes.

Li há poucos dias interessante livro em que se conta um fato interessantíssimo, passado com o médium clarividente Mansfield, nos Estados Unidos. Dois cétricos americanos, para o desmoralizarem pediram a um chinês que escrevesse uma carta em sua língua, dirigida ao seu velho pai, falecido havia alguns anos. Não sobrescritaram essa carta, apenas a fecharam em um envelope.

Mansfield tocou na carta fechada e, tomando um papel, escreveu a resposta que lhes entregou. Qual não foi o desapontamento desses homens, recebendo a resposta da carta, cujo invólucro o médium nem sequer abrira, e notando que essa resposta estava escrita em língua chinesa, dando-lhes ainda a notícia do falecimento de uma prima dos mesmos americanos, fato que se dera na China e do qual eles ainda não tinham conhecimento! Assinava essa resposta o falecido pai do chinês, a quem havia sido escrita aquela que foi apresentada fechada ao médium.

Converteram-se por essa prova esmagadora aqueles incrédulos, tornando-se adeptos da verdade espírita.

Em 1863, experiência não menos interessante teve o Sr. Livermore, banqueiro de Nova York, homem ao qual animava nessas pesquisas além-túmulo o desejo de desmascarar "aquilo" que ele supunha verdadeiramente um embuste. A prova irrefragável da autenticidade dos fenômenos espíritas lhe veio por intermédio do médium Miss Kate Fox, fato que foi claramente relatado no livro — "A região discutida", de Robert Owne. O Sr. Livermore cercou-se de todas as precauções exigidas pela sua lógica e bom senso, afim de desvendar a "fraude", ou a "falsidade" dos fenômenos que outros julgavam importantíssimos e fiéis. A sua própria esposa, falecida havia algum tempo já, foi a aparição que se manifestou ao incrédulo investigador e por diversas vezes, de maneira a convencê-lo da sua vida real e verdadeira, apesar da morte a haver arrebatado alguns anos antes.

Ela lhe falou, se fazendo ouvir distintamente, lhe escreveu com a mesma caligrafia de outros tempos e só a distinguiram das pessoas, que o fato da sua materialização presenciaram, porque facilmente se volatilizava na sua presença. Escusado parece dizer que o Sr. Livermore se convenceu da verdade do Espiritismo. Estes fatos extraordinários, nós o sabemos nada têm de sobrenaturais. Eles são a resultante da combinação possível entre o exercício de faculdades de que dispõe o espírito que se sujeita à prova, e a capacidade do organismo de certos médiuns. Permite Deus a realização desses e outros muitos fatos positivos, para que se firme a crença universal na imortalidade dos espíritos, que, passando pelo fenômeno da morte, passam na realidade a "viver outras vidas", em planos relativos ao grau de desenvolvimento que forem gradualmente adquirindo na escala intérmina da perfectibilidade universal

Também entre nós, nestes dias, se têm produzido fatos, que são provas iniludíveis da verdade do Espiritismo. Entre muitos destacarei este, que se reveste, para mim, de particular interesse, pois que foi passado comigo própria nesta cidade do Rio de Janeiro: — Com uma das minhas boas amigas residia uma mocinha espírita, de bom gênio, simples mas de compleição fraca. Adoecendo de grave enfermidade, lutou muito entre a vida e a morte. Um dia alguém da família me procurou e conversamos largo tempo sobre a sua enfermi-

dade. O médico já havia perdido a esperança de a salvar, assim me declarou essa pessoa. A sua morte era esperada a cada momento.

Calcule-se a minha surpresa, quando, uma manhã, três ou quatro dias após essa conversa com o amigo da família, indo eu fazer pequenas compras a um armarinho da Praia de Botafogo, próximo à residência dessa mocinha doente, eis que a vejo, em plena rua, dirigir-se para mim com o riso nos lábios...

"Você M., disse eu, por aqui?! O que significa isto?! Há três dias tão mal e hoje... na rua?!"

Ela riu, respondendo: "D. A." eu não sou mais daqui, não estou mais na Terra, mas *lhe* vi e vim *lhe* dizer adeus e *lhe* agradecer o que fez por mim".

Ditas estas palavras desapareceu.

Atordoada, eu, sem querer ainda compreender bem o fenômeno, apressei o passo para chegar até à casa de amigos seus, que me dariam notícias certas do que se houvesse passado. Em caminho encontrei uma amiguinha minha e dela, a quem, depois de ligeira conversa perguntei afetando indiferença: — "E. M... como vai?"

Ao que me respondeu ela:

"Ah! A senhora não sabe? Morreu... Aquilo era um caso perdido!..." Convenci-me então que fora positivamente uma aparição do além-túmulo aquela que surgira em minha frente em plena rua e à luz do dia!

Se eu não possuísse outras provas de sobrevivência do espírito à morte do corpo e da faculdade de que dispõe para se manifestar àqueles que deixou na Terra, esse encontro com M. numa ocasião em que absolutamente não pensava nela e nas condições em que se produziu, seria bastante para me trazer a convicção segura de que os espíritos podem ser tornar visíveis a nós, querem se comunicar conosco — e buscam fazê-lo com particular interesse. Essa aparição de M. em pleno sol tinha uma aparência tão completa de vida, que, só o fato de se desvanecer repentinamente em minha presença, me fez após o seu desaparecimento, desconfiar de algo extraterreno... Esta foi uma manifestação espontânea, para a qual não concorreu sequer a atração do meu pensamento que no momento estava completamente alheio às cousas espirituais, porquanto, conforme já disse ao principiar esta narrativa, eu ia naquela hora a um armarinho comprar miudezas, de que necessitava aquele dia. Não houve, por conseguinte, um apelo do meu espírito à desencarnada que me apareceu. Tenho tido várias manifestações dos desencarnados completamente independentes da minha vontade. Verdadeiras surpresas! Aqueles que imparcialmente estudam a série de fatos, documentados por testemunhos insuspeitos, cederão à sua evidência e serão forçados a crer na veracidade da vida além da campa. Não, não se morre! — como bem o disse Mr. de Chevreuil no seu belo livro — "*Ou ne meurt pas*". *O espírito não morre...* Os habitantes do além vêm nos provar que a alma preexiste e continua a existir após o acabamento do corpo. Possuímos hoje uma série de fatos que são de ordem a trazer a certeza da vida eterna àqueles que quiserem lançar um golpe de vista sobre estes estudos.

Não é esta uma afirmativa minha, unicamente, que pouco valor teria para vós outros...

Dão-me o direito de assim o afirmar o testemunho de homens de ciência, que ao estudo demorado e cuidadoso dos fatos consagraram longos anos de proveitoso labor intelectual.

Para não citar inúmeros, lembrarei o nome de Sir Oliver Lodge, que, abandonando todas as reservas declarou clara e abertamente: — *"Creio que o homem está rodeado de outras inteligências. Se derdes um passo para lá da humanidade não encontrareis limite, até chegardes à inteligência infinita — ela prospera! Por minha parte tenho procurado toda a sorte de explicações diferentes, mas pouco a pouco, uma após outra elas têm sido eliminadas, e cheguei à conclusão de que os seres que se comunicam conosco são realmente aqueles que eles dizem ser"*.

Nenhum de nós começou a viver no dia do nascimento e nem tampouco se extinguirá na hora da morte. A nossa existência é eterna, os nossos espíritos são imortais. A morte não faz mais do que libertar o espírito das peias da matéria, fazendo-o regressar ao espaço, levando consigo toda a bagagem dos erros ou das virtudes adquiridas na vida terrena. Somos nós mesmos, portanto, quem dá causa às nossas alegrias, bem como às nossas tristezas futuras. O nosso progresso, ou o nosso retardamento, são a obra da nossa própria vontade, posta em exercício neste mundo em que nos encontramos e, posteriormente, mais tarde, nas outras moradas de que nos falou o Divino Mestre. A vida deve, pois, ser compreendida como um princípio eterno...

Com paciente estudo e cogitações profundas, o homem se convencerá da universalidade da vida e chegará a encontrar os princípios que, esclarecidos à luz da razão e do bom sendo, concorrerão para a unificação da ciência com a religião. Aqui cabe inserir as seguintes palavras, que, do mundo além recebi, as quais estou autorizada a vos transmitir:

"Oh! homens que tendes consciência, razão, inteligência e vontade livres, pois Deus vos concedeu essas faculdades acompanhadas do livre arbítrio, que é o regulador das vossas responsabilidades, meditai, refleti sobre a razão de ser das vossas vidas... Todas as vossas aspirações nobres, todos os anelos justos do vosso ser, todo o vosso amor à Pátria estremecida, à família e à humanidade deverão fatalmente ter um fim na campa? O vosso ser pensante, inteligente e bom, o vosso heroísmo capaz dos mais sublimes sacrifícios, registrados na História Universal de todos os povos, terá um dia como conseqüência infalível de se extinguir na podridão nauseabunda de um cadáver? Meu Deus! Se assim fosse, se essa finalidade asquerosa fosse o epílogo de tantas existências de martírios na Terra, vidas que não lograram um dia de ventura, almas que não tiveram um momento de alegria, criaturas que jamais viram a luz do Sol, imersas na escuridão tenebrosa da cegueira de nascença, estes, que curtiram sede, fome, moléstias contagiosas que de si afastavam os entes mais queridos, aqueles sem a luz da razão, loucos, internados nos manicômios a suportarem torturas impiedosas pelos delitos que, na sua inconsciência, praticam — e tantos outros Senhor, tantos outros, cujo patrimônio nesta vida foi a Dor, o Sofrimento, do berço ao túmulo, se assim fosse, Pai Santo, onde estaria a inflexível Justiça que rege os teus sábios desígnios?!

Homens atendei! A vida é eterna! Estais num período em que tendes de vos definir.

O esplendor das revelações espíritas, como um foco poderoso de energia elétrica, tocará os vossos olhos e *vereis* malgrado a vossa obstinada cegueira. *Vereis!* Continuareis livres de seguir o caminho que então preferirdes: A treva ou a luz! Oxalá atendendo ao chamamento divino sigais a rota que vos aponta esse foco de luz reveladora, que outrora transformou Saulo de Tarso em Paulo, o

intemerato atleta do Cristianismo. Jesus, Pastor das Almas, Luzeiro poderoso de imortal grandeza estende a tua destra sobre os teus filhos na Terra e, como em outros tempos ordenaste aos cegos de nascença. *Quero que vejas*, assim nos dias de hoje, dá a luz do entendimento aos cegos obstinados que não querem ver as maravilhas do teu poder!”

GIUSEPPE GARIBALDI

Renda-se o homem à evidência dos fatos que se acumulam diariamente, inexplicáveis para aqueles que não querem compreender a alma como ela é na realidade, ativa, independente do corpo e sobretudo — *imortal!* Só uma falsa orientação científica, ou religiosa, pode repelir a comunicação dos espíritos, suas manifestações ao nosso mundo, porquanto esses fenômenos hoje são experimentalmente provados de forma a contentar os mais exigentes.

O mais belo fenômeno espiritualista que os meus olhos presenciaram e que mais concorreu para robustecer a minha fé na imortalidade da alma foi o seguinte, que passo a vos relatar na esperança de que, crendo na honestidade da minha palavra humilde possais, como eu, ficar seguros de que a morte é o renascimento do espírito.

Estava eu à cabeceira de um agonizante, pessoa intimamente ligada a mim pelos laços naturais de família.

Quando a morte, que se esperava, se manifestou, não notei no moribundo sinal algum de sofrimento, pelo contrário, o seu rosto tornou-se plácido, sereno, ao mesmo tempo que a cabeça iluminada por uns reflexos brancos, prateados, de um brilho singular. Quando a vida abandonou aquele organismo sofredor e a criatura humana cessou na realidade de viver, notei que um organismo novo, em tudo semelhante ao corpo inanimado que jazia sobre o leito, porém mais belo, se mantinha ao pé do cadáver, preso por um tênue fio de luz embranquiçada à cabeça do morto. Essa nova criatura lançava o olhar, atônito, alternadamente sobre si mesmo e sobre o corpo sem vida estendido sobre o leito. Circunvagava em seguida a vista sobre as pessoas presentes, ignorantes do que se passava ali, para depois se deter sobre mim, única testemunha ocular da sua presença real ao pé do cadáver!

Enquanto amigos dedicados cuidavam de vestir o corpo inanimado, eu procurava, em concentração mental, influir sobre o corpo real daquele que vivia dali em diante uma outra vida...

Essa forma fluídica permaneceu ao pé do cadáver durante algumas horas, presa àquele laço que se ligava ao cérebro.

No dia seguinte, quando se cuidava do enterramento do extinto, não vi mais o tênue fio de luz que ligava os dois corpos, material e espiritual.

A forma desencarnada esteve presente até a saída do féretro, quando a vi desaparecer, não sabendo eu ao certo se o acompanhou ou não.

Não tenho a pretensão de estudar o fenômeno que acabo de vos relatar fielmente, qual se deu no dia 7 de Junho de 1922, às duas horas e cinquenta minutos da tarde.

O que vos posso garantir é que dele fui testemunha ocular, nas condições que acabo de narrar.

Possa esta narrativa calar no ânimo daqueles que choram desconsoladamente os seus mortos, fazendo-os refletir desassombadamente sobre o fenômeno passageiro da morte.

Demos graças a Deus pelos progressos que vai fazendo o Espiritismo na Terra e aguardemos os tempos em que essas provas estejam ao alcance de todos nós. Para lá caminhamos: tenhamos fé.

O OBJETIVO DA VIDA

(Em 20 de Janeiro de 1924, na "Casa Espírita" - Juiz de Fora.)

Nos dias atuais, muitos homens ainda nada conhecem do que lhes reserva o futuro, após terminar a existência que ora vivem... Sobre muitos pesa o espectro da dúvida, a lhes sobrecarregar o ânimo de carregadas sombras. Outros, indiferentes, vêm se escoarem os seus dias, sem crenças, frios e monótonos como a apatia que lhes enche o cérebro. Grande número, vergado no jugo do sofrimento, sem esperanças, vagueia na Terra, ao léu da sorte... A maioria, embebida no deleite venenoso dos prazeres materiais, entregue à corrupção, aos vícios mais hediondos, não tem ideais, porque não tem crenças. A fé na imortalidade do espírito é ainda muito fraca... No entanto, os templos estão repletos de *fiéis* e todos se dizem cristãos, ou, pelo menos, *testemunham* o ser, cumprindo com *especial cuidado* os ritos e cerimônias das suas igrejas, tais como: confissão, batismo, casamentos, cânticos, etc.

Tudo isto, porém, não passa de aparência exterior, não palpitando na observância desses atos a menor parcela da espiritualidade cristã.

A verdade é que este estado atual de consciências não satisfaz nem tranqüiliza o espírito humano. É uma necessidade premente, que se faz sentir com a força de uma verdade, esta: que os homens possuam o conhecimento seguro do objetivo da vida. A humanidade cristã não pode mais viver no desamparo dos ideais nobres, sem defesa, incapacitada de resistir às tentações do erro, sem uma convicção religiosa que a habilite a compreender a essência do Cristianismo, sem ideal, sem fé, sem luz! É preciso dar uma orientação verdadeiramente cristã a essa humanidade, ignorante das sábias leis que regem o seu destino nesta vida e além da morte.

Façamo-la compreender qual o alvo supremo da vida, a regra áurea que é o princípio básico do Espiritismo, a lei que determina as existências múltiplas, pelo entendimento da qual saberão que reverterá em seu proveito, ou em seu prejuízo, tudo quanto semearem na Terra, de bom, ou de mau. Nós somos, por mercê de Deus, os encarregados de espalhar a preciosa sementeira até onde possa alcançar a nossa precária influência.

Temos para isso o mandamento do Divino Mestre — ***"Ide por toda parte..."***

Esse trabalho oferece sérias dificuldades, não há dúvida.

Tanto melhor: assim será provada a nossa fé, será provado o nosso amor, será provada a nossa dedicação à causa que esposou o Divino Mestre e em benefício da qual se consumou a vitória do Calvário na sua gloriosa ressurreição.

Muito se fala sobre o progresso. É assunto que preocupa e interessa os sábios, os pensadores. O progresso das artes, o progresso das letras, o progresso das ciências...

O mais alto objetivo do progresso é encaminhar o homem para a solução do mistério que envolve a sua vida e dar-lhe o conhecimento exato do futuro que o espera além da campa, quando, entregue a sua carne à podridão do túmulo, o seu espírito se alar ao mundo etéreo. Mais dia, menos dia, soará para nós a hora da morte, solene e grave, e, ao seu apelo, todos temos que estar prontos a seguir viagem rumo ao infinito, queira ou não a nossa vontade.

Há quem procure afugentar a idéia da morte, pela ignorância do esplendor que lhe encerra. Entretanto, é bem mais difícil viver que morrer...

Os que têm horror à morte é porque se apegaram à falsa idéia de que ela é o aniquilamento. Tremem só em pensar que não poderão fugir a essa lei inflexível, que põe termo às suas existências. O Espiritismo, porém, pouco a pouco, vai dissipando esse temor infundado, provando a todas as criaturas que a morte é o vôo definitivo da alma à imensidade do infinito. Todas as noites, quando dormimos, em curto vôo vão os nossos espíritos ao espaço etéreo, em busca do fluído salutar que lhes retempere o vigor, para a continuação do labor terreno a que estão obrigados pela ligação ao corpo. A morte é um vôo mais longo...

Conduz o espírito para as regiões de uma outra vida, majestosa, imponente e grandiosa como a imensidade! Para além da morte existe a verdadeira vida... Passado o período de natural perturbação, começa o espírito a rever o seu passado, analisando escrupulosamente todos os seus feitos na encarnação que acabou, bem como nas outras que antecederam a esta. Desse estudo resultará a sua alegria ou o seu arrependimento pelo bom ou mau uso que houver feito da sua vontade, do seu livre arbítrio na Terra.

Cumpra, portanto, dar uma direção acertada à nossa vida para evitar as dolorosas decepções que nos esperam no mundo além, quando um dia nele ingressarmos. As particularidades mais insignificantes da nossa vida têm a sua correspondente conseqüência no futuro do nosso espírito, e podem assumir extraordinária gravidade, ações que, impensadamente, julgamos sem valor, aqui.

Futuramente, no espaço, a lembrança desses atos praticados levianamente, serão causa de grande desassossego para as nossas almas.

Aprendamos cedo, meus caríssimos amigos, qual o objetivo verdadeiro da vida.

Os nossos espíritos cá se encontram, neste planeta, presos a este grosseiro corpo carnal com o propósito de realizar, com esforço, trabalho, paciência e perseverança, a obra do seu próprio aperfeiçoamento. Trazem o plano de trabalhar, estudar, lutar, para vencer todos os obstáculos que se antolham no seu caminho, procurando retardar o seu esforço. Não nos deixemos abater, pois, quando as dificuldades, tentações, desgostos e demais

tropeços, surgirem em nossa frente. Para os vencer aqui viemos. Nossa alma se enobrece, se purifica, nesse labutar contínuo das existências terrestres.

A compreensão da vida em seu objetivo ideal nos dará lucidez de espírito para aceitar sem desfalecimentos as cruces das nossas provações, os desgostos íntimos que surgem no seio das nossas famílias, os acidentes súbitos que causam a morte dos nossos queridos, a miséria e a fome que penetra nos lares pobres, as injustiças com que tantas vezes somos feridos no âmago do nosso ser, as perseguições que nos são movidas da sombra, sem qualquer razão aceitável aos olhos do mundo, e tantos outros golpes que subitamente caem sobre nós, como que desferidos pela mão ingrata do destino. Todos esses sofrimentos, todas essas angústias físicas e morais, o Espiritismo resolve, fazendo-nos compreender que não é sem uma razão sábia e justa que a Providência Divina nelas consente. Para esclarecer as nossas dúvidas, fortalecer a nossa fé, amparar a nossa fraqueza e sustentar o equilíbrio da nossa razão, ele nos oferece a doutrina mais perfeita, mais justa, mais racional e mais compatível com a imanente justiça do Criador: — Ela nos fala que a felicidade terrena não é o ideal a que aspira o espírito, imortal, criado por Deus para o gozo de uma felicidade perfeita e eterna. Nossas almas precisam conquistar um a um todos os predicados, todas as virtudes cristãs, possíveis de adquirir na Terra, antes que estejam aptas a viver sucessivamente em mundos mais adiantados. Aqui, neste planeta apuramos a sensibilidade pela dor, pelo sofrimento; a paciência, pelo rigor das provas; a resignação e a fé, pelas injustiças que nos ferem o coração arrancando-nos lágrimas que obscurecem a diretriz do nosso olhar... Enfim, neste mundo está à prova a nossa virtude, como mulheres, pelo esplendor do luxo e a ambição louca da vaidade que nos cerca; e como homens, está à prova o nosso caráter, facilmente maculável pela tentação do dinheiro desonestamente adquirido.

Qual o nosso dever, pois, como criaturas inteligentes, possuidoras de uma vontade livre, senhoras do nosso arbítrio, na escolha da norma do nosso proceder? De posse do conhecimento das leis que regem a evolução dos seres, procurar aumentar cada vez mais o patrimônio dos nossos espíritos, que são as virtudes adquiridas no constante exercício da nossa vontade, em luta com os elementos que lhe são contrários. Ganhando a vitória sobre as tentações próprias da nossa fragilidade, resistindo aos chamamentos do mal, que corrompem os bons sentimentos, chegaremos a possuir o segredo de bem viver, preparando assim um futuro compatível com as aspirações justas das nossas almas.

Em qualquer circunstância da nossa vida recordemo-nos sempre de que é provisória a nossa estadia neste mundo. Se é nosso quinhão o sofrimento, ele, durando mesmo toda a nossa existência atual, durará muito pouco... O que é esse lapso de tempo, em comparação com a eternidade que temos à nossa frente? E, reflitamos: Se as nossas vidas anteriores tivessem sido bem orientadas, não discrepando das leis de justiça e caridade, certo não teríamos hoje que suportar as conseqüências do nosso passado, numa encarnação dolorosa e difícil. **Quem sofre hoje, portanto, não veja irreparável e desesperadora a sua situação. Até à profundidade dos mais insondáveis abismos da alma, alcança o amor de Deus.**

Compreendamos e aceitemos esse amor supremo, que teve a sua exteriorização máxima na Divina personalidade do Cristo. Saibamos lhe corres-

ponder com toda a pujança dos nossos sentimentos afetivos e veremos com que prazer aceitaremos as amarguras e decepções da vida, pela força, pela coragem que em nosso íntimo infundirá a irradiação renovadora do Espírito do Senhor!

Não há obra mais digna do que esta de encaminhar os homens para a compreensão exata dos seus destinos superiores, do objetivo real da vida.

Não há negar, a civilização material da humanidade tem alcançado nestes últimos tempos, um progresso realmente admirável. Outro tanto gostaríamos nós de afirmar no que diz respeito à evolução moral. Para o fazer, porém, seria necessário fechar os olhos ao estado atual do nosso mundo, onde a tão grande proporção de males, contrista o observador sensato.

Por toda a parte a violação do Direito, a corrupção de costumes, a doblez do caráter, as injustiças sociais, de fazerem clamar as próprias pedras, a opressão dos fracos e a bajulação hipócrita aos *grandes e poderosos* da Terra. A humanidade caminha desorientada, sem ideal, sem esperança segura, sem garantias do futuro que a espera. E na sua frente — o problema da vida em seu objetivo, como um ponto de interrogação, permanece! A vitória do Evangelho será então, uma utopia, somos levados a perguntar?

Não, meus amigos. Apesar de todos os obstáculos vencidos e por vencer, o Cristianismo nos afirma, pela voz invisível dos nossos protetores dos mundos além, que o Espiritismo será vencedor na defesa e proclamação das leis que regem a liberdade, a igualdade e fraternidade cristãs. Não exagero, queridos confrades. Mais cedo ou mais tarde, a vitória do bem sobre a maldade raiará para essa pobre humanidade desconhecadora dos seus destinos.

A nós cabe em grande parte apressar essa aurora auspiciosa de paz e amor. Multipliquemos o nosso esforço, redobremos a nossa atividade, abrindo uma campanha decidida e enérgica contra a ignorância em que jaz a humanidade, das leis eternas sobre as quais repousa o seu futuro. Abandonemos de uma vez para sempre essa egolatria que não nos permite amar ao nosso próximo, como Deus nos ordena e trabalhemos com ardor para o bem espiritual do mundo em que habitamos.

A obscuridade das doutrinas religiosas cultiva a ignorância do homem relativamente aos seus transcendentais destinos. Esse vácuo a que elas precipitam as consciências é a causa principal da perturbação e incerteza dessas pobres almas, vazias de luz, de conforto e de conhecimento do futuro. Há inúmeros exemplos de agonias lentas, desesperos cruciantes, vacilações perigosas da razão, pela falta de compreensão da harmonia universal que rege os planos do Criador.

Há poucos dias fui procurada por distintíssima senhora, filha de um dos Estados do sul do nosso País, numa condição dalma verdadeiramente contristadora! Em flagrante contraste com a sua aparência exterior — toilette de fino gosto e requintado luxo, o seu aspecto moral era desolador!

Uma criatura revoltada contra as *injustiças* do destino, que vinham

perturbar a felicidade (?) habitual dos seus dias terrenos... Sua história era realmente triste, mas o que grandemente concorria para torná-la mais aflitiva era a falta de submissão do seu espírito, habituado a imperar, como senhor absoluto, sobre todos os elementos que a cercavam e agora impotente para subjugar a situação em que se encontrava. Era uma verdadeira revolta de todo o seu ser, julgando uma iniquidade, uma injustiça o ser assim ferida no que mais amava na Terra, ela que se considerava caridosa e boa, que dava esmolas, ajudava, sempre que podia, os pobres, fazia obras de beneficência, a ninguém lesava, cumpria todos os seus deveres de cristã (católica é o que ela era) nunca ia dormir sem orar, e não sei mais quantas outras razões alegou.... Procurando acalmá-la um pouco, esperei que cessasse aquela torrente de palavras que lhe saíam da boca aos borbotões, sem quase lhe darem tempo a tomar fôlego.

Expliquei-lhe, conforme me foi possível no momento, como a nossa doutrina enfrenta essas crises dolorosas da existência terrena, chegando à conclusão racional das provações por que todos temos de passar. Essa pobre senhora não tinha, naquele cérebro cheio de ilusões e fantasias, um vislumbre sequer do futuro que a aguarda além da Campa.

Disse-me que neste ponto estava tranqüila, uma das cláusulas que estatuíra no seu testamento fora avultada soma para ser entregue a certa instituição católica, destinada às missas por sua alma, quando chegasse a hora da sua morte. E era esta criatura *perfeitamente tranqüila* quanto ao futuro do seu espírito, que buscava no Espiritismo o conforto presente que a sua religião não lhe podia dar!

Vêde, meus amigos, como se encontrava aquela alma vazia de espiritualismo, alheia à fé santificadora que é o sustentáculo poderoso do Cristão nas horas tormentosas, nos momentos difíceis, nas crises perturbadoras da paz do espírito!

Em tal situação desalentada e desoladora se acham muitas outras criaturas, encarando os males e os sofrimentos desta vida como uma ação injusta do poder Divino e procurando assegurar o repouso eterno das suas almas, depois da morte, à custa de donativos especiais, que a sua riqueza lhes permite oferecer, pelos sufrágios que lhes serão ministrados quando os seus espíritos ingressarem no mundo das causas...

O que significa isto, caros confrades?

A ignorância dessas criaturas a tudo quanto se relaciona com os seus destinos eternos, o objetivo real da sua existência terrena. *Assegurada a salvação da alma*, pela certeza dos sufrágios que suas famílias e seus amigos lhes mandarão celebrar após o seu desencarne, não pensam mais tais pessoas do que em se aproveitarem dos meios de que dispõem para se proporcionarem todas as alegrias, todos os gozos que o mundo fartamente oferece aos que lhes podem pagar liberalmente essas horas de prazer falaz. E, quanto mais se entregam ao desperdício do dinheiro, proporcionando ao corpo físico a maior soma de gozos e satisfações supérfluas, tanto mais se aprofunda a sua pobreza moral, pela ignorância perigosa do que há de mais digno na vida do homem! Mas, ai! Quando um dia o sofrimento, pelo acicate da dor, faz parar repentinamente aquele turbilhão vertiginoso de paixões, em que velozmente se despenham essas criaturas insensatas, elas, que não possuem nas suas almas a força auxiliadora do Espírito, que fortalece os servos do Senhor, figuram, no ce-

cenário tempestuoso da vida, qual navio sem leme, sem bússola, à mercê das ondas encapeladas pela fúria dos elementos...

Este é o fruto deplorável da ignorância espiritual em que jaz grande parte, senão a maior parte da nossa humanidade!

Mas a lei é inexorável!

Para subir a escala proporcional na hierarquia das múltiplas moradas, é necessário deixar neste planeta tudo quanto embaraça o nosso progresso espiritual. O homem tem de aquilatar o valor das provações, dos sofrimentos, das dores indispensáveis à mais ampla dilatação das suas faculdades morais. Dando à nossa vida na Terra um objetivo infinito, aceitaremos com coragem as dores por que nos é necessário passar neste planeta, vindo no presente sofrimento a elaboração do futuro auspicioso que nos aguarda.

Construamos, pois, sabiamente o nosso porvir. A nossa felicidade eterna está na dependência da nossa aptidão para o bem. Imponhamos, a nós mesmos uma disciplina moral que nos ponha ao abrigo da violência das paixões, dos prejuízos do egoísmo, das tentações da inveja e das más influências do orgulho e da ambição imoderada. A criatura humana se revolta tanto mais com o peso do sofrimento, quanto mais atrasado é o estado da sua alma. Dai-lhe luz e ela compreenderá a razão de ser das suas dores.

O Espiritismo fornece a todos os homens os meios de se instruírem se esclarecerem, no intuito de lhes preparar um futuro glorioso e, ao mesmo tempo, um presente isento de incertezas da dúvida, pesadelo que assalta de contínuo os fracos. Disseminemos, pois, à mancheias, as verdades que encerra essa ciência divina, façamos um trabalho de propaganda ativa e persistente, das revelações que os luminares dos mundos invisíveis amorosamente trazem até nós, abandonemos de uma vez essa morosidade de ação, que retarda, e por conseguinte prejudica a influência benéfica dos nossos Guias.

Nunca tivemos tanta necessidade de ser fraternalmente unidos, como nesta época de clamor geral, de hostilidades e inquietações em toda a superfície da Terra. A situação moral do nosso povo, para não irmos além da nossa Pátria, é penosa.

Dificuldades de toda ordem embaraçam a vida do pobre. Vós conheceis sobejamente a situação financeira e econômica do nosso País, para que possais igualmente conhecer a situação aflitiva da nossa gente. Os noticiários dos jornais quase diariamente trazem suicídios de chefes de famílias que, assoberbados pela perspectiva aterradora da falta do sustento para os seus desertam deste plano da vida... Mulheres, combalidas pelo sofrimento e desanimadas nas suas esperanças de melhores dias, se têm afundado no abismo de tão pavoroso crime!

Nós não podemos cruzar os braços, indiferentes a esse estado lastimável de cousas...

Levemos aos nossos patrícios (a nossa pequenez espiritual talvez não nos permita ir além...) a doutrina reveladora dos espíritos como um meio de regeneração, de educação religiosa, de conformidade com as agruras desta vida de provações, fazendo-lhes compreender o objetivo real da vida, em toda a sua superioridade moral. Um ensino bem orientado e religiosamente feito com amor e abnegado altruísmo, os chamará ao caminho da fé racional e lógica, oferecendo uma base segura às suas crenças, para humilde e resignadamente

poderem suportar o peso das suas cruzes nesta existência. Eles compreenderão então, de raciocínio em raciocínio, de reflexão em reflexão que, neste pequenino globo em que habitamos o plano admirável do Criador se executa tão perfeitamente como nos grandes mundos habitados pelas entidades superiores do Universo.

Meus amigos, trabalhemos com ardor, com dedicação e fé, pela divulgação dos ideais cristãos, objetivo real da vida do espírito.

VIDAS SUCESSIVAS

*(Em 24 de Janeiro de 1924, no Centro Espírita-
Humildade e Caridade — Juiz de Fora.)*

Meus amigos, quando em prol das verdades espíritas se levantam vozes como as de William Crooks, considerado por alguns o maior sábio do nosso tempo, Leon Denis, Frederico Myers, de Rochas, Aksakof, Conan Doyle, Lloyd George, Zoellner, Gibier e tantos outros, parece desnecessário que humildes aprendizes dessa doutrina ousem dizer alguma coisa sobre ela, uma vez que por esses grandes homens tem sido estudada com proficiência, discutida, analisada e sobejamente comprovada. No entanto, é preciso fazê-lo, malgrado a nossa pobreza intelectual, não obstante a nossa fraqueza. No Espiritismo há espaço para a expansão luminosa dos grandes pensadores, como há lugar para os ensaios das inteligências rudimentares. Pertencço a este grupo. Desejando aprender, troco idéias convosco.

Estas perguntas são freqüentemente feitas pelos estudantes do Espiritismo, que ainda não se acham esclarecidos sobre a doutrina das vidas múltiplas: *Porque permite Deus que tais e tais cousas sucedam, quando Ele tem o conhecimento prévio de que elas causarão desgraças, infortúnios, crimes, etc.? Não tem Ele a faculdade de impedir a sua consumação? Por que não o faz? Por que permite Deus a prática de atos criminosos, roubos, assassinatos, suicídios? Não é Ele a Justiça?"*

Meus amigos não nos façamos sábios porque conhecemos algumas verdades. Sabemos que Deus é Justiça indefectível, esta é uma das verdades que, felizmente, conhecemos. Saibamos também que, nada se realiza no Universo, sem uma razão de ser, porque se Deus é Justiça, Ele é também Sabedoria. Há, portanto, uma causa que determina a permissão daqueles atos que, em nossa apreciação errônea, parecem estar em desarmonia com a Justiça que rege os destinos do nosso ser.

Aos nossos olhos se depara, não poucas vezes, o quadro contristador de um homem justo, paciente e trabalhador, sofrendo os horrores de uma sorte adversa. Outras vezes, uma mulher honesta, virtuosa e reconhecidamente boa, inesperadamente privada da vista, ou acometida de mal incurável, que lhe prolonga a vida num sofrimento horrível, obrigando-a até a fugir do convívio da sua própria família. Não poucas crianças vêm a este mundo para, sofrendo um martírio inconcebível, serem a causa do maior tormento de seus pais.

Não nos esqueçamos, porém, refletindo sobre estas cousas, que o sofrimento, como bem o definiu Max, o nosso querido Bezerra de Menezes é, nesta vida terrena, o meio de expiação, a moeda que o Pai nos oferece para resgatarmos as nossas dívidas.

A Justiça de Deus, sua Caridade e Misericórdia infinitas encontram cabal confirmação em frente a esses quadros aparentemente incoerentes à nossa vista, quando refletimos ponderada e conscienciosamente sobre o princípio espírita das vidas sucessivas. A criatura de hoje, que vemos humilde, paciente e justa, veio a esta vida com o compromisso formal de resgatar culpas anteriores, que, num passado oculto aos seus olhos hoje, cometeu voluntariamente. A pena, naturalmente, é proporcionalmente relativa ao crime. Daí a variedade no grau de sofrimento escolhido pelo próprio espírito, ansioso de evoluir com rapidez. Felizes portanto os pacientes e resignados em suas provações. Deus não tem preferência por nenhum dos seus filhos. A doutrina das vidas sucessivas constitui um ensinamento de altíssimo alcance. Só ela goza o privilégio de resolver com lógica inabalável as aparentes anomalias desta vida em que nos achamos. No encadeamento das nossas existências múltiplas, na Terra, se verifica a grandiosa obra do nosso aperfeiçoamento espiritual.

Não vejamos, porém, em todas as criaturas sofredoras — delinqüentes em expiação. Nossas almas tem necessidade de viver encarnadas em todas as condições sociais. Elas precisam passar alternadamente pela riqueza e pela miséria, da alegria para a tristeza, da ignorância para a sabedoria. Encontram-se na Terra muitos espíritos que intencionalmente escolheram viver vidas de penosos sofrimentos, ávidos de progredir, desejosos de adquirirem o mais depressa possível aquele grau de superioridade a que atingem rapidamente os que sabem sofrer! No cadinho das provações a alma adquire a capacidade para se elevar até receber o verdadeiro batismo do Espírito-Santo.

A ação lenta e profunda do sofrer a torna capaz de assimilar as verdades sublimes dos Evangelhos, porquanto, sob o peso da dor elas sentem a necessidade de se aproximarem de Deus. É assim que se exaltam as almas heróicas.

Conhecendo a razão de ser da sua vinda à Terra, elas aqui baixam no propósito firme de cuidarem incessantemente do seu aperfeiçoamento, tanto no saber como na virtude. Daí esses exemplos extraordinários de paciência e fé em meio as dores mais cruéis da existência.

A tarefa do espírito, pois, vindo a encarnar-se neste planeta, é limpar-se das culpas anteriores e adquirir o maior adiantamento moral e intelectual, para ascender à maior elevação no Além.

É assim que se executa a Justiça de Deus, ligada indissolúvelmente à sua sabedoria e misericórdia.

Rejeitando a doutrina racional das vidas sucessivas, somos forçados a crer que Deus criou os espíritos em flagrante desigualdade de essência, o que implica em admitir entrasse a injustiça nos planos da Divina Providência, criando entes destinados à prática do mal, ao requinte da perversidade moral, ao mesmo

tempo que dotando outros de sentimentos puros, nobres e altruístas; seres disformes, aleijados, cegos, paralíticos e mudos, quando outros desfrutam a melhor saúde, em pleno gozo das faculdades físicas e morais.

Não, meus amigos! A verdade espírita nos dá a certeza de que Deus formou os espíritos em igualdade de condições, dando-lhes a liberdade e o livre arbítrio, sem os quais não poderia haver mérito nem demérito, por conseqüência, não podendo haver progresso, que se faz à custa do esforço próprio. Essa liberdade, esse livre arbítrio o próprio Deus respeita. Sem eles seria nula a nossa responsabilidade moral.

Os espíritos, baixando a este planeta, fazem desse privilégio, outorgado pela Divina Providência, o uso que lhes apraz. A maioria, carregando-se de dívidas pelo descalabro das suas paixões, pela ousadia do seu orgulho e ambição desenfreada, envereda pelo caminho do erro, resvalando de queda em queda até baixar ao nível dos brutos, inconscientes... Outros, porém, resolvidos a desenvolverem os dotes intelectuais e do coração, aplicam as suas energias no sentido do bem, cultivando com especial cuidado os meios de crescerem em sabedoria e virtude.

Aqueles que começam a se interessar pelo Espiritismo devem firmar os seus estudos logo em começo sobre este princípio de capital importância: A doutrina das vidas sucessivas, isto é, o capítulo das *reencarnações*. As lições que daí decorrem lhes ensinarão a desenvolver o seu caráter, trazendo-lhes o conhecimento das leis que regem e firmam a sua liberdade e responsabilidade perante a Justiça Divina. Verão nessas idas e vindas sucessivas dos espíritos a necessidade de refrearem as suas paixões, procurando acelerar através os séculos a obra grandiosa da sua própria regeneração, pois, para resgatarem as culpas adquiridas em anteriores encarnações, virão à Terra, tantas vezes quantas forem necessárias para o acabamento da sua tarefa.

Surge, entretanto, entre os principiantes, esta observação aparentemente sensata: Se esta não é a única existência na Terra, se aqui já temos vindo vezes sem conta e outras tantas temos de voltar, não seria mais proveitoso para nós possuímos o conhecimento das nossas vidas anteriores afim de melhor guiarmos o nosso proceder na existência atual?

A primeira vista nos parece que sim, meus amigos. Pois se no passado cometemos tais e tais erros, falimos em tais e tais propósitos, sabendo quais os nossos pontos fracos poderíamos mais facilmente evitar nova falência... Prezados companheiros, se isso fosse acertado, Deus o teria permitido, é claro.

Esse conhecimento, longe de ser para nós vantagem, aumentaria o grau da nossa responsabilidade, agravando sobremaneira as nossas culpas.

Temos nós a certeza de encontrar em nós mesmos a força de contrariar a inclinação pecaminosa do nosso espírito, resistindo à tentação em que sucumbimos no passado? Quero crer que nessa luta terrível entre o dever, apontado inexoravelmente pela consciência desperta e a fraqueza da carne, pronta a ceder à tentação do mal, o fracasso moral seria inevitável... Sobre este ponto um dos nossos confrades fez consulta espiritual ao nosso protetor e amigo

do espaço, Dr. Bezerra de Menezes, que deu a seguinte comunicação, cujo estudo a todos nós aproveitará. Ei-la na sua íntegra:

“Não confies na tua própria força. Pensas que sabendo os deveres que assumiste no espaço poderias melhor cumpri-los nesta encarnação.

Enganas-te. Isso serviria apenas para aumentar o grau das tuas responsabilidades. A carne te arrastaria a falir exatamente naquilo que tivesses resolvido jamais praticar. Não sabes tu que o homem é como a criança?! Aquilo em que não deve tocar nem se lhe deve mostrar. Pondo-lhe diante dos olhos o objeto da sua tentação, com a proibição expressa de não lhe encostar a mão, tanto basta para que a tentação seja mais forte e ela o vá tocar, muito embora conhecendo o castigo que a espera.

Assim é o homem. Desde o momento em que conheça que tal ou tal cousa lhe é vedada, a sua tentação o induzirá a praticá-la, aumentando o peso da culpa, pelo estado de consciência em que se encontra.

Não, filho, não te direi; não te posso revelar, não te posso fazer essa vontade.

Segue as intuições naturais da tua consciência; o teu bondoso Guia te falará por ela.”

MAX

Tive a permissão de publicar esta comunicação. Ela se encontra no 3º fascículo “Do Além”, cuja distribuição gratuita está sendo feita aos adeptos e amigos da doutrina.

Na Terra há certamente muito mais dores do que alegrias, mas isso é realmente necessário, porque o sofrimento apressa o adiantamento espiritual do homem, purificando-o, no esforço inaudito que despense para ascender ao Calvário doloroso das suas provações. Atingindo ao cume da montanha, essa prova redundará em santa alegria, porque então a alma gozará a mais intensa felicidade, pela consciência do dever cumprido.

Nunca é demais repetir que o alvo que devemos ter em mente é prepararmos a nossa evolução espiritual em busca da verdadeira felicidade, que futuramente havemos de fruir nos mundos adiantados. Gastarmos o nosso tempo na Terra e granjear riquezas e prazeres fugitivos, é rematada loucura. Essas alegrias efêmeras, essa vaidade fôfa, serão para nós causa de grande tristeza, quando passarmos à vida do espaço. O espírito, para o Além conduz o fruto do que houver semeado na vida da carne.

Que levarão esses, cujo tempo foi empregado em regalar o corpo material, na satisfação dos seus apetites desordenados? Que bagagem levarão os que, gananciosos acumulam riquezas sobre riquezas, desejosos sempre de possuírem cada vez mais, jamais empregando uma migalha sequer do seu dinheiro em beneficiar o seu semelhante, matar a fome do necessitado, diminuir a penúria das classes pobres, — metidos no egoísmo criminoso da sua própria individualidade?

Quando despertos na vida do espaço, esses espíritos, passando em revista o seu passado, em recolhimento no período que sucede à perturbação da

morte, verão, com amarga tristeza o tempo que deixaram correr inutilmente na Terra e o *déficit* enorme que acusa o balanço das suas obras...

Então, padecendo na alma a dor profunda de um arrependimento sincero, eles envidarão esforços para voltarem a este planeta, em nova encarnação, com o intuito de, padecendo fome, miséria, sofrendo a mesma penúria que no passado viram com indiferença sofrer o seu próximo, resgatarem por entre lágrimas e sofrimento, a culpa que os acabrunha.

É uma verdade, meus amigos:

Nas profundezas da nossa alma se vão acumulando as impressões de todos os atos da nossa vida neste mundo. Na vida do Além acordam essas recordações adormecidas, o espírito reconstrói todo o seu passado, revivendo toda a memória das suas boas e más ações. Desde esse momento se dedica à obra da reparação dos seus erros passados e à renovação do seu *eu* espiritual.

Este fato se reproduz em cada regresso do espírito ao espaço.

Alcançando um grau superior, mais demoradas se vão tornando as suas estadias no espaço e mais raras as suas vindas ao planeta.

Tempo chegará em que, penetrando a sagrada harmonia do Universo, a alma se associará à Obra Divina do Criador.

O Espiritismo não inventou a doutrina das vidas sucessivas, como malevolamente alguém me disse um dia. Ele a descobriu, analisou e demonstrou.

Foi fazendo a aprendizagem da Sabedoria que chegaram os estudiosos a descobrir por si mesmos as faculdades da alma, a evolução progressiva dos espíritos através dos séculos, baseando as suas convicções nas experiências científicas as mais rigorosas.

A psicologia, por exemplo, encontra na doutrina das vidas múltiplas o seu mais forte auxiliar. Assim pode ela resolver com facilidade as inúmeras dificuldades de que a todos os momentos se vê rodeada. Desigualdades de ordem moral, física e intelectual. Filhos de pais incultos, ignorantes e boçais revelando um talento privilegiado... Crianças prodígios que em tenra idade revelam conhecimentos profundos, em ciências, artes e letras...

Leon Denis nos conta um fato extraordinário: Um menino espanhol que, aos três anos de idade, foi apresentado à Academia de Medicina por Mr. C. Richet. Essa criança improvisava ao piano peças variadíssimas, de uma harmonia surpreendente! Aos sete anos esse menino prodígio causava assombro ao mundo musical, pela maneira por que interpretava no violino as músicas mais difíceis de então...

É também Leon Denis quem nos refere a história do pequeno William Hamilton que, aos sete anos, possuía conhecimentos na língua hebraica mais vastos do que a maioria dos sábios do seu tempo. Esse menino, aos 13 anos falava doze línguas e aos 18 era um verdadeiro assombro, ao ponto de ser considerado o primeiro matemático do seu tempo.

Só a lei das reencarnações explica satisfatoriamente esses problemas, que tanto interessam e preocupam os homens da ciência, mostrando, com clareza e precisão iniludíveis, que tais crianças trazem consigo esses conheci-

mentos, adquiridos com esforço e constância em encarnações anteriores. Daí essas manifestações precoces do gênio, que não podem ser explicadas pela hereditariedade ou pelo atavismo.

No domínio da moral, outrossim, há casos de pasmoso contraste. No meio de uma família honesta, cuja simplicidade, honradez e bons costumes vem atestando um longo passado de pais, avós e bisavós, surge, repentinamente um criminoso, falsário, assassino, ladrão ou cousa semelhante...

Indivíduo nascido num meio puro, de mãe virtuosa e temente a Deus, pai moralizado, cumpridor dos seus deveres, recebendo a mesma educação que seus irmãos, os mesmos princípios de moral como pode ele desviar-se dos exemplos que recebeu na infância e na adolescência, revelando-se uma criatura má, odienta e perversa, quando os seus irmãos são dóceis, trabalhadores, honestos e moralizados? Não está bem patente que esse espírito trouxe consigo uma bagagem de inclinações criminosas, que a influência do meio não conseguiu modificar?

Para quem quis prestar um pouco de atenção, esta interpretação é clara como a luz de um belo dia de sol.

A doutrina da pluralidade das existências da alma fortalece sobremaneira a fraternidade humana, provando aos que se consideram deserdados da fortuna, que todos os homens têm a mesma origem, não havendo absolutamente criaturas privilegiadas, mas espíritos criados por Deus em igualdade de condições e chamados por Ele para o mesmo objetivo supremo. Ninguém tem o direito de maldizer o destino, queixando-se da dureza ou ingratidão da sorte. Qualquer que seja a nossa condição nesta vida, sabemos que ela está em perfeita harmonia com a justiça do Céu, que se executa.

Só o Espiritismo, patenteando aos olhos do homem a lei sublime da reencarnação dos espíritos, desnuda aos seus olhos a grandeza excelsa do verdadeiro Cristianismo. O ideal do Cristo — purificar a alma humana dos seus pecados e resgatá-la para uma nova vida, por sucessivas voltas ao cárcere da carne, — existe nos Evangelhos, incompreendido pela maioria da humanidade. À Nova Revelação cabe a missão de expor à Cristandade o verdadeiro espírito do Evangelho, oculto sob o véu da letra.

São palavras de Jesus:

"A letra mata e o espírito é que vivifica".

Estudando o Evangelho, por conseguinte, tenhamos o cuidado de o fazer racionalmente, destacando das palavras do Mestre o Espírito e a Vida, porque Ele o disse: *"As palavras que vos digo são Espírito e Vida"*.

Não é preciso, no entanto, grande esforço de inteligência ou concentração mental para compreender as palavras do Divino Mestre a Nicodemus, contidas no vers. 7 do cap. 3º do Evangelho de S. João: ***"Não te maravilhes de eu te dizer — importa-vos nascer outra vez."***

Nicodemus, versado em teologia e conhecedor profundo das Sagradas Escrituras, não compreendeu, ao que parece, exatamente, as palavras do Mestre.

No entanto, Jesus falara com clareza bastante para que um espírito lúcido, qual o desse homem, o pudesse entender bem. A mim parece, porém, (mas esta é uma opinião puramente pessoal, que vós naturalmente tendes o direito de contestar) que, o Mestre de Israel, Nicodemus apanhou muito bem o pensamento de Jesus, expresso naquela frase: *"Importa-vos nascer de novo"*. Não lhe convinha, porém, apreender o ensinamento do Divino Mestre naquela época e, daí, aquela interrogação aparentemente singela e demasiado infantil para a sua compostura:

"Como pode um homem nascer sendo velho? porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer outra vez?"

.....

As palavras de Jesus foram a afirmação positiva da lei dos renascimentos ou das vidas sucessivas.



Meus amigos, sinto que já vou gastando a vossa paciência e devo terminar. Antes de o fazer, porém, peço que não dêis por esgotado este assunto de tão transcendental importância. Não dispondo das luzes necessárias para o esclarecer com proficiência, eu apenas me limitei a despertar a vossa atenção sobre ele, esperando que busqueis, em estudo bem orientado aprofundar na matéria os conhecimentos indispensáveis à sua completa elucidação. O estudo vos conduzirá à reflexão e esta à convicção de que, uma obra tão grandiosa quanto esta — alcançar o espírito a culminância do bem, que é a verdadeira expansão da perfeição moral — não poderia de forma alguma ser realizada no curto espaço de tempo de uma existência terrena. De reflexão em reflexão, vos saltará aos olhos a evidência da necessidade das vidas sucessivas, para a ascensão das almas aos mundos superiores. Considerando a vossa existência presente à luz desse grande ensinamento tereis da vida uma concepção mais exata. A pálida noção que porventura hoje tendes do futuro se transformará em esperança bem firmada, pelo rumo que então dareis a vossa vida atual, cujo alvo será o aperfeiçoamento intelectual e moral do vosso espírito.

Meus amigos, lutar, sofrer, amar, seja a nossa divisa!

"Nascer, viver, morrer, renascer ainda, progredir sempre; tal é a lei (Kardec)".

CRISTIANISMO ESPÍRITA

(Em 31 de Janeiro de 1924, na "Casa Espírita
Em Juiz de Fora - Minas)

A história das diversas religiões é repleta de fatos sobrenaturais, revelações divinas, manifestações extraterrenas que formam a base das crenças que professam os diferentes povos.

Desde os tempos mais remotos da antigüidade, o mistério dos templos, seus oráculos, suas práticas religiosas, até a ciência transcendental dos nossos dias, vêm se provando as verdades espíritas, pelo poder de uma força misteriosa que se revela, animando, inspirando, prestigiando a fé na imortalidade da alma. Todas essas formas de religião, brahmanismo, budismo, etc., etc., foram e continuam a ser provas permanentes dessa força incognoscível, que nos tempos modernos se vem patenteando a descoberto aos olhos da humanidade, desejosa de levantar o véu que aparentemente a encobre. Esse poder invisível faz sentir ao homem a necessidade da fé, apontando-lhe a verdadeira religião como o laço que liga o plano visível ao mundo invisível, estabelecendo entre eles o fio condutor que permite a comunicação recíproca entre ambos. Esse poder oculto que por todos os meios vem procurando se revelar aos homens de boa vontade é o pensamento vivo do Cristo que, hoje como ontem, rege os destinos da humanidade, buscando atraí-la para Deus, em espírito e verdade. Ele o disse — Jesus — quando fez as suas despedidas aos seus queridos discípulos: *"Não vos deixarei órfãos..."*

Cumprindo a sua promessa, Jesus não tem abandonado os homens. Incessantemente ele vigia sobre todos, buscando avivar em seus corações e suas mentes a grandiosa obra de moral que lhes pregou na sua visita visível a este mundo. Os espíritos do bem que nos visitam, trazendo-nos os ensinamentos e os conselhos de que tanto necessitamos nesta condição penosa de prisioneiros da matéria, em que nos encontramos neste planeta, são mensageiros do Cristo; trazem-nos o seu pensamento, a sua vontade.

Prestando-lhes obediência, acatando as suas instruções, não fazemos mais do que o nosso dever.

Como penhor da veracidade do que afirmo, e para fazer calar a corrente malsã das opiniões que se agarram à possibilidade de mistificação por parte dos espíritos inferiores, que se transformam em anjos de luz para iludir os incautos, nos oferece bondoso Guia o meio seguro de podermos aquilatar do valor das comunicações, firmadas pelos espíritos a quem costumamos chamar espíritos de luz: — *"Há uma cousa que nenhum espírito de mal pode imitar; os fluídos de santidade que os bons espíritos derramam sobre vós"*.

Não há dúvida, meus amigos.

O fluído que pela sua essência satura de alegria e bem-estar inexplicável o nosso ambiente, neutralizando todos os elementos contrários à placidez do espírito consolando a alma e suavizando o coração, aliviando as dores físicas e dulcificando as aflições morais, não pode jamais ser emanado de um espírito atrasado, inferior, que, por zombaria, se queira divertir à nossa custa; nem,

tampouco, pode partir de um espírito rebelde e mau que, aparentando bondade que não possui, se queira apoderar da nossa vontade. Tive ocasião de apreciar, e comigo diversas pessoas, cujo testemunho vos posso trazer, se o exigirdes, o perfume que encheu a sala onde uma vez trabalhávamos em sessão espírita... Recebia eu a comunicação de Vicente de Paulo, na ocasião em que o fenômeno se produziu. Um aroma desconhecido, delicioso e suave, saturou o ambiente, enquanto o iluminado espírito ditou a sua mensagem. Todos os presentes sentiram a fragrância desse perfume e gozaram por momentos a felicidade de com ele se enebriarem.

Argumentam os *sábios* na interpretação desses fenômenos:

"Não é possível! Espíritos da estatura moral de Vicente de Paulo, Antonio de Pádua, Thiago, Thereza de Jesus, João Evangelista, Paulo de Tarso, Pedro e outros, não baixam a este ambiente a entreter comunicação com criaturas inferiores como nós..."

E nós lhe retorquimos: —

Neste caso, amados irmãos, podemos dizer (salvo o devido respeito) esses espíritos estão se tornando mais realistas do que o rei...

Jesus, o espírito puro por excelência, Mestre Divino, um com o Pai em sabedoria, santidade e justiça, baixando à Terra, planeta de expiação, toda a sorte de impurezas, jamais negou a sua palavra consoladora àqueles que o buscavam para receber a esmola caridosa de um consolo, ou de um remédio para as doenças da alma e do corpo. Seus olhos fitavam o pecador, suas mãos o tocavam, enquanto da sua boca jorravam palavras de doçura e consolação. Seria menor o Cristo em santidade e glória durante a sua permanência entre os homens do que é hoje no Infinito?

Certamente não. O Jesus de hoje é o mesmo de ontem e será o mesmo amanhã. Logo, a Majestade Divina permaneceu entre os homens, com eles andou, com eles falou, comunicando-se (para usar o termo espírita) com todos quantos quiseram ter comunicação com Ele. Como é possível, portanto, aceitar a hipótese de que, pelo grau de santidade de que se acham revestidos, os espíritos superiores não podem baixar a se comunicarem conosco? Serão eles porventura maiores atualmente do que o Verbo do Senhor manifestado ao homem naquela época?

É um absurdo a concepção desta idéia.

Os espíritos de luz, discípulos do Divino Mestre, buscam crescer cada vez mais em sabedoria, em caridade e amor, desejosos de se assemelharem a Ele, segundo o mandamento — *"sede santos porque eu sou santo"*.

Para atingirem esse ideal, que deve ser igualmente o de todos nós, não desdenham eles aproximarem-se do nosso mundo, não para se contaminarem nos fluídos deletérios que infeccionam o nosso ambiente, pela emanção pútrida que exalam os focos das paixões, dos ódios, do orgulho e concupiscência da carne, mas para sanarem, com as irradiações santas dos seus sentimentos caridosos, as chagas morais que escravizam as nossas almas. Demos graças a Deus, portanto, todas as vezes que um desses mensageiros celestes baixar até nós, trazendo luz para os nossos espíritos, saber para as nossas inteligências e amor para os nossos corações.

Graças à comunicação dos bons espíritos já vamos compreendendo as relações que existem entre o nosso mundo e os mundos invisíveis. Ai de nós, se essas comunicações cessassem de um momento para outro... Entregue à orientação do homem, que direção teria a nossa vida presente e com ela o futuro dos nossos espíritos? Sem o clamor das vozes do Além, cortando as asas ao orgulho do homem, que confusão de idéias, que planos desordenados, que desorganização no trabalho, que ambição de poder, que balbúrdia e confusão, cada um se arvorando em mestre e diretor dos outros! Seria uma nova Babel!

Assim não acontecerá, porém, estou certa, pois que os nossos bondosos irmãos do espaço, alguns dos quais há bem poucos anos militaram lado a lado conosco, tal como o querido e popularíssimo Max (Bezerra de Menezes) Richard, Bittencourt Sampaio e tantos outros, colaborando com os grandes luminares do Cristianismo, Paulo, Thiago, Thereza de Jesus e demais discípulos do Divino mestre, com vivo amor e devotamento incansável, vigiam os nossos passos, observam a nossa conduta, procuram encaminhar a nossa vontade, para a realização dos fins que a este mundo nos trouxeram. São eles que nos aconselham a estarmos sempre vigilantes, atentos às investidas dos espíritos inferiores, que por todos os meios procuram nos desviar dos retos caminhos da justiça e do dever.

Apraz-me considerar o Espiritismo não somente como ciência, mas também como religião. Julgo necessário o estudo científico da doutrina. O campo da fenomenologia física oferece uma vastidão imensa ao estudo dos exploradores cientistas, é uma verdade. A ciência espírita, no entanto, no meu fraco entender, destacada dos princípios religiosos não alcança o alvo supremo do Espiritismo: a evangelização do homem.

A modificação do caráter, a regeneração do indivíduo, o renascimento do homem novo, só o Cristianismo consegue. Para a prática do bem, da caridade e da fraternidade, devemos todos ser espíritas cristãos.

E, graças a Deus, é este o característico do Espiritismo no Brasil.

Kardec, inspirado codificador do Espiritismo prestou o maior serviço jamais prestado à humanidade, pondo-lhe nas mãos aquele seu primoroso livro — O Livro dos Médiuns, — que nos fornece a chave que abre as portas dos mistérios que se encontram na Bíblia, sob o véu da letra.

Sem esse estudo, por ele desenvolvido sobre mediunidade, como poderíamos nós compreender com clareza os ensinamentos profundos contidos no Antigo e no Novo Testamento? É a doutrina de Kardec, refletidamente estudada, quem os faz entender, apreender e assimilar os Evangelhos de Jesus.

Li algures estas palavras, pronunciadas por um pastor holandês, no congresso espírita realizado em Paris, em 1900:

"Adquiri a certeza de que o Espiritismo é real... Essa luz celeste faz dissipar-se o medo do inferno, de Satanaz e desse Deus terrível do Calvinismo, que odeia as suas criaturas e as condena à eterna punição. Em lugar desse terror, o Espiritismo faz nascer uma confiança de filho e uma dedicação enternecida ao Deus de Amor".

Jesus nada escreveu. Seu pensamento, porém, subsiste, apesar da obscuridade da palavra, nas páginas dos Evangelhos. Os três primeiros, chamados sinóticos (Marcos, Lucas e Mateus) descrevem fatos, verdadeiramente milagrosos para aquela época, nos quais, o poder, a caridade e o amor do Divino Mestre transparecem em cada narração singelamente contada, João, o discípulo amado do Senhor, inspirou-se em fonte mais transcendental. O seu maior empenho é revelar ao mundo o Cristo de Deus, tal qual se manifestou ao homem: o Verbo do Senhor, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Nele a figura de Jesus ultrapassa a concepção do pensamento humano naquela época, tal o conjunto de perfeições, a harmonia celeste que Nele se reuniram. O Evangelho de João contém toda a grandeza e elevação moral do Cristianismo.

Certamente ***muitas outras cousas Jesus fez, as quais, se cada uma de per si fosse escrita, cuida que nem ainda o mundo todo poderá conter os livros que, se escrevessem. (João 21:25).***

Se bem que todos os Evangelistas tenham procurado ser fiéis, e certamente o foram, nenhuma revela tão nitidamente a personalidade do Cristo como João. No seu Evangelho, a palavra de Jesus tem fulgurações verdadeiramente divinas, profundas de amor e beleza moral que revelam a inspiração celeste que as ditou.

O Evangelho de João contém os verdadeiros fundamentos do Cristianismo-Espírita. Ele por si só é suficiente para fornecer a prova indestrutível da natureza divina do Cristo. É nele que se encontra aquela conversação que Jesus entretive com Nicodemus, na qual o divino Rabbi lhe fez sentir que necessário é ao homem nascer de novo, antes de gozar o reino de Deus — a lei da reencarnação, expressamente manifestada aos olhos daquele mestre de Israel que, à noite, às escondidas, foi consultar o Senhor sobre os problemas da vida eterna. Sobre essa lei repousa o fundamento básico do Espiritismo, do qual Jesus-Cristo é a pedra angular.

É ainda no Evangelho de João que vem expressa o lindo episódio passado entre Jesus e a mulher de Samaria, junto à herdade de José, onde havia a fonte, cujas águas bebiam os filhos de Jacob e seu gado. Jesus, penetrando o íntimo da mulher samaritana lhe ofereceu uma das lições mais belas que ainda nos dias de hoje necessitam aprender aqueles que materializam o culto que tributam a Deus: —

"Deus é espírito e importa que os que o adoram o adorem em espírito e verdade".

Nesse Evangelho, código fiel do Cristianismo, a lei de amor a Deus e ao próximo ressalta em cada ensinamento. A autoridade do Cristo, como representante de Deus, enviado aos homens, transpira desde a primeira até a última dessas primorosas páginas.

Ela nos diz, o apóstolo inspirado, repetindo as palavras de Jesus no **vers. 36 do cap. 5**: ***"Porque como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo."***

E no **cap. 10, vers. 18**, ratificando esta verdade: ***"Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la".***

Meus caros amigos, estas palavras de Jesus, escritas pelo discípulo amado, testemunha fiel da sua vida terrena, companheiro inseparável do Divino

Mestre, aquele a quem Ele entregou sua própria mãe, na hora derradeira do seu suplício na cruz, são dignas da nossa ponderada reflexão.

Qual foi o homem ou o espírito que jamais teve a firmeza de avançar uma tal proposição? **"Eu tenho a vida em mim mesmo e ninguém me pode tirar, antes eu tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la."**

Para quem tem ouvidos de ouvir e olhos de ver, é claro que Jesus afirmou nestas palavras a sua origem celeste, querendo significar que a morte real jamais — poderia atingir o seu corpo, porque este não era corruptível e, portanto, não poderia acabar, morrendo como morreu a carne. Ele, a Vida em si mesmo, poderia, quando quisesse, abandonar o invólucro fluídico com que se apresentava aos homens, e retomar esse mesmo invólucro no mesmo instante em que o quisesse fazer.

As dissensões a este respeito são obra do homem. O espírito dos Evangelhos é claro e positivo. Onde o véu da letra nesta frase singela e categórica?

Em várias passagens das Escrituras temos a prova cabal da natureza divina do Cristo: **"Eu e o Pai somos um", disse Ele.**

O orgulho do homem, entretanto, a sua presunção de sapiência, que atinge as raias da estultícia, replica, contrariando o testemunho dos Evangelistas: "Jesus, nestas palavras, quis dizer que é, como as outras criaturas, criaturas de Deus, tirando, como estas, o seu Ser do Pai, Criador incriado, Todo Poderoso, Deus Único; havendo tido no seu princípio o mesmo ponto de partida, a mesma e divina origem, *na qualidade de princípio espiritual*".

Se assim fosse, porque teria Ele então tantas vezes repetido: **"Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim"!** Poderíamos lá chegar por outros caminhos idênticos...

Meus amigos, Jesus-Cristo foi naquela época e continua ainda a ser hoje, ultrajado, injuriado, vilipendiado, amesquinhado por muitos. Ele, o Unigênito de Deus, Ele o Cordeiro Imaculado do Senhor, o Verbo encarnado com aparência humana, o Pastor desvelado, cujo amor e carinho abrange todas as gerações de espíritos que habitam nas diversas moradas que o Supremo Arquiteto do Universo criou no espaço infinito. Ele, a Luz verdadeira que purifica e ilumina a humanidade, Ele o Cristo de Deus, ainda hoje é crucificado pelos homens que, adulterando o pensamento evangélico, procuram diminuir (?) a sua personalidade divina!!!

E são esses mesmos que querem a todo o transe restringir a ação poderosa do Cristo, negando a sua origem divina, quem, a todos os momentos em suas prédicas e preces públicas, o chama de *Divino Mestre*... E porque o chamam de *Divino*, se lhe negam os atributos inerentes à Divindade?

"A perfeição do Cristo", dizem eles, "perde-se na noite dos tempos... Tendo a mesma origem e o mesmo princípio que os outros espíritos, pela sua Inocência, Humildade e Pureza veio a ser Filho dileto e amado do Pai".

Perguntamos-lhes, então, porque essa expressão que os Evangelistas usam constantemente — *Unigênito do Pai*?

A mim, vô-lo confesso com inteira franqueza, não me agrada essa interpretação dada por muitos aos Evangelhos quanto à expressão *Filho de Deus*.

Esses aceitam a idéia de que cada um de nós, ao termo da sua evolução, se tornará um Cristo e será um com o Pai, alcançando a condição divina. Eu,

quando os ouço lançar de público essa proposição, recorro imediatamente as palavras de João Batista: **"Eu, na verdade, vos batizo com água, mas vem um, mais poderoso do que eu, a quem não sou digno de desatar as alpacas; esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo."** (Lucas 3:16).

Ele, João Batista (o maior dos nascidos de mulher, na frase do Divino Mestre) assim se exprimiu a respeito de Jesus, *quando estava o povo em expectativa, pensando todos se ele era o Cristo...* (Luc. 3: 15).

Meus amigos, os piores cegos são aqueles que não querem ver, que se obstinam em fechar os olhos à luz das verdades eternas.

Esses cerram também os ouvidos às vozes do Alto, portadoras das revelações que Deus nos permite receber progressivamente, pois que o progresso é contínuo e indefinido e os nossos irmãos do espaço estão, como nós sujeitos a essa lei, imutável como todas as outras que regem a nossa doutrina, podendo e devendo, por conseguinte, revelar hoje o que não puderam fazer ontem e no futuro aquilo que nós não podemos ensinar no presente. Os mensageiros do Senhor, em suas mensagens aos homens, vêm todos os dias esclarecendo os nossos entendimentos sobre os vários pontos da doutrina espírita, que dão causa às divergências de interpretação freqüentemente. E muitas cousas mais têm eles para nos revelarem, segundo nô-lo afirma o nosso querido Max (Bezerra de Menezes) em sua comunicação dada a 22 de Novembro de 1922):

"E no entanto sabeis que a revelação religiosa e progressiva é proporcional ao progresso que o homem vai realizando. Serão, porém, os prepostos determinados pelo Cristo de chegarem perto dos vossos olhos o facho luminoso da Verdade que esclarecida brilhará aos vossos olhos irrepreensível, inconfundível! Essas revelações não dirão respeito somente a Jesus — o Cristo, mas também à Virgem Santíssima, sua Mãe imaculada."

(Livro "Do Além, 3º fascículo)

É Max, meus caros amigos, o iluminado espírito de Bezerra de Menezes, aquele que, com um devotamento incansável, cuida do preparo das nossas almas, aquele que atende solícito ao apelo dos enfermos que a ele recorrem em busca de alívio para os seus males, aquele que procura afastar de nós tudo quanto é prejudicial ao nosso crescimento espiritual, aquele que nos acompanha nas nossas lágrimas e se alegra nas alegrias justas de nossa vida, é ele, o abençoado espírito, cuja elevação moral é patente nos ensinamentos profundos da doutrina, que deixou impressos nesta vida e naqueles que do espaço continua a nos ministrar carinhoso, devotado e bom, é ele quem nos avisa que novas revelações vêm sendo feitas, relativamente ao Mestre Divino e à sua Mãe Santíssima.

O Espiritismo caminha a passos agigantados, por toda a parte a pregar a regeneração do homem por toda a parte a desvendar as cousas que Deus, em sua onisciência determina lhe revelar.

Compenetremo-nos das suas verdades e não busquemos cercar-lhe a influência salvadora.

Mas, ai! É bem triste constatar que há muitos irmãos nossos que, rejeitando a palavra do Alto, procuram dificultar o trabalho dos nossos bondosos

Guias, combatendo os seus ensinamentos, repudiando as suas preciosas revelações. Esses estão prontos a aceitar as comunicações que se limitam a lhe repetir aos ouvidos aqueles conselhos, tantas vezes repetidos, (e que nem assim são observados) tais como — vigiai, orai, sêde prudentes, amai-vos uns aos outros, a ninguém pagueis mal por mal, estudai os Evangelhos, etc.

Desde, porém, que o espírito que se comunica saia além destas fórmulas a que eles estão habituados quotidianamente, alerta! É mistificação...

E lá vem a citação do aviso de Kardec: **"Melhor é rejeitar 99 comunicações verdadeiras do que aceitar uma falsa"**. Não se recordam, no entanto, que foi também Kardec, a quem chama de "Mestre", quem pronunciou igualmente as seguintes palavras:

"O Espiritismo, marchando com o progresso, não será jamais excedido, porque se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro sobre um ponto, ele se modificará sobre este ponto: se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará" (A gênese segundo o Espiritismo).

Não é lícito, pois, lançar sobre o iluminado espírito do grande codificador do Espiritismo a responsabilidade dessa falta de fé à palavra dos santos Guias, revelada por aqueles que rejeitam as suas comunicações instrutivas, quando vão ferir pontos de doutrina que os *mestres* da terra julgam infalíveis.

Nós nada sabemos...

Os nossos diretores espirituais, aqueles que diretamente podem haurir a ciência, o amor, a sabedoria, da fonte luminosa que é Nosso Senhor Jesus-Cristo, têm o desejo fervoroso de nos instruírem, para que o nosso progresso espiritual seja uma realidade.

Abramos-lhe a entrada do nosso coração, para que nele sejam depositadas as verdades eternas, que eles desejam semear. Não seja motivo de escândalo para nós quando esses enviados do Senhor, no cumprimento do seu dever, vierem abordar assunto sobre o qual tenhamos opinião firmada de acordo com as instruções recebidas até então.

Curvemos as nossas cabeças e humildemente atendamos às lições que descem do Céu. O tempo é próprio: a sementeira está sendo feita.

Conhecer a fundo a nossa doutrina é o nosso dever. E como ela tem os alicerces firmados sobre a rocha — Nosso Senhor Jesus-Cristo, a Ele consagremos todos os sentimentos puros da nossa alma, mostremo-LO ao mundo tal qual é; um Cristo sempre vivo, amante, caridoso e bom!

Para terminar, caros ouvintes dar-vos-ei a conhecer a resposta que obtive um crente espírita, do espírito Guia, sobre uma consulta a respeito de assunto religioso:

Graça, paz e caridade, convosco estejam, da parte de Nosso Senhor Jesus-Cristo, o Divino Verbo do Altíssimo! A fé, amados irmãos meus, é sem dúvida alguma, a manifestação sincera da crença do espírito no poder de Deus e no seu Amor pelas criaturas e pelas obras que criou. A fé conduz à salvação as almas! Mas, não confundais a fé consciente, esclarecida pela razão com a crença ingênua e por vezes malsã dos espíritos que se despojam voluntariamente do bom senso analisador que Deus concedeu ao homem, para abraçarem irrefletida-

mente ensinamentos sem base, sem raciocínio, sem verdade. As revelações do Senhor vêm se manifestando aos homens, pelos seus mensageiros, *clara e precisamente*, sem forma romanesca, sem enfeites de imaginação, sem floridos de retórica com aparência de mistérios...

Deus é a Verdade absoluta!

Nele não há sombra de mistificação. Enviando ao Mundo em que habitais o seu Verbo Divino, a sua Palavra de Salvação, extraiu de Si Próprio uma partícula de Vida que brilhou na Terra — permitiu que essa Essência Divina tomasse a forma aparente de *homem* para melhor ser compreendida por *Vós* daqueles tempos — e eis que o *Verbo Divino se fez homem e habitou entre vós!*

Correi um véu sobre esse erro implantado por errôneas doutrinas de que o Cristo foi realmente, corporalmente um homem! Caridade para os que o desconhecem! Perdão para os que materializam *Aquele* que jamais teve investidura carnal.

Aprendeis a conhecer Jesus, amados meus, e amá-LO-eis melhor.

Paz convosco! — Thiago —

Esta comunicação se acha impressa no 2º fascículo "Do Além", sob o nº. XCII.

Meus amigos, quando um espírito da grandeza moral do apóstolo que firma esta comunicação, referindo-se ao Divino Mestre faz uma afirmação desta natureza: **"Deus extraiu de Si próprio uma partícula de Vida que brilhou na terra, permitiu que essa Essência Divina tomasse a forma aparente de homem para melhor ser compreendida por Vós daquele tempo — e eis que o Verbo Divino se fez homem e habitou entre vós"**, o que devemos nós pensar da teimosia do homem em procurar diminuir a personalidade do Cristo, emprestando-lhe um corpo igual ao nosso, ou restringindo a sua ação, o seu poder ao minúsculo planeta que habitamos?

"Tudo por Cristo é a divisa do Alto. Este é o lema dos grandes mundos que divisas como um ponto de luz no azul do firmamento, e em todos os mundos superiores, que não podem os vossos olhos alcançar nem com o auxílio dos mais adiantados instrumentos de que dispõem os vossos observatórios. Tudo por Cristo!" Max. (2º fascículo "Do Além").

SEDE VIRTUOSOS

(Conferência mediúnica de BEZERRA DE MENEZES (MAX), realizada às 16 horas do dia 10 de Fevereiro de 1924, Domingo, na Federação Espírita Brasileira, transmitida oralmente pelo médium AURA CELESTE e apanhada por taquigrafia.)

Meus queridos irmãos, a paz do Senhor esteja convosco.

Quando se recebe uma esmola é do nosso dever agradecê-la, a menos que em nosso coração o sentimento de gratidão não encontre guarida. Por isso, neste momento em que a bondade do Senhor tem impellido o seu servo para o cumprimento de mais um dever, a primeira idéia, a primeira frase que deve ressoar aos vossos ouvidos é a de gratidão ao Nosso Deus, que, lançando mão dos mais vis instrumentos, pode, mesmo assim, fazer grandes obras.

A vontade poderosa do Divino Mestre poderia agir; Ele tem em si bastante poder e grandeza para testemunhar ao homem, conforme já o fez, a vontade do seu e nosso Deus Onipotente, mas, tal é a misericórdia de Deus, que a sua caridade infinita chega ao ponto de utilizar-se das suas criaturas para externar perante outros o seu pensamento, as suas leis e a sua vontade.

(Passou neste momento uma banda musical fazendo grande barulho; o Presidente da sessão pede concentração e Bezerra diz): Ninguém se perturbe, amados irmãos; diante de Deus devemos estar seguros da paz no nosso meio, onde felizmente existe placidez e fé, como ainda no meio do maior bulício, da maior tempestade, dos maiores empecilhos, a nossa voz se deve manter firme e segura, porquanto a Verdade é para ser dita a todo o momento.

Nem procure a voz do mundo abafar a voz de Deus; será debalde semelhante intento, porque a voz do Senhor se fará ouvir desde que a sua santa vontade o permita.

Dando graças, pois, ao Pai Onipotente, que permitiu a um dos seus mais ínfimos servos vir a este recinto trazer os seus dizeres, os seus conselhos, as suas advertências ao rebanho querido, que aqui se encontra, nesta ocasião, agradecendo a esse bondoso Deus toda a misericórdia derramada sobre nós, vamos confabular um pouco convosco, amados irmãos, em uma palestra íntima, porque, todos irmãos, todos da mesma crença, todos com os mesmos desejos de ajudar e servir a Deus, devemos ter a certeza de que o Divino Mestre está conosco, segundo a sua santa promessa.

Meus caros irmãos, a doutrina espírita, que em boa hora abraçastes, é digna do vosso amor e da vossa maior atenção. Tendes ouvido e certamente nutris o desejo de conhecer a parte que denominais Espiritismo científico, que invadindo o campo puramente experimental, revela ao homem, em prova matemática, as verdades do Além; tendes ouvido também falar do Espiritismo, como doutrina que procura remodelar o caráter do indivíduo, tocando seu coração, implantando nele as virtudes que a Sabedoria Eterna lhe outorgou; sabeis, no entanto, que há outro ramo de Espiritismo, pelo qual não deve o homem enveredar, bastando o campo das ciências físicas para terdes a prova experimental.

Sabeis que não é a esse lado que deveis aplicar o vosso maior cuidado; o Espiritismo que deveis facilitar aos vossos amigos, já conversando sobre ele em palestras íntimas, já o consultando para exemplificação da própria vontade e guia dos vossos atos sobre a Terra, é aquele que o Divino Cordeiro de Deus, baixando ao mundo, veio trazer aos homens; a Caridade, a Humildade, a Justiça e a Paz. Esse é o Espiritismo cristão.

Pela caridade, amados irmãos meus, sois levados a fazer aos outros exatamente aquilo que gostaríeis se vos fizesse em idênticas circunstâncias.

Perante os olhos de Deus, os homens são todos irmãos, são todos seus filhos. Todos os espíritos, todas as criaturas que baixaram a este mundo de provações, trazem uma tarefa a cumprir, e essa tarefa visa o desenvolvimento mais elevado possível do seu caráter, em sucessivas e sucessivas encarnações. É para esta parte do Espiritismo que visa a Caridade, e infelizmente ainda tão mal interpretada pelo homem, que eu chamo a vossa atenção neste momento.

Meus amigos, podeis ter as vossas algibeiras recheadas de ouro, podeis gozar da maior abundância em vossas casas, podeis ser liberais com todos que precisam, se porém a esses atos de generosidade e filantropia não presidir o verdadeiro sentimento que os deve inspirar, será em vão todo vosso esforço, todo o vosso cuidado em praticá-los. Buscar louvores, derramar por aí em fora, à mancheias, dinheiro, muitas vezes mal adquirido, isto, meus caros irmãos, não é a verdadeira caridade, porque não há caridade onde o coração não toma parte no gesto.

O Senhor ensinou que a Caridade deve ser velada, escondida, oculta, de modo que o vizinho não tenha dela conhecimento; e o olhar da Providência está sempre sobre aquele que pratica o ensino de Jesus. No entanto a humanidade ainda deseja que os seus atos sejam vistos e apreciados!

Não vos esqueçais, amados irmãos meus, de que a caridade é um dos vossos maiores deveres; não podeis de forma alguma ser indiferentes à miséria que campeia no vosso globo. Por toda parte indignação, por toda parte miséria, por toda parte o desconforto, a dor, o sentimento de pesar, invadindo as almas, como a avalanche que derruba, destrói e calcina! Por toda parte é o que se vê!

Se pudésseis por um momento transpor as raias a vós traçadas, se pudésseis subir, subir, pairando ao espaço sobreposto ao vosso mundo e daí olhar ao redor de vós, em distância possível que as vossas vistas pudessem alcançar, por mais endurecidos que sejam os vossos corações, eu garanto: eles se enterneceriam pela miséria, moral especialmente, que domina desabridamente o vosso planeta. E no entanto, homens indiferentes, entregues à indolência e à preguiça, protelam para amanhã o que poderiam e deviam já ter feito, anos atrás!

Meus amigos, quando me refiro à caridade não quero dizer simplesmente a que mata a fome do corpo, pois bem sabeis não é o corpo a parte do ser humano mais nobre, mais necessitada; não é a essa caridade que vos compete dar o vosso principal cuidado, mas à que beneficia o espírito necessitado de progresso. Se o vosso corpo necessita de pão o vosso espírito é mendigo de luz!

Porém sois homens, e não conheceis de perto estas cousas; os vossos olhos carnis não podem distinguir além do corpo espesso em que o vosso espírito está recluso; entretanto eles se enchem de piedade quando vêem, por exemplo, uma criança esfarrapada a mendigar o pão, queimando os pés nas pedras calcinadas do sol a pino. Se, entretanto, em lugar de atenderdes somen-

te às necessidades do corpo, penetrarem os vossos olhos no interior dessa criaturinha, deparareis um espetáculo horrendo e lancinante, tal o grau de miséria moral que ali reside!

Se possuis um coração sensível, se não sois criaturas destituídas de qualquer sentimento de bondade, como folgo de reconhecer, concorrereis naturalmente para atender de preferência às necessidades desse pobre espírito, desamparado e obscurecido.

Este foi o ensino que Jesus trouxe ao mundo, e é o ensino que nos dá a Lei do Pai. Se o sol no espaço brilha para todos, se a luz no firmamento se mostra cintilante aos vossos olhos, não só para vós, mas também para estes, é evidente que a luz do espírito deve beneficiar também a todos, espancando as trevas, substituindo-as pelas claridades que do infinito descem.

E é isso que se encontra no vosso mundo, é isto que acontece, amados irmãos meus?

Não penseis, entretanto, que busco tornar maior a vossa responsabilidade do que de fato ela é; enganai-vos se tal supondes. O vosso dever é este: onde levardes o pão material deveis levar também a esmola do espírito, bem mais valiosa, pois que é o alimento da alma imperecível.

Meus prezados irmãos, falei-vos ainda a pouco das virtudes capitais que o espírita deve pôr em prática: a Justiça, a Paz, a Caridade; não quero, entretanto, deixar de fazer notar que a essas virtudes sublimes sucede imediatamente a humildade, que as deve acompanhar.

Meus prezados irmãos, não vos iludais; cada um de nós, quando encarnado neste mundo de tentações, de misérias, de corrupção, de vaidades, possui dentro de si (e tantas vezes em grau bem desenvolvido) o sentimento do orgulho que aniquila os melhores planos, que põe por terra as melhores tentativas, que esmaga os melhores sentimentos. Ele se oculta, qual serpente venenosa, no íntimo da vossa consciência, lá se aninha, lá prolifera, lá cria raízes e afinal de contas, quando pensais que vos dirigis a vós mesmos, é ele, o orgulho, a serpente daninha, que está dominando, dirigindo todas as vossas ações.

Meus amigos, qual o remédio contra esse mal? A humildade; mas atentai bem, é preciso ser humilde e não somente parecer que se pratica essa virtude ideal!

Ser humilde é sentir de fato diante da natureza inteira, diante do mundo que nos olha, diante da justiça divina a nossa pequenez, é compreender que por nós mesmos nada podemos fazer; saber que se é capaz de realizar grandes obras, porém pelo poder de Deus, pela misericórdia do Senhor, pela intuição dos bons espíritos, soldados dedicados ao bem, e jamais pelo valor da criatura.

Ser humilde não é ser uma criatura incapaz de realizar um grande ideal; as almas humildes são as únicas que compreendem os grandes ideais e quiçá, as únicas em situação de pô-los em prática, isto porque os orgulhosos, mal têm diante de si um grande empreendimento, já procuram antegozar as glórias para

as suas personalidades, prelibando os louros fúteis, os encômios e os aplausos das multidões.

O humilde busca esconder-se como a violeta rastejante, mas nem por isso deixa de empregar todos os seus esforços para que a obra que o Pai lhe confiou, seja executada, procurando desta forma, submissamente, cumprir o seu dever, porque sabe que baixando a este mundo consigo trouxe compromissos, talvez bem pesados, mas que têm de ser realizados, dentro das forças que o Senhor lhe concedeu.

A criatura humilde não desdenha do seu próximo, a criatura humilde procura servir ao seu irmão na ocasião oportuna, pelo prazer de fazer o bem e não pelo gozo, antecipado muitas vezes, dos aplausos que a multidão manifesta àquele que então se transforme em foco diante dos seus olhos, pela realização de um grande feito; a criatura que é modesta não recua diante do seu dever, e quando o executa diante das massas a sua personalidade não se impressiona; vai segura cumpri-lo confiante no amor de Deus, confiante na proteção, que não lhe faltará! Sede caridosos, sede humildes, queridos irmãos meus.

Outra virtude, amados irmãos meus, que deve presidir a todos os atos da vossa vida é a justiça das vossas ações, o acerto das vossas inspirações, a correção do vosso procedimento.

O homem justo tem a certeza de que Deus o aprova, de que Deus está contente com ele, malgrado, todas as suas imperfeições. E o que significa, amados irmãos meus, proceder com justiça?

Bem difícil definição para o homem!

Quantas vezes não recua ele do seu próprio dever, pensando que assim não está procedendo injustamente?

Ah! não posso julgar e por conseguinte não julgo! Mas, amados irmãos meus, se é dever proceder com correção diante dos homens, dando testemunho de que aquele mal não pode ser aprovado, porque fugir do cumprimento do dever?

Nas circunstâncias mais críticas da vossa vida, não julgueis para não serdes julgados. No entanto, quando por um dever de consciência o homem sente necessidade de manifestar sua opinião contra este ou aquele ato de aparente injustiça, deve proceder com critério, pondo-se em oração, elevando o seu pensamento a Deus, suplicando inspiração para a dúvida, e o que receber é a intuição que certamente baixa do céu, e assim dará seu voto sem temor.

Meus amigos, bem sabemos que, perfeito só Deus; Sabedoria Infinita só Ele; pureza absoluta só Ele; no entanto são de Nosso Senhor Jesus Cristo estas palavras: "Sede santos porque eu sou santo."

Como compreender, como conciliar este ensino com a triste condição da humanidade?

Sabeis que a natureza do homem é fraca, incapaz de saber resolver com justiça e perfeição este ou aquele ato, como cumprir o preceito do Divino Mestre: "Sede santos porque eu sou santo?"

Muito facilmente, amados irmãos meus. Quando Nosso Senhor Jesus Cristo proferiu estas palavras, jamais teve em vista que o seu conselho pudesse

ser inteiramente realizado pelos que o ouviam, isto é, naquela encarnação pudessem os judeus tornarem-se perfeitos, como Ele.

Nessas palavras está a afirmação mais categórica da imortalidade da alma e do seu aperfeiçoamento, porque o Senhor não aconselhou nem podia aconselhar cousas impossíveis, e se o Pai não quer sacrifício, claro está que todos atingiremos a perfeição, mais dia menos dia.

Mas o culto dessa santidade, o exercício das virtudes básicas da vossa doutrina, o contínuo procurar fazer o bem, deve exercitar o homem por tal forma, de modo que pouco a pouco se vá aproximando dessa Santidade que o Divino Mestre lhe apontou.

Já compreendeis, perfeitamente, que todos atingirão a altitude moral em que se encontram os grandes seres nesses mundos que a vossa imaginação nem sequer pode delinear; não é possível porém, meus queridos irmãos, atingi-la nesse curto período da vida, em que presentemente vos encontrais.

Tudo é relativo; haveis um dia de ser santos porque Deus e suas palavras não pode falhar.

O que Nosso Senhor Jesus Cristo exige de vós neste momento, na existência que todos vós desfrutais, por misericórdia de Deus, é o exercício constante da virtude, pelo domínio dos próprios vícios e a prática interna e externa dos sentimentos nobres. Este é que deve ser o vosso lema, o vosso alvo.

Olhai sempre para a frente, procurai saber onde se encontra o vosso dever, qual a ação que vos cabe praticar nesta ou naquela circunstância e, uma vez certos do vosso dever, jamais recuar, mas caminhar para a frente no desempenho da vossa tarefa, convictos de que não vos achais sós.

Ordinariamente, quando o homem tem iniciado grandes obras, de um momento para outro, sente-se desfalecer. Diz ele: "foge-me a assistência dos meus bondosos guias, sinto-me abandonado!" Se este pensamento atravessar a mente de qualquer de vós, lembrai-vos das palavras do Divino Mestre: "Não vos deixarei órfãos".

Tendes um Pai que vela incessantemente e eternamente por vós, tendes irmãos dedicados nas outras esferas, cuja preocupação é cuidar da vossa elevação; porque a vossa fé tantas vezes vacila? Jamais, meus irmãos, jamais aquele que eleva o seu coração a Deus em prece fervorosa, pedindo o seu apoio, a sua direção, por considerar-se incapaz de dirigir-se por si mesmo, jamais sentirá essas indecisões, essa dúvida, porque sobre o que implora com perfeita fé, baixam sempre as claridades do céu!

Traçai, pois, a linha do vosso dever, compreendei a situação em que vos encontrais. Ontem um passado negro que, se surgisse de súbito diante dos vossos olhos, vos arrancaria gritos de pavor. A misericórdia de Deus tem impedido que esses quadros tenebrosos que, graças a Ele, já se foram, não venham perturbar os vossos espíritos...

Se pudésseis ver as cenas negras das vossas vidas anteriores e observar os compromissos assumidos no espaço para a reabilitação dessas consciências pecadoras, melhor compreenderíeis a situação em que vos encontrais. No entanto, amados irmãos meus, muitas vezes vossa vontade se afrouxa a caminho desse ideal supremo que é o objetivo real da vida, a perfeição dos vossos espíritos.

Sentimos que vacilais, parece que a vossa cruz se vai desprender dos vossos ombros, cair, mas vós é que procurais lançá-la fora... Entretanto, caros amigos meus, tendes na vossa vida diária um exemplo significativo para o caso. Quando um homem quer ilustrar o seu espírito, busca os meios de o fazer nos livros, na páginas que ocultam os segredos da ciência; ele medita, reflete, estuda, aprende. Se o homem jogar para longe esses livros, entendendo que a ciência não está ao seu alcance, claro que a sua ilustração parará em meio. Se ele, no entanto, não obstante as dificuldades que o cercam continuar o seu estudo perseverante, procurando extrair daqueles livros os conhecimentos que eles contêm, a sabedoria que encerram, esse homem colherá os frutos do seu labor, será em pouco tempo um ilustrado, podendo ensinar aos outros aquilo que aprendeu.

Igual prova tendes no que diz respeito ao trabalho pesado. O homem que se dedica ao trabalho pesado, digo físico, metodicamente, certo desenvolverá a sua musculatura, tê-lo-á bem mais resistente do que aquele que se nega à prática desse exercício, necessário à sua educação física.

Da mesma maneira, amados irmãos meus, na educação do espírito, o homem tem necessidade de aperfeiçoar cada vez mais a sua reflexão no cadinho do sentimento, da dôr; mas, se ele nega a colaboração do seu espírito, a sua evolução estaciona, e então, a conseqüência não se fará esperar, o seu trabalho correrá moroso, sua vida não terá aquela alegria dos que sabem confiar em Deus no sofrimento, dos que compreendem que o vosso mundo é dos efeitos e a causa pertence a outros planos.

Queridos irmãos meus, não vos deixeis acorrentar por essas tentações passageiras de revolta, de que os vossos espíritos de vez em quando são acometidos.

Procurai crescer, procurai evoluir, procurai ser retos, nobres, justos e humildes, e quanto possível crescer em sabedoria diante de Deus.

Nosso Senhor Jesus Cristo, neste mundo, teve mais de uma vez de se encontrar com os príncipes da ciência. Quando na aparência apresentava-se com a idade de doze anos, pela primeira vez se pôs em frente aos Doutores do seu tempo, os príncipes e sacerdotes, que eram os Doutores da Lei, e eles emudeceram diante da *criança!* O Cristo aí exemplificou que a verdadeira sabedoria é aquela que vem do alto, aquela que ensina a criatura a meditar sobre a causa porque se encontra neste mundo, que ensina a realizar todas as obras de acordo com o seu ideal, sem jamais fugir às responsabilidades dos atos praticados em encarnações anteriores, dos quais tem de levar a efeito o resgate, na encarnação atual.

Quando tiverdes cumprido assim o vosso dever, quando o espírito, se desprendendo da matéria, puder penetrar o seu olhar no mundo invisível, terá a verdadeira visão da vida.

Como vós, palmilhei este plano em que vos achais; também muitas dores, muitas decepções suportei, mas a par delas muitas alegrias justas.

Deus jamais me negou a compensação; se eu sofria, havia alguém que sofria comigo, e essa sociedade se torna bem suave a quem carrega a sua cruz. Mas, amados irmãos meus, a verdadeira vida não se encontra na Terra, o verdadeiro sofrimento também não tem aí a sua morada. E se possuísseis todos, como é certo possuírem alguns neste recinto, o dom da vidência, capaz de divisar o que se passa no Além, prestando boa atenção ao que vos rodeia, auxiliados por uma concentração menos frouxa, divisaríeis os quadros que eles naturalmente estão apreciando podendo então formar uma idéia do futuro que vos aguarda, se bem souberdes cumprir com o vosso dever.

Poderíeis apreciar o que se desenrola em plano não muito afastado do vosso, porquanto não podeis divisar as esferas mais distanciadas.

Vultos trajando de branco, com a fronte banhada de suor, curvados ao peso de instrumentos de trabalho, postos sobre os ombros. Com as suas fisionomias alegres, prazenteiras e satisfeitas, caminham para prestarem contas do seu dia de trabalho àquele que é competente para os dirigir.

Aproximam-se dele, mostram o trabalho realizado. Adubaram a terra, semearam, a semente brota, frutifica estão alegres, regozijam-se com Aquele que os dirige, porque terminaram a tarefa do dia.

Do outro lado, um quadro menos consolador se divisa; rostos abatidos, fisionomias contrafeitas, demonstrando contrariedade ou remorso.

Aproximam-se e, perguntados pelo que fizeram na sua tarefa, respondem: cansamos no meio do trabalho, por nos faltarem as forças, pelo que, o nosso trabalho ficou em meio. — Como? indaga aquele que os dirige. Quando partistes recebestes o mesmo sustento que estes, no entanto não soubestes cumprir com o vosso dever?!

Olhai, aqueles voltaram alegres, cansados do trabalho é certo, porém satisfeitos, tendo impressa nas suas fisionomias a satisfação do dever cumprido, ao passo que vós, cabisbaixos, tristes e pesarosos, vindes confessar que o vosso dever não foi executado.

Amados irmãos meus, nos quadros que acabo de descrever, e que o médium experimentado pode constatar pela experiência adquirida no desenvolvimento de sua mediunidade, se vê a alusão clara e patente da vossa vida neste mundo.

Quando daí partirdes e tiverdes de comparecer perante o Senhor, que tomará contas da vossa tarefa, voltareis satisfeitos, alegres e prazenteiros, estampada no rosto a impressão suave daquele que sabe que está no agrado do seu Deus ou, então, cabisbaixos por terdes de dizer ao Senhor da Vinha: não me foi possível executar o trabalho, devido às tentações; os trabalhos do mundo, os prazeres, tudo isso atropelou o meu espírito e eu, fraco, me acovardei e por isso só ficou cumprida uma parte do meu dever, a outra ficou por terminar.

A estes o que acontecerá? Serão expulsos de diante do seu Mestre como réprobos, lançados para longe deles, sem amparo, sem arrimo, sem conforto? Não, amados irmãos meus, pois que assim não se executaria a justiça divina.

Serão então premiados como os que cumpriram com o seu dever? Igualmente não porque a justiça de Deus é inflexível.

O que lhes acontecerá pois?

O mestre que tudo dirige lhes dirá: Meus filhos, como aqueles outros vossos irmãos quisestes uma tarefa, e partindo para a Terra levastes a incum-

bênica de realizar uma empresa que não estava além das vossas forças, pois que o Pai não sobrecarrega a seus filhos senão do peso que lhes é permitido suportar. Voltastes no entanto, tendo cumprido somente em parte o vosso trabalho. A verdade é que ele ficou incompleto e precisa ser terminado.

Assim, vós que falistes por não terdes acabado a vossa tarefa, alegastes este e aquele obstáculo; mas aqueles também tiveram de lutar com os mesmos obstáculos; por isso voltareis, novamente, para concluirdes o trabalho.

É assim, meus amigos, que se realiza a vontade de Deus, sempre regida pela mais inflexível justiça, aliada à doce misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo, que não expulsa o seu filho, não o lança fora, pois que baixou a este mundo, justamente, para nos ensinar que quando as ovelhas estiverem guardadas no aprisco e só uma se desgarrar, deve o pastor galgar montanhas, vencer florestas, correr embora os maiores riscos, seguir em procura da ovelha desgarrada e trazê-la para o redil.

Esta é a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo e vós deveis assim proceder.

Meus irmãos, quando errardes, quando a vossa fraqueza vos induzir a esta ou aquela falta, lembrai-vos da frase do Divino Mestre; voltai atrás, reparaí o mal praticado, sem vacilar, porque só assim tereis o coração limpo diante do Senhor, e a vossa inteligência mais esclarecida.

Deus não tem preferência pelos seus filhos; o seu amor, a sua dedicação, os seus cuidados, serão iguais para todos; e se alguns parecem ser melhor dotados de inteligência ou de coração do que vós mesmos, não é privilégio, meus amados irmãos, é porque estas criaturas se puseram nas condições de melhor receberem as esmolas do céu, e se vós vos puserdes nessas mesmas condições, também receberéis igual quinhão.

Queridos irmãos meus, quanto é doce e agradável estar convosco por algum tempo!

Não me podeis ver, mas sabeis que estou presente neste momento em que minha alma se abre diante de vós, procurando encorajar-vos no cumprimento do vosso dever, tal qual comigo fizeram aqueles que se encontram nas esferas superiores, quando eu palmilhei esta mesma terra em que vos encontrais. Sinto a vossa impressão sobre mim, sinto que a vossa inteligência busca guardar na memória estas minhas singelas mas sinceras palavras, que por outros lábios me é dado proferir, e a minha alma se regozija e se alegra quando tão amiudadamente vos lembrais de mim, quer nas vossas preces, quer pela confiança que depositais no vosso dedicado irmão.

Sinto que devo partir, porque sabeis este meio não me é próprio, nem penso aqui permanecer por muito tempo.

Quando a vossa boa vontade me atrair, quando o vosso desejo sincero de ouvir a palavra do vosso velho amigo, pobre de luzes, é certo, mas rico do amor de Deus, quando a vossa caridade chegar ao ponto de recolher estas palavras pronunciadas com a melhor das intenções, suplicai diretamente ao bondoso e Divino Mestre, porque a um aceno seu todos nós desveladamente acudiremos e assim estaremos prontamente convosco.

Despedindo-me de vós neste momento, eu vos desejo toda a paz, todo o conforto espiritual, toda a luz.

E ainda uma vez a palavra do Divino Mestre, na parábola do bom Samaritano: **“Vai e faze da mesma maneira.”**

Se não todos, ao menos a maioria dos presentes, sabem que nosso Senhor Jesus Cristo quis nesta parábola revelar ao homem quem era o seu próximo, porque a idéia do mundo se estreitava ao círculo da família, dos parentes e dos amigos, e somente a estes se devia prestar caridade, se devia amor, quando bem sabeis que não é assim. No vosso mundo todos são filhos de Deus, todos são guiados por Nosso Senhor Jesus Cristo que os deverá um dia entregar, salvos e redimidos, aos pés do Criador; portanto, amados irmãos meus, se Deus é um, se o Cristo é um, como é que vós vos podeis dividir de tal forma que não possais amar-vos uns aos outros?

Se vos apraz a minha palestra, se as minhas palavras vos confortam, perdoai-me, se termino com as palavras do Apóstolo bem amado: **“Filhinhos amai-vos uns aos outros”**.

MAX

Dr. Bezerra de Menezes

ÍNDICE

ASPECTOS DA ALMA

INTRODUÇÃO	2
NANCY	3
SOLANGE	6
MANOEL	10
JUVENCIA	13
IVONNE	16
LISETTE	19
ZITOMAR	23
JOSUÉ	25
GRACE	29
EWALDO	32
GERVÁSIO	37
ROSA	41
NAHOR	47
ZULAINÉ	51
LUIZ	56
MARGARIDA	58
NATERCIA	60
ABBIE	62

FLORES DO CÉU

Flores do Céu	69
I – Pandorita	70
II – Lucila	71
III – Almerinda	72
IV – Edna	72
V – Maria Olimpia	73
VI – Jenny	74
VII – ALUÍZIO PINHEIRO DA CAMARA	75

VIII	– MARIA BALBINA	77
IX	– JUNIA	78
X	– SUZANA	79
XI	– OMAR.....	80
XII	– CORNELIO BARROCA.....	89
XIII	– VIGÁRIO JOÃO MARIA	82
XIV	– GUILHERME NOGUEIRA	83
XV	– E. A TILLY.....	84
XVI	– ERNESTINA BARROCA	86
XVII	– M. WATTS.....	86
XVIII	– AFRODÍZIO BARROS.....	88
XIX	– VIOLETA.....	89
XX	– MARY NOGUEIRA.....	90
XXI	– DR. CAETANO DE ALMEIDA.....	91
XXII	– MARIA FLORESTA	92
XXIII	– BONIFÁCIO	93
XXIV	– ARNOLDO CAMARA	94
XXV	– FRANCISCO FREIRE DA CRUZ.....	95
XXVI	– DR. PEDRO VELHO	96
XXVII	– THIAGO BEVILACQUA.....	97
XXVIII	– PADRE JOÃO MANOEL	99
XXIX	– GUILHERME	100
XXX	– MAX (DR. BEZERRA DE MENEZES).....	101

LUZ DO ALTO

LUZ DO ALTO.....	104
DESPRENDIMENTO	105
DIVISANDO	106
HEROÍSMO	106
VEJAMOS CLARO.....	107
A GRANDE LEI DO DESTINO	109
JESUS	110
SERINIDADE E ENERGIA	110
INTERESSE VITAL	111
INEVITÁVEL	112
ESPIRITISMO	113

IMORTALIDADE	114
NOSSO DEVER	115
RESPONSABILIDADES	116
ALMA TRANQUÍLA	117
MARAVILHAS	118
A DOCTRINA DO MESTRE	119
VÔOS	123
SINAIS	124
SURTOS	125
PARA OS JOVENS	125
PRESBITISMO	126
COGITAÇÕES.....	127
?	129
CONVITE	130
PAZ	131
SEJAMOS VERDADEIROS	131
OS MORNOS	132
A COMUNHÃO COM OS NOSSOS GUIAS	133
O MUNDO INTERIOR	141
INCREULIDADE	142
PROVAÇÕES.....	143
SOFRIMENTO	144
CRENÇA SUPERIOR	144
DOCE CONFORTO.....	145
REMOVER MONTANHAS.....	145
JUSTIÇA E MISERICÓRDIA	146
EDUCAÇÃO MENTAL	147
CONSEQÜÊNCIAS	148
MÉDIUNS!	149
VIANNA DE CARVALHO	150
JUSTIÇA AO MÉRITO	150
EM PRESENÇA DA MORTE	151
EXAMINAI	152
ESCALA INFINITA	153
NOVA ENCARNAÇÃO	154
CURAR PELA FÉ	154
SABEDORIA	155
RESTAURAÇÃO.....	156
O QUE DIZEM OS ESPÍRITAS	156
CARTA ABERTA	158
O TRABALHO	158

AMOR FRATERNO.....	159
LUZ, VIDA, AMOR!	160
O TEMPO	160
NÓS, OS ESPÍRITAS	161
O REINADO DO BEM	162
PARA OS ESPÍRITAS.....	163
REVELAÇÃO ESPÍRITA	163
INFLUÊNCIAS.....	164
FÉ SOBERANA	165
O MAIOR TESOURO.....	166
CONCEITOS	167
NUM PRÓXIMO FUTURO.....	167
PENETRAÇÃO	168
O CONSOLADOR.....	169
CARÁTER	169
ALLAN KARDEC	170
HOSANA!	170
ALLAN KARDEC	171
3 DE OUTUBRO	172
HOMENAGEM	173
AQUELES QUE NOS COMBATEM.....	173
AS BOAS OBRAS	174
ADOLFO BEZERRA DE MENESES.....	174
VIGÍLIA	177
DIA DO ÓRFÃO I.....	177
DIA DO ÓRFÃO II	178
A PORTA ESTREITA	179
RESPLANDEÇA A VOSSA LUZ	179
FORTALEZAQ DA FÉ	180
LABOR INCESSANTE	181
CULTURA INTERIOR	181
CARIDADE	182
REVELAÇÃO TOH	183
AVANTE!	184
EVOLUÇÃO ANÍMICA	184
CLEVER	185
FRATERNIDADE	186
LUTEMOS	187
CAMINHEMOS PARA A LUZ.....	187
RESPONDENDO	188
REFLEXÕES	189

PROGREDIR SEMPRE!.....	189
ESPIRITISMO PRÁTICO	190
NATAL	191
PERSEVERANÇA E FÉ	191
COOPEREMOS!	192
ESCLARECENDO	193
EM TEMPO	194
LEI ÁUREA.....	196
O MUNDO OCULTO.....	197
ONTEM, HOJE, AMANHÃ	197

PALAVRAS ESPÍRITAS

PREFÁCIO – A MEUS AMIGOS E CONFRADES	
AS VITÓRIAS MORAIS	203
EXPERIÊNCIAS	209
VIVER SEGUNDO O ESPÍRITO	217
O REINO DOS ESPÍRITOS FIRMA-SE ENTRE NÓS	225
O VERDADEIRO ESPÍRITO DA VIDA CRISTÃ	232
CONCÓRDIA	238
ESPÍRITOS FAMILIARES	244
ESPERANÇA	251
RENOVAÇÃO ESPIRITUAL	253
O ESPIRITISMO NO LAR	258
PROVAS	264
OBJETIVO DA VIDA	270
VIDAS SUCESSIVAS	276
CRISTIANISMO ESPÍRITA	283
SEDE VIRTUOSOS	291

